TWISTED LEGENDS COLLECTION

When the Devil speaks,

DEPARTED WHISPERS

secrets are written in blood

J ROSE

ESPECIAL DIA DAS BRUXAS

POR:
ANONYMOUS

BEM-VINDO...

Dez autores convidam você a se juntar a nós na ***Twisted Legends Collection.***

Essas histórias são uma releitura sombria e distorcida de lendas infames conhecidas em todo o mundo. Algumas são releituras, outros são cenários para aquelas histórias que causam um calafrio na espinha.

Cada livro pode ser independente, mas todos estão conectados pela atração de uma lenda.

Convidamos você a se aventurar no desconhecido e mergulhar na escuridão conosco, um livro de cada vez.

DEDICAÇÃO

Este livro é para todas as almas perdidas, soluçando no seu gim e desejando que o mundo fosse um lugar melhor.

Cabe a nós ser a mudança que queremos ver.

SINOPSE

Treze anos atrás, Emery Lockwood cedeu à tentação de magia proibida, deixando as ruínas de sua casa para fugir do coven local.

Forçada a deixar seus três melhores amigos para trás, ela nunca esperou que seus amigos de infância a encontrassem novamente. Os rapazes que ela conhecia se tornaram homens problemáticos, e precisam da ajuda dela.

Reaper's Hollow está sob ataque.

Assombrada por uma força maligna que adora jogar jogos mentais doentes, uma década de morte e desespero deixaram inúmeras vidas inocentes presas no meio. Emery não tem escolha a não ser voltar e lutar.

Reunidos em uma zona de guerra, amizade e desgosto se tornam algo mais.

Quando segredos antigos são expostos, Emery deve correr contra o relógio para salvar um mundo que a deixou de lado. Só ela pode acabar com o ataque do mal ameaçando consumir a todos.

Por muito tempo, bruxas das trevas foram caçadas e mortas. O derramamento de sangue deve acabar. No início de uma nova era, a destruição é inevitável.

O mundo deve queimar antes que renasça.

PLAYLIST

Ouça Aqui: sptfy.com/departedwhispers

If I Had A Heart – Fever Ray
Hold Me Down – Halsey
Twisted Games – FJORA
Stroke – BANKS
The Darkness Has A Voice – Amber Run
Plans We Made – Son Lux
Dead Yet – Gabriel Black & Phem
Evil Ways – Blues Saraceno
I'm Not A Woman I'm A God – Halsey
Overgrown – Machine Hearts
The River – Blues Saraceno
Ghost Town – Layto & Neoni
Wrecked – Imagine Dragons
Turbulent – Waterparks
CASUALTY – MOTHICA
Boulevard Of Broken Dreams – Green Day
Foster Fear – Akine
Heart-Shaped Box – Akine
Pieces Of You – nothing, nowhere
Mount Everest – Labrinth
Murky – Saint Mesa

Leave Your Lover – Echos

Dark Bloom – Amber Run

Song 2 – Blur

Love The Way You Lie (Part II) – Rihanna & Eminem

Everybody Wants To Rule The World – Lorde

The Dark – SYML

Sick And Tired – Iann Dior, Machine Gun Kelly & Travis Barker

In The End – Linkin Park

List Of Demands (Reparations) – The Kills

Hearing – Sleeping At Last

I Know The End – Phoebe Bridgers

I See You – Missio

Sweetness – Jimmy Eat World

Nós somos as netas das bruxas que você não pode queimar.

- Tish Thawer

Nota da Autora

Departed Whispers é um romance de harém reverso paranormal, o que significa que a personagem principal não terá que escolher entre seus múltiplos interesses amorosos.

Além disso, há conteúdo sexual explícito por toda parte, incluindo jogo com sangue, jogo de respiração, jogo com faca e BDSM leve.

Espero que gostem da história maluca de Emery!

Com amor,

J Rose x

PRÓLOGO

Emery

Eu tinha quinze anos quando matei minha família inteira. Gostaria de poder dizer que me arrependi, mas isso seria uma mentira. Suas mortes são minha maior conquista.

Crescemos na Inglaterra rural, parte do coven do sul. Minha mãe era uma bruxa muito poderosa e influente, ensinando aos jovens como controlar sua magia quando eles despertavam seus poderes.

Ela sempre usou sua magia para o bem. Essa era a regra número um no coven. Nenhum movimento com a mão esquerda, também conhecido como magia negra. Era estritamente proibido.

Ou pior ainda, magia de sangue.

Isso nem era falado.

Ela criou minhas duas irmãs mais velhas para seguir seus passos, e eu as odiei por isso. Suas garotas favoritas chamavam toda sua atenção e eram as queridinhas de todo o coven quando se manifestaram com magia forte e branca.

Quando comecei a mostrar sinais de estar usando meus poderes, a maioria assumiu que eu continuaria o legado das bruxas Lockwood, mesmo que minha mãe sempre me odiasse. Eu costumava ser a filhinha do papai, sua miniatura em todos os sentidos. Quando ela olhava para mim, ela se lembrava dele.

Meu pai foi morto pelo coven por experimentar magia negra. Ele era uma pessoa de bom coração e nunca concordou com as táticas cruéis usadas aqui. Quando minha mãe o pegou lendo sobre necromancia por capricho, ela denunciou seu próprio marido e garantiu sua sentença de morte. Esse é o tipo de mulher que ela era.

Eu não sou filha dela.

Eu nunca serei.

Aos nove anos, realizei minha primeira ressurreição. Era uma façanha com a qual a maioria das bruxas não sonharia, e eu fiz isso sem nem perceber. Em um momento, o cervo ao lado da estrada estava morto. No próximo, ele trotou em minha direção com as pernas podres, pronto para obedecer ao meu comando.

Todos os dias, eu praticava com mais atropelamentos.

Aos quatorze anos, ressuscitei meu primeiro cadáver humano.

Com toda a justiça, foi um acidente. Eu estava tendo um pesadelo depois de ser espancada por minha mãe. Suponho que ela pensou que deveria bater a escuridão fora de mim. Gritando em meu sono, um cadáver próximo respondeu.

Os mortos me amavam mais do que minha própria família.

Que tal isso para foder com a cabeça de uma criança?

Apenas um mês depois, mamãe nos colocou no carro no meio da noite, depois que fui flagrada conversando com os mortos. Nem todas as bruxas têm a habilidade de realizar magia com a mão esquerda. Apenas aquelas destinadas a se manifestarem do lado errado da balança universal. O coven

vem matando brutalmente bruxas das trevas desde o início dos tempos.

O ódio da minha família por mim e meus poderes sobrenaturais só aumentaram no ano passado em que estivemos escondidas em Reaper's Hollow, evitando os executores de nosso próprio coven, que têm a intenção de queimar todas nós vivas.

Parando com minha mão pairando sobre o grimório encadernado em couro, eu inclino minha cabeça. Eles estão discutindo lá embaixo novamente. Paige e Kylie odeiam isso aqui quase tanto quanto me odeiam.

Eu não entendo por quê.

Os humanos me fascinam.

Eles fazem os melhores barulhos enquanto morrem, engasgados em um rio interminável de sangue. Eu só mato os maus, fazendo-os sangrar pelos globos oculares, ou abrindo suas mentes como um ovo e mexendo com meu dedo mindinho.

Pessoas más me deixam com raiva, e se eu tenho o poder de puni-las, por que não deveria? Isso não faz de mim uma bruxa das trevas malvada e perturbada. A maioria me consideraria uma heroína.

“Ela não é melhor que papai!” Paige grita, alto o suficiente para se infiltrar pelo teto. “Você viu o que ela fez com aquele traficante na semana passada. Ele se jogou de uma ponte depois de cinco minutos com ela! Temos que fazer isso antes que ela se manifeste completamente.”

“Se a oferecermos ao coven, talvez Geraldine nos poupe,” a mãe reflete. “Praticar magia negra é uma sentença de morte. Ela vai lidar com Emery, e nós podemos voltar para nossas vidas.”

“Mas se fizermos isso nós mesmas, podemos reconquistar nosso lugar em suas fileiras,” sugere Kylie. “Não podemos deixá-la arruinar nosso futuro.”

“Vocês estão preparadas para tirar a magia dela vocês mesmas? Não vai ser bonito. Ela vai gritar e sofrer por isso.”

“Farei o que for necessário. Ela não é mais minha irmã, assim como aquele *homem* também não era meu pai.”

Minhas mãos se fecharam em punhos. Nenhuma delas se importa comigo, assim como não lamentaram nosso pai. Elas só fugiram para Reaper's Hollow para salvar suas próprias peles. O coven tirará toda a nossa magia se eles nos alcançarem.

A covardia delas as trouxe aqui, não eu.

Elas que se fodam.

Meus dias de carregar o desgosto delas acabaram.

Meu telefone vibra com uma mensagem de texto. É o bate-papo em grupo com os caras; eles estão se preparando para nossa fuga esta noite. Estamos planejando isso há algum tempo, deixando esta cidade e todas as suas memórias ruins para trás. Luther completou dezesseis meses atrás, e prometeu que nos manteria seguros, incluindo seus dois irmãos mais novos.

Mamãe se ressente por eu ser a melhor amiga de três meninos humanos, mas eles me aceitam como sou. Desde que

me encontraram no cemitério, somos inseparáveis. Quando lhes mostrei como fazer brotar flores na palma da minha mão, eles ficaram impressionados. Foi a primeira vez que alguém olhou para mim com algo além de ódio.

Nos meses desde que nos tornamos amigos improváveis, eu assisti seu pai idiota bater neles dia após dia. Os humanos podem ser criaturas tão cruéis e abusivas. Pior do que bruxas de muitas maneiras. Eu não podia simplesmente sentar e assistir.

Nenhum deles sequer vacilou quando eu arranquei a pele de seu pai de seus ossos com um simples movimento de meus dedos depois que ele quebrou o braço de Kody em uma raiva bêbada. Eu queimei o corpo com chamas sobrenaturais para garantir.

Eles me aceitam como eu sou, magia negra e tudo.

Isso é o que uma família de verdade faz.

Luther: *Esteja em casa em meia hora. Eu tenho o dinheiro.*

Atticus: *A polícia acabou de sair. Temos que ir antes que os cuidadores cheguem.*

Luther*: Preparem sua merda. Em, você ainda está conosco?*

Meses de espera levaram a isso. Não posso ficar aqui nem mais um segundo, e não consigo pensar em ninguém melhor para começar do zero do que meus três melhores amigos.

Eu: *Estou pronta para dar o fora daqui.*

Luther: *Vamos correr para longe, baixinha. Eu prometo.*

Atticus: *Apoiado. Foda-se esta cidade.*

Eu: *Estou saindo agora. Estejam lá em dez.*

Guardando meu telefone, pego minha bolsa e deslizo meu grimório para dentro. De alguma forma, preciso passar pela minha família para encontrar os caras. Meus dedos formigam com antecipação, a magia crescente implorando para ser libertada. Está crescendo a cada dia que passa à medida que minha manifestação se aproxima.

"Nós deveríamos ter tirado sua magia há muito tempo. Nós deixamos isso continuar por muito tempo," Paige continua. "Deixá-la viver é muito arriscado. Ela tem que morrer."

"Está na hora, Mãe," Kylie entra na conversa.

Há uma pausa pesada e carregada.

"Você tem razão. Ela não é minha filha." A mãe zomba com ódio. "Quando ela se manifestar, será tarde demais. É nosso dever impedir que isso aconteça."

Não percebo que estou chorando até que minhas bochechas estejam encharcadas com o peso sufocante da traição. Quando o cervo morto me deixou acariciar seus restos desidratados, peguei a magia que pulsava em suas veias e a devolvi ao submundo. Eu não sou o monstro que eles pensam que eu sou. Nem todas as bruxas das trevas são más.

"Podemos voltar ao coven juntas, de volta a tudo o que deixamos para trás," acrescenta Paige. "Esta é a coisa certa a fazer. Ela é má! A magia negra a corrompeu."

"Você sabe que não temos escolha," Kylie racionaliza, ficando animada. "Podemos contar a Geraldine o que fizemos e

resgatar a lealdade do coven. Emery já está morta. O caminho da esquerda a reivindicou agora."

Meu telefone vibra no meu bolso, exigindo minha atenção, mas estou congelada no local. O gelo invadiu meu corpo adolescente, envolvendo seus tentáculos em volta do meu coração. Minha própria família quer me despedaçar célula por célula, tirar o próprio poder com o qual nasci. É uma sentença de morte.

Eu as *odeio*.

Eu *odeio* o coven.

Eu *odeio* este mundo cruel e injusto.

Com minha mão esquerda se contraindo, flexiono meus dedos. Como ondas desesperadas batendo contra a superfície da minha pele, minha magia exige ser libertada para liberar sua fúria. Envolvendo a mão em torno do pentagrama na minha clavícula, desço as escadas.

Não vou passar por elas como uma criminosa. Foda-se isso. Quero que me olhem nos olhos uma última vez antes que eu desapareça para sempre. Eu quero que elas percebam o quão longe elas caíram para condenar sua própria carne e sangue.

Entrando na cozinha escura, elas se assustam com a minha chegada. Mamãe se encolhe enquanto minhas duas irmãs me estudam com apreensão. Elas dão vários passos para trás quando veem minha mão esquerda levantada.

"Vocês deveriam ter me matado," sugiro, quase convulsionando com a força que flui através de mim. "Eu

prefiro estar morta do que ter minha magia tirada. Mas é tarde demais, estou saindo agora. Vocês nunca terão a chance."

Paige toca seu amuleto de quartzo protetor para ter coragem. "Sinto muito, Emery. Você sabe que a magia da mão esquerda é proibida, é doentia e errada. Você fez isso consigo mesma, assim como papai. Nós não temos escolha."

"Vocês deveriam me amar, não importa o quê. Eu não sou uma pessoa ruim. Ainda sou sua irmã, sua filha."

"O que você pode fazer é contra a ordem natural." A mãe acena para si mesma. "Se não fizermos isso, alguém fará. Você nos deixou sem escolha. Não podemos deixar você continuar por esse caminho."

"Meus amigos sabem o que eu sou e eles ainda me amam," eu assobio para elas. "Se ao menos vocês olhassem além da lavagem cerebral que sofreram por acreditar sobre magia negra."

"Você contou aos humanos sobre nós? Quem?" Kylie exige com raiva. "Foram aqueles garotos estúpidos? Eu mesmo os reportarei ao coven, deixarei Geraldine quebrar seus pescoços. Humanos patéticos."

"Não! Você não ousaria!"

Eu levanto minha mão esquerda e a vejo voar pela cozinha com um grito, batendo no armário. O crack doentio me trazendo muita satisfação. Paige a persegue enquanto mamãe me encara com determinação.

"Você sabe que os humanos nunca podem saber de nossa existência. Uma vez que eu tenha arrancado sua magia, como

deveria ter feito meses atrás, eu mesma lidarei com eles. O mundo não sentirá falta de três meninos insignificantes."

"Toque neles e eu vou te matar," eu aviso.

"Todas seremos executadas se o coven nos alcançar. Você é uma abominação, Emery. Na maioria dos dias, eu gostaria que você nunca tivesse nascido. Tenho tanta vergonha de você."

Alargo meus pés por instinto, permitindo que o calor ardente fluísse através de mim, mais forte do que nunca. Minha magia está intimamente ligada às minhas emoções, e tudo em que posso pensar é em proteger os três meninos que me mostraram mais bondade no ano passado do que toda a minha família combinada.

"Você só está com medo do que você não entende," eu grito.

Paige embala o corpo inconsciente de Kylie, agora chorando livremente. Avançando, eu agarro o pentagrama em volta do meu pescoço e puxo, sentindo a corrente de prata estalar. O colar cai aos pés da minha mãe.

"Estou saindo daqui, mãe. Afaste-se."

"Eu não posso deixar você fazer isso." Ela suspira, sua própria magia fazendo cócegas em meus sentidos. "Você condenou a si mesma e aqueles meninos. Isto é tudo culpa sua. Por que você não pode simplesmente ser normal?"

"Eu sou normal! Você é a única que está doente!"

Enquanto minha voz aumenta, a tempestade sob minha pele atinge seu pico antes que ela possa me atacar. Uma onda

repentina de calor alimentada pela raiva explode de mim como um vulcão em erupção, derrubando minha mãe.

Olhando profundamente nos olhos petrificados de Paige, deixo a fúria crescer. Todas as emoções. Todo o ódio. As ameaças contra meus amigos e minha própria vida jovem. Ser constantemente ignorada e esquecida, tratada como um animal apenas por ser diferente.

Ela fez isso comigo. Todos eles fizeram.

Não posso deixá-las viver.

Elas não merecem.

“Eu mesma vou matar aqueles garotos e deixar você apodrecer no inferno,” mamãe grita, limpando o sangue da testa. “É onde abominações como você pertencem.”

“Eu sinto muito.” Enxugo minhas lágrimas das bochechas. “Você não merece sua magia, o coven não passa de uma farsa. Eu tenho que te impedir.”

Com o peso de incontáveis bruxas gritando atrás de mim, queimadas na estaca por praticar o caminho da mão esquerda, eu alvejo Paige primeiro e vejo o sangue escorrer de seus olhos arregalados. Bochechas manchadas de vermelho, ela agarra a cabeça, gritando de dor.

Eu não sinto nada.

Apenas satisfação fria e dura.

O poder sombrio entrelaçado em meu DNA canta seus aplausos enquanto inunda a conexão, drenando avidamente cada gota de magia de seu corpo. Tudo vem a mim, enchendo meus poros com calor ardente.

Quando Paige finalmente desmaia, drenada e deixada para morrer sem sua magia, eu respiro a inebriante sensação de poder. Tudo que eu tirei dela está girando em minhas veias.

“Não! Paige!” A mãe soluça. “Você... m-matou ela. Como você pode? Essa magia não é sua!”

“Isso é quem eu deveria ser,” eu sussurro, milhares de anos de história falando pelos meus lábios. “A era do controle do coven acabou. É hora da magia negra ser livre. Vou mostrar a todos eles.”

Mamãe não grita ao morrer, o sangue vital saindo dela e fluindo para mim. Mesmo na morte, ela mantém seu ódio veemente, mas é tingido de derrota. Ela não pode escapar de mim agora, eu sou inevitável.

Depois de tirar a magia da forma inconsciente de Kylie, flexiono minhas mãos formigantes, sentindo-me inteira pela primeira vez em toda a minha vida. O aumento adicional de seu poder fez essa conexão final, me dando acesso total à minha magia.

O trabalho está feito.

Minha manifestação está completa.

Com toda a minha família morta, levanto minhas mãos para o ar. A casa explode em chamas roxas ao meu redor, transformando móveis em cinzas. Quase posso sentir o fantasma de meu pai morto observando com fria e dura satisfação enquanto busco minha vingança.

Todo mundo que eu conheço se foi.

Estou sozinha no mundo.

Tudo que eu quero é correr para os braços dos meus melhores amigos, minha última família restante. Observando as chamas consumirem minha casa, percebo que não posso ir até eles. Não é seguro.

O coven vai investigar. Eles vão me caçar, não importa quanto tempo leve. Eu nunca conseguirei parar de correr. Qualquer um com quem eu me associe estará em risco, e sei que Geraldine não hesitará em matá-los.

Uma calma fria e mortal toma conta de mim. Tenho que correr. É a única maneira de mantê-los a salvo de danos. Minha magia sinaliza sua concordância, assumindo vida própria e expulsando minhas emoções. Eu estou melhor sozinha.

O mundo nunca aceitará pessoas como eu.

Mas marque minhas palavras; um dia, eu vou ver tudo queimar.

CAPÍTULO 1

Emery

Treze Anos Depois

Abrindo a porta da loja, encaro o dia chuvoso. As ruas secundárias da cidade já estão movimentadas com a atividade humana. Estou espremida entre uma oficina e uma concessionária de carros, ambos alheios ao que acontece nos bastidores do meu boticário. Um feitiço bem colocado esconde a maioria dos pecados.

"Cara, foda-se esse clima," Maude reclama.

Suas pernas transparentes chutam para frente e para trás de seu poleiro no balcão enquanto ela franze a testa para as janelas.

"Você está morta. Por que você se importa?" Eu viro o sinal para *aberto.*

"Ei, eu ainda gosto de ver a luz do sol."

"Mesmo quando você não pode sentir isso?"

Maude franze a testa. "Você está de mau humor esta manhã. O que houve? O Sr. Alto, Sombrio e Bonito não te deu um empurrão na noite passada?

"Vamos apenas dizer que ele parecia um pouco diferente de seu perfil no Tinder."

“Eles sempre fazem.” Ela ri. “Mas quem se importa? Basta recarregar sua merda de bruxa e chutá-los para o meio-fio.”

“Obrigada pelo conselho, Maude. Eu prefiro que minhas conexões sejam mais do que suco para as baterias, acredite ou não.”

Circulando ao redor do boticário à luz de velas, endireito as várias garrafas de vidro, bolsas e frascos cheios de todos os ingredientes necessários para realizar magia. Meus clientes variam no espectro sobrenatural. Eu não discrimino aqui.

Bruxas da luz, bruxas das trevas.

É tudo o mesmo para mim.

“O que está na agenda?” Eu mudo de assunto. “Acho que temos alguns reabastecimentos hoje.”

“A Sra. Lucas está voltando para aquele maldito relógio. Ela vai dar para seu marido de merda no aniversário deles.”

Eu bufo. “Ele estará morto antes mesmo de abrir a garrafa de champanhe depois de tocar naquela coisa.”

Maude sorri maliciosamente. “Eu totalmente quero ver isso.”

“Vá assombrá-la por um dia, então.”

Ter um fantasma como melhor amiga pode ser enfurecedor, principalmente quando ela decide me encontrar fazendo xixi ou brincando com meu fiel vibrador. Ela apareceu há pouco mais de três anos e não parou de me incomodar desde então.

Secretamente, sou eternamente grata a ela. Eu nunca tive uma amiga antes, e passar minha vida correndo de um esconderijo para outro é igual a uma existência solitária. Tê-la ao meu lado torna isso um pouco mais suportável.

“E a poção para Annabelle? Ela mandou uma mensagem de novo ontem à noite,” Maude pergunta.

Eu estalo meus dedos. “Tudo feito. Um aborto de bebê bruxa em uma garrafa, confira.”

Interromper gravidezes sobrenaturais é notoriamente difícil, e é por isso que tomo minha própria poção anticoncepcional para evitar qualquer aborrecimento. Eu me especializei nos feitiços que ninguém mais ousaria tentar. O coven oriental nunca ajudaria Annabelle, e como filha do líder, ela enfrentaria um escândalo infernal.

Embora eu geralmente evite me expor tão descuidadamente, sou uma idiota para uma história triste e não pude recusá-la quando nos cruzamos em um bar uma noite. Mesmo que eu ache que a mãe dela e todo o coven oriental sejam maníacos.

Entrando nos fundos, deixo a cortina de veludo preto se fechar enquanto me dirijo ao armário. O relógio já está embalado com uma maldição desagradável colocada sobre ele que fará o Sr. Lucas espumar pela boca em segundos. A poção de Annabelle foi decantada em um frasco, pronta para ser usada.

Eu ganhei a vida por mim mesma ao longo dos anos, me envolvendo no ocultismo. Eu mudo de local e identidade todos os anos, garantindo que meu passado permaneça enterrado. Eu seria incinerada se meu antigo coven me alcançasse, mesmo mais de uma década depois.

Todo mundo tem um uso para a arte da magia negra, mesmo que não admita. Os covens não são exceção. Não há muitos que praticam as artes das trevas, e muito menos que o fazem abertamente, por medo de suas vidas.

O tilintar do sino da loja marca a chegada de um cliente. Eu tomo um momento para alisar meu jeans de lavagem escura e camisa de seda sobre um espartilho roxo brilhante. Os vários encantos e amuletos no meu pescoço estão em plena exibição.

Meu cabelo preto escuro escova minha parte inferior das costas, reto e em contraste com a minha pele pálida. Gosto de acentuar com sombra esfumada, delineador perfeito e lábios escuros e vermelhos.

“Annabelle está aqui!” Maude grita. “Parecendo dura pra agitada também, seus olhos estão todos inchados e merda.”

“Você tem sorte que ela não pode ouvir você,” murmuro.

Nem todas as bruxas têm a capacidade de se comunicar com os mortos. Bem, correção. Apenas as bruxas que praticam o caminho da esquerda podem ver os mortos. É uma vantagem útil, embora os covens, sem dúvida, a vejam como antinatural em sua infinita sabedoria de merda.

Encontro Annabelle esperando no balcão, examinando tudo ansiosamente. Seu cabelo loiro perolado está em cachos perfeitos ao redor de seus olhos vívidos e prateados. Ela está vestida com roupas civis com um pingente de quartzo protetor enfiado entre os seios.

“Bom dia. Você está adiantada.”

“Ei, eu só quero acabar com isso,” ela retruca antes de esvaziar. “Desculpe, eu não quero ser uma vadia. Se minha mãe descobrisse que eu estou aqui, ela me mataria.”

“Ela nunca precisa saber que você esteve grávida.” Enrolo o frasco em um pedaço de seda antes de entregá-lo. “Você vai querer beber isso em algum lugar privado. Vai doer como o inferno por algumas horas, então você pode esquecer que isso aconteceu.”

“Não sei como te agradecer.”

“Você pode me agradecer usando camisinha na próxima vez que dormir com um bruxo.”

Annabelle ri. “Combinado. A última coisa que preciso é de um bebê do coven para arruinar minha vida.”

“Se isso não é a maldita verdade.”

As coisas funcionam de forma diferente em nosso mundo. Apenas duas bruxas podem dar à luz uma criança com poderes, mas as implicações são enormes. Covens seguem tradições e princípios rígidos, como se ainda vivêssemos na porra da idade das trevas. É uma porcaria completa, obviamente.

Annabelle ficaria presa a seu tolo caso de uma noite por uma eternidade se eles tivessem um filho juntos. Divórcios e pais solteiros não acontecem em nosso mundo. Faço uma pequena fortuna vendendo discretamente poções de aborto.

Alcançando sua bolsa de grife, Annabelle pega o pagamento. Três diamantes negros perfeitos do tamanho de uma ervilha. O coven acumula tudo isso, tornando-os

incrivelmente raros. Eles são condutores naturais para magia negra.

"Você roubou isso?"

Annabelle assente. "Da cripta da família."

"E você fez questão de cobrir seus rastros?"

"Eles não vão levar de volta para você." Ela suspira, deixando-os cair na minha palma estendida. "Fui extremamente cuidadosa."

"Eu não quero nenhum problema com o coven oriental."

"Eles a enterrariam viva por praticar magia negra. Ei, eu sempre me perguntei. Você pode, tipo, falar com o diabo e tal? Ou foder os demônios? Isso seria quente."

Suas palavras me fazem enrijecer, mordendo minha língua para me impedir de lançar um encantamento que acabará com a vida dela em uma fração de segundo. Eu não tomo mais desrespeito, e especialmente não peço desculpas por quem eu sou.

"Saia da minha loja," eu digo em uma voz de advertência.

Annabelle se encolhe. "Eu não quis dizer isso assim..."

"Não fique aí e minta para mim. Vocês, bruxas de coven, são todas iguais, tão cegas pra caralho por suas regras e regulamentos."

"Você é uma bruxa das trevas! Aposto que você mata pessoas o tempo todo e tal. Está na sua natureza, certo?"

Os olhos de Maude se estreitam de desgosto. "Eu odeio essa cadela."

“Concordo,” murmuro, minha magia crepitando em minha pele. “Se você se incomodasse em tirar a cabeça de sua bunda mimada e esnobe por cinco segundos, perceberia que não somos tão diferentes, Annabelle.”

“Você está me ameaçando? Minha mãe é a líder do coven, você sabe. Eu poderia mandar executar você assim.”

Ela estala os dedos, sorrindo.

A audácia absoluta dessa cadela!

“Não preciso fazer ameaças.” Eu sorrio, cortando o ar que flui em seus pulmões com um olhar. “Você deveria pensar antes de falar com uma bruxa das trevas assim. Encontre outra pessoa para abortar seu bebezinho bruxo.”

Annabelle agarra sua garganta, olhos vermelhos e esbugalhados, enquanto eu tiro o frasco do bolso do casaco e o esmago debaixo da minha bota. Assim que ela parece prestes a desmaiar, eu puxo minha magia de volta, deixando-a cair no chão com um soluço sufocado.

“Saia da minha loja.”

“Por favor... eu preciso da sua ajuda...”

“Você deveria ter pensado nisso antes de trazer suas besteiras para cá,” eu ataco. “Agora, você tem cinco segundos para sair antes que eu realmente te machuque. E não volte também.”

Com um guincho aterrorizado, ela se levanta e sai correndo da loja. Eu a vejo ir com um longo suspiro de sofrimento. É bem feito para mim por ajudar uma bruxa de coven.

Sua idiota ingênua, Emery.

Eles nunca vão te aceitar.

Maude aproveita a oportunidade para subir no balcão, jogando seus longos cabelos ruivos por cima do ombro.

“E se ela trouxer seu coven de volta aqui?”

“Então eu vou matá-los eu mesma,” eu assobio com raiva. “Annabelle não ousaria. Eles a matariam por tentar abortar o bebê, quanto mais brincar com alguém como eu.”

Coloco os diamantes em uma bolsa de veludo, voltando para me refrescar. A raiva ardente está lambendo minhas entranhas, implorando para ser liberada. Meus poderes são voláteis na melhor das hipóteses e exigem muito micro gerenciamento.

Levo vários minutos para me centrar novamente na privacidade dos fundos, empurrando a escuridão de volta para baixo. É preciso muito para me abalar, mas ela realmente ficou sob a minha pele.

“Em! Algum cara aleatório está aqui!” Maude chama.

Eu não tomei café suficiente para essa merda.

Forçando-me a voltar para a frente da loja, vejo o novo cliente, seu rosto protegido por um boné de beisebol. Maude balança as sobrancelhas para mim, estourando chiclete transparente. Fantasmas são tão estranhos.

“Posso ajudar?” Eu pergunto cansada.

O cliente estuda o boticário de cabeça baixa, escondendo sua identidade. Eu sacudo minhas mãos, mais uma vez lutando contra os instintos da minha magia.

Se o coven enviou alguém para me rastrear, não tenho problema em destruí-lo até o osso com um movimento dos dedos. Eu protegerei a paz temporária que encontrei, e a escuridão zumbindo dentro de mim concorda de todo o coração.

“Bom lugar você tem aqui,” ele oferece em uma voz profunda e masculina.

“Obrigada. Você é de fora da cidade?”

Pegando uma vareta de esfumaçar, ele dá uma cheirada rápida, colocando-o de volta na cesta. Estou lutando para manter a magia girando sob minha pele sob controle. Quer ferir e mutilar, atacar e matar. Este é o nosso território. Nosso Lar. Ninguém vai tirar isso de mim novamente.

“Há algo em particular que eu possa ajudá-lo a encontrar?” Pergunto novamente.

“Depende.”

“De que, exatamente?”

“Estou procurando um amigo meu.”

“Acho que você está no lugar errado, amigo.”

Eu vejo seu corpo enorme e musculoso circulando minha loja. Por baixo de sua jaqueta de couro está uma camiseta branca justa, mostrando peitorais firmes e mais músculos do que meu patético encontro do Tinder ostentava na noite

passada. Emparelhado com jeans azul e um par de óculos escuros, ele é o agressor perfeito e indescritível.

"Talvez ele esteja realmente aqui para uma foda rápida lá atrás," Maude sugere, balançando até o estranho. "Que fofinho. Tome nota, Em. Ele é um guardião."

Malditos fantasmas! Este dia está se transformando em um pesadelo.

"Alguém me recomendou para você? Porque só aceitamos clientes particulares."

"Você poderia dizer isso," ele responde, removendo seu boné de beisebol para revelar cabelos castanhos grossos e ondulados cortados rente em sua cabeça. "Eu estive procurando por você por um longo tempo, Emery."

Porra, porra, porra!

Quem diabos sabe meu nome verdadeiro?

Com seus óculos escuros enfiados na gola de sua camiseta, dois olhos cor de oliva inteligentes encontram os meus. Minha boca abre e fecha enquanto o mundo se estreita em um mero instantâneo. Nós nos encaramos por vários segundos carregados.

"Luther," eu respiro.

No momento em que ele se aproxima do balcão, eu me afasto em estado de choque. Estendendo o punho, ele deixa cair algo na minha frente com um tinido pesado e metálico. Eu me forço a olhar, encontrando um pedaço de prata carbonizado esperando por mim.

Os restos de um colar muito familiar. Está enegrecido e danificado pelo fogo, mas o contorno do pentagrama está claro, voltado para o lado oposto ao que uso agora. Não vejo isso desde aquela noite, treze longos anos atrás.

Seu sorriso é torto. “Você não está morta, então.”

“Como você me achou?”

Luther inclina a cabeça. “Levou um longo tempo.”

“O que você está fazendo aqui?”

“Preciso da sua ajuda. É hora de voltar para casa, anjo.”

Eu engulo em seco. “De jeito nenhum.”

Ele me oferece um sorriso de parar o coração, covinhas piscando e dentes brancos perolados. Aquele maldito sorriso roubou meu coração há muito tempo e nunca o devolveu.

“Reaper's Hollow precisa de você.”

CAPÍTULO DOIS

Luther

Como uma criança, eu sonhava em escapar de Reaper's Hollow.

A cidade encharcada de sangue, de decadência e desespero está perdida no deserto da Inglaterra rural, escondida bem o suficiente do resto do país para que todos ignorem os estranhos acontecimentos.

Ninguém escapa de Hollow. Nossas almas pertencem a esse lugar, gostemos ou não. Tive um breve e fútil vislumbre de outra vida no final da adolescência.

Praticar esportes sempre foi minha coisa crescendo. Isso me deu estrutura e controle. Eu costumava competir como uma maneira de sair de casa e para longe do meu pai, que adorava nada mais do que falar com os punhos. Falou-se até de eu tentar entrar para a equipe olímpica.

Então, tudo mudou.

A realidade voltou a cair no lugar.

Tornei-me pai de meus dois irmãos mais novos quando nosso pai foi assassinado. No entanto, nenhum de nós lamentou sua perda. Foi um alívio ver o fim dele.

Nunca tivemos a chance de agradecer a Emery por nos ajudar antes dela desaparecer. Ela salvou Kody naquela noite, quando nosso pai estava pisando em seu corpo vulnerável de doze anos.

Nenhum de nós viu Emery Lockwood desde antes do incêndio. Eles identificaram três esqueletos do rescaldo, meros pedaços de cinzas e ossos. Vasculhando as ruínas, implorando por um pingo de esperança, encontrei o que restava do colar e o guardei.

Nenhum de nós acreditou que ela estava morta, não nossa pequena arremessadora de bolas. Mas tínhamos que continuar com nossas vidas independentemente. Guardamos seu segredo desde então, mesmo quando ela partiu nossos corações.

Entrando no clube, eu circulo o perímetro, procurando por uma cabeça familiar de cabelo preto. Depois que ela me expulsou de sua loja quando outro cliente apareceu, Emery concordou em me encontrar em um lugar público.

Estou desesperado para vê-la novamente.

Ela ainda se parece com a garota que eu conhecia. Com pouco mais de um metro e meio de altura, mas cheia de curvas deliciosas e tentadoras, uma mulher adulta comparada à garota solitária que eu conheci.

Apoiando-me contra a parede, pego meu celular do bolso. Kody tem me enviado mensagem o dia todo, exigindo uma atualização. Atticus não sabe que estou aqui. Mesmo que uma década tenha se passado, ele ainda está bravo com Emery por ter saído.

Kody: *Você a encontrou? Responda, porra.*

Eu: *Te ligo de manhã.*

Kody: *Não, me ligue quando você encontrá-la.*

Olho ao redor do clube, procurando os sinais reveladores de que fui seguido. Nossas vidas foram viradas de cabeça para baixo desde que a loucura começou há vários anos.

Nenhum lugar é seguro.

Nada pode nos salvar.

Quando as coisas pioraram e a ciência e a racionalidade modernas falharam, comecei a procurá-la. Emery sempre falava sobre o que faria quando fizesse dezoito anos e pudesse escapar de sua família.

Eu quase a encontrei três anos atrás antes que ela desaparecesse mais uma vez, escorregando por entre meus dedos. Levei até agora para ligar os pontos novamente. Ela está fugindo há treze anos.

A esperança cega me trouxe até aqui. Agora, tenho que convencer a garota que amei a salvar nossas almas.

“Luther.”

Olhando para cima, dois familiares olhos azuis da meia-noite encontram os meus. Emery está usando um minivestido de couro curto, o capuz de sua jaqueta cobrindo seu rosto coberto de pó de arroz. Seu decote generoso está derramando do vestido, adornado com camadas de colares que cobrem suas tatuagens escuras e rodopiantes.

Eu a bebo, até o último detalhe. “Você veio.”

“Claro que eu vim. Você tem dez minutos.”

“Aqui não. Precisamos conversar em algum lugar privado.”

Suspirando pesadamente, ela me arrasta pela confusão de corpos se contorcendo, o calor de seu toque me queimando até os ossos. Entramos na área de fumantes, vários grupos de idiotas bêbados não prestando atenção em nós.

Emery imediatamente acende um cigarro, a chama iluminando seu rosto cansado. “Quer um?”

Eu balanço minha cabeça. “Eu não fumo.”

“Você fez antes. Atticus costumava roubar seus cigarros.”

“Só porque você o colocou nisso.”

Seus lábios se curvam em um sorriso. “Sim, isso foi hilário.”

Caindo em um silêncio estranho e antinatural, olhamos nos olhos um do outro. Os dela são do mais profundo tom de azul, quase preto, mas salpicados com o mais fraco estroboscópio de prata. Sempre senti como se estivesse olhando para o céu noturno ao olhar para ela, cheio de infinitas belezas e possibilidades.

O ar entre nós parece eletrificado, carregado de tensão e segredos não ditos. Treze longos anos de história exigindo serem reconhecidos. Tudo que eu quero é segurá-la em meus braços, assim como fazíamos quando crianças, fumando e brincando no cemitério.

“Você parece diferente,” ela murmura. “Mais velho.”

“Você não mudou. É bom ver seu rosto, baixinha.” Eu traço um dedo sobre a tatuagem intrincada que espreita em volta do pescoço. “Eu gosto destas. Elas são muito você.”

De repente, um arrepio incontrolável toma conta de mim. Dedos gelados da morte arrastam-se pela minha espinha, o sinal revelador de problemas iminentes. *Caramba*. Eu sabia que não demoraria muito para acontecer novamente. Eu guio Emery para um canto mais tranquilo do pátio.

"Olha, precisamos conversar."

Ela apaga o cigarro. "Por que você está aqui? Eu fiquei longe de Reaper's Hollow por uma razão. Você não deveria ter me encontrado. Eu não posso voltar."

Eu a prendo, colocando uma palma em cada lado de sua cabeça. "Eu disse que precisamos de sua ajuda. Estamos em perigo e eu não sabia para onde ir. Estamos sendo assombrados."

Seus olhos se arregalam. "Huh? Assombrados pelo quê?"

Meu telefone toca naquele exato segundo, e eu sei o que está por vir. É sempre o mesmo com este último jogo doente. Entrando em meu e-mail, encontro a mensagem esperando e mostro a ela.

"Algo mal," eu respondo solenemente.

Você tem trinta segundos para tirar uma vida, ou três estranhos morrerão. Escolha sabiamente.

"O que diabos é isso? Corrente no e-mail? Isso é algum tipo de brincadeira?" Ela franze a testa para a tela. "Você não me vê há treze anos. Que jogo você está tentando jogar?"

"Você vai ver. Sempre termina igual. A menos que matemos alguém, outros três morrerão. *Esse é* o jogo."

Ela me empurra para longe, raiva queimando nas profundezas de seus olhos escuros. “Você está tentando me punir por ir embora, é isso? Você decidiu vir me encontrar e se vingar?”

Olhando para o meu relógio, o ponteiro marca o último segundo. A única maneira de provar isso é ela vendo.

“Sinto muito por trazer isso à sua porta, mas eu não sabia mais o que fazer. Isso é uma merda sombria. Você é a única que pode nos ajudar.”

Assim que Emery levanta a mão, olhando para mim com tanta raiva que é realmente enervante, há um grito atrás de nós. Ambos se virando para olhar, vemos três dos estranhos bêbados mais próximos esparramados pelo chão, todos começando a convulsionar.

“Alguém chame uma ambulância!”

“Eles foram drogados!”

“Ajude-nos! Alguém AJUDE!”

Emery agita os dedos para um lado, enviando uma rajada de vento para os últimos membros restantes do grupo. Todos eles batem na parede, inconscientes, deixando-nos sozinhos no pátio. Ela se aproxima das vítimas em convulsão.

“Nós não podemos salvá-los,” eu digo com tristeza.

“Como diabos eu não posso. Recue.”

A mão direita segurando um dos colares pendurados em seu pescoço, Emery coloca a outra sobre o corpo mais próximo, tremendo em convulsões. Eu assisto impotente, odiando a sensação de completa e absoluta falta de controle.

Esta não é a primeira vez que isso acontece. Aprendi da maneira mais difícil que, se não cumprirmos as exigências, não há nada que possamos fazer para evitar o inevitável.

“Isso é magia negra poderosa,” ela murmura. “Como nada que eu já vi antes. Está lutando comigo. Eu não consigo segurar.”

Ajoelhando-me ao lado dela, empalideço quando vejo o sangue escorrendo do nariz de Emery, escorrendo por seu rosto. Sua mão treme, como se estivesse lutando contra uma força invisível, enquanto seus dentes estão cerrados pelo esforço.

“Onde você está?” Emery sussurra para si mesma.

Soltando um grito de dor, ela começa a convulsionar, ainda mais sangue saindo de seu nariz. Eu tento arrastá-la para longe, mas ela se recusa a se mover. A vítima abre os olhos, agora completamente negros e sem alma. Nós dois olhamos incrédulos.

A coluna quebrando com um estalo, ele desaba em uma pilha, junto com os outros dois. Emery suspira antes de cair em meus braços à espera. Ela consegue olhar para mim através das pálpebras pesadas, os lábios manchados de sangue fresco.

“Em? Você está comigo?”

“Muito... f-forte...”

“O que é isso? Em?!”

Desmoronando em uma poça de sangue, ela não responde. Eu fico segurando seu corpo sem vida, cercado por

cadáveres, amaldiçoando o dia em que coloquei os pés de volta na vida maldita de Emery.

CAPÍTULO TRÊS

Emery

Surpreendendo-me acordo suando frio, mas consigo abrir os olhos, encontrando-me em um quarto escuro. A maciez de um colchão sob meu corpo dolorido me faz agarrar os lençóis, meu coração martelando no meu peito.

Porcaria! Eu bebi em um encontro no Tinder de novo?

Maneira de ser assassinada, Emery. Eita.

À medida que a consciência volta, percebo que há calor de outro corpo pressionado contra o meu lado, algo duro e muito satisfeito em me ver cutucando minha perna.

Dupla merda! Não faço ideia de como cheguei aqui. Maude vai me matar por puxar essa merda.

“Emery?” Uma voz rouca ressoa.

“Luther?”

A luz do teto acende, revelando dois olhos verdes procurando meu rosto. Luther parece exausto, seus espessos cabelos castanhos amarrotados e a boca virada para baixo em uma carranca preocupada. Enquanto eu olho para ele, os eventos da noite me alcançam.

Sangue.

Gritos.

Dor.

Morte.

Com um gemido, minha cabeça bate no travesseiro novamente, a exaustão me puxando de volta para baixo. Eu tentei o meu melhor para lutar contra a força das trevas matando aqueles humanos inocentes e me esgotei no processo. Era uma magia muito poderosa, além de qualquer coisa que já encontrei antes. Eu não tive chance.

“Diga alguma coisa,” ele implora.

“Você tem algum analgésico?” Eu protejo meus olhos da luz. “Sinto que alguém me atropelou. Eu deveria ter te expulsado e me importado com meus próprios negócios.”

Sua risada rola sobre mim como doce mel. “Pensei que tinha perdido você por um segundo lá, baixinha. Você desmaiou e não acordou. Eu estava começando a ficar preocupado.”

“Usar grandes quantidades de magia é muito desgastante. Eu sangrei até secar.”

Sua mão passa pelo meu braço, traçando o caminho das minhas veias. “O que eu posso fazer? Isto é minha culpa. Eu deveria ter avisado você.”

“Que você está sendo atormentado por um espírito maligno? Sim! Foda-se, Luther.”

“Com toda a justiça, eu não sabia o que era.”

“Sem merda do caralho.”

Esticando meu corpo rígido, percebo que estou nua sob os lençóis, exceto por meu sutiã e minha calcinha de seda com estampa de caveira e ossos cruzados. *Mas que porra? Eu vou*

literalmente matá-lo. Luther solta um grunhido quando eu enfio meu cotovelo em suas costelas.

“Onde estão minhas roupas?”

“Eu deixei seu sutiã e calcinha assustadores,” ele reclama. “Você estava coberta de sangue quando voltamos para o hotel. Suas roupas estão arruinadas. Eu nem olhei, juro.”

“Ele totalmente fez,” uma voz entra na conversa.

Abrindo os olhos, vejo Maude esparramada em uma poltrona, estudando nós dois na cama. O sorriso de comedora de merda em seu rosto me faz gemer novamente.

“Quer que eu dê a vocês dois um pouco de privacidade para que vocês possam se exercitar?” Ela sugere.

“Não pense que eu não vou jogar um travesseiro na sua cabeça.” Eu esfrego minhas têmporas. “Ele é meu melhor amigo, Maude. Não é desse jeito.”

Bem na hora, a ereção proeminente de Luther roça minha perna novamente e eu solto um guincho de pânico.

“Não é?” Maude ri.

“Com quem você está falando? Você bateu a cabeça ou algo assim?” Luther me observa estranhamente.

Maude me manda um beijo. “Grite por mim depois que ele fizer você gozar pelo menos três vezes. Eu quero ouvir todos os detalhes desagradáveis. Amo você!”

Uma vez que ela desaparece através de uma parede, deixo escapar um suspiro. Minha vida é tão estranha. Rolando, eu enfrento Luther, terminando quase nariz com nariz. Ele está

esparramado ao meu lado na cama, as cobertas em volta de sua cintura, expondo seu peito e ombros deliciosamente largos. Minha boca fica seca.

“Suas roupas também ficaram arruinadas?”

“Elas estavam cobertas de seu sangue.” Ele levanta uma sobrancelha grossa. “Eu tentei colocar você na cama, mas toda vez que soltava, você fazia esse barulho horrível de choramingar. Então, eu subi.”

“É o dreno de energia. O toque humano me ajuda a recarregar. Eu provavelmente estava sugando energia de você inconscientemente.”

Mordendo o lábio inferior macio, Luther me estuda. Sua mão está descansando na parte interna da minha coxa, e quando ela patina mais alto para roçar meu osso púbico, eu solto um suspiro tremulante.

Mesmo quando éramos crianças, eu tinha uma queda secreta por ele. Ele era o melhor amigo lindo e mais velho que segurava minha mão quando eu chorava e me pegava quando eu escapava pela janela do meu quarto todas as noites.

“Quer me dizer por que você tem um espírito maligno te assombrando?” Murmuro.

“Estou mais preocupado com você agora.”

“Eu só preciso dormir. Estarei bem em alguns dias.”

“Mas o toque humano... acelera? A recarga?” Ele pergunta inocentemente.

Eu retiro sua mão com meu autocontrole restante. “A hora do abraço acabou, imbecil. Não tenha ideias.”

O sorriso de Luther é torto e tão adorável. “Ideias? Eu? Vamos, Em. Não somos mais crianças.”

“Então você está me dizendo. Parece que acordei ao lado do Incrível Hulk. Você mora na academia ou algo assim? Você sempre foi grande, mas caramba, isso é um pouco demais.”

“Sinto muito, meus músculos são um problema para você?” Ele provoca.

“Ah, esqueça. Onde estão os outros? Eles vieram também?”

“Kody está cuidando do bar enquanto estou fora. Compramos o lugar há alguns anos. Você se lembra da velha lanchonete no meio da cidade? Eu a possuo agora. E Atticus... bem, ele não sabe que estou aqui.”

“Ele não?” Eu franzo a testa.

“Vamos apenas dizer que ele achou a última década... *desafiadora*. Ele vai aparecer eventualmente.”

Eu olho para o teto, ignorando minha cabeça latejando. “Sinto muito por nunca ter entrado em contato ou me explicado. Não era seguro para mim entrar em contato com você. Eu tenho me mudado a cada ano ou mais, mantendo um perfil discreto.”

“O que aconteceu naquela noite?”

Um nó se forma na minha garganta. “É uma longa história. Como você me achou?”

“Eu conheço você,” Luther explica, tristeza se acumulando em seu olhar verde. “Levei anos de busca, mas eu tinha uma

ideia do que procurar. Você passou tempo suficiente planejando o futuro. Apenas imaginei que estaríamos nele."

"Sinto mui..."

"Não se desculpe novamente. Não importa."

"Claramente, sim."

Seu pau ainda está roçando em mim, tentadoramente perto. Não sou mais uma virgem tímida apaixonada por seu melhor amigo. A magia girando em minhas veias está implorando para ser reabastecida, chamando por ele para me virar, me prender e foder meus malditos miolos.

Respire, Emery.

Você não pode fazer isso com Luther.

"De qualquer forma, vou tomar um banho." Tento ficar de pé e balanço quando sou atingida por uma onda de tontura. "Maldição. Esse espírito realmente mexeu comigo."

Luther me puxa de volta para o colchão com mãos firmes. "Eu não vou deixar você desmaiar em mim novamente. É uma longa viagem de volta para Reaper's Hollow e ainda há muito o que falar."

"Então você vai ter que sair para que eu possa me fazer gozar bem rápido."

"Espere o que?" Ele gagueja.

Eu sinto minhas bochechas queimarem, mas empurro meu constrangimento para baixo. "Eu preciso de um impulso."

"E isso realmente funciona?"

Seus olhos rastejam sobre mim. Ele não olha para mim como costumava; éramos apenas amigos então. Inseparáveis, talvez um pouco curiosos, mas platônicos. Nós dois somos diferentes agora. Mais velhos. Mais sábios. Não mais cativos dos limites e da hesitação da juventude.

“Luth...” eu resmungo.

“Chega, Em. Não fale mais.”

Seu tom brusco fez minhas coxas apertarem. *Ótimo, agora estou imaginando ele falando assim comigo na cama. Ah, sim, olhe onde estou.* Luther parece contemplativo antes de sua expressão se tornar autoritária.

Em uma fração de segundo, ele me tem de costas, enquanto cada centímetro de seu corpo rasgado me prende embaixo dele. Suas mãos circundam meus pulsos, prendendo-os acima da minha cabeça.

“Pare... não podemos fazer isso...”

“Eu disse que você podia falar?” Ele exige. “Cale a boca ou eu vou amordaçar você.”

Santo inferno! Luther então arranca as cobertas de mim, expondo meu corpo pálido e tatuado. Ele me bebe com seu olhar, liberando um pulso para traçar a linha do meu sutiã.

Eu suspiro quando ele pressiona seu pau duro em mim, contra o calor que se acumula entre minhas pernas. Ele apimenta beijos no meu peito e no meu pescoço, seus dentes afundando brevemente no lóbulo da minha orelha.

“Eu sonhei com você todas as noites nos últimos treze anos, anjo. Desejando que as coisas fossem diferentes, e tivéssemos fugido mais cedo daquela cidade esquecida. Isso me

deixou louco, até que comecei a odiar você por nos deixar para trás."

Uma parte distorcida de mim está feliz em ouvir isso.

"O quanto você me odeia?" Eu pergunto.

"Eu não," ele admite, beijando meu queixo. "Esse é o maldito problema. Eu nunca te odiei."

"Mas nós mal nos conhecemos mais. Não te vejo há uma década."

Habilmente puxando meu sutiã para baixo para expor meu mamilo a seus cuidados, Luther solta um zumbido baixo de apreciação.

"Eu ainda te conheço, Em. Eu conheço sua alma. Deixe-me fazer isso por você. Para que servem os amigos, certo?"

Puxando meu mamilo entre os dentes, solto um silvo. Luther arrasta sua língua entre meus seios e desce pelo meu estômago, alcançando minha calcinha. Ele me lança um olhar de advertência final antes de puxá-la para baixo das minhas pernas, expondo minha boceta molhada para ele.

"Sempre me perguntei como seria fazer isso."

Então seus dentes roçam meu clitóris, enviando faíscas de eletricidade direto pela minha espinha. Eu aperto os lençóis enquanto sua língua lambe meu núcleo com movimentos medidos e praticados. Ele abre minhas pernas trêmulas antes que elas possam se fechar ao redor de sua cabeça.

"Tão molhada para mim," ele sussurra. "Talvez você nunca quis ser uma amiga. Você prefere ser minha putinha, humm?"

“Foda-se, Luther,” eu gemo. “Você não está jogando limpo. Minha magia não pode resistir a você quando estou esgotada.”

“E você foi embora sem se despedir, então estamos quites.”

Seu polegar circula meu clitóris, me fazendo gemer ainda mais alto, enquanto sua língua pressiona dentro de mim. O calor sobe pelo centro do meu corpo, misturando-se com a minha magia para aumentar a onda de prazer lentamente tomando conta. Eu não posso lutar contra isso. Cada golpe de sua gloriosa língua está me trazendo de volta à vida.

Quando ele desliza um dedo no meu buraco apertado, eu grito, as bordas da minha mente se desgastando. Poder escaldante rola através de mim, queimando minhas terminações nervosas. Luther empurra outro dedo dentro de mim até que ele esteja coberto com meus sucos e me fodendo com a mão.

“Deixe ir,” ele ordena. “Eu quero ver você gozar para mim, *melhor amiga*. É isso que somos, certo?”

“Eu não sou sua fodida amiga,” eu assobio enquanto um orgasmo me atravessa, meu corpo inteiro aceso com magia. “Merda... Luther! Não pare.”

“É isso. Diga meu nome,” ele ronrona. “Eu senti tanto sua falta. Foda-se por ir embora, Em.”

Eu consigo abrir meus olhos quando a magia reabastecida se acomoda sob minha pele. Luther está sentado entre minhas pernas, meus sucos ainda cobrindo sua boca. Ele passa o polegar sobre o lábio inferior antes de empurrá-lo na minha boca.

“Chupe, prove você mesma. Seja uma boa menina.”

Maldito seja o céu, este homem exigente é tão quente. Eu pensei que ele era possessivo antes, mas o Luther adulto é outro animal completamente diferente. Ele é definitivamente dominante no quarto.

Eu sou impotente para recusar seu polegar molhado, provando meu próprio sabor salgado enquanto ele balança a cabeça em aprovação. Eu mordo antes que ele possa removê-lo, fazendo com que seus olhos encapuzados ardam de desejo.

“Agora não, anjo. Temos que pegar a estrada antes que qualquer coisa aconteça.”

Jogando minha calcinha em mim, eu a pego com um bufo. “Eu não vou com você. Nós não concordamos com isso.”

“Não fizemos?”

“Não, eu vou ficar aqui.”

Luther estica os braços acima da cabeça. “Ou venha de bom grado ou eu vou jogar você por cima do meu ombro. Você nos deve treze anos de sua vida. Ajude-me e vamos ficar quites.”

“Não é tão simples, Luth.”

“Nós precisamos de você. É tão simples assim.”

Bem na hora, Maude flutua de volta para o quarto. Ela olha entre mim, completamente nua na cama, e o corpo nu e esculpido de Luther enquanto ele procura por suas roupas. Seu sorriso se alargando.

“Vocês já fizeram isso? Uau, estou tão orgulhosa. Quero uma análise passo a passo, por favor. Não deixe nada de fora.”

Minha cabeça bate no travesseiro com um suspiro audível.

Sério, foda-se minha vida louca.

CAPÍTULO QUATRO

Emery

Quando acordo, o sol está alto no céu quando nos aproximamos de Reaper's Hollow. Depois de parar brevemente no boticário para arrumar minha mala, Luther me arrastou em seu SUV. Partimos apesar dos meus protestos contínuos. Até Maude me traiu, muito animada para acompanhar esse show de merda.

Eu me mexo no banco do passageiro, ajeitando minha blusa de chiffon preta bordada com caveiras rindo. É uma das minhas favoritas, e eu preciso de todas as boas vibrações que puder para esta viagem.

Luther olha para frente enquanto a floresta densa e intocada começa a diminuir, a névoa subindo das árvores para nos cumprimentar. Esta parte da Inglaterra é quase impenetrável com vegetação e montanhas. É por isso que minha família fugiu para cá em primeiro lugar.

“Quanto tempo eu dormi?” Eu pergunto grogue.

“Seis horas mais ou menos. Estaremos chegando na cidade em breve.”

O aperto de Luther no volante aumenta, traindo seus nervos. Mal falamos sobre os outros dois; é como se ele quisesse que eu visse por mim mesma o que aconteceu com a vida deles.

Kody era um menino de doze anos estudioso e doce quando parti, enquanto Atticus tinha acabado de fazer quinze anos um mês antes de mim. Luther ainda é o mais velho do grupo, completando trinta anos em dezembro.

“Eles sabem que estamos chegando, pelo menos?”

Ele balança a cabeça. “Eu mandei uma mensagem para Kody, mas Atticus não tem ideia. Ele não concordou comigo tentando encontrar você. Devo avisá-la, ele mudou, Em.”

“Como assim?”

“Depois de terminar a escola, ele seguiu sua música. Até fez um nome decente para si mesmo, fazendo alguns shows e começando a ser notado. Nenhum de nós se importou com seu estilo de vida selvagem no início, a bebida e as drogas. Parte da cena, certo?”

Eu dou de ombros, mexendo nos fios do meu jeans rasgado. Atticus sempre gostou de música enquanto crescia, e seus solos de guitarra eram assustadoramente lindos. Costumávamos brincar sobre nos mudarmos para os Estados Unidos, onde ele poderia perseguir sua carreira, e eu poderia finalmente ser eu mesma.

As bruxas priorizam o sigilo acima de tudo, por isso tendemos a nos manter em segredo. Mas eu ouvi de outros que os covens americanos são muito mais progressistas do que os daqui com suas políticas retrógradas.

“O que aconteceu?” Atrevo-me a perguntar.

“Foi só quando ele atacou alguém em uma boate e foi condenado por agressão que percebemos como as coisas ficaram ruins. Sua gravadora o demitiu da noite para o dia e

ele perdeu tudo. Quando ele saiu da reabilitação, ele teve que reconstruir sua vida do zero."

"Jesus Cristo. Mas... ele está bem, certo?"

Luther dá de ombros. "Depende do dia da semana."

"Porra, Luth."

"Ele toca no bar algumas noites e faz biscates aqui e ali. Ele ainda bebe, mas não fica chapado há algum tempo. Quando tudo isso começou... ele saiu dos trilhos um pouco, até que dissemos a ele para se recompor ou sair da cidade."

Alcançando minha bolsa, puxo minha maquiagem para refrescar meu rosto. O pensamento de enfrentar Atticus faz meu estômago revirar dolorosamente. Não sou uma pessoa nervosa; nada me assusta neste mundo. Eu vi cada canto escuro que ele tem a oferecer. Mas a ideia dele se machucar e não estar lá para consertar... *foda-se.* Isso corta bem fundo.

Uma vez que meu rosto está com pó, meus lábios vermelhos reabastecidos e cabelos pretos escovados, eu trago o delineador líquido para o meu olho. Luther pisa no freio, me fazendo escorregar e desenhar uma linha enorme na metade do meu rosto.

"Luther! Seu idiota do caralho!"

Ele ri. "Desculpe, eu não pude resistir. Você sempre usava muito dessa porcaria."

"Notícias rápidas, eu uso o que diabos eu quiser. Nunca dei a mínima para o que os outros pensavam e eu ainda não dou. Passei o suficiente da minha vida fingindo ser algo que não sou."

Sua expressão fica séria. “Você acha que pode consertar… seja lá o que for?”

Com a maquiagem bagunçada removida, termino meu delineador, vendo Maude me mandando um beijo no pequeno espelho. Eu pisco de volta para ela enquanto considero a pergunta de Luther.

“Honestamente? Eu não sei,” eu finalmente admito. “Você precisa me dizer o que aconteceu. Tudo isso.”

“Nós todos deveríamos conversar juntos. Kody vai querer fazer parte dessa conversa. Reaper's Hollow não é o lugar que você lembra.”

“O que você quer dizer?”

Luther parece escolher suas palavras com cuidado. “Desde que você desapareceu, as coisas mudaram. Coisas estranhas começaram a acontecer quase imediatamente. Pessoas desaparecendo, aparecendo morta alguns dias depois. Outras enlouquecendo, matando pessoas, tirando suas próprias vidas. Histórias assustadoras que ninguém queria acreditar.”

Um peso de chumbo se instala em meu intestino. “Você está falando sério?”

“Agora temos a maior taxa de mortalidade em toda a Inglaterra. A cidade está em ruínas e decadência.”

“E as ameaças… são sempre as mesmas?”

“Nós chamamos isso de corrente de e-mail. Assim como eles tinham nos noughties[1]. Ele flutua entre cartas, e-mails,

[1] uma maneira mais legal de dizer 2000. É nessa década que estamos agora, você sabe, aquele entre as ''dezenas (tens)'' e os ''noventa (nineties)''.

textos, telefonemas. No começo, nós jogamos junto, achando que era alguma brincadeira. Quando a primeira pessoa morreu, sabíamos que era sério."

Eu mordo meu lábio. "Você já matou alguém?"

Temendo pela integridade do volante se ele o segurar com mais força, eu pego uma das mãos de Luther na minha. Costumávamos dar as mãos o tempo todo. Achava reconfortante. Às vezes ele entrava pela janela do meu quarto e me abraçava à noite.

Isso foi realmente platônico?

Cale a boca, Emery-interior.

"Você realmente quer que eu responda isso?" Luther me dá um olhar sombrio.

"Guarde para quando encontrarmos os outros," eu admito. "Depois de ouvir o que tenho a dizer, você pode não se sentir tão relutante em me dizer. Não sou o anjo que você pensa que sou."

"Nós te amamos por quem você era, Em. Escuridão e tudo."

Dedos do pé se curvando, eu aperto sua mão em resposta. Me sinto como uma criança de novo quando ele diz merda como essa, atrás de três garotos que a ensinaram o que significa ser amada.

"Desculpe quebrar esse momento de ternura." A cabeça transparente de Maude aparece entre os assentos. "Mas há alguém nos seguindo. Isso é uma merda de James Bond. Estou tão feliz por ter vindo."

“O que? Onde?” Eu grito, assustando Luther.

Maude gesticula por cima do ombro. “O carro atrás está nos seguindo enquanto vocês dois despejaram seus corações nojentos. Quer que eu faça alguma merda fantasma nos pneus dele?”

Soltando o cinto de segurança, giro meu corpo para ver melhor. O carro atrás está seguindo muito de perto e dirigindo de forma irregular enquanto passamos pelos arredores da cidade. Consigo distinguir o rosto de um jovem ao volante.

“Você irritou alguém recentemente?” Eu atiro em Luther.

“Uh, não que eu saiba. Importa-se de me informar?”

“Acelere e vire à direita aqui.”

Luther se vira com um guincho de pneus, decolando por uma rua abandonada. Bem na hora, o carro segue, se esforçando para nos alcançar.

“Estamos sendo seguidos,” eu confirmo, rapidamente amarrando meu cabelo para trás. “Continue, evite áreas construídas. Prefiro não me expor para toda a cidade ainda.”

Deslizando entre os assentos, eu desabo no espaço onde Maude estava descansando, passando por seu corpo. Ela solta um gritinho.

“Não faça essa merda! Você sabe que eu odeio isso.”

“Desculpe! Você pode realmente danificar os pneus dele?”

Ela tira fiapos invisíveis do ombro. “Eu sou a rainha da merda fantasma, você deveria saber. Evaporando, correntes

batendo, assombrando meus inimigos... tudo na minha casa do leme. Eu sou uma profissional."

"Pare de bobagem. Você não pode fazer nada, pode?"

Seus olhos se estreitam. "Você é a bruxa! Para que você precisa de mim? Foda ele, Úrsula[2]!"

Respirando fundo, toco o amuleto de diamante negro em volta do meu pulso. "Eu não sou uma bruxa do mar! Assista e aprenda."

Murmurando um encantamento, estendo minha mão esquerda. Uma explosão de fogo roxo explode da minha palma. A janela traseira quebra em um instante, o calor correndo do meu corpo e engolindo o carro atrás de nós.

"Puta merda!" Luther desvia o carro.

Eu caio no corpo de Maude novamente, já me desculpando.

Ela reaparece no banco do passageiro. "Estou chamando de espingarda[3] agora. Você lida com essa merda."

"Eu gostaria que você tivesse ficado em casa!"

Mando outra explosão, e quando as chamas se dissipam, eu me dou um soco mental. O carro está escurecido e torcido quando sai da estrada, percorrendo vários metros antes de bater em um carvalho próximo.

"Porra, Em!" Luther amaldiçoa.

"Você me disse para resolver isso. Pronto, resolvido."

---

[2] Personagem da Disney, a vilã da Pequena Sereia.

[3] Jeito deles se referirem ao banco de passageiro.

Ele pisa no freio, rapidamente parando. Nós saltamos para fora, com Maude nos seguindo, examinando nossos arredores. Estamos em uma parte abandonada da cidade, há muito perdida na selva indisciplinada que cerca Reaper's Hollow. Todos os prédios estão destruídos e em ruínas.

Olhando para mim, Luther me puxa para o seu lado. “Você acabou de matar alguém.”

“Você acha que eu dou a mínima? Eles começaram. Eu te disse, meus dias de cultivo de flores se foram há muito tempo.”

Nós nos aproximamos do veículo juntos, nos abaixando quando algo explode e aumenta as chamas. A fumaça ondulante nos cerca até nós dois sufocarmos. Cubro o nariz com a manga do casaco e me aproximo, avistando uma figura no banco do motorista. Quem estava nos seguindo, eles estão mortos há muito tempo.

Maude franze o nariz. “Na verdade, estou feliz por não poder mais cheirar agora.”

“Obrigada pelo apoio, Casper[4]. Muito útil.”

“Eu sou a ajudante incrível, não a heroína,” ela aponta.

Poupando-me outro olhar perplexo, Luther parece que quer me enfiar em uma camisa de força. Olho para Maude, buscando seu consentimento antes de revelar seu segredo a alguém que ela não conhece. É o mínimo que posso fazer já que ela está presa aqui comigo.

[4] Gasparzinho;

“Maude diz oi,” eu digo, pegando seu revirar de olhos exagerado. “Ela é minha melhor amiga, e um pouco morta, mas ela ainda não estava a fim de pular para o pôr do sol.”

Luther olha. “Você tem um fantasma seguindo você por aí?”

“E você está sendo assombrado. Como os tempos mudam, hein?”

Maude bufa. “Parece que sua cabeça vai explodir.”

“Podemos nos concentrar, por favor?” Eu estalo, voltando minha atenção para a cena do crime. “Espero que eu não tenha matado apenas um pobre idiota cuja namorada você fodeu ou alguma merda assim.”

“Dificilmente,” Luther vocifera.

Eu estudo o pedaço carbonizado de ossos sendo lentamente consumido. Não sinto remorso, não mais. Extinguir a vida faz parte do meu trabalho. As bruxas da luz protegem e nutrem, as bruxas das trevas queimam e destroem.

Essa é a história que eles contam às pessoas, certo? Não é verdade. Eu faço muito por este mundo, mas a magia negra extrai um preço mais alto. Às vezes você tem que tirar uma vida para criar algo novo.

“Devemos sair daqui antes que alguém veja,” diz Luther. “A polícia não conta muito por aqui, mas não quero irritar quem está relacionado com aquele filho da puta. Será meu bar queimando em seguida.”

O ranger de ossos secos me faz congelar no caminho de volta para o carro, olhando para a casca em chamas atrás de

nós. Nós três olhamos incrédulos enquanto o cadáver começa a se mexer, dedos enegrecidos arrastando-o da boca do Inferno.

"Não! Estou fora!" Maude grita. "Eu não me inscrevi para essa merda de show de horror."

Empurro Luther em direção a ela. "Volte para o carro!"

Esperando que eles corram, eu tremo quando a carícia fria da magia negra me atinge. Isso não é uma pessoa. Algo mais estava atrás daquele volante e agora está rastejando das chamas em busca de vingança.

Pedaços de carne carbonizada e pele derretida se agarram ao esqueleto enquanto ele rasteja pelo chão, se aproximando de mim, atraído pelo poder se contorcendo sob minha pele.

"O que você quer com meus amigos?" Eu lanço a pergunta para o mundo.

Os espíritos malignos não têm forma física. Eles habitam as camadas sombrias que constroem essa realidade, escondendo-se em cantos escuros, rondando por presas. Quando eu lanço uma explosão curta e afiada de poder no cadáver que se aproxima, ele explode em um jato de sangue e osso.

Com os restos caindo sobre mim em pedaços molhados e pegajosos, vejo o fogo que queima o acidente do carro se extinguir em um instante. Há uma risada profunda e sombria reverberando ao meu redor, ecoando sem parar nos corredores da minha mente.

"O que você é? Saia da minha cabeça!"

Você não deveria ter voltado, bruxinha.

Deixe este lugar antes que seja tarde demais.

Tento explodir qualquer criatura invisível que esteja me circulando, mas sou desequilibrada por uma explosão de dor na minha cabeça. A última coisa que vejo é Luther me encarando em completo e absoluto horror, vendo algo que eu não posso.

Eu posso sentir o sangue jorrando dos meus ouvidos enquanto meus joelhos cedem. Quando a risada atinge seu pico, sou empurrada para o abismo que se aproxima.

CAPÍTULO CINCO

Kody

Olhando ao redor do chão vazio do Leila's Bar, eu tento arrastar minha atenção de volta para o meu livro. Estou lendo sobre símbolos ocultos, um dos meus tópicos favoritos. Mas mesmo isso não é suficiente para ocupar minha mente.

A espera está me matando.

Eles deveriam ter chegado uma hora atrás.

Atticus está lá em cima dormindo de ressaca, então pelo menos não temos que enfrentar sua ira. Ele enfrentou um litro de vodka sozinho ontem à noite. Eu não o culpo. Nossas vidas estão uma bagunça.

Reaper's Hollow é uma fossa tóxica preparada e pronta para explodir. Ano após ano, a cidade cai ainda mais em ruínas. Ruas pelas quais você poderia andar a noite agora exigem uma faca em uma mão e uma atitude ruim na outra para simplesmente sobreviver.

Quando empurro meus óculos de armação clara para cima para esfregar meus olhos, o som de pneus cantando faz meu coração martelar no meu peito. Eu reconheceria o som do SUV de Luther em qualquer lugar. Não há escassez de alcoólatras procurando afogar sua miséria nesta cidade, e ele lucra com cada um deles.

A porta do bar bate contra a parede, cuspindo um Luther de aparência muito abatida e uma mulher ensanguentada e

semiconsciente pendurada em seu braço. Eu fico boquiaberto para o par em choque.

É ela.

Eu a reconheceria em qualquer lugar.

“Kody! Me dê uma mão!”

Eu salto sobre o bar, encontrando Luther na mesa mais próxima. Ele pega uma cadeira e manobra Emery nela. Ela parece estar acordando, grunhindo de dor. Colocando uma mão em seu ombro, Luther procura seus olhos.

“Eles eram negros... eu vi. Seus olhos eram pretos!”

“Os olhos dela estão bem,” eu asseguro, quase com muito medo de me aproximar dela. “O que aconteceu? Você está em apuros?”

Ele joga fora sua fiel jaqueta de couro. “Eu... eu não tenho ideia de como explicar. Alguém estava nos seguindo, Emery... ela... e então...”

Ele é interrompido por um gemido quando as pálpebras de Emery se abrem. Piscando várias vezes, ela se concentra em mim, com os dentes cerrados. Nós nos encaramos por vários segundos.

“Emmy?” Eu respiro.

Afastando os olhos de mim, ela enxuga o sangue manchando seu pescoço. “Não estamos seguros aqui. Eu preciso... um de vocês pode me ajudar até a porta? Rapidamente?”

Antes que Luther possa colocar as mãos sobre ela, estou ao seu lado. Emery me dá um olhar incerto, colocando uma mão manchada de sangue na minha. A última vez que fizemos isso, ela tinha acabado de despedaçar meu pai antes que ele pudesse quebrar meu crânio.

"Ei, ninja," ela murmura, aqueles olhos estrelados raspando sobre mim. "Olhe para você, todo crescido."

Meus lábios se erguem em um sorriso. Faz muito tempo desde que ouvi esse apelido estúpido de infância. Eu sou seriamente desajeitado e eu estava sempre me jogando por aí quando criança, ganhando mais hematomas antes mesmo de meu pai colocar as mãos em mim.

"Emmy, eu não posso acreditar que você está aqui."

"Você pode me dizer o quanto sentiu minha falta em um segundo quente," ela zomba. "Deixe-me manter o espírito psicótico fora antes que ele nos mate primeiro."

Ajudando-a a mancar até a entrada, eu me afasto enquanto ela tira uma faca maldosamente afiada de sua bota de combate preta. Eu grito quando ela traz a lâmina para o braço, cortando fundo o suficiente para enviar sangue voando.

"Que porra é essa?" Luther grita.

Emery estende a mão. "Não torçam suas calcinhas. Estou bem. É necessário para o feitiço."

Observamos enquanto ela cobre dois dedos no sangue que escorre de seu braço. Trabalhando em silenciosa concentração, ela pinta uma enorme estrela pontiaguda, só que de cabeça para baixo.

"Um pentagrama invertido?" eu forneço.

Emery me lança um sorriso. “Ainda um leitor de livros, hein?”

“E aparentemente você é uma satanista agora também.”

“Há mais coisas no mundo do que entre as páginas de seus livros,” ela argumenta. “Enquanto os ensinamentos da Wicca apoiam o pentagrama vertical, as bruxas das trevas devem extrair seu poder de outra fonte.”

Uma vez que o símbolo aterrorizante está completo, todos os pelos dos meus braços se arrepiam. Não posso abafar um gemido baixo enquanto ela sussurra um encantamento. Eu tinha esquecido como era, a suave carícia de sua magia.

Uma estranha sensação de peso cobre o bar. Luther mal está se segurando e ele joga uma toalha em Emery, resmungando baixinho. Ele sempre foi sufocantemente protetor, mesmo daqueles que ele não conhece.

“Isso é uma ala de magia de sangue. É praticamente inquebrável,” explica ela, enxugando o braço. “Ninguém vai entrar.”

“Temos clientes chegando em algumas horas.”

Luther me interrompe. “Estamos fechados.” Ele reúne Emery em seus braços, olhando para todo o sangue. “Você precisa limpar ou eu vou perder minha merda. Como você ainda está de pé?”

“É preciso mais do que isso para me derrubar.”

Eu fico boquiaberto para os dois. “Que porra aconteceu?

Afundando em uma cadeira, Emery me lança um olhar inquisidor, ainda me bebendo. Luto contra o impulso nervoso

de ajustar meu jeans desbotado e camiseta, odiando seu escrutínio.

“Temos muito o que recuperar.” Emery suspira. “Desde quando seu cabelo é ruivo? Você parece um roqueiro punk usando os óculos de Clark Kent. Isso está me tirando do sério.”

Eu corro a mão sobre meu esfregão vermelho fogo, deixado longo e emaranhado em cima, mas raspado nas laterais. Contrasta com meus profundos olhos cor de avelã e coloração pálida, não muito diferente dos dela.

“Eu ainda sou cego pra caralho, obviamente,” eu respondo com um sorriso. “Eu apenas posso ver no que estou tropeçando agora antes de fazer.”

Emery olha para a esquerda, rindo. “Não, esse é o outro. Kody é o irmão mais novo. Não, Maude! Você não pode pular nos ossos dele, sua fodida maluca.”

Eu pisco. “Hum... estou perdendo alguma coisa?”

Luther deixa cair uma garrafa de uísque e o kit de primeiros socorros na mesa. “Aparentemente, Emery tem um fantasma seguindo-a. Pelo que ouvi, ela é uma pessoa mal-humorada.”

Emery bufa. “Ela quer que eu te agradeça por isso. Eu não estou compartilhando meus caras, Maude. Vá encontrar sua própria boyband de mortos-vivos para bater. Não, não temos que entretê-la!”

Esfregando o ponto tenso entre meus olhos, faço meu cérebro não implodir. As coisas em Reaper's Hollow estão longe do normal. Passei muitos anos pesquisando e me familiarizando com tudo sobrenatural neste mundo.

Estou bem ajustado neste momento, mas os últimos dez minutos foram mais confusos do que treze anos de assombrações malignas, assassinatos misteriosos e incontáveis suicídios. Mas foda-se se eu não gosto do jeito que ela disse *meus caras.*

Afrouxando a toalha do braço de Emery, Luther inspeciona o corte que ela infligiu para seu feitiço, soltando outro palavrão. Servindo-se da garrafa de uísque, ela toma vários goles sem vacilar.

"Você pode se curar?" Eu pergunto, fascinado. "Li sobre monges na Mesopotâmia que usavam o poder da meditação para acelerar o processo."

"Não. Não muito."

"Você precisa de uma varinha para isso?"

Ela franze a testa para mim. "Eu sou uma bruxa, não a porra do Harry Potter."

Estendo minhas mãos em rendição. "Alguém fugiu sem nem um adeus, então desculpe se meu conhecimento está em falta. Eu fiz o meu melhor na sua ausência para descobrir essa merda."

"Kody…"

"Eu era jovem e esquecível, suponho, certo?"

"Não seja assim. Sinto muito, as coisas estão complicadas."

"Nós éramos amigos," eu estalo.

“Melhores amigos,” acrescenta Luther. “Apenas deixe-me limpá-la antes que você dê uma bronca nela, certo? Não gosto de manchar o chão do meu bar com mais sangue.”

“Poderia apenas deixar a cadela sangrar,” uma voz ácida fornece.

O baque de passos pesados trai sua presença antes que ele entre na sala. Atticus é trinta centímetros mais alto que eu, mas nem de longe tão volumoso quanto Luther, o gigante.

Seu cabelo na altura do queixo e levemente encaracolado está espetado em todas as direções, expondo suas fileiras de piercings prateados nas orelhas e tatuagens escuras no pescoço que se estendem até o peito. Ele vem tingindo de preto há anos, cobrindo seu loiro natural.

Emery para ao meu lado. “Atti.”

“Não me chame assim,” ele sibila. “Alguém quer me dizer por que ela está aqui? E por que exatamente eu não sabia disso?”

“Você estava bêbado demais para prestar atenção,” murmuro.

Atticus parece querer me dar um soco, mas ele faz a escolha sábia de recuar. Ninguém mais me empurra. Eu ficaria feliz em socá-lo de volta se ele tentasse alguma coisa.

Emery está de pé, garrafa de uísque na mão. “Eu vim para salvar suas bundas estúpidas de algo que você nem entende, obviamente.” Seus olhos viajam pelo peito nu dele. “Onde estão seus pijamas? Você costuma andar de boxers?”

Atticus zomba. “Na minha própria casa, sim. Tem algum problema com isso?”

“Sente-se.” Luther estende a mão para ela. “Você ainda está sangrando.”

Emery o ignora. “Você nem ouviu o meu lado da história, e você vai ficar aí e me chamar de vadia?”

“Se eu quiser, porra, eu vou. Não te devo merda nenhuma.”

“É assim mesmo? Você é um verdadeiro idiota.”

Perdendo a paciência, Luther agarra Emery e a puxa para seu colo. A maneira como ele a toca, todo suave e reverente, tem ciúme queimando minhas entranhas. Eles sempre tiveram um vínculo forte, mesmo naquela época. Eu era mais como o irmão mais novo que ela tinha que tomar conta do que uma das crianças legais com quem ela podia sair.

“Sente-se quieta,” ele ordena ferozmente. “Ou eu vou fazer você, Em. Por qualquer meio necessário. Você vai sangrar.”

Atticus observa, suas feições contorcidas de raiva. “Talvez eu devesse chamar você de prostituta, então. Não demorou muito para você dar para o meu irmão.”

“O suficiente!” Luther grita.

Emery coloca a mão em seu peito. “Não, está bem. Deixe ele falar merda.” Seu olhar furioso se eleva para Atticus. “Você quer me chamar de puta? Certo. Salvei suas bundas treze anos atrás com seu pai caloteiro, e estou fazendo isso de novo agora.”

“Claro, matar seus problemas é uma ótima ideia,” Atticus retruca.

Ah, merda.

Todo o ar na sala parece desaparecer, caindo em um silêncio terrível. Emery vibra com raiva, levantando-se do colo de Luther, e ele não se incomoda em detê-la. Ela parece diferente; mais selvagem de alguma forma, mais perigosa.

“O que você acabou de me dizer?”

Atticus realmente engole. “Nós não precisamos de você. Você nunca deveria ter voltado.”

Sua risada é amarga. “Seu pedaço de merda rancoroso. Esqueça, estou fora daqui. Você pode se defender contra qualquer merda que esteja acontecendo aqui.”

Emery marcha para a porta, pingando sangue pelo chão. Luther segue, pronto para atacá-la se necessário, mas ele é jogado para trás por uma rajada de ar que o prende na parede.

Sussurrando baixinho novamente, Emery move um dedo em direção à entrada, e o contorno sangrento do pentagrama desaparece antes que a porta se abra sozinha.

Ela olha para nós com dor nos olhos. “Vocês eram minha família, você sabe. Mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Vocês me ensinaram o que essa palavra significava. Se eu tivesse outra escolha, nunca teria ido embora. Saibam disso.”

Então ela se foi, tão misteriosamente quanto chegou.

“Maldição do caralho!” Luther se enfurece.

Atticus olha para ela. “Boa viagem. Não precisamos da ajuda dela, já lhe disse isso. Kody encontrará algumas respostas em seus preciosos livros, e tudo isso acabará.”

“Quantos corpos têm agora?” Eu pergunto friamente. “Como você sabe que da próxima vez que uma ameaça chegar, eles não vão nos fazer matar alguém que nos importamos? Ou um ao outro?”

“Isso não vai acontecer.”

“Como você pode ter certeza? Esta estrada só leva em uma direção.”

Luther supõe isso perfeitamente. “Inferno.”

CAPÍTULO SEIS

Emery

Me arrastando para fora do chuveiro, eu limpo o vapor do espelho e encaro meu reflexo. Alguns dias de sono tranquilo foram necessários depois de ser atacada duas vezes e drenada.

É mais longo e torturante recarregar sozinha sem uma conexão rápida como eu costumo fazer, mas eu com certeza não ia ficar com aqueles três idiotas. Nem mesmo me desvencilhar poderia impulsionar meu corpo depois de tudo o que aconteceu.

Entrando no quarto de hotel miserável, encontro Maude descansando na cama, com os olhos grudados na televisão. Um de seus reality shows de baixa qualidade está passando. Eu tenho o canal ligado vinte e quatro horas por dia em casa para ela.

“Sabe, eu realmente sinto falta de pipoca.” Ela olha para a tela. “Esses shows simplesmente não são o mesmo sem lanches. Ooooh, Ben e Jerry. Agora esse é um lanche de primeira linha.”

“Massa de biscoito para sempre.”

Sua boca se abre em desgosto. “Seu animal, biscoitos não pertencem a sorvetes! É cheesecake de morango até o fim. Não me faça te machucar.”

“Como estabelecemos, você não pode fazer nada comigo. Vou pegar meu kit espírita e banir sua bunda fantasma em vez disso.”

“Estou enteeediaada!” Ela choraminga. “Você estava morta para o mundo e não respondia. Quem mais deveria me fazer companhia? Ninguém pode me ver, porra.”

Deslizando no meu sutiã verde e calcinha cravejada com pequenos caldeirões, eu escolho um vestido de skatista preto na altura do joelho para usar. Tenho a melhor coleção do mundo de roupas íntimas de bruxas irônicas.

Combinando com meias de seda e suspensórios de couro flexíveis, prendo minhas três facas na minha coxa. Adicionando uma gargantilha aos meus amuletos e encantos habituais, eu aceno para o meu reflexo. Parece que estou indo para a batalha.

“Sim, sim, você está quente como sempre,” murmura Maude.

“Puxa! Você está mal-humorada hoje.”

“Você deveria estar me ajudando a viver minha melhor vida de morta-viva aqui.”

Eu corro um pente pelo meu cabelo, mantendo-o solto para cobrir meu rosto. “Então você ficará satisfeita em saber que estou melhor e pronta para investigar para que possamos dar o fora deste lugar.”

“Esta investigação envolve três ex-melhores amigos sexy como pecado que te odeiam?”

Eu passo batom roxo nos meus lábios. “Isso não. Precisamos descobrir o que está acontecendo aqui, e por que

começou quando saí da cidade. E de preferência não ser morta ao longo do caminho."

Maude sorri. "Parece uma aventura."

"Eu não estou cafeinada o suficiente para suas besteiras. Vamos, vamos sair deste quarto."

Colocando minha jaqueta de couro e botas de combate, descemos as escadas para o saguão principal. Este hotel é antigo e decrépito, então eu não confiaria no elevador, mesmo que tivesse um desejo de morte.

Coloco um par enorme de óculos de sol no lugar, caso alguém me reconheça. Qualquer outra bruxa sentiria meus poderes a uma milha de distância. Se eu tiver que jogar uma faca na puta, bônus para mim. Já faz muito tempo desde que eu tive uma boa briga de gato.

Lá fora, está claro e ensolarado pela primeira vez em dias. Olho para cima e para baixo na rua principal. A maioria das lojas foi fechada com tábuas, embora algumas ainda permaneçam.

Leila's Bar, o bar que Luther deu o nome de sua falecida mãe, que morreu quando eles eram jovens, fica a algumas ruas de distância. Eles ainda não me localizaram e eu gostaria de continuar assim. Ainda estou irritada com Atticus por ser um idiota.

Uma hora depois, eu caio de volta no meu lugar no único restaurante da cidade, cheio do café da manhã semi-decente. Bebendo minha quarta xícara de café, começo a me sentir mais acordada.

Meu bom humor despenca quando o corpo esguio de um nadador desliza na minha frente. Dois deliciosos olhos cor de avelã se arrastam sobre mim, emoldurados por elegantes óculos de armação clara e cabelos ruivos.

“Eu me perguntei se você tinha saído da cidade,” Kody cumprimenta com um sorriso doce. “Onde você esteve? Estávamos preocupados com você.”

“Morta para o mundo,” eu respondo simplesmente. “Eu precisava dormir.”

“Luther mencionou que você... precisa de tempo para recarregar, ou qualquer outra coisa. Eu não sabia disso sobre bruxas.”

Ah, ele fez agora?

Aquele bastardo presunçoso.

“O que mais Luther disse a você?”

Kody se serve de uma sobra de batata frita no meu prato. “Tudo. As coisas mudaram. Você não precisa mais lidar comigo com luvas de pelica.”

“Eu nunca fiz.”

“Não fez? Eu certamente nunca fui tratado da mesma forma que os outros dois. Apenas o irmão mais novo irritante que acompanhava suas aventuras.”

“Você realmente vai vir aqui e começar a desenterrar o passado de novo? A outra noite não foi suficiente para você?”

Esfregando a mão sobre o queixo barbudo, Kody suspira. “Eu acho que não. Vou deixar a gritaria para Atticus. Ele é melhor nisso.”

Eu provisoriamente pego sua mão. “Senti sua falta, ninja.”

“Eu senti mais sua falta, Emmy.”

“Quer vir resolver um mistério de assassinato comigo? Eu serei a Velma, mas você pode ser totalmente Fred ou Salsicha. Eu até te dou um biscoito Scooby se você fizer um bom trabalho.”

“Por que Velma e não Daphne?”

Eu jogo meu cabelo por cima do meu ombro. “Eu vou com cérebro sobre aparência em qualquer dia. Além disso, laranja é totalmente minha cor. O que é uma bruxa sem suas abóboras?”

Kody observa enquanto eu tomo o resto do meu café, lutando contra a risada. “Eu tinha esquecido como você é maluca. Porra, é bom ter você de volta.”

“Aperte o cinto, amigo. O trem louco parte agora. Primeira parada, vila demoníaca do mal. Vamos bater em alguns traseiros sobrenaturais.”

Maude se anima da cabine em frente. “Conte comigo!”

De alguma forma, eu sabia que acabaríamos de volta ao cemitério assustador e coberto de vegetação no centro de

Reaper's Hollow. É como se estivéssemos refazendo nossos passos no tempo, viajando pelo deserto de nossa infância compartilhada.

Eu poderia nomear cada pessoa enterrada sob o solo. Meses de me esconder aqui para praticar magia longe da minha família me fez muito familiarizada com os fantasmas da cidade.

Sempre me senti mais confortável com os mortos do que com os vivos. Menos complicações. Até conhecer os caras, eu nunca tive um único amigo. Os valentões cruéis do coven garantiram isso.

Enquanto Kody olha ao redor, eu afundo na grama ao lado de uma laje de pedra erodida, cruzando as pernas. Acendendo um cigarro, dou uma tragada profunda antes de oferecê-lo a ele.

“Irmão errado,” ele declina.

“Você também não fuma?”

“Atticus fuma e bebe o suficiente por nós três.”

Meus olhos caem, mil facas esfaqueando meu peito. “Como ele está realmente? Nada de me enganar agora.”

“Acho que ele está bêbado desde a discussão da outra noite, mas isso não é novidade. Você realmente o irritou. A culpa é nossa por tê-lo pego de surpresa, suponho.”

“Ele realmente nunca pensou que eu voltaria?”

“Não tenho certeza se algum de nós fez,” Kody responde desoladamente. “Depois que você saiu, nós caímos em um orfanato até Luther completar dezoito anos e assumir a custódia. Nenhum de nós poderia ir procurá-la.”

“Merda, ninja.”

Ele dá de ombros. “Melhor do que viver com aquele pedaço de merda abusivo. Papai ainda está oficialmente desaparecido, dado como morto agora.”

Ainda me lembro da sensação quando queimei seu corpo, saboreando a pura sensação de poder. Era como se a magia tivesse saído de mim, poucos dias antes da minha manifestação.

“Eu não vou me desculpar por mantê-lo seguro. Ele teria matado você.”

Kody assente. “Um braço quebrado era melhor do que estar morto. Nenhum de nós a culpou por termos acabado em um orfanato. Luther conseguiu ser pai e irmão ao mesmo tempo.”

Afastando o cigarro de lado, aperto minha jaqueta de couro contra o vento frio. “Olha, eu preciso saber mais sobre a assombração.”

“Desviando com uma mudança de tópico, hein?”

“Tudo bem, doutor Phil. Você é meu terapeuta agora?”

Kody me olha de cima a baixo com curiosidade. “Eu não me importaria de mexer nesse seu cérebro maluco para ver o que realmente está acontecendo.”

“Por mais tentador que pareça, eu vou passar. Você fugiria gritando se espiasse aqui.”

“Nós vimos nosso quinhão de merda louca, Emmy. Esta cidade não é o lugar que você se lembra. Conheci uma garota na escola, Taylor. Ela começou a mudar, agindo de forma

estranha, matando aula. Ela se jogou da Hallow's Bridge. Morreu no impacto."

"Não estou tentando ser uma vadia sem coração, mas as pessoas ficam deprimidas. Merda acontece. Não é necessariamente sobrenatural."

"Você se lembra do Sr. Davies? O professor de biologia? Ele entrou em fúria, matou sua esposa e duas filhas com uma faca de cozinha antes de cortar os próprios pulsos."

Um calafrio me percorre. "Que diabos?"

"Eu sei certo. O cara tinha a personalidade de uma flanela molhada, mas não era um psicopata assassino. Não até que as coisas começassem a mudar. Houve mais cinco suicídios naquele ano, e outros onze no ano seguinte. As pessoas perderam a conta muito rapidamente."

O momento é muito conveniente, e eu não sou de me enganar. Eu me manifestei, entrei em meus plenos poderes e matei toda a minha família de bruxas da luz em uma noite. A próxima coisa, a cidade é tomada por uma força das trevas pela a próxima década.

Eu fiz isso? É minha culpa?

O sangue deles está em minhas mãos?

"Você parece um pouco verde," Kody aponta.

"Estou bem..., mas acho que sei para onde precisamos ir em seguida. Você não vai gostar."

Sua mão encontra a minha novamente, não mais pequena e do tamanho da de uma criança. Ele costumava me procurar para se proteger do monstro em sua casa. Eu tentei mantê-lo

seguro, meu doce e inteligente Kody, especialmente quando Luther não podia.

Agora, ele está de mãos dadas com o monstro.

Eu não sou o cara bom aqui. Nunca fui.

“Casa?” Ele sussurra.

Eu me obrigo a assentir. “Casa.”

CAPÍTULO SETE

Emery

No momento em que caminhamos para o outro lado da cidade, passando por mais casas abandonadas, os nervos estão começando a bater. Faz muito tempo que não me permito pensar neste lugar. Não tenho certeza se culpa é a palavra certa para como me sinto sobre aquela noite. Mais como derrota que, no final, elas ainda me odiavam.

Não houve remorso ou proclamação de amor.

Isso dói mais do que eu gostaria de admitir.

Às vezes, eu me pego sentindo falta da minha família de merda. Eu tirei muitas vidas, boas e ruins, mas suas mortes me fizeram quem eu sou. De uma forma poética, tornei-me o monstro que sempre me proclamaram no minuto em que apaguei a luz em seus olhos.

Que tal isso para o carma?

É exatamente por isso que eu nunca quis voltar.

Dobramos a esquina da rua e chegamos à periferia da cidade, cercada por uma floresta escura e opressiva que nos prende em uma prisão sufocante. Isso é o que esta cidade é agora, nada mais do que um sarcófago vazio, apodrecendo de dentro para fora. Eu olho para minhas botas de combate, me preparando para finalmente olhar para frente.

“Você está bem aí?” Kody pergunta com preocupação. “Ainda podemos dar meia volta.”

“Precisamos resolver isso para que eu possa ir para casa e esquecer tudo sobre este lugar.”

“Você não tem que soar tão animada sobre sair de novo, Emmy.”

Eu olho em seus olhos, saturados de dor. “Eu não voltei para nós, ninja. Sinto muito, mas não há vida para mim aqui. Nunca houve. Eu tenho que continuar correndo.”

“E nós?”

“Não sei o que você quer que eu diga.”

Seus dedos pastam ao longo do meu queixo antes de segurar minha bochecha. Comendo a distância entre nós, meus seios logo estão pressionados contra seu peito, uma mera respiração nos separando. As coisas são inegavelmente diferentes agora.

Nós dois somos adultos. Há uma sensação estranha no meu peito, uma espécie de excitação nervosa e intrigada enquanto as barreiras entre nós se desfazem.

“E se eu quiser que você fique?” Kody pergunta.

Foda-se. Vamos dar uma chance a isso.

“Dê-me uma razão para isso.”

A surpresa faz suas narinas se dilatarem.

“Você não esperava que eu dissesse isso?”

“Sempre pensei que você odiava sair comigo. Luther era seu favorito, e só Atticus poderia fazer você rir tanto que você quase faria xixi.”

Eu bufo com a memória. Bons tempos.

“Você nunca sorriu para mim desse jeito,” Kody continua, corando fortemente. “Não importa o quanto eu quisesse que você fizesse isso.”

“Isso não é verdade. Você também era meu amigo, tanto quanto Atticus e Luther. Não houve um dia em que eu não sentisse falta de vocês três.”

“Sério?”

A esperança em seu rosto quase me mata.

“Sim, realmente. Eu estava sozinha no mundo até conhecer vocês e, quando saí, estava completamente perdida.”

“Então por que você não voltou para casa?”

Faço um gesto para que continuemos. “Você está prestes a descobrir o porquê. Se você ainda quiser que eu fique depois de ouvir isso, eu vou.”

As sobrancelhas de Kody franzem. “Por que você concordaria com isso?”

“Porque não há como você me querer por perto quando souber por que deixei Reaper's Hollow. De jeito nenhum.”

Aproximamo-nos da fileira de casas geminadas juntas. A rua há muito foi sacrificada às garras da natureza. A grama está crescida, as janelas quebradas, a hera corroendo as estruturas. Um bairro outrora popular nada mais é do que uma zona de guerra.

“Para onde todos foram?” Eu pergunto.

“A maioria deixou Reaper's Hollow por segurança. Ganhou uma má reputação. Luther vendeu a casa anos atrás e a usou para comprar o Leila's Bar e o apartamento na cidade.”

“Ele deu o nome de sua mãe, hein?”

“Eu acho. Ainda não me lembro dela.”

“Mas por que vocês não foram embora também?”

Kody morde o lábio, fazendo um calor confuso aumentar na minha barriga. Eu tenho que arrastar meus olhos para longe, mentalmente me repreendendo pela fantasia de morder aquele lábio ao invés.

Amigos, Emery. Apenas Amigos.

Saia da maldita sarjeta.

“Não tínhamos motivos para sair,” responde Kody. “Esta cidade foi a última conexão que tivemos com você, nossa mãe, tudo. Eu não estava pronto para perder isso.”

Só para tornar o arrependimento ainda pior, há um SUV familiar estacionado no meio-fio. Luther salta para fora, seus olhos furiosos encontrando os meus. Ele parece bom o suficiente para comer em jeans pretos justos que fazem suas coxas fortes protuberantes, combinado com uma camisa azul de botão e sua jaqueta de couro usual.

“Onde diabos você estava?” Ele exige.

“Olá para você também, Hulk. Por favor, não fique bravo. Eu precisava de algum espaço e então fiquei um pouco fora do ar.”

Agarrando meu braço, seus dedos cavam em mim. “Não faça essa merda de novo, baixinha. Achei que tivéssemos perdido você de novo. Você deveria ter nos deixado ajudar.”

Eu gentilmente removo sua mão. “Estou aqui, Luth. Vê? Bem aqui. E sem ofensa, mas dar uma enroscada rápida nos lençóis parecia uma má ideia com Atticus pronto para me matar.”

“Espera aí, o quê?” Kody exclama.

Eu dou de ombros, sacudindo o momento. De alguma forma, ainda não estou pronta para entrar nisso com Kody. Ainda estou lutando para conectar esse deus grego lindo e inteligente com o garoto que eu conhecia.

Atrás de mim, Maude ri. “Você está em apuros agora.”

“Cale a boca,” murmuro. “Você está piorando isso.”

Luther procura o ar rarefeito ao meu lado. “Sua amiga fantasma está aqui com você?”

Maude olha para ele, a raiva em seu olhar me chocando. “Eu sou sua ajudante, na verdade. Obtenha seus fatos em linha reta.”

“Não a irrite,” eu imploro a Luther. “Ela vai me manter acordada a noite toda reclamando. E não mencione a palavra com *F.*”

O sorriso de parar o coração que brinca nos lábios de Luther me faz derreter por dentro. Ele parece suavizar agora que me viu, mas fica perto do meu lado, sua mão encontrando a minha. Parece mais natural do que respirar entrelaçar nossos dedos.

“Observado,” ele se submete. “Então, por que Kody me disse para encontrar vocês aqui, de todos os lugares? Canto tranquilo para eu puni-la por fazer o ato de desaparecer novamente?”

Eu engasgo com o ar. “Me punir?”

Seus olhos escurecem. “Você me ouviu.”

Kody bate no ombro de seu irmão. “Controle-se, grandalhão. Vamos fazer uma viagem pela memória. Achei que poderíamos usar backup se for para o sul.”

“Huh. Acho que prefiro minha ideia.”

“Eu tenho que concordar com você sobre isso,” eu comento.

Aproximamo-nos do cemitério de memórias de infância que nos espera. No final da rua, os restos enegrecidos da casa ficam de pé. Um peso terrível senta-se no meu peito.

Ainda há fita policial desbotada circundando a ruína, balançando com a brisa leve. O jardim se assemelha a uma selva, repleta de cacos de vidro e detritos. Me dá uma sensação doentia de satisfação ver minha casa parecer tão quebrada quanto a família que residia nela.

“Preciso entrar.” Eu estudo a ruína apreensivamente. “Vocês dois não precisam vir comigo.”

“Foda-se, se estamos deixando você sozinha,” rosna Luther.

Kody cantarola seu acordo.

“Não sei o que estou procurando, mas algo me diz que saberei quando o vir. Já posso sentir a energia saindo deste lugar em ondas.”

O aperto de Luther se aperta. “Energia?”

Eu tomo uma inspiração profunda, o gosto revelador de sangue e ozônio rolando pela minha língua. Criaturas sobrenaturais carregam uma certa marca com elas. Suas essências envenenam o ar ao seu redor, deixando uma mancha.

Qualquer que seja o espírito ou ser que está assombrando os caras marcou bem e verdadeiramente este lugar. Está pingando com aquela sensação rastejante de escuridão. Apenas outra conexão conveniente de volta para mim e meu passado.

“Você vai nos dizer o que aconteceu?” Kody questiona.

Empurrando o portão, eu estudo o interior à frente através das janelas quebradas, o medo se acumulando em minhas veias.

“Vocês dois sabem que é proibido praticar magia negra em meu mundo. As bruxas se manifestam em ambos os lados da escala universal – bruxas da luz, aquelas que dirigem os covens, extraem seu poder dos cinco elementos.”

“Como a estrela de cinco pontas, certo?” Luther olha para o meu colar de pentagrama. “Só que a sua é diferente.”

“Está invertida,” explica Kody.

“Porque eu não extraio meu poder da mesma fonte,” eu acrescento. “As bruxas das trevas são raras, mesmo agora.

Algumas bruxas podem ser corrompidas pela magia negra e abandonar o coven, que é punível com a morte."

"O coven mata sua própria espécie?"

Aceno para a pergunta de Kody. "Você pensou que os julgamentos das bruxas de Salem eram conduzidos por humanos, certo? Pense de novo. Os covens do mundo cometeram mais genocídio do que os humanos."

"Só porque as bruxas das trevas são diferentes?"

"Eles não gostam do que não conseguem entender. O medo é contagioso. Ele se espalha ainda mais rápido do que mentiras."

"É por isso que você veio para Reaper's Hollow."

"Mais como fugir. Não tivemos escolha."

Eu deslizo pela porta lascada para entrar na casa. Mofo e decadência atacam meus sentidos, emaranhados com aquele tom antinatural. Não é bem um gosto ou cheiro, é mais um cobertor encharcado de sensação que cobre você.

"Minha mãe e irmãs decidiram tirar minha magia antes que eu me manifestasse," continuo. "Elas pretendiam me matar para ganhar seu lugar de volta no coven, como uma espécie de oferta de paz."

Abaixando-me para dentro da sala ao lado, percebo que os caras não estão me seguindo. Ambos estão boquiabertos para mim, expressões variadas de fúria e choque escritas em seus rostos.

"Por que vocês parecem tão surpresos?"

Luther gagueja. “Uh, porque sua própria família pretendia massacrar você para inflar seus egos?”

Eu desvio com um sorriso. “Vocês são fofos, considerando que foram criados por um viciado abusivo. Os pais não são obrigados a amar seus filhos.”

Kody zomba. “E eu não sei.”

“Exatamente. Para alguns, não somos nada mais do que sacos de pancada que eles acham que são indefesos demais para atacá-los.”

Luther passa por mim, estudando a sala de estar com uma expressão dura. Dói-lhe ouvir esta história, até eu posso ver isso.

“Então, o que você fez com elas?” Ele pergunta cansado.

“O que tinha que ser feito.”

Entrando na cozinha, seus passos me seguem. Foi consumida pelo fogo, deixando para trás nada além de restos esqueléticos de concreto e tijolos. Memórias fazem cócegas em minha mente, mas eu as empurro de volta para baixo.

Me recuso a sentir culpa pelo que aconteceu aqui. Eu não sou nenhuma heroína. Algumas pessoas precisam ser mortas, e apenas os fracos se confortam com a desculpa de que é desumano fazê-lo.

Os covens têm mais sangue em suas mãos do que toda a população de bruxas das trevas. Nós nunca travamos guerra ou chovemos miséria sobre eles. Mas adivinhe sobre quem é fofocado em sussurros abafados, escrito em contos folclóricos assustadores contados para crianças?

No canto, as sombras distintas de três figuras separadas mancham a parede. Isso não é algo que você encontraria em qualquer cena de crime antiga. Quando a alma de uma bruxa deixa seu corpo, ocorre uma transferência de poder.

Eu infectei minha família com a escuridão que envolveu meus ossos e me alimentei de sua magia. Quando suas almas deixaram seus corpos, elas eram meras sombras, desprovidas de qualquer vida.

“Foi aqui que elas morreram.” Minha voz está vazia de toda emoção. “Elas não iam me deixar sair viva. Eu consumi seu poder e completei minha manifestação.”

“Você as matou?” A voz de Luther é neutra.

“Não me arrependo. Por isso tive que sair. O coven nunca vai parar de me caçar pelo que fiz. Eu nem deveria estar aqui.”

Me preparo para eles irem embora.

Qualquer pessoa normal faria.

Como alguém poderia entender? Não existe isso de bom e ruim. Preto e branco. Não habito o mesmo mundo que o resto da humanidade. Por toda a minha vida, tive um dedo do pé nas sombras, tentando ainda mais a promessa de depravação. Quando a magia negra me reivindicou, eu mergulhei no fundo do poço.

“Eu queria matar meu pai,” admite Luther. “Estou feliz que você salvou a vida de Kody. Também estou feliz que você não tenha deixado sua família se safar disso também.”

Dois braços enormes me envolvem por trás, me encapsulando em seu cheiro familiar e almiscarado. Deixando meus olhos se fecharem, uma estranha sensação de calma

toma conta de mim. Luther está me segurando enquanto as memórias me destroem. O roçar de seus lábios contra minha orelha envia um arrepio na minha espinha.

“Nós teríamos corrido com você, anjo. Todos nós.”

“Eu não queria colocar suas vidas em risco. Todos vocês já passaram o suficiente. Eu estava tentando protegê-los.”

“Esse é o meu trabalho.”

Kody se aproxima para me prender entre eles. Suas mãos seguram minhas bochechas, lábios a centímetros dos meus enquanto estou imprensada entre seus corpos sólidos.

“Isso é besteira, Emmy. Nós precisávamos de você.”

“Nós ainda precisamos,” murmura Luther.

“Ninguém nunca precisou de mim.”

Eu suspiro quando sinto o pau de Luther roçando minha bunda. Ele está excitado e nem se preocupa mais em esconder isso.

“Isso não é verdade e você sabe disso,” ele insiste com um rosnado. “O que precisamos fazer para provar isso para você?”

Empurrando meus medos para baixo, encontro os olhos de Kody. “Nós éramos apenas crianças na época, todos nós. Não somos mais. O mundo é um lugar diferente e nada é garantido.”

“O que você está tentando dizer?” Ele fala.

Eu enrolo meus braços ao redor de seu pescoço. “Eu quero que você me beije.”

Os olhos de Kody se arregalam. “Agora?”

“Agora.”

“Bem aqui?”

Luther bufa. “Basta beijá-la, irmão. É melhor você fazer um bom trabalho também. Nada além do melhor para a nossa garota.”

“Nossa?” Eu repito.

“Cale a boca, Em. Não fale mais.”

Cacete.

Chefe Luther está de volta.

Kody acaricia meu queixo antes de hesitante trazer seus lábios aos meus. Ele me beija suavemente no início, como se estivesse se acostumando com a ideia de beijar sua ex-melhor amiga enquanto seu irmão assiste.

“Você pode fazer melhor do que isso,” incita Luther.

Com um estrondo desafiador vindo do peito de Kody, seus lábios se movem com urgência contra os meus. Nossas línguas se encontram em uma batalha elétrica de vontades, respirando uma à outra, selvagens para se tornarem uma.

Luther começa a se esfregar em mim por trás, ainda segurando meus quadris. Não posso deixar de gemer quando a mão de Kody encontra meu peito em seguida. Ele passa a mão pelo tecido fino do meu vestido, ainda me beijando pra caramba.

Eu quero os dois. Escolher pelo palitinho. Todos nós já perdemos o suficiente neste mundo. Eu sou gananciosa e

quero que eles me consumam até que o buraco no meu peito se preencha.

Um estrondo no andar de cima nos deixa congelando.

“O que é que foi isso?” Kody gagueja.

Luther acena para ele. “Fique quieto.”

Outro estrondo nos força a nos separar, comunicando-nos com gestos sem palavras. Eu puxo meu vestido, revelando a variedade de lâminas que tenho em minhas meias. Luther observa com interesse.

Eu murmuro para ele: *O quê?*

Ele puxa meu vestido de volta para baixo. *Você é quente.*

Subimos as escadas em silêncio, as escadas rangendo ameaçadoramente. O som veio do meu antigo quarto, e quando eu entro com os pés leves, meu coração despenca até a boca do estômago. O cheiro de sangue é inconfundível no ar.

“Puta merda,” eu amaldiçoo.

Luther corre para minhas costas, grunhindo de surpresa. Kody se junta a nós, olhos arregalados e boca aberta. Ficamos na porta, olhando para o horror lá dentro.

Pegadas ensanguentadas criam um rastro para um corpo morto encostado na parede. Os pulsos do homem foram cortados em sorrisos carmesins.

Seu dedo indicador está molhado, combinando com a escrita de sangue na parede abaixo de um símbolo intrincado. Leio a mensagem, escrita pela força das trevas que habitou o corpo deste homem e o trouxe até aqui.

Eu lhe disse para não interferir, bruxinha.

Esta cidade me pertence.

Saia ou enfrente toda a fúria da minha ira.

CAPÍTULO OITO

Emery

Empurrando o sofá de couro de Luther para um lado, eu limpo minhas mãos, estudando o espaço aberto em sua sala de estar. No piso de madeira, coloquei doze velas pretas em um círculo amplo e uniforme. Uma vai no centro com meu equipamento de sessão.

O sol poente atravessa a janela, lançando luz nas sombras do quarto, logo sendo engolido pela escuridão. Eu preferiria realizar este ritual em uma lua cheia ou crescente, mas o tempo não está do nosso lado.

Depois da descoberta de ontem, quero respostas. Eu só vi esse símbolo uma vez antes e isso me assustou pra caralho. Eu preciso falar com o espírito que assombra esta cidade e torcer para o inferno que o desenho fosse uma pequena piada.

“Podemos entrar?”

Kody espia ao redor da sala. Quase posso ver a curiosidade devorando-o. Atrás dele, Luther também está esperando. Eu os expulsei enquanto me preparava e encontrei o espaço certo.

“Claro. Podemos começar em breve.”

Eles se movem para ficar na borda do círculo. Eu entro, gesticulando para eles me seguirem. Maude fixou residência no canto da sala, permanecendo estranhamente quieta enquanto nos observa.

“Devemos apenas sentar em qualquer lugar?” Kody pergunta.

Aponto para lados opostos. “Ali.”

Ajustando-se em suas posições, os dois homens parecem nervosos. Nem mesmo o fascínio de Kody pode aplacar sua ansiedade. Eu puxo as cortinas, banhando a sala na escuridão. Estou me sentindo um pouco nervosa, mas eu escondo. Recuperando meu isqueiro, estou prestes a começar a lançar o círculo quando uma terceira presença entra na sala.

“Lewis e Hope estão cobrindo o bar.”

Permanecendo na porta, a declaração de Atticus quebra o silêncio constrangedor. Ele está me encarando com muita intensidade, quase como se estivesse tentando se convencer de que sou real.

“Você está entrando?” Eu suspiro.

“Sou bem-vindo?”

“Você poderia ficar parado aí como um idiota.”

Ele esfrega a mão no rosto. “Onde você me quer?”

Apontando para o terceiro espaço vazio, vejo Atticus se sentar. É melhor ele não estragar tudo com sua atitude de merda. Quando eu vocalizo isso, recebo um olhar sujo, cheio de ódio.

Ignorando o idiota, eu respiro fundo antes de acender as velas e salpicar uma barreira protetora de sal. Uma vez que o círculo foi fechado, eu pego meu pacote de cedro, acendendo a ponta para extrair um fluxo de fragrância terrosa.

“Não sálvia?” A cabeça de Kody se inclina com interesse.

“O cedro é usado há mais de cinco mil anos para limpar e purificar espaços antes de realizar uma sessão espírita.”

“Mas Palo Santo é melhor, embora difícil de conseguir na Inglaterra. Você teria que importar do exterior.”

Estou sem palavras.

“Como você sabe disso?”

Kody dá de ombros, corando novamente. “Eu li.”

Ele sempre foi um devorador ganancioso por conhecimento, enterrando-se em livros e trabalhos escolares mesmo quando criança. Tenho certeza que serei questionada sobre a história da feitiçaria depois disso.

“E a hora das bruxas?”

“Você pode fazer uma sessão à luz do dia, desde que tenha o equipamento certo,” respondo, soprando a fumaça ao redor da sala. “Mas cemitérios assustadores à noite são mais cinematográficos para Hollywood, eu acho.”

“Ah, faz sentido.”

Eu reprimo um sorriso enquanto Kody digere isso.

Sim, definitivamente vou ser interrogada mais tarde.

“Podemos acabar logo com isso?” Atticus cospe.

Esmagando minha vontade de socá-lo, recupero meu último equipamento. Um frasco selado de sangue e um cálice incrustado de diamantes negros para decantá-lo.

Os gritos do humano que sacrifiquei para pegá-lo ainda me emocionam. O cara era um estuprador em série, e ele merecia ser drenado como a porra do porco que ele era. Mas fodidamente espero que os caras não perguntem de quem é o sangue. Prefiro não entrar em minhas atividades sádicas.

Enchendo o fundo do cálice com o líquido frio e congelado, descarto o frasco vazio. Todos os três caras olham enquanto eu coloco dois dedos no sangue em seguida. Sem explicar, trabalho em silêncio, pintando o pentagrama invertido no círculo.

“Agora podemos começar.”

Luther se mexe desconfortavelmente. “Nós não estamos convocando o Diabo ou algo assim, estamos?”

Eu luto contra a vontade de revirar os olhos. “Hoje não, Hulk. Mas este é um espírito maligno que estamos contatando. Temos que atrair seu interesse de alguma forma. Para sua sorte, o chamado de uma bruxa das trevas é tentador demais para recusar.”

Quando o canto final do pentagrama é concluído, uma carga estática enche a sala, caindo sobre nós como uma nuvem de tempestade. As velas piscam antes de brilharem mais fortes, fortalecidas pela magia flutuando pelo círculo lançado.

“Ninguém pode sair agora.” Eu olho para Atticus em particular. “Não quebre o círculo; Isso é muito importante. Não importa o que aconteça quando invocarmos o espírito.”

“O que acontece se o fizermos?” Kody pergunta imediatamente.

“Nada bom. Vamos começar.”

Pegando minha bolsa de veludo, deslizo o tabuleiro Ouija brilhante de dentro. Mandei fazer especialmente por um médium que vinha regularmente buscar suprimentos. É uma placa de madeira de freixo autêntica, valorizada por sua qualidade protetora. Nada daquele filme de terror, porcaria de cópia.

Colocando-a ao lado da vela central, coloco a prancheta correspondente na posição correta. Posso sentir a eletricidade crepitando em minha pele; minha magia implorando por uma fuga. Já faz muito tempo desde que jogamos nas sombras.

"Eu chamo meus ancestrais, bruxas do caminho da esquerda, para me guiar nesta busca por respostas," eu recito, deixando meus olhos se fecharem. "Vamos invocar o poder do submundo e suavizar o véu entre os mundos."

"Estou fora daqui," Maude anuncia abruptamente.

Eu a sinto desaparecer com um *estalo fraco,* correndo antes do show começar. Mais estática se acumula em minha pele, e aquela sensação de desconforto se intensifica enquanto continuo o ritual de abertura, invocando os espíritos das bruxas das trevas que vieram antes de mim.

"Em..." Luther sussurra incerto.

Todos os três caras estão olhando para o tabuleiro Ouija. Em vez de apontar para algo em particular, a prancheta começou a girar. Um estremecimento toma conta de mim, o frio parecendo infectar a sala outrora quente.

"Sente isso?" Kody acrescenta em voz baixa.

"Foda-se isso," Atticus amaldiçoa.

“Não se mova,” eu estalo quando ele começa a levantar. “Você está no círculo agora. Sente-se firme e não cague nas calças. Eu sei o que estou fazendo.”

Mal ouço seu murmúrio, *espero que sim,* antes que haja um barulho estridente repentino e horrível, como pregos arranhando um quadro-negro. Kody fica boquiaberto com algo por cima do meu ombro. Na parede, um arranhão longo e irregular foi esculpido no gesso.

“Eu gostaria de me comunicar com o espírito nesta sala,” eu declaro, deixando minha magia se expandir para fora. “Você pode falar através do tabuleiro. Conte-nos o que você quer.”

Algo toca a borda da minha consciência, uma densa nuvem de escuridão. Não há outra maneira de descrevê-lo. Eu engulo em seco, atingida pela sensação de que algo sinistro respondeu ao nosso chamado.

Não quero assustar os caras, mas com certeza não parece um mero espírito. Aquele maldito símbolo pisca na minha cabeça novamente, pingando sangue.

“Nós só queremos conversar,” repito, esperando estar errada. “Você está jogando um jogo com esta cidade há muito tempo. Quais são suas intenções?”

As persianas começam a bater contra a janela, uma brisa correndo pela sala. Velas crepitando, eu alcanço os pares de mãos mais próximos - Luther e Atticus. Eles nem mesmo protestam, com os olhos arregalados e com medo. Kody está assistindo ao show com partes iguais de interesse e terror.

A lâmpada acima de nós explode, enquanto mais arranhões raivosos varrem as paredes, rasgando gesso e papel de parede. Forçando-me a me concentrar, sintonizo de volta na

minha magia. Canalizando-a para o círculo protetor que nos cerca, as velas de repente se acendem em uma explosão de calor intenso. Manter o escudo levantado está consumindo muita energia, nosso algoz é forte.

"Mostre-se! Pare de se exibir e tentar nos assustar. Diga-nos o que você quer com esta cidade."

"Em." Luther acena para a parede.

Olhando por cima do ombro, sinto meu estômago revirar.

QUERO VER ISSO QUEIMAR.

"Você deixou uma mensagem para nós no último lugar," eu incito, quase com muito medo de perguntar. "Por que você não nos diz seu nome?"

O som das cortinas sendo rasgadas faz Kody se encolher. Todos seguimos o chiado de uma pintura com a ponta do dedo no vidro, escrevendo cada letra com ainda mais sangue.

AZAZEL.

Eu luto contra o desejo de correr a toda velocidade, para longe deste lugar. Minha pior predicação foi comprovada. Esse símbolo era a marca de uma criatura antiga e poderosa que domina as páginas dos livros de história de Kody.

"Ok, novo plano," eu digo com pressa. "Vou quebrar o círculo e distrair ele. Todos vocês precisam correr."

"Ele?" Luther ecoa.

"Não há tempo para explicar. Apenas saiam daqui."

Soltando suas mãos, eu me levanto. "Tudo bem então, Azazel. Ainda tenho alguns truques na manga. Vamos jogar."

Com um chute rápido, eu envio uma das velas pretas voando pelo chão. O círculo protetor se rompe com um *estalo,* a sensação de um vácuo varrendo a sala, como uma janela aberta em uma tempestade de neve.

“Vão agora! Depressa!” Eu grito.

Minha magia se liberta do meu corpo assim que os grilhões são soltos. Com meus sentidos esticados, posso sentir a nuvem de escuridão na sala.

“Em! Vamos!”

Atticus tenta me agarrar, mas eu o empurro com força em direção à saída. Isso tem que ser feito.

“Eu disse *mostre-se!”* Eu ordeno.

Rasgando o véu da magia, algo maligno surge. As sombras se instalam para formar sua forma humanoide. Pernas arqueadas encontram um torso esquelético, os ossos torcidos e deformados. Incapaz de desviar o olhar, me vejo olhando para dois poços profundos e sem alma de devastação, como buracos negros sugando toda a luz e matéria ao seu redor. Um par de chifres afiados e dentes em forma de navalha à mostra em um rosnado completam o visual aterrorizante.

A palavra sai da minha garganta.

“Demônio!”

Dando um passo em minha direção com cascos retorcidos e manchados de sangue, Azazel me avalia, seu olhar chicoteando minha pele como ácido.

“Aqui estou, bruxinha. Você deveria correr agora.”

“Todo mundo fora,” eu repito, recuando. “Saiam! Corram!”

Alguém agarra meu pulso, tentando me puxar. Alcançando o frasco preso a um dos meus colares, eu o abro com os dentes. A dor percorre minhas costas enquanto as unhas rasgam minha carne, o demônio seguindo quente em meus calcanhares. Já posso sentir o sangue ensopando minhas costas, mas afasto a dor.

“Em!” Atticus grita novamente.

“Estou indo! Apenas vá!”

Fazendo-me olhar para trás antes de fugir da sala, eu seguro o frasco pronto. O demônio está me perseguindo, excitação maliciosa em seus olhos.

“Seu poder é delicioso, mas não é páreo para mim. Deixe este lugar ou queime com ele, Herdeira Lockwood.”

“Eu vou queimar esta cidade até o chão antes de me render a você. Vá embora, demônio! *Barritus!”*

Eu jogo o frasco de água benta direto no rosto de Azazel, mesmo que essa pequena medida valha mais do que minhas economias de vida inteira. Ele irrompe em um tumulto de raiva gritando, enraizado no local. Aproveito a distração sem hesitar, agarrando a mão de Atticus.

“Vai! Corre!”

CAPÍTULO NOVE

Emery

Um dos primeiros feitiços que aprendi foi como invocar um demônio. Praticado atrás da segurança de uma porta trancada, tentei uma das formas mais proibidas de magia.

Eu estava em uma fase rebelde, frustrada pelas aulas chatas do coven que minha mãe me obrigava a frequentar, esperando que minha manifestação começasse. Meus poderes ainda estavam para aparecer, então eu não esperava que o feitiço realmente funcionasse.

Demônios não devem ser invocados, mesmo por uma bruxa das trevas experiente. Eles são criaturas vazias e sem alma, movidas pelo mal e pela ganância. Mesmo agora, eu não brinco com os servos do submundo. Mas irritada, Emery, de nove anos, era muito curiosa para seu próprio bem.

Cortando fundo na palma da minha mão e espremendo o sangue nas páginas manchadas de tinta do livro de feitiços, desenhei o sigilo satânico com meu dedo mindinho. O rato morto e sacrificado ainda estava se contorcendo depois que eu o matei com minhas próprias mãos.

Falar o encantamento era a coisa mais aterrorizante. Parte de mim imaginou que o próprio Lúcifer sairia das páginas e me condenaria a uma eternidade no purgatório por tentar um feitiço tão sombrio.

Por vários segundos, nada aconteceu.

Eu estava preparada para desistir.

Foi quando as sombras irromperam do chão com o som de uma centena de gritos, os tentáculos me envolvendo, me arrastando para os cataclismos de outra dimensão. O folclore das bruxas diz que os demônios são canais para o Diabo, tentando as bruxas da luz para o caminho da esquerda.

Não me lembro de nada depois disso, até que acordei em uma poça do meu próprio sangue.

Olhando para o espelho do banheiro, eu gentilmente cutuco meu ombro quente e inflamado. O demônio esculpiu três cortes em minha pele, desfiando a carne em tiras repugnantes. Depois que Luther o costurou, ele entregou sua cama para eu desmaiar, optando por dormir com Kody.

Nenhum de nós queria do sofá depois da sessão de ontem à noite. No momento em que encontramos coragem para voltar, o demônio já havia desaparecido há muito tempo, deixando uma sombra queimada para trás. Mesmo agora, posso sentir o gosto de sua marca enjoativa no ar. Eu sou estúpida por não encaixar isso antes.

Sabia que vir aqui não seria uma tarefa fácil, mas não esperava encontrar a cidade inteira nas garras de um atormentador sem alma, muito menos um tão mortal quanto o infame Azazel. Há histórias suficientes sobre ele para assustar até a mim.

Não posso sair ainda. Se eu fizer isso, estarei condenando a única família que já conheci, incluindo aquele que me odeia demais para estar na mesma sala que eu. Reaper's Hollow será engolida por morte e destruição.

“No que você está pensando tanto?” Maude manda beijos para si mesma no espelho. “Eu tenho que dizer, estou um pouco desapontada que você não deslizou entre os lençóis com pelo menos o alto, ou mesmo o bonito. Duvido que o Sr. Irritado também teria dito não.”

“Você sabe os nomes deles, Maude.”

“Então, vamos dar o fora daqui agora?”

“Ainda não.”

“Você vai seriamente ficar?” Ela fica sem graça.

Eu encontro seus olhos no espelho. “O que mais você quer que eu faça? Este demônio é mais forte que um coven inteiro. Não hesitará em matá-los em um instante.”

“Eu pensei que você não se importava com outras pessoas?”

“Não sou completamente sem coração,” murmuro. “Eu corro há tanto tempo que parei de me importar com ninguém além de mim mesma. Talvez eu só precise de um motivo para parar de correr.”

“Você vai se matar,” acrescenta Maude.

“Com o que você se importa? Você não quer que eu os ajude?”

Há uma expressão estranha em seu rosto, quase como se ela estivesse escondendo algo de mim. Quando ela se recusa a responder, eu levanto minhas mãos em exasperação. Maude fica em silêncio enquanto visto meu jeans e jogo meu cabelo em um coque bagunçado.

“Sente-se e fique de mau humor, se você quiser,” eu rosno para ela.

Ela suspira e me segue até a cozinha, onde ligo a cafeteira antes de pegar os ingredientes da geladeira. Eu não estou com cafeína o suficiente para suas táticas confusas agora.

“Você vai realmente fazer waffles na minha frente?” Ela reclama enquanto eu misturo a massa. “Você sabe que eles são meus favoritos.”

“Sinta-se à vontade para assombrar o café da manhã de outra pessoa.”

“Você está sendo má.”

“E você está mais insuportável hoje. Acabei de ser chutada por um demônio, então ou se prepare para o meu mau humor ou vá brincar de Casper, o fantasma irritante em outro lugar.”

“Certo! Eu vou calar a boca. Sheesh.”

Uma vez que a massa está pronta, volto minha atenção para cortar todas as frutas em que posso colocar minhas mãos. Ovos e bacon vão para uma panela depois de untar a chapa, engolindo minha segunda xícara de café.

Aumentei o volume do rádio para abafar os resmungos de Maude quando o pés descalços se juntaram a mim. Meu estômago se revira de excitação quando a voz rouca matinal de Luther rola sobre mim.

“Bem, isso não é uma ótima visão em um domingo?”

Olho por cima do ombro e quase morro.

Luther está encostado no batente da porta, um sorriso atrevido em seus lábios cheios e convidativos. Sua calça de moletom cinza está perigosamente baixa, destacando seu delicioso cinto de Adônis e abdominais bem definidos. Porra, ele precisa de uma camiseta. Agora mesmo.

Aproximando-se de mim com sua confiança arrogante, ele envolve os braços em volta da minha cintura antes de enterrar o rosto no meu cabelo. Eu posso sentir sua ereção matinal bem contra minha bunda.

“Bom dia, Anjo. Você cheira a waffles.”

“Eles estão cozinhando.”

“Eu posso ver isso. Tudo certo?”

“Calmo pra caralho.” Eu cutuco os waffles no fogo.

Luther segura meu queixo, me forçando a olhar para ele. “Não minta para mim. Você não está bem. É o seu ombro?”

“Meu ombro está bem. Nossas mortes iminentes? Não muito.”

Suspirando, ele afrouxa seu aperto em mim. “Vou pôr a mesa. Vamos precisar de mais café e comida para esta conversa.”

Continuando a afundar em meus pensamentos sombrios, deixo Luther servir os pratos. Maude toma a sábia decisão de desaparecer da sala, dando-nos um pouco de privacidade para esclarecer as coisas. Eu não tenho energia para seu humor estranho hoje.

Virando os waffles, eu abro minha boca para falar assim que Luther me encurrala. Sua expressão está cheia de autoridade e faz um arrepio percorrer minha espinha.

“Diga-me como consertar isso, Em. Eu serei o primeiro a admitir que estou muito acima da minha cabeça aqui. Eu sei que você não se inscreveu para essa merda.”

Eu abandono a espátula. “Vamos tomar um bom café da manhã normal. Então podemos discutir a porra do enxame vindo em nossa direção depois da noite passada, certo?”

“Você está negociando comigo?”

“Alguém precisa,” eu respiro instável.

A voz caindo ainda mais baixo, Luther corre o polegar sobre meu lábio inferior. “E se eu te disser que quero te deitar na mesa e te fazer gritar enquanto você engasga com meu pau?”

Jesus foda-se!

Quem diabos é esse cara?

Eu engulo em seco, meu batimento cardíaco rugindo em meus ouvidos. “Bem, no que diz respeito às distrações, isso é bastante decente.”

Luther franze a testa. “Muito decente?”

“Me diga mais. Estou disposta a revisar essa declaração.”

Ele me apoia contra a geladeira, cada centímetro de seu corpo esculpido me prendendo no lugar. Sinto que não consigo respirar, sufocada por sua presença intensa e masculina. A atração que senti quando adolescente foi ampliada para dez.

“Tem certeza que sua magia não precisa ser recarregada? Nós poderíamos usar uma boa desculpa para voltar para a cama durante o dia.”

“Quem disse que precisamos de uma desculpa? Não há regras.”

“Então não me soque por te beijar.”

Seus lábios encontram os meus em um confronto voraz e possessivo. Pegando-me pelas minhas coxas, minhas pernas curtas envolvem sua cintura. Quero que não haja nada entre nós, nem mesmo oxigênio. Seu toque me faz sentir viva pela primeira vez em mais de uma década.

“Quer parar de tomar café da manhã e vir tomar banho comigo?” Luther sugere com um grunhido primitivo.

Eu beijo ao longo de sua mandíbula, afundando meus dentes em seu pescoço e deixando uma marca roxa brilhante.

“Contanto que você prometa não acordar seus irmãos, ainda não estou pronta para essa conversa.”

“Tarde demais,” murmura uma voz sonolenta.

Ambos congelando, encontramos Kody pegando uma caneca para encher de café. Sua atenção está fixa em cada lugar onde a pele de Luther está tocando a minha. Eu engulo em seco, minhas pernas ainda enroladas na cintura de Luther, seu pau latejante direto contra meu clitóris.

“Uh, o café da manhã está quase pronto,” eu deixo escapar.

Kody levanta uma sobrancelha sob seu cabelo ruivo brilhante. “E aqui estava eu pensando que íamos ter você para o café da manhã.”

Satanás, sinta-se à vontade para me matar agora.

Oh espere. Seu lacaio já tentou isso.

Luther me libera, dando um passo relutante para trás para se ajustar. Há uma promessa em seus olhos enquanto me estuda, um desafio que mal posso esperar para explorar. Inferno, eu deixaria ele me foder agora, estou tão excitada.

Voltando minha atenção para o café da manhã, levo um segundo para me acalmar. Estou pensando seriamente em deixar os dois comerem bacon e ovos comigo, mas não importa o quão tentador seja o pensamento, não estou com vontade de lidar com as consequências inevitáveis.

Quando a comida está pronta, nos acomodamos ao redor da mesa. Luther embala três pratos, com Kody seguindo logo atrás. Parece tão normal, compartilhar uma refeição como costumávamos fazer. Não me lembro da última vez que fiz isso. Meu estilo de vida solitário e isolado não permite muitos amigos.

Luther me derruba quando tento limpar, juntando os pratos para empilhar na máquina de lavar. Kody enche minha xícara de café e rouba um beijo rápido na bochecha quando Luther não está olhando, sua piscadela me deixando quente e incomodada novamente.

“Acho que devemos conversar,” digo, esfregando minha barriga cheia. “Não adianta mais evitar isso.”

“Por que tenho a sensação de que não vamos gostar do que você tem a dizer?” Luther resmunga.

“Apenas sente-se. Não podemos fingir que a noite passada não aconteceu.”

Ambos voltando com cafés reabastecidos, estou prestes a falar quando uma terceira presença entra na sala. Os olhos de Atticus estão quase fechados enquanto ele enche uma caneca com café. Engolindo vários goles, ele finalmente percebe que não está sozinho.

“Você ainda está aqui, então.”

Eu olho de volta. “Sim, eu estou. Você achou que eu desistiria depois do que aconteceu? Obrigada pelo voto de confiança, Atti.”

Ele esfrega um ponto entre as sobrancelhas. “Estou de ressaca demais para fazer essa merda de luta com você novamente. Ainda não estou convencido de que a noite passada não foi um sonho ruim.”

Luther intervém. “Sente-se. Nós precisamos conversar.”

Atticus se apoia no balcão, olhando para os pés descalços. Bem na hora, Maude reaparece, se acomodando no canto enquanto eu brinco com o amuleto em volta do meu pescoço. Não há nenhum revestimento de açúcar nisso.

“Está claro que a cidade foi reivindicada por um demônio.” Eu pulo direto. “Isso vai além de um mero espírito maligno. Estamos falando de magia negra antiga e poderosa.”

“Eu procurei aquele símbolo ontem à noite,” Kody diz, parecendo pálido. “O folclore era um pouco enervante, para ser honesto.”

“Sim, eu sei. Não sei se isso é algo que posso consertar. Esse demônio é muito forte e claramente não me quer aqui.”

“De onde veio?” Luther questiona.

Engolindo em seco, eu me preparo para o impacto. “Eu acho… que veio de mim.”

Kody solta um palavrão enquanto Atticus apenas me encara com uma expressão ilegível. Não ouso olhar para Luther, temendo o julgamento que encontrarei lá.

“O que eu fiz com minha família… foi o marco zero para uma enorme transferência de poder. Eu drenei três bruxas de coven. Isso é bastante antinatural, mesmo para uma bruxa das trevas.”

Atticus não desvia o olhar, algo perigoso dançando em seus olhos. Eu esperava que os outros o informassem, mas ainda dói admitir a profundidade da minha queda da graça em voz alta, especialmente para ele. Sempre me importei muito com o que ele pensava quando eu era uma adolescente ingênua.

“Acho que o que fiz causou um rasgo no véu.” Eu mastigo meu lábio. “Isso pode ser o que permitiu que o demônio viesse e reivindicasse a cidade para si.”

“O que significa um rasgo no véu?” Kody pergunta no modo acadêmico completo. “Pode ser consertado? Existe um feitiço?”

“Não sei. Não estamos jogando pelo livro de regras aqui. Nada disso deveria ser possível, mas nunca me encaixo no molde. Há apenas um lugar onde podemos encontrar respostas, mas é uma missão suicida.”

Luther solta um suspiro. “O coven.”

Eu aceno novamente. “Eles possuem milhares de anos de sabedoria e conhecimento. Eu poderia encontrar respostas em seus velhos grimórios, talvez. Mas entrar para procurar em suas criptas é outra questão. Eu quase não sou mais bem-vinda no coven do sul.”

“E quanto a Annabelle?” Maude sugere, estalando os dedos. “Duvido que ela tenha encontrado outra bruxa pronta para abortar seu pequeno acidente. Você poderia usar isso como uma entrada.”

“Maude, eu literalmente a joguei para fora do boticário pelos cabelos da última vez. Ela não vai me ajudar e eu com certeza não confio nessa cadela.”

“Bem, você não precisa confiar nela para manipulá-la.”

“Você é um pequeno fantasma conivente, não é?”

“Malditamente certo, eu sou. Ajudante, lembra?” Ela retruca presunçosamente.

Todos os caras me encaram com perplexidade, e eu rapidamente dou de ombros. “Maude acabou de sugerir uma bruxa de coven que veio até mim algumas semanas atrás para pedir ajuda. Eu tenho vantagem com ela. As bruxas são muito reservadas sobre seus grimórios, então não será fácil entrar. Mas não consigo pensar em outra maneira.”

Luther bate a mão na mesa, assustando a todos. “Eu não vou deixar você fazer isso por nós, baixinha. É muito perigoso. Este coven pode matá-la em um instante, e acabamos de te trazer de volta. Não vou perder você de novo.”

“Se eu não fizer nada, não sobrará nada de Reaper's Hollow.”

“Eu pensei que você não se importava com a cidade?” Ele joga de volta.

“Maldição, Luth. Pare de torcer minhas malditas palavras. Eu me importo com vocês três, não com alguns humanos caloteiros. Mas não sou sem coração. Essas pessoas não merecem sofrer por causa das minhas ações.”

“Isso é besteira,” Atticus fala.

“Com licença?”

“Você não se importa conosco ou com esta cidade.” Sua expressão está cheia de ódio. “Por que você ainda está aqui? Você saiu uma vez antes. Apenas deixe-nos lidar com nossa própria merda.”

“Eu sou a única que pode ajudá-lo!”

“E alguém pediu para você fazer isso, porra?”

“Seu irmão fez, na verdade,” eu respondo com veemência. “Ele sabia que só eu poderia ajudá-lo. Por isso voltei.”

Uma pesada nuvem de tensão desce sobre a sala. O rosto de Atticus fica vermelho de raiva, me confundindo ainda mais. Quando ele olha para Luther, é com um nível de raiva que não reconheço do garoto que conheci.

“Você contou para ela?”

“Me contou o quê?”

Atticus me ignora. “Como você pôde, porra? Depois de todo esse tempo? Eu confiei em vocês dois.”

“Nós não dissemos nada a ela,” Luther murmura com vergonha. “Eu pedi a ela para ajudar a salvar Reaper's Hollow, é isso.”

Kody acena com a cabeça, apoiando Luther.

“É melhor alguém me dizer do que você está falando.” Olho entre os três. “O que exatamente estou perdendo aqui?”

Atticus anda pela sala até que ele está na minha cara, cada pedaço de ressentimento fácil de ver em seus olhos. Só que não parece ser dirigido a mim. Estou olhando para um poço sem fundo de auto ódio.

O que diabos aconteceu com meu doce menino?

“Fale comigo, Atti,” eu imploro.

“Você deveria esquecer tudo sobre nós,” ele retorna em um sussurro agonizante. “Não merecemos nada melhor.”

Estendo a mão para acariciar os círculos escuros de miséria sob seus olhos cinza-prateados. Seu cabelo preto atinge seu queixo agora, os cachos caóticos refletindo o homem em conflito dentro dele.

Atticus estava sempre zangado e incompreendido. Seu lugar como filho do meio preso entre seus irmãos e os punhos de seu pai o condenou assim. Eu era a única que conseguia chegar a ele quando ele ficava furioso demais para falar.

“O que você fez?” Eu pergunto desesperadamente.

Seus olhos fecham. “Eu não valho a pena ser salvo, baby.”

“Eu serei a juíza disso. Todos merecem uma chance, até os vilões. Nem todos podemos ser heróis e salvadores.”

“E se eu machucar as pessoas?”

“Eu não me importo. Não vou deixar você ir tão facilmente. Todos nós machucamos as pessoas. Alguém tem que fazer o trabalho do Diabo.”

Os vapores de álcool que exalam dele são fortes o suficiente para provar. No entanto, não consigo pensar em nada além de fechar os centímetros entre nós e provar seus lábios rachados. Os outros não sabem disso; tem sido nosso pequeno segredo há anos, mas eu beijei Atticus antes.

Simplesmente aconteceu.

Desajeitados e confusos, dentes se chocando e desculpas sussurradas quando finalmente nos separamos. Luther estava ocupado cuidando de Kody depois de uma noite particularmente brutal.

Atticus optou por me levar para casa naquele dia quando terminamos de sair. Sob a hera que eu costumava escalar para voltar, ele pegou minha mão e me disse como estava feliz por eu ter me mudado para a cidade.

Olhando para Atticus agora, quase posso ver as memórias dançando em seus olhos. Essa pessoa doce e profundamente amorosa que costumava brilhar através de suas palavras e música.

Eu me pergunto se ele se lembra daquela noite.

Pelo jeito que ele está olhando para mim… acho que sim.

“Por que você correu?” Ele desafia.

“Eu sinto muito. Nunca quis te machucar.”

“Mas eu... foda-se, Em. Eu precisava de você,” ele finalmente admite. “Eu precisava de você e você não estava aqui.”

Tão rápido quanto chegou, o lampejo de vulnerabilidade em seu rosto é esmagado. Atticus dá uma última olhada em mim, os lábios se torcendo em uma careta de ódio. Eu não o paro enquanto ele foge da sala sem outra palavra. Há um oceano de arrependimento entre nós, e eu não posso atravessá-lo sem me afogar.

“Deixe-o esfriar,” aconselha Luther.

“Não importa. Ele tem permissão para ficar bravo.”

“Então o que acontece agora?” Kody muda de assunto.

Contemplo os dois, mas minha decisão já está selada. O desgosto que está destruindo Atticus me deixou sem outra escolha.

Esta é a minha bagunça. Não sei o que eles estão escondendo de mim, mas isso não muda nada. Eu tenho que consertar isso. Tenho que *consertá-los.*

“Eu vou para casa e farei algumas escavações,” eu respondo. “Verei o que posso descobrir e entrar em contato com a bruxa do coven. Voltarei quando tiver respostas.”

“Eu vou com você,” Luther diz imediatamente.

Eu balanço minha cabeça. “Preciso fazer isso sozinha. Você vai ter que confiar em mim. Apenas esteja seguro e faça o que o demônio exigir de você. Não antagonize ainda mais.”

“Eu não gosto disso. Você não deveria estar sozinha.”

“Eu posso cuidar de mim,” eu asseguro-lhes. “E quando eu voltar, vamos acabar com isso para sempre. Você tem minha palavra.”

CAPÍTULO DEZ

Luther

Vasculhando o Leila's Bar, observo os frequentadores e qualquer um fora do comum. É uma noite normal de sábado em Reaper's Hollow, mas isso não é garantia de segurança. Tem sido uma semana longa e cansativa desde que Emery partiu, prometendo voltar com respostas.

Ela manteve contato com as estranhas mensagens de texto, mantendo sua promessa de voltar. Eu gostaria de acreditar nela. Estou tentando o meu melhor para me manter sob controle, mas a necessidade de arrastá-la de volta para cá e acorrentá-la à minha cama é esmagadora.

Ela nunca mais vai embora, mesmo que ela queira.

Não agora que tivemos um gostinho do que poderia ser.

Acho que no fundo, eu sempre quis mais. Naquela idade, eu simplesmente não sabia. Quando você é criança, tudo parece tão permanente. Achei que seríamos amigos para sempre. Agora, eu sei melhor. Eu a quero e não tenho o hábito de me negar nada. Não dou a mínima para o que Atticus pensa; ele pode deixar suas besteiras de lado. Ela pertence aqui conosco.

Atrás do bar, eu me jogo e ajudo Kody com a loucura. Nossos outros garçons, Lewis e Hope, já estão se afogando em pedidos. Uma coisa que esta porcaria de cidade não tem falta é gente querendo beber até morrer cedo.

“A torneira está quebrada novamente.” Kody suspira, estudando o mecanismo quebrado. “Devemos chamar o mecânico de volta. Ele fez um trabalho de merda para consertar isso.”

Eu me agacho ao lado dele. “Droga.”

Uma nova voz fala. “Talvez precise do toque de uma mulher.”

Nós dois olhamos para cima da bagunça, localizando um rosto pálido cheio de alegria olhando para nós. Cabelos negros e brilhantes emolduram os lábios roxos profundos, seus olhos brilhantes realçados por um delineador imaculado. Emery parece boa o suficiente para devorar inteira, mesmo em sua personalidade gótica completa. Alívio ameaça me afogar quando ela pula sobre o balcão, curvando-se para beijar minha bochecha.

“Vocês sentiram minha falta?”

“Emmy!” Kody sorri.

“Ei, ninja. Você quebrou a torneira?”

“Não.” Ele faz beicinho. “Luther, diga a ela.”

“Ele quebrou totalmente,” eu provoco, ganhando um olhar.

Apesar da multidão de clientes, eu rapidamente puxo Emery no meu colo. Ela me encara com aqueles olhos de corça, cheios de falsa inocência. Seu vestido está coberto de rosas vermelhas rendadas, mostrando muito de suas pernas torneadas e convidativas.

“Você voltou,” murmuro, meus lábios arrastando até a inclinação de seu pescoço.

Emery estremece. “Você não acreditou em mim?”

Ela grita quando Kody a rouba do meu colo, prendendo-a contra o bar. Há uma série de assobios do grupo de apostadores que nos observam.

“Seu histórico é uma merda,” ele cumprimenta, surpreendendo-a com um beijo estalando os lábios. “Bem-vinda em casa.”

“Eu saio por cinco minutos, e tudo vai para a merda.” Ela o empurra de lado para estudar a torneira jorrando. “Você deveria demitir seu mecânico e contratar uma bruxa. Que sorte que eu estou aqui!”

Com algumas palavras, o metal volta ao lugar, interrompendo o vazamento. Emery verifica se ninguém viu seu truque antes de me poupar uma piscadela acalorada.

“Espero o pagamento integral. Eu não aceito casos de caridade.”

“Oh, eu vou fodidamente te pagar,” eu ameaço.

“É melhor você fazer, grandalhão.”

“Arranjem um quarto, pessoal,” Kody reclama.

Ignorando-o, eu inclino o queixo de Emery para cima, expondo seus lábios pintados aos meus. “Pare de ser uma espertinha e me beije, baixinha. A vida tem sido tranquila sem você.”

“Por que você não me leva ao seu escritório para discutir mais sobre esse pagamento, Sr. Alexander?”

Eu olho para Kody, e ele acena para mim. “Vá, eu tenho isso.”

Agarrando a mão de Emery, deixamos as massas bêbadas para trás. O baixo da música nos segue até meu escritório na parte de trás do prédio, longe da vista. Eu empurro Emery na escuridão antes de acender a luz e entrar. Meu pau já está doendo por atenção. É hora de mostrar a ela exatamente como eu gosto de jogar.

“Parte de mim se perguntou se você voltaria.”

Seus lábios torcem. “Eu provei para você?”

“Ainda não, anjo.”

Apoiando-a contra a parede nua de tijolos, pressiono seu corpo doce contra o meu. Seus seios ameaçam se libertar de seu vestido sob camadas de colares e tatuagens intrincadas e rodopiantes. Eu amo seu estilo e roupas mais do que tudo. Ela não finge ser algo que não é – é revigorante. Nunca conheci outra mulher como ela.

“Você arriscou sua vida voltando aqui para nos ajudar.”

“Acho que sim,” ela se protege.

“Se você tivesse escolhido ficar longe... eu teria entendido. Mesmo que isso significasse perder minha segunda chance com você.”

Emery cobre minha bochecha coberta com barba. “Posso estar arriscando minha vida por estar aqui, mas percebi algo na minha viagem.”

“O que é isso?”

“O boticário não é minha casa. Sempre foi temporário.”

“É assim mesmo?”

Seus lábios deslizam sobre os meus enquanto sua mão se esgueira pelo meu corpo, segurando meu pau endurecido através do meu jeans. Suprimo um grunhido, conseguindo manter um mínimo de controle.

“Eu quero essa segunda chance também, Luth. Eu não vou ficar aqui e mentir sobre meus sentimentos. Não somos mais crianças. Eu pertenço onde quer que vocês três estejam.”

Eu levanto uma sobrancelha. “Nós três?”

Emery acena. “Eu cometi erros. Pretendo corrigi-los. Meu contato no coven concordou em me deixar entrar durante a cerimônia da lua cheia na próxima semana, quando o resto das bruxas estiver distraída.”

“Parece perigoso.”

“Bem, é uma coisa boa eu ter um ex-melhor amigo alto, bonito e sexy como o pecado para me ajudar, não é?”

Eu pressiono minha ereção nela, mostrando o quanto eu a quero. Entre mim e a parede, Emery está presa sem ter para onde correr. Exatamente como eu a quero. Vulnerável. Presa. Totalmente e inteiramente à minha mercê.

“E se eu quiser ser mais do que apenas seu ex-melhor amigo?” Eu pergunto suavemente.

Seus lábios se abrem em um sorriso quase predatório. “Por que você não me mostra exatamente o que você quer ser,

e eu tomo essa decisão? Preciso de um pouco mais de convencimento."

"Oh, eu vou convencê-la, anjo. Cansei de jogar bonito. Eu gosto de jogar duro, e não brinco. Você está pronta para mim?"

"Claro que estou," ela responde, sorrindo.

"Diga sim, por favor... Daddy."

Eu vejo a surpresa em seus olhos antes que ela solte um suspiro ofegante, pressionando suas coxas juntas.

"Por favor, Daddy. Estou pronta."

"Um anjinho tão bom, não é?"

Deixando-a contra a parede, eu alcanço a gaveta de cima da minha mesa para pegar um par de algemas de prata. Os olhos de Emery se arregalam quando eu as giro em minhas mãos.

"Você vai jogar bem?"

"Eu não sou uma boa garota," ela responde.

"Eu não sei disso. Me dê suas mãos."

Pressionando um beijo na veia latejante em seu pulso, estico seus braços para cima para encontrar o cano de água de aço. Ela está esticada na ponta dos pés, já estremecendo.

"Isso dói?" Eu questiono.

"Sim."

"Perfeito."

As algemas prendem seus pulsos ao cano, prendendo seus braços bem acima da cabeça. Seus pés agora mal arranham o chão, deixando-a exposta e completamente impotente.

“Muito melhor.” Eu corro o polegar sobre seus lábios. “Eu vou testar seus limites, anjo. Mas não precisamos de uma palavra segura. Quer saber por quê?”

“Sim, Daddy.”

“Porque eu não dou a mínima se você quiser parar. Eu não me importo se doer, ou se você estiver com medo de mim. Você nos deixou para trás, e eu nunca senti dor como essa. Eu quero que você sinta essa dor agora.”

Eu a puxo para um beijo selvagem, todo dentes e língua, mais violência do que amor terno. Emery morde meu lábio com força suficiente para tirar sangue, lutando comigo por cada pedaço de controle.

Envolvendo uma mão em torno de sua garganta esbelta, eu acaricio meu polegar sobre seu pulso. Quando ela tenta dominar nosso beijo novamente, começo a apertar. Eu tenho sido legal até agora, mas cansei de ser o mocinho.

“Eu disse que você podia respirar, porra?” Eu rosno.

Ela não pode responder, é claro. Perfeito.

Estou tão bravo com ela por sair.

Inferno, estou furioso por ter passado os últimos treze anos assistindo ao tormento de meus irmãos, sabendo que ela estava lá fora também... sofrendo e sozinha.

Tudo parece tão fútil.

Tanto tempo perdido.

Vou compensar isso agora.

Eu arrasto minha língua em sua garganta. “Eu vou te foder até você gritar meu nome para todo o bar ouvir. Descarte isso, toda a maldita cidade. Vou acordar o Diabo se for preciso.”

Levantando a bainha de seu vestido preto curto, desnudo sua calcinha rendada, junto com aquelas meias sensuais que ela insiste em usar. Dobradas no elástico estão três facas afiadas.

Eu pego uma, testando a lâmina. “Você gosta de brincar com facas, anjo? Me responda agora.”

“Sim, Daddy.”

“Do que mais você gosta?”

Esfregando os pulsos em carne viva nas algemas, ela solta um som de lamento. “Eu não gosto disso lento e constante, Luth.”

“Diga-me como você gosta, então.”

A escuridão sufocando minha alma é refletida de volta para mim em seu sorriso sinistro, buscando o mesmo castigo doentio que eu.

“Eu quero que você me foda como se você me odiasse. Faça-me doer e gritar. Faça-me implorar por misericórdia, Luth, e você poderá possuir o que resta do meu coração negro.”

Suas palavras me queimam, me consumindo por chamas invisíveis. Estou desesperado para estar dentro dela. Largando as outras duas facas sobre a mesa, toco o delicado chiffon de

seu vestido. Antes que Emery possa protestar, eu o corto no meio, rasgando-o.

“Não é como se eu quisesse ficar com este vestido.”

Eu dou um tapa forte em sua bunda. “Cale-se.”

Cortando sua calcinha em seguida, eu jogo os pedaços por cima do meu ombro. Ela é deixada nua, pendurada como uma presa esperando para ser consumida. Eu arrasto meus dedos sobre a inclinação de seu estômago, alcançando sua boceta rosa perfeita. Ela já está absolutamente encharcada.

“Deixe-me provar essa boceta molhada.”

Caindo de joelhos, beijo suas dobras antes de deslizar minha língua em seu calor. Ela tem gosto do céu, sua essência dançando na minha língua.

Emery choraminga quando eu circulo sua boceta com a lâmina afiada, meus dentes roçando seu clitóris. Virando a faca, eu seguro cuidadosamente a ponta da lâmina, levando o cabo preto incrustado com pequenas caveiras de diamantes para seus lábios.

“Abra bem agora. Faça o que Daddy lhe disser, Em.”

Ela obedece, levando o cabo da lâmina na boca. Então eu o empurro entre suas pernas, provocando sua abertura. Emery grita quando eu deslizo o cabo para dentro, mantendo a ponta afiada longe de sua carne.

Usando minha outra mão para beliscar seu clitóris, eu a fodo com a faca de arremesso. Não demora muito para que ela choramingue até que desmorona. Eu a vejo ofegar e descer de seu orgasmo enquanto desafivelo meu cinto.

“Você fica linda pra caralho quando goza.”

Correndo a lâmina pela inclinação de seu estômago, eu a pressiono. Minha boca enchendo de água quando vejo o sangue carmesim manchar sua pele. Arrastando meu polegar pela bagunça, eu o trago à minha boca.

“Qual é o meu gosto?” Ela pergunta curiosa.

“Você tem gosto da minha salvação, Emery Lockwood.”

Abro o zíper do meu jeans e aperto meu comprimento, usando minha mão machada de sangue. Quando esfrego meu pau em sua preciosa essência, manchando-o de vermelho, seu olhar queima com interesse.

“O que mais você pode fazer com essa faca?”

Porra, essa garota.

Ela é perfeita demais para mim.

“Depende. Você confia em mim?”

Emery acena. “Com a minha vida.”

“É com isso que você está apostando, anjo.”

Tirando minha camisa sobre a cabeça, eu jogo de lado o resto das minhas roupas. Emery me come com os olhos e quando ela lambe os lábios, eu dou um aperto forte no meu pau.

“Eu quero um gosto.”

“Ainda não,” eu repreendo. “Esperei treze anos para foder você duro. Foda-se o inferno se eu estou dando a você algum poder aqui.”

Emery mostra sinais de resistência, assobiando de frustração e puxando as algemas. É uma visão gloriosa. Seus pulsos vão sangrar muito cedo se ela continuar assim.

“Você não pode escapar,” eu aponto.

“Argh! Foda-se, Luther.”

“Você me deixou de joelhos quando partiu. Pretendo fazer o mesmo com você, não o contrário.”

Arrastando meu dedo pelo sangue ainda escorrendo por seu estômago, eu o movo para baixo, espalhando o líquido em seu clitóris brilhante. Emery arqueia as costas enquanto ela geme. Enfiando um dedo dentro de sua boceta, ela se contorce no ar, desesperada por mais.

“Você está pronta para o meu pau?”

“Eu vou chutar sua bunda quando você me libertar.”

Eu bato em seu traseiro novamente, mais forte desta vez, saboreando seu grito agudo de choque. Apesar de sua bravura, ela está tremendo de necessidade cada vez que eu a toco.

“Peça desculpas ou eu vou embora,” eu aviso.

“Desculpe, Daddy,” ela recita obedientemente.

Agarrando uma gravata da minha mesa do outro dia, eu brinco com o material sedoso em minhas mãos. Emery fica parada enquanto eu enrolo em volta de sua cabeça, dando um nó antes de cobrir os olhos.

“Melhor. Agora você realmente está impotente.”

A dor atinge minha têmpora quando um lápis voa pela sala, caindo no chão. Eu rosno, envolvendo a mão em volta da garganta de Emery.

“Isso foi você? Tentando ser inteligente, hein?”

“Não, Daddy.”

“Eu não acredito em você, porra.”

Emery fica lá sem uma pista de quando meu próximo toque virá. Eu posso ver isso deixando-a louca. Agarrando a faca novamente, eu arrasto suas pernas para cima, deixando-as enrolar em volta da minha cintura. Quando a lâmina pressiona contra sua garganta, ela engasga.

“Sente isso?” Eu sussurro.

“Sim, Daddy.”

“Há uma faca em sua garganta, anjo. Um deslize e...”

Eu pressiono com força até que o cheiro de seu sangue seja liberado no ar, já escorrendo por seu pescoço.

“Você vai ficar bem quieta para mim agora. Eu não quero te matar. Ainda temos muita diversão para ter.”

Mantendo-a no lugar por sua garganta, encontro sua boceta ainda mais molhada do que antes. Suas pernas já estão tremendo. Sem aviso, eu empurro dentro de sua doce boceta, buscando o ângulo mais profundo.

“Maldição, Em. Você se sente muito bem.”

Eu começo a me mover dentro dela, perseguindo cada faísca de eletricidade que estoura entre nós. Emery permanece presa na ponta da faca, a lâmina ainda pressionando em sua

garganta. A ameaça é real; não seria nada divertido se eu não estivesse realmente segurando a vida dela em minhas mãos.

É o suficiente para mantê-la sangrando e complacente sem acabar com sua vida. Balançando à beira do desconhecido, assim como todos nós temos estado desde que ela desapareceu. Nunca sabendo quando a tortura chegará ao fim.

“Eu gosto de ter sua vida em minhas mãos,” eu admito asperamente.

“É sua,” ela chora.

Aumentando meus impulsos, saboreio cada gemido de prazer que escapa de seus lábios. Eu posso sentir sua magia no ar, zumbindo através de sua pele macia. Tem gosto de chuva fresca de verão e as brasas de uma fogueira. O calor familiar toma conta de mim, me acolhendo em casa.

Não há dúvida da intensa conexão que temos. Ela sempre foi minha, e eu morreria antes de deixá-la fugir do nosso destino novamente. Eu vou levá-la chutando e gritando se for preciso. Talvez eu gostasse disso, e ela também.

Sangue escorre por seus seios em riachos perfeitos e eu belisco seu mamilo manchado de vermelho, apertando meu polegar nele. Emery morde o lábio quando eu alcanço seu corpo para acariciar suas nádegas espancadas.

“Vamos ver o quão apertado este buraco é, certo?”

Meu polegar empurra dentro de sua bunda e Emery não pode reprimir um gemido. Suas pernas apertam ainda mais minha cintura enquanto eu brinco com sua entrada de trás, usando o sangue como lubrificante.

“Você gosta disso?”

“Sim,” ela grita. “Eu quero mais.”

“Tão impaciente. Você vai ter que ganhar isso.”

Aliviando a faca em sua garganta ligeiramente, eu começo a bater nela implacavelmente. Eu quero quebrá-la, prejudicá-la para qualquer outro homem e manter os pedaços irregulares para mim. Emery joga a cabeça para trás enquanto se perde nos golpes impiedosos, apreciando cada impulso punitivo tanto quanto eu.

Eu posso sentir sua magia crescendo selvagem enquanto ela começa a perder o controle. A lâmpada acima de nós se quebra quando seu orgasmo finalmente chega. A explosão de vidro cobre nossos corpos suados, mas continuo perseguindo aquele feixe de luz no fim do túnel, sentindo meu próprio clímax iminente começar a chegar.

“Luther,” ela canta.

“Eu vou marcar meu nome em sua bunda apertada para que todos aqui saibam a quem você pertence. Meus irmãos e eu somos *seus donos,* Emery Lockwood.”

Grunhindo através do meu clímax, deixo a lâmina cair no chão. Eu tenho que tomar um momento para recuperar o fôlego. Emery está pendurada lá, todo o seu peso pendendo nas algemas.

“Aqui, eu vou te soltar.”

Com as algemas destravadas, ela cai em meus braços. Eu pressiono vários beijos gentis em seus pulsos danificados, caminhando até a mesa para sentá-la. Emery abre os olhos, inspecionando o sangue que cobre todo o seu corpo.

“Maldição, Luth.”

Eu soltei uma risada. “Você queria duro.”

“Ei, não há queixas aqui.”

Agarrando a caixa de lenços no final da mesa, ela pressiona um punhado na garganta para parar o sangramento. Eu a observo enquanto coloco minha boxer de volta. Aqueles olhos azuis da meia-noite encontram os meus, e fico surpreso com a dor que apodrece ali.

“Eu nunca deveria ter ido embora,” ela admite depois de um momento de silêncio.

“Olha... Em. A verdade é que estou feliz que você tenha feito isso.”

Ela franze a testa para mim, mágoa escrita em sua expressão.

“Se você não tivesse, talvez tivéssemos sido amigos para sempre,” explico apressadamente. “Perder você me fez perceber o quanto eu queria você.”

“Fez?”

“Agora sei como é um mundo sem você nele, e farei qualquer coisa para impedir que isso aconteça.”

“Sabe, eu nunca pensei em você como um velho romântico.”

Pisando entre suas pernas, eu beijo a ponta de seu nariz. “Eu sou um idiota com todos, menos com você. Arrume-se e venha tomar uma bebida na frente.”

“Se importa se eu pegar emprestado seu chuveiro primeiro?”

“Talvez eu goste de ver você suada e coberta de sangue,” eu sussurro sombriamente. “Eu gostaria de ver você coberta com minha porra da próxima vez. Escorrendo por seu queixo uma vez que eu termine em sua boca ou cobrindo esses lindos seios.”

“Quando você se tornou um filho da puta tão sujo?”

“Eu sempre fui, baixinha. Você nunca ouviu meus pensamentos em voz alta naquela época.”

Há uma breve batida na porta antes que ela se abra. Emery se encolhe, tentando esconder os seios com os braços, enquanto uma cabeça familiar de cabelo preto vira a esquina.

“Precisamos de uma mão…”

Atticus para abruptamente, sua boca tão aberta que é quase cômico. Em vez de tentar encobrir o óbvio, coloco Emery ao meu lado, oferecendo-lhe um sorriso brilhante.

“Se importa em nos dar um segundo, mano? Em está um pouco quente e incomodada agora. Ela precisa se limpar bem rápido.”

Ela guincha, me lançando um olhar incrédulo.

“Eu posso ver isso,” Atticus responde, seu tom ártico. “Não me deixe interromper sua diversão. Não sabia que você estava passando a prostituta ao redor agora. Nós vamos nos virar bem sem vocês dois.”

Batendo a porta atrás dele, ele deixa um silêncio atordoado para trás. A testa de Emery bate no meu peito.

“Agora ele vai me odiar ainda mais.”

Espero a moeda cair, mas ela ainda não entendeu. Como alguém tão forte e formidável pode ser tão cega para o que está bem na frente dela? Escovando meu polegar ao longo de sua bochecha, eu consigo um sorriso irônico.

“Acho que você vai descobrir que ódio não é a palavra certa para isso.”

“Então o que é?”

“Você é fofa. Vou deixar você descobrir. Vamos, vamos nos limpar. Esta noite, beberemos até cair. Amanhã, nos preocupamos com demônios, magia e fogo do inferno. Parece bom?”

Emery sorri. “Aos-homens-do-caralho por isso.”

CAPÍTULO ONZE

Emery

Com as mãos nos quadris, observo o cemitério, ainda envolto nos resquícios da escuridão enquanto o sol começa a nascer. Raios brilhantes de luz cortam a névoa sufocante.

Eu escapei do apartamento depois de me revirar a noite toda no sofá, recusando a oferta bêbada de Luther de dormir em sua cama em favor de alguma pesquisa tarde da noite. Não há nada útil nas páginas dos meus grimórios, mais de uma década de pesquisa que revestem o pesado pergaminho.

Convocar um demônio é uma coisa, mas bani-lo de volta para as profundezas do Inferno é uma questão totalmente diferente. Essas são criaturas fortes e aterrorizantes - elas não atendem às nossas exigências, meros mortais, nem mesmo bruxas.

Na minha mão, os restos amassados de outra carta pesam muito. Ela estava esperando na porta enquanto eu escapava, cada palavra pintada em sangue carmesim escuro. Outro aviso projetado para me assustar.

Para a herdeira Lockwood.

Mate uma bruxa de coven à meia-noite, ou três inocentes morrerão.

Eu avisei você para ficar longe.

Este filho da puta não está brincando. Matar uma bruxa de coven e me expor depois de me esconder por tanto tempo é

uma maneira infalível de ser executada. Azazel sabe que sou a única que pode desafiar seu governo, então ele está tentando me tirar da disputa. É uma jogada inteligente.

Bem, notícias de última hora.

Eu odeio que me digam o que fazer.

Caminhando pelas lápides, chego ao mausoléu no canto mais distante. Há muito tempo foi pichado e abarrotado de latas vazias, embalagens de drogas e agulhas descartadas, mas já foi um lugar de solidão para mim.

Agachando-me na grama úmida, abro a carta na minha frente. Deslizando uma das minhas facas do meu bolso em seguida, eu trago a lâmina para a palma da minha mão, cavando fundo o suficiente para picar.

A carícia escura e tentadora da magia já está lambendo minhas entranhas. Apertando o punho, meu sangue pinga na carta, manchando o pergaminho amarelo em violentos tons de vermelho.

Deixe o malvado filho da puta vir atrás de mim.

Já enfrentei monstros antes, não tenho medo.

Usando meu dedo indicador para pintar a estrela de cinco pontas, a ponta norte é invertida. Há poder nesses símbolos, imbuídos de milhares de anos de magia negra. Além disso, pinto o Sigilo de Baphomet. É por isso que eu precisava fazer isso sozinha.

É um dos símbolos mais notórios conhecidos pelo mundo humano. Os satanistas roubaram o sigilo das bruxas das trevas séculos atrás, usando-o para seus próprios meios de adoração ao Diabo. Em nosso mundo, é uma fonte de grande

poder e uma ligação direta com o submundo. Meu sangue bombeia com magia infernal, alimentando meu poder. Eu posso tocar nela.

Mantendo meus olhos a meio mastro, levo meu dedo molhado aos lábios, sentindo o gosto acobreado do sangue. A eletricidade causa espasmos em meus membros sob o peso de uma tempestade que se aproxima.

“Tome meu sangue como pagamento por esta troca,” eu recito para o ar vazio. “Eu procuro invocar o demônio, Azazel.”

Abaixo do símbolo, uso meu sangue para pintar o nome dele em runas. As marcas ásperas refletem as tatuagens que vão da base da minha cabeça até a parte inferior da minha coluna, traduzidas do latim.

Flectere si nequeo superos, acheronta movebo.

Se não posso dobrar a vontade do Céu, moverei o Inferno.

Segurando minha mão esquerda sobre a carta, eu me conecto aos fios de magia fervendo no meu sangue derramado. Em um instante, as gotas chiam e evaporam, absorvidas pela página antes de explodir em chamas roxas.

“Deixe-me ver além do véu na escuridão que espera.”

O sol que começava a espreitar no horizonte é engolido inteiro por uma nuvem de cinza espessa e sufocante. Ela cobre o mundo em tons cáusticos de cinza, enquanto o vento gelado morde minha pele.

Existem camadas neste mundo que chamamos de lar, como camadas de tinta, percepção e realidade como a conhecemos em uma pintura elaborada. Apenas aqueles com magia podem ver além da linha de visão mortal.

O cemitério continua o mesmo, mas também diferente. Toda a vida foi sugada da vegetação que envolve esta galeria da morte em segurança, deixando as árvores despidas e nuas, a grama morta e murcha. Entre as lápides, passos se aproximam.

“É um movimento ousado você me convocar, pequena bruxa.”

A voz é como as pontas dos dedos da morte açoitando minha pele. Olhando para cima, encontro o demônio esperando. Ele está vestindo uma fachada cuidadosamente selecionada, a casca agora vazia de um belo homem de meia-idade.

“Não conseguiu me encarar em sua forma natural?”

Azazel estuda suas mãos humanas. “Tenho que tomar precauções. Eu gostaria de evitar um rosto cheio de água benta novamente.”

“Com medo de uma bruxa das trevas humilde?”

“Não estou familiarizado com o medo,” ele retruca. “Achei que você apreciaria meu último anfitrião. Ele é um belo espécime.”

“Devo ficar lisonjeada por você estar tentando me impressionar?”

Passeando pelo cemitério, Azazel me olha da cabeça aos pés. Eu luto contra o desejo de me cobrir, encarando-o de frente.

“Estou preso aqui desde que você se manifestou, Lockwood. Você não ficou por perto para brincar. Eu tive que me divertir.”

“Preso aqui?”

O sorriso vicioso de Azazel se alarga. “Você pulou para o pôr do sol, cheia de poder roubado. Acho que não devo reclamar. Não faltam almas maduras para eu me banquetear.”

Meus piores medos são comprovados. Eu fiz isso. Ao drenar o poder das almas estéreis da minha família, rasguei uma ferida sangrenta no tecido da realidade. Foi isso que permitiu que esse monstro escapasse. O véu deve ter se fechado quando a transferência foi concluída, deixando o demônio preso aqui no mundo mortal.

“Não tenha medo, pequena bruxa. Quando terminar, encontrarei outro lugar para habitar e consumirei toda a magia de lá também. Você pode ficar com o que resta deste lugar quando eu terminar.”

“Este mundo não é seu próprio experimento pessoal.”

“Não é?” Azazel ri cruelmente. “Humanos torturam e matam por esporte. Sangue, morte e destruição estão em sua natureza.”

“Você está errado.”

“Pobre e tola bruxinha. As criaturas humanas deixaram você mole?” Ele olha de soslaio. “Você envergonha o antigo poder concedido a você com sua fraqueza.”

“Eu não tenho pena deles,” eu estalo com raiva. “Não tome minha compaixão por fraqueza, demônio. Já acabei com tantas vidas quantas salvei. Eu acredito em equilíbrio, não em abate.”

“Então você é uma tola. A matança é tudo o que existe. A vida sempre nasce do derramamento de sangue. A destruição vindoura será uma misericórdia para esses miseráveis.”

“Não,” eu declaro.

“Não? Você pretende se opor a mim?”

Sacudo minhas mãos formigantes, a magia esperando implorando para ser liberada. Um tiroteio com um demônio seria uma maneira impressionante de morrer, mas tenho trabalho a fazer. Ele não pode ter minha alma ainda.

“Eu não vou deixar você consumir esta cidade ou as pessoas nela,” digo a ele. “Os jogos e as ameaças param. Não há mais assassinatos. Ou posso mandá-lo de volta para onde você veio.”

Azazel me avalia, um brilho sobrenatural iluminando seus olhos humanos roubados. “Você não sabe como me banir, sabe? Caso contrário, não estaríamos tendo essa conversa. Ameaças vazias são uma coisa perigosa.”

“Considere este *seu* aviso final. Reaper's Hollow e todos os seus habitantes estão sob minha proteção. Eu lutarei esta guerra contra você e vencerei.”

Aproximando-se o suficiente para eu sentir o cheiro espesso de morte que marca a presença de um demônio, Azazel abre os lábios em um sorriso diabólico, confiante demais para o meu gosto.

“Você ainda não sabe a verdade, não é?” Ele pergunta.

“Sei o que?”

Sua risada faz minha pele arrepiar com nojo.

“Eu ouvi histórias sobre a bruxa das trevas, herdeira do império Lockwood, fugindo por sua vida de um coven com a intenção de queimá-la viva. Esperava mais de você.”

“Que verdade?” Eu ralo fora.

“Vou ver você em breve. Não se esqueça do meu aviso. A meia-noite se aproxima.”

“Eu me recuso a matar uma bruxa de coven para satisfazer sua depravação.”

“Então você vai ver três humanos se despedaçando,” Azazel sussurra, expondo a besta babando dentro. “E mais três amanhã, e mais três no dia seguinte.”

“Você não está no controle aqui.”

“Vou arrastar esta cidade para as profundezas do inferno e emergir das cinzas para abrir sua alma enegrecida, depois que você assistir todos que amava perecer.”

“Que assim seja,” eu respondo simplesmente. “Então que comecem os jogos.”

“Vejo você em breve, bruxinha.”

Nossa reunião termina abruptamente quando o cemitério desolado derrete. Sol brilhante e céu azul emergem, me arrastando de volta ao mundo humano. Eu caio de joelhos, fraca demais para permanecer de pé após o esforço de me segurar em outro reino. Sangue está pingando do meu nariz e orelhas, misturando-se com o chão abaixo de mim.

Eu ameacei seriamente um demônio poderoso com uma guerra?

Eu sou maluca? Ou tenho um desejo de morte?

“Merda,” eu amaldiçoo em voz alta. “Deveria ter ficado na cama.”

Pressionando um lenço de papel no meu nariz sangrando, as implicações do que aconteceu me atingem. Mais três pessoas vão morrer esta noite. Não importa o que alguém diga, suas mortes estarão na minha cabeça.

Eu trouxe o demônio para este mundo para pilhar e causar estragos através da minha própria estupidez e ganância. Eu sou responsável por todo o mal que aconteceu.

Pensei que eu me odiava antes.

Esse sentimento é infinitamente pior.

CAPÍTULO DOZE

Emery

Quando eu volto para o bar, a lua quase cheia está alta no céu. Estou bêbada como um maldito gambá e estou amando demais.

Bruxas e álcool não tendem a se misturar. Inibições reduzidas e magia não são uma boa combinação. Mas se eu fosse enfrentar os caras de novo, sabendo que sou a razão pela qual suas vidas estão sendo arruinadas, eu não estava fazendo isso sóbria.

Empurrando pelas portas, encontro o bar lotado, outra noite de devassidão em pleno andamento. Lewis está de volta atrás do balcão com Hope, a garçonete bonitinha com um bom gancho de direita quando os clientes agarram sua bunda. Andando com as pernas instáveis, eu me apoio no bar, sinalizando para ela.

“Meu Deus, Emery. Você teve muito licor.”

“Insuficiente. Vou pegar uma garrafa de Jack, pule o copo.”

“Tem certeza? Luther estava andando por aí mais cedo, jurando bater em sua bunda até a submissão. Ele está procurando por você.”

“É uma coisa boa que eu sou excelente em me esconder, então, não é?” Tomando a garrafa dela, eu engulo avidamente. “Onde estão os outros?”

Ela gesticula para trás. “Kody está de babá e Atticus está no fundo de uma garrafa. Boa sorte, Chica. Tenho bebidas para servir.”

Eu percorro o caos de corpos amontoados e idiotas bêbados, encontrando os dois irmãos no canto mais distante. Maude está descansando com eles, embora invisível. Kody fica de pé, acusação pintada em seu rosto geralmente doce.

“Onde você esteve?”

Depositando-me no espaço ao lado de Atticus, desconsiderando sua curva de lábio, ofereço a Kody um sorriso de merda.

“Desculpe, ninja. Eu tive um encontro com um demônio, depois várias bebidas, aaah e depois um grande cheeseburger e batatas fritas.”

“Cadela,” Maude amaldiçoa. “Te detesto tanto neste momento.”

Os caras me encaram incrédulos.

“O que? Uma garota tem que comer. Aquele idiota demônio adora drenar o inferno fora de mim.”

Kody se recusa a ceder. “Você não poderia nos avisar? Nem mesmo uma mensagem de texto?”

Com o álcool soltando meus lábios, eu bato meus cílios, enfurecendo-o ainda mais. “Aparentemente, é minha culpa que esta cidade esteja à beira da destruição, então bebidas eram necessárias. Não tanto a sua companhia.”

“Porra, Emmy,” ele amaldiçoa, esfregando os olhos sob os óculos. “Isso não é um jogo. Estou me esforçando para me segurar, mas você continua nos afastando. É exaustivo.”

“Talvez seja para o seu próprio bem.”

“Essa não é sua maldita decisão! Foda-se!”

Kody sai furioso, incapaz de sequer olhar para mim. Eu olho para seus ombros curvados, a frustração praticamente vazando dele. Atticus aproveita a oportunidade para roubar a garrafa de mim.

“Não diga isso,” eu aviso em voz baixa. “Eu não preciso ouvir o que você está preparando para jogar em mim.”

“Você sabe o que, Em?” Sua voz está atada com punhais de ódio. “Tudo no que você é boa é em quebrar as pessoas. Acho que é tudo que você sabe. Sua família fodeu com você, e agora tudo o que você é capaz de fazer é infligir dor.”

“Aí, Atti. Isso é frio, mesmo para você.”

Atticus bufa, tomando outro gole. “Ao contrário dos meus irmãos, não vou cair na sua merda de novo.” Seu olhar cruel se arrasta sobre mim. “Não sei por que você não deixa este lugar queimar.”

“Você sabe o que? Talvez eu vá. Você será o primeiro idiota odioso que eu jogarei nas chamas. Divirta-se vendo sua casa queimar então, Atti. Tenha uma ótima noite do caralho.”

Deixando-o com a garrafa e seus arrependimentos, fujo da cabine. Não confio em mim mesma perto de Atticus, mesmo que suas palavras me machuquem profundamente, porque tudo em que consigo pensar é enrolá-lo e consertar o que quer que esteja tão quebrado dentro dele.

Ele está errado sobre mim.

Sou capaz de mais do que destruição.

É besteira como aquela que levou minha família a se esconder, me trancando como um segredo sujo. Se é isso que ele pensa sobre mim, então foda-se. Deixe-o consertar suas próprias peças quebradas.

Tropeçando até o apartamento acima do Leila's Bar, a batida da música me acompanha na escuridão. A porta do quarto de Kody está entreaberta, me chamando para mais represálias. É banhado em tons de cinza e verde terra com pisos de madeira despojada.

A maior seleção do mundo de livros de história, enciclopédias e bugigangas cobrem as estantes. Vejo várias fotos dos caras quando crianças, e até uma de nós quatro, tirada por um palhaço do circo itinerante que veio para a cidade.

“Kody? Posso entrar?”

Eu me esgueiro para dentro quando ele permanece em silêncio, de costas para mim enquanto estuda um livro em suas mãos. Seguindo o acorde sufocante de necessidade e emoção me atraindo para ele, eu afundo ao lado dele na cama bem arrumada.

“Vá embora, Emmy.”

Roubando o livro de suas mãos, eu gentilmente o coloco de lado, enterrando meu nariz na camiseta macia que cobre suas costas. Ele até cheira a livros, todo quente e reconfortante, como as páginas de um exemplar muito amado.

“Por favor,” acrescenta ele trêmulo.

“Não, ninja.”

“Eu realmente não quero fazer isso com você agora.”

“Merda difícil. Vamos lutar se for preciso. Prefiro fazer isso do que deixar você me excluir e sofrer em silêncio.”

Suspirando em derrota, Kody se vira para mim. Ele parece exausto, cansado do mundo e de todos os seus problemas. Eu pego suas mãos, precisando sentir sua pele na minha.

“Meu irmão está lá embaixo bebendo até morrer jovem.” Kody olha para nossos dedos entrelaçados. “O outro está lutando contra sabe-se lá o quê, enquanto a mulher com quem me importo está determinada a me deixar louco.”

“Sinto muito,” eu ofereço claramente.

“Sabe, eu desisti da universidade e de uma carreira promissora para estar aqui por causa dessa merda. Teve uma oferta de bolsa de estudos e tudo.”

Nós não nos movemos, banhados pelo luar, ouvindo o bater do coração um do outro. Eu quase posso provar seus arrependimentos na minha língua, emaranhados no ar entre nós.

“O que você ia estudar?”

“Antropologia.”

Um sorriso puxa meus lábios. “Sua ideia do céu, certo?”

“Eu amo história, civilizações perdidas e tempos esquecidos. É fascinante ver o mundo através dos olhos dos mortos.” Kody morde o lábio adoravelmente. “Pareço um completo nerd.”

“De jeito nenhum.” Eu rio. “O que aconteceu?”

“Depois que meu pai morreu e você desapareceu, eu me joguei na escola. Formei-me um ano antes, quando eu tinha dezesseis anos, e trabalhei pra caramba por essa bolsa de estudos.”

“E quanto aos outros?”

“Luther perseguiu Atticus enquanto sua música ficava famosa. Não é culpa dele que ele não estava por perto. Luther fez o melhor que pôde. Eu descobri como cuidar de mim muito rápido.”

Eu libero as mãos de Kody, abraçando minha barriga. “Eu deveria estar aqui. É por minha culpa que você foi deixado sozinho no mundo.”

“Eu consegui,” Kody lamenta. “Quando Atticus caiu no fundo do poço, eu sabia que não podia deixar Luther para cuidar dele sozinho. Em vez disso, abrimos o bar juntos, e o resto é história.”

A vergonha me consome por dentro, uma profusão de arrependimento que suga a alma que revira meu estômago. Quando me levanto para sair, Kody pega minha mão novamente.

“Achei que você queria lutar contra isso?”

“Não tenho certeza se posso oferecer qualquer defesa,” murmuro.

Puxando meu braço enquanto ele se levanta, eu colido com o peito duro de Kody. Eu me enterro nas linhas de músculos rígidos escondidos por sua camiseta. Ele está tão

cheio e crescido que mal consigo me lembrar do garoto doce e tímido por quem matei.

“Fale comigo,” Kody implora.

Atrás de seus óculos, dois olhos inteligentes procuram os meus em uma busca desesperada pela verdade. Eu dou de ombros desesperadamente.

“O que você quer que eu diga?”

“Você costumava prometer que fugiríamos juntos,” lembra ele. “Fugir para a América... encontrar algum apartamento estilo loft com móveis e aluguel exorbitante.”

Eu sorrio com a memória. Foi uma bela fantasia.

“Aprenderíamos a andar de metrô e tomar café com creme, comemorar o Dia de Ação de Graças e usar um maldito chapéu de cowboy até o inferno. Lembro-me de falar sobre isso por horas.”

“Você daria um caubói fofo,” eu devolvo suavemente.

“Mas foi tudo um sonho, não foi? Não a vida real.”

“Por que sonhos e realidade não podem ser a mesma coisa?”

Seu sorriso é agridoce. “Porque nos meus sonhos, você é minha.”

Meu coração dá cambalhotas. “O que?”

“Não faz sentido. Eu não deveria querer algo que não posso ter.” Kody dá de ombros. “Mas eu ainda faço. Todas essas lembranças que tenho de crescermos juntos como irmão e irmã, não muda nada. Foda-se, eu quero você.”

A mais tênue faixa de esperança floresce em meu peito, provocada por sua declaração. Eu estudo o rosto de Kody; as linhas de sorriso, o lampejo de dentes perfeitos, seus olhos atentos irradiando curiosidade e bondade.

Meu Ninja. Eu quero ele também.

Porra, eu quero todos eles.

Cada um deles.

Dou um salto de fé e escovo meus lábios contra os dele. “Eu sempre pertenci a vocês, mesmo quando crianças.”

“Mas você foi embora,” ele aponta.

“E em cada segundo desde que corri, estive com você.” Movo minha mão para cobrir seu batimento cardíaco selvagem. “Bem aqui, ninja. Você ainda pode ter tudo o que sempre quis.”

Correndo uma mão preguiçosa pela minha coluna, Kody me leva para trás até minhas pernas baterem na cama. Sou depositada no colchão enquanto seu corpo ágil cobre o meu, o calor se transformando em um inferno em seus olhos.

“Atticus me contou sobre você e Luther.”

Eu não quebro o contato visual, me recusando a pedir desculpas.

“Tem certeza de que não o quer mais? Eu amo meu irmão, mas me recuso a desistir disso só para poupar seus sentimentos. Há Atticus a considerar aqui também.”

“Como se ele se importasse.”

As sobrancelhas de Kody se erguem. “Você sabe que ele faz.”

Bicando seus lábios novamente para atraí-lo para mais perto, eu tento dar um sorriso. “Eu não vou sentar aqui e escolher. Não sei como será o futuro, mas sou sua se você me quiser.”

“E o que acontece agora?”

“Chega de falar. Apenas me beije até que eu não consiga respirar.”

Tirando os óculos e jogando-os na mesa de cabeceira, a mão de Kody encontra minha mandíbula. Nossos lábios se encontram lentamente a princípio, hesitantes e exploratórios. Então um interruptor parece virar dentro dele. Nossas línguas dançam enquanto suas mãos começam a percorrer meu corpo.

Deveria ser estranho, mas beijar meu melhor amigo de infância parece mais natural do que respirar, como se estivéssemos sempre destinados a colidir. Estou tão perdida com a força contundente de seus lábios devastando os meus, que não percebo os gritos no início. Quando soa novamente do lado de fora, relutantemente nos separamos.

“Você ouviu isso?”

Eu tento me concentrar em algo diferente de seu pau esfregando contra mim.

“Eu acho que sim.”

Kody inclina a cabeça, ouvindo. “Alguém está gritando.”

Há outro grito de agonia crua, mas mais alto desta vez. É quando o pânico toma o controle dos meus pulmões. Olho para o relógio de cabeceira e encontro o ponteiro dos minutos marcando a meia-noite.

“Merda!”

“O que é isso?!”

“Três pessoas estão prestes a morrer,” eu saio correndo, me levantando. “O demônio tentou me chantagear para matar uma bruxa do coven para começar uma guerra. Esta é a punição por recusar suas exigências.”

“Você pode salvá-los?”

Houve um tempo em que eu permitiria que os humanos se separassem se isso protegesse minha paz. Talvez eu até matasse alguns entre a carnificina, sangraria até secar e levaria suas essências para um feitiço.

Mas me recuso a ver os homens que amo perecer por minha causa. Eles me lembraram que em algum lugar lá no fundo, uma parte humana de mim permanece. Talvez seja hora de eu começar a lutar por isso.

“Só uma maneira de descobrir,” eu admito, sentindo minha determinação se fortalecer. “Deixe-me fazer algo de bom pelo menos uma vez.”

CAPÍTULO TREZE

Luther

Seguindo o som de gritos e berros, entro em uma zona de guerra. Eu estive procurando por Emery como um louco durante toda a tarde e noite, ficando ainda mais irritado.

Vou matá-la quando colocar minhas mãos nela.

Ela deveria saber melhor do que fugir de mim.

Eu percebi o quão ruim eu caí para a bruxa que nos deixou para trás. Ela está de volta em nossas vidas há apenas um mês, e já parece que ela nunca foi embora. O pensamento de perdê-la novamente não é algo que eu esteja disposto a contemplar.

Quando me aproximo do Leila's Bar à distância, uma multidão do lado de fora imediatamente me coloca em alerta máximo. Seus rostos são iluminados pela luz das chamas, revelando horror e expressões correspondentes de medo.

Três figuras irromperam do bar.

Eu respiro quando vejo Emery.

“Luther! Por aqui!”

Pernas bombeando, eu como a distância entre nós. No minuto em que Emery está ao alcance, eu a esmago no meu peito. Provavelmente estou cortando seu suprimento de sangue com o aperto do abraço, mas honestamente não dou a mínima.

“Não consigo... r-respirar...”

Soltando-a, eu a prendo com um olhar. “Não se atreva a desaparecer assim de novo.”

“Grite comigo mais tarde. Nós temos um problema.”

Aproximamo-nos do caos como um grupo, o calor do fogo lavando-nos a todos. Quando a cena clareia, meus pés ficam enraizados no local. Kody solta uma maldição quando Atticus se aproxima de Emery, mesmo que ele não perceba.

Na rua, uma estrela de cinco pontas está queimando nas pedras do calçamento, o combustível derramado para pintar o contorno invertido. No centro, três pessoas inconscientes foram amarradas, deixadas para queimar vivas.

“Oh Deus,” exclama Emery.

“Não há Deus aqui,” eu respondo severamente.

“Isso é obra do Diabo,” Kody termina.

Do outro lado do fogo, um homem está sozinho. Ele está assistindo o show se desenrolar, sua boca esticada em um sorriso largo e alegre. As chamas tremulam nas profundezas de seus olhos negros vazios.

“Você conseguiu!” Ele grita.

Emery tira meu aperto de seu braço, me lançando um olhar firme enquanto ela dá um passo à frente.

“Eu disse para você não jogar este jogo, Azazel.”

“Que jogo, bruxinha? Isso é obra sua.”

A magia de Emery enxameia sobre mim, fortalecida por mais poder do que eu já senti antes. Trocando um olhar carregado com Atticus, ele me encara de volta, me desafiando a dizer alguma coisa.

Ele realmente vai ficar lá e não fazer nada?

Seus segredos serão a morte dele.

O demônio desfilando como um homem encolhe os ombros. “Estamos apenas começando. Eu posso provar seu poder daqui.”

Emery franze a testa para suas mãos trêmulas, a magia ainda rolando dela em ondas. Até eu posso sentir que é diferente, mais forte. Quase como se alguém estivesse despejando sua energia nela, reforçando sua força.

A verdade está prestes a nos alcançar.

Tinha que acontecer mais cedo ou mais tarde.

Emery procura na multidão ao nosso redor por outro sobrenatural, mas ninguém dá um passo à frente. Sua carranca confusa só se aprofunda.

“Eu tenho que parar com isso,” ela sussurra para mim.

“Sem chance.”

“Apenas salve os três humanos. Eles não merecem morrer. Eu vou cuidar do nosso pequeno amigo demônio.”

“Eu não vou deixar você fazer isso.”

“Você não tem uma porra de escolha!”

Com um súbito clarão de magia, sou enviado voando para trás, derrubando várias pessoas comigo. Perdido em um emaranhado de membros, sou incapaz de impedir Emery de avançar ao redor do fogo.

“Deixa eles irem!” Ela exige.

Azazel acena para ela chegar mais perto. “O que é que foi isso?”

Eu tento encontrar meus pés enquanto ela se aproxima do demônio, parando a poucos metros de distância. Emery mantém a cabeça erguida com confiança.

“Eu vou devolvê-lo ao submundo ileso se você terminar isso agora. Ou vou despedaçá-lo célula por célula. Sua escolha.”

“E desistir desta cidade maravilhosa?” Azazel zomba dela. “Você não pode me parar agora. Você é forte, mas não forte o suficiente.”

“Ela não está sozinha,” murmura uma voz.

O sabor da magia enche o ar nebuloso. Eu o reconheceria em qualquer lugar; cada bruxa tem sua própria assinatura. Emery fica tensa, perplexa com a eletricidade crepitando ao nosso redor. Ela pode sentir que algo mudou.

A compreensão surge quando seu olhar pula sobre nós através do fogo, procurando por seu alvo. Com um suspiro, Atticus dá um passo à frente e se oferece para julgamento.

Emery empalidece quando ela descobre. Um segredo bem guardado de décadas que me atormenta desde o dia em que nos conhecemos. Eu estava proibido de contar a ela, não

importa o quanto eu quisesse. Ela circula por uma tempestade de emoções.

Choque.

Confusão.

Traição.

Fúria.

Atticus levanta a mão esquerda, usando sua magia para abrir uma fenda nas chamas, grande o suficiente para passar. Emery aproveita a oportunidade para pegar uma faca enquanto o demônio está ocupado enviando uma explosão de energia mortal diretamente para Atticus.

“Abaixe-se!” Eu grito.

Esquivando-se do golpe, Atticus solta um grito quando uma bola de fogo roxa explode de sua palma. Emery se lança para frente, uma lâmina em seu punho. Em uma colisão de magia e fogo sobrenatural, um estrondo sônico derruba todos. A explosão de magia negra quase nivela a rua.

Tudo fica um pouco embaçado, enquanto choro e gritos aumentam a loucura. Quando abro meus olhos, o pentagrama flamejante se dissipou, deixando um símbolo carbonizado para trás. Atticus se jogou em cima dos três corpos inconscientes para protegê-los da explosão.

“Emery!” Eu rugo.

Não há resposta.

O medo aperta meu coração.

Ajudando Kody a se levantar, corremos em direção aos dois corpos do outro lado da zona do desastre, ambos sem resposta. Eu caio de joelhos ao lado de Emery. Há uma faca enterrada no peito do demônio, jorrando sangue.

Kody me ajuda a tirar o corpo morto de Emery, jogando-o de lado por enquanto. Sua cabeça está pendendo para o lado, os olhos cheios de dor lutando para permanecer abertos enquanto ela suga o ar.

“É isso, Em. Apenas Respire.”

“Vamos, linda,” Kody pede.

Emery tosse sangue, limpando as cinzas de seus olhos lacrimejantes. Quando tentamos ajudá-la, ela afasta nossas mãos.

“Fodam-se... traidores.”

“Deixe-nos ajudar,” eu vocifero.

“Não! Onde ele está?”

Lutando para mantê-la parada, Emery se contorce, com raiva além das palavras. Eu sempre soube que nossas mentiras nos alcançariam um dia. Eu queria contar a verdade a ela, mas proteger Atticus era mais importante, mesmo que me matasse vê-la lutar sozinha.

“Atticus!” Emery grita.

“Em, me escute...”

“Mostre-se! Seu mentiroso filho da puta!”

Eu sou forçado a soltá-la quando ela me dá um soco na mandíbula, balançando em seus pés. Atticus desamarrou as

vítimas, passando-as para outra pessoa antes de se aproximar de nós.

“Quanto tempo?” Emery cospe.

“Em…” eu começo.

“Cale a boca, Luther. Isso é entre eu e ele.”

Kody agarra meu ombro, me segurando. A expressão de Atticus é resignada quando ele para na frente de Emery. Ela não dá nenhum aviso antes de liberar uma explosão de magia que força Atticus a se ajoelhar.

“Você mentiu para mim por todos esses anos.”

Atticus olha para o chão. “Eu nunca quis, mas não tive escolha.”

“Besteira. Há quanto tempo você sabe?”

“Baby…”

“Não venha com *baby* para mim. Diga-me há quanto tempo você sabe que é uma bruxa!”

A cabeça imóvel de Atticus não se levanta. “Eu me manifestei dois anos depois que você partiu.”

Emery solta uma série de palavrões.

“Eu sei desde os seis anos de idade,” Atticus continua. “A mãe de Luther e Kody me tirou da rua. Minha família me abandonou.”

Apesar da carnificina enquanto as pessoas gritam e fogem, o silêncio destrói o campo de batalha entre nós. Sirenes

distantes marcam a chegada da polícia, embora eles tenham parado de investigar esses tipos de eventos há muito tempo.

“Você é uma bruxa das trevas,” Emery supõe.

Atticus finalmente olha para cima. “Sim.”

“Então, na noite em que você me beijou uma década atrás, você estava mentindo descaradamente, certo? Você sabia, mesmo naquela época.”

Nós dois ficamos boquiabertos com Atticus. Ele não se preocupa em se defender, apenas dando de ombros. Não há desculpas para oferecer. Foi ele que nos fez mentir para ela, determinado a viver sua vida em negação.

“Eu estava tão sozinha. Alienada. Rejeitada. Teria mudado tudo se você tivesse me contado a verdade.”

“Sim,” ele repete secamente.

“E você mentiu na minha cara.”

“Não foi assim.”

“Cale a boca antes que eu rasgue sua pele mentirosa e traiçoeira com minhas próprias mãos.”

Ela volta sua atenção para nós, a dor da traição brilhando em seus olhos. “Então é por isso que vocês me aceitaram tão facilmente. Vocês sabiam que ele também era um bruxo.”

“Nós não tivemos escolha,” eu tento explicar.

Emery zomba. “Então me esclareça.”

“Nós estávamos protegendo ele de sua mãe.”

Ela pisca, olhando entre todos nós. Kody se aproxima devagar, as mãos levantadas como se para acalmá-la, baixando a voz.

“Você nos contou sobre o coven de onde você veio. A família de Atticus o deixou para morrer por causa de quem ele era também.”

“Manter sua magia e identidade em segredo permitiu que ele vivesse uma vida humana normal,” eu termino, odiando como isso soa como uma desculpa.

Kody tenta agarrar Emery, mas ela o empurra com um rosnado.

“Não me toque. Nenhum de vocês.”

“Por favor, Emmy. Nos escute.”

“Por que veio me pedir ajuda?” Ela desafia, agarrando seu cabelo. “Vocês têm um bruxo! Por que eu? Pelo caralho da diversão?!”

“Eu não posso consertar essa bagunça,” Atticus intervém.

Emery não pode nem olhar para ele. “Por que não?”

“O demônio está brincando comigo. Eu nunca fui treinado. Passei minha vida inteira tentando esquecer que tenho magia. As coisas que me fez fazer…”

Ele se afasta com um estremecimento.

Todos nós fizemos coisas das quais não nos orgulhamos, encurralados por uma força que conhece todos os nossos segredos mais sombrios. Eu não tive escolha a não ser entrar

em contato com Emery, sabendo que se isso continuar, nenhum de nós vai sair vivo de Reaper's Hollow.

“Emmy, por favor,” Kody tenta novamente.

Há tanta vulnerabilidade em seus olhos, misturada com a dor da traição e a tentação do perdão. Quando sua expressão endurece, eu sei que a perdemos para sempre.

“Eu nunca teria escondido essa merda de vocês. Eu coloquei minha vida inteira em suas mãos quando éramos crianças. Vocês ainda mentiram.”

“Não foi pessoal,” eu elucido.

“Eu não me importo. Acabei por aqui.”

Emery cobre o sangue do corpo abaixo dela com mão, uma casca abandonada deixada para trás pelo demônio. Passando o dedo do topo da testa até a parte inferior do queixo, ela mancha o sangue fresco em uma linha bagunçada.

Atticus grita o nome dela enquanto se lança para frente, mas é tarde demais quando outra explosão sísmica de magia balança a todos nós. A essência de seu poder se instala sobre nós como a espessa nuvem de cinzas após uma erupção vulcânica, toda sufocante com desespero.

Quando se dissipa, há um espaço vazio onde Emery estava. Devastação pesa Atticus para baixo, seus olhos se fechando.

“Ela se foi.”

CAPÍTULO QUATORZE

Emery

Olhando em meus olhos azuis escuros no espelho, a dor me encara de volta. Está lá todos os dias desde que saí de novo. Eu não poderia ficar sem fazer algo que eu não iria me arrepender.

Eu poderia matá-los. Felizmente.

A traição deve ser a pílula mais difícil de engolir.

Eu chafurdei a semana toda, me escondendo dos meus problemas. Não vai mudar nada. Esta noite é a lua cheia, e eu tenho um trabalho a fazer. O povo de Reaper's Hollow ainda precisa da minha ajuda, deixando os idiotas enfurecidos à parte.

Termino meu delineador pesado, adicionando lábios roxos escuros e um toque final de pó de arroz para completar o visual. Com meu espartilho de couro amanteigado, jeans desgastados e gargantilha cravada em forma de coração no meu pescoço, pareço pronta para ir para a guerra.

O coven não ousaria foder comigo esta noite.

Eu felizmente eviscerarei todos eles.

“Vamos repassar o plano mais uma vez?”

Maude me observa preocupada. “Se você for e se matar, quem diabos eu vou assombrar?”

“Há outra bruxa das trevas por aí agora. Você vai ficar bem.”

“Você sabe que ele não pode me ver.” Ela morde o lábio transparente. “Ou Atticus é um ator insanamente bom, mas eu não acredito nisso.”

“O homem mentiu para mim por anos. Confie em mim, ele é um bom ator.”

“Então por que?”

Eu corro a mão pelo meu cabelo brilhante pendurado em cachos perfeitos. “Ele não está em sintonia com sua magia. Até eu podia sentir isso. Ele teria que se concentrar muito para canalizá-la e vê-la.”

“Em…”

“Não comece comigo de novo,” eu estalo. “Vou roubar as informações que preciso, banir o demônio e voltar para minha própria vida.”

“Isso é realmente arriscado. Eu sei que você está sofrendo…”

“Meu Deus, Maude! Apenas me deixe em paz!”

Com a boca fechada, ela simplesmente balança a cabeça e desaparece na parede. Eu libero minha respiração presa, oprimida pela magia furiosa que coça na minha pele. A escuridão que vive dentro de mim tem implorado por uma saída ou alguém para esfaquear a semana toda.

Meu telefone toca e eu verifico meu reflexo novamente. É hora do show. Saindo do boticário, saio para o luar ardente,

fechando atrás de mim. Annabelle está esperando em seu carro esportivo caro enquanto brinca com seu cabelo loiro solto.

"Ei," ela cumprimenta com cautela. "Você tem as coisas?"

Eu coloco a poção em seu porta-copos. "Bem aqui."

"Obrigada por mudar de ideia sobre me ajudar."

"Não me agradeça. Apenas me coloque dentro e terminamos, tudo bem?"

Assentindo concisamente, ela pisa no acelerador. Não nos falamos novamente até sairmos de uma estrada movimentada uma hora depois para irmos ao centro da cidade. O coven oriental governa esta parte da Inglaterra, enquanto sua base pode ser localizada na cidade mais próxima.

Como é lua cheia, os anciões do coven estarão reunidos no terreno cerimonial para o ritual mensal, deixando sua base exposta. Assim que Annabelle me colocar dentro, posso desativar qualquer proteção que eles tenham instalado. A preciosa cripta deles deve conter as respostas que procuro.

"Eu vou te levar para dentro pela garagem, então eu tenho que me juntar a eles na cerimônia," Annabelle diz, serpenteando pela cidade movimentada. "Você terá que descobrir o resto sozinha."

"Entendi."

"Tem certeza que sabe o que está fazendo?"

"Apenas dirija e se preocupe com você mesma, ok?"

Assustada com a minha resposta, ela permanece em silêncio até chegarmos ao nosso destino. O arranha-céu é um

monólito imponente de aço polido e vidro que se estende até os céus, nublado em magia e prestígio. Eu me sinto doente de raiva só de olhar para ele.

Annabelle verifica um passe de segurança no portão, admitindo-nos em uma garagem subterrânea cheia de inúmeros veículos caros. Porra, essas putas orientais são ricas pra caralho. Não é de admirar que ela não quisesse que um escândalo de gravidez abalasse seu coven.

“Lugar chique.”

Annabelle dá de ombros. “Nós fornecemos segurança e proteção para algumas das bruxas mais famosas do mundo. Minha mãe dirige o coven oriental há quase trinta anos.”

“Encontrei Imelda uma vez, há muito tempo.”

“Você encontrou?” Ela franze a testa para mim. “Onde?”

“Eu tive um coven uma vez, acredite ou não.”

“Aqui? Na Inglaterra?”

Em vez de responder, bato a porta na cara dela. Arrepios de magia percorrem minha espinha, alertando-me para as várias proteções e feitiços de proteção enterrados no concreto que construiu esta fortaleza.

Estou me contorcendo com o desejo de destruir tudo, queimar todas as bruxas por dentro e dançar em seus túmulos. Todo este lugar é uma farsa dourada, um sistema quebrado projetado para perseguir aqueles que ameaçam o domínio dos covens.

Os preconceitos propagados pelos covens do mundo foi o que forçou as bruxas das trevas a se esconderem por centenas

de anos. Não somos livres desde Salem, e não tenho dúvidas de que, se tivessem uma chance, as bruxas da luz cometeriam genocídio novamente. Todos os anos, elas brutalmente exterminam mais e mais de nós.

Claro, os livros de história apenas contam o seu lado da história.

Ninguém tem pena dos vilões ou dos transgressores das regras.

“A cerimônia começará em breve.” Annabelle se inclina para fora da janela. “Eu tenho que ir. Pegue o elevador até o porão. Existem alas em cada nível, juntamente com a segurança. Tenha cuidado, não seja pega.”

Jogando-me o passe de segurança extra que ela escaneou para entrar, eu o arranco do ar. “Vou entrar e sair. Ninguém precisa saber que eu estive aqui.”

“E se alguém fizer perguntas?”

“Eu não sou uma informante. Não vou te entregar,” eu asseguro a ela.

“Nem eu. Você não é tão ruim.”

“Mesmo para uma bruxa das trevas?”

Ela me dá um sorriso. “Mesmo para uma bruxa das trevas. Boa sorte.”

Desaparecendo com um guincho de pneus, me viro para encarar as grossas portas de aço que levam ao prédio além. O coven oriental é um dos maiores e mais ricos da Inglaterra. Este lugar estará bem fechado.

Envolvendo minha mão ao redor do pentagrama invertido aninhado entre meus seios, libero as algemas da minha magia. O calor inunda meu corpo como melado deslizando pelas minhas veias enquanto eu rapidamente corro pelo feitiço básico.

Não sou totalmente invisível; isso exigiria uma grande quantidade de poder que não posso me dar ao luxo de queimar, mas as pessoas estarão menos inclinadas a olhar na minha direção com o feitiço que me envolve. Examinando o passe, entro no elevador.

Vamos fazer essa merda.

Espero pra caralho que eu saiba no que estou me metendo.

A pincelada de magia se intensifica enquanto desço às profundezas da base do coven. Gavinhas de luz, de magia protetora tentam me envolver, com a intenção de me arrastar para fora do prédio, mas meu poder é muito mais forte.

Imelda precisa investir em nova segurança e melhores alas, pois passar por esses feitiços é brincadeira de criança. Não posso deixar de sentir um prazer doentio com isso. Este coven não é tão quente, afinal.

Batendo na parada de emergência, eu rasgo as proteções com meus dentes à mostra, minha magia emocionada por ser finalmente liberada. É como rasgar papel de seda molhado ou quebrar ossos secos quando os feitiços de proteção falham.

Quando chego ao nível do porão, o suor está escorrendo na minha testa, mas as proteções estão quase destruídas. As portas se abrem e a escuridão invade o elevador, a passagem à frente iluminada apenas pela luz de velas.

Mofo e umidade permeiam o ar, me chamando para a frente. Respiro fundo e empurro minha magia ainda mais para sentir as bruxas próximas montando guarda. A cripta é um lugar sagrado, cheio de segredos e tesouros considerados valiosos demais para o mundo ver.

Não estou surpresa ao encontrar quatro bruxas de guarda, duas próximas, as outras mais profundas no subsolo. Tirando a lâmina do meu bolso, eu a arrasto rudemente pelo meu pulso, lambendo meu próprio sangue para um impulso de magia. Ela me envolve como uma sombra, crepitando com a eletricidade que endurece minha coluna.

Eu tiro os dois primeiros guardas sem hesitar nem piscar, instruindo as sombras se contorcendo dentro de mim para rastejar sobre seus corpos. O estalar de seus pescoços quebrando me dá água na boca.

Mole-mole.

Foda-se, Imelda.

E seu maldito coven.

Eu rastejo pela escuridão, seguindo a carícia suave da magia murmurando para mim. Quanto mais desço, mais pesado fica o ar. Ela tem alguns tesouros poderosos aqui. Relíquias usadas para magia negra são frequentemente confiscadas por covens como parte de sua implacável aniquilação do caminho da mão esquerda.

Barras de metal grossas formam as bordas de uma gaiola no final do túnel. Há outros dois bruxos por aí, compartilhando uma conversa em voz baixa. Eu uso as sombras para esconder minha presença enquanto as escaneio.

Hummm, gostosos.

Merda! Foco, Em.

Bruxas de luz com poder moderado. Nada para me preocupar. Soltando o feitiço que me mantém semioculta, eu assobio e saio para a luz ofensiva.

“Boa noite, senhores. Algum de vocês viu uma cripta cheia de tesouros inestimáveis por aqui?”

“Quem diabos é você?” Gostoso Um grita.

“Apenas uma bruxa da luz inocente procurando diversão.”

Gostoso Dois olha para mim. “Eu posso sentir seu poder daqui. Você é uma bruxa das trevas. Aproxime-se mais e vamos tirar sua magia em um piscar de olhos.”

“Eu gostaria de ver vocês, rapazes, tentarem.”

“Entregue-se!”

Abrindo meus braços, eu me ofereço a eles. “Vão em frente, deem o seu melhor tiro. Me divirtam. Faz muito tempo desde a última vez que briguei com alguém.”

Acenando para eles com dois dedos tortos, eles trocam olhares incrédulos. Com o sangue ainda escorrendo do meu pulso, concentro-me na fonte de poder, chamando a força para o meu núcleo.

Ele explode fora de mim sem comando, um traço de puro preto, as sombras realistas envolvendo a garganta do primeiro bruxo. Ele mal consegue gritar antes que eu corte sua circulação sanguínea.

“Você estava dizendo?”

Gostoso Dois levanta a mão direita. “Deixe ele ir! Não tenho nenhum problema em cortar sua garganta. Você é uma abominação.”

Essa palavra faz com que um estremecimento passe por mim. Minha mãe cadela malvada costumava gritar a mesma coisa enquanto ela batia em mim, determinada a bater a escuridão para fora do meu corpo.

A familiar raiva angustiante alimenta minha magia, abanada pelas violentas chamas do submundo. O primeiro bruxo coça sua garganta, espuma começando a borbulhar de sua boca. Com um estalo, seu corpo sem vida atinge o chão. Sangue escorre de seus olhos enquanto sugo avidamente o poder de sua alma.

“O que é que você fez?” O bruxo restante suspira.

“Eu avisei você.”

Avançando em minha direção com um grito de guerra, ele tenta me atacar. Eu envolvo a magia sombria em volta da minha mão como uma soqueira. Usando-a para fortalecer meu golpe, aponto para o peito do bruxo.

Meu punho soca direto em sua caixa torácica com um estalo molhado. Seus olhos estão arregalados quando eu agarro seu coração macio e acelerado e dou um aperto.

“Seu coven pode queimar no inferno,” eu rujo. “Junto com as almas das bruxas que vocês mataram desde o início dos tempos. Vejo você lá um dia, idiota.”

Arrancando minha mão de seu peito, seu coração se contrai na minha mão manchada de sangue. O bruxo desmaia sem outra palavra. Eu não consumo sua magia, já

transbordando com poder mais do que suficiente para quebrar as barras enfeitiçadas da jaula à frente.

Eu entro na cripta, mil vozes antigas chicoteando ao meu redor. É como se os artefatos estivessem sussurrando seus aplausos, prontos para finalmente serem libertados desta prisão. Eu rapidamente procuro em uma gaveta, deslizando as bolsas de diamantes negros no meu bolso.

Com um punhado reunido, abro um armário de mogno com um mero olhar. Fileiras de livros encadernados em couro me cumprimentam. Eu sigo meus instintos, uma sensação de formigamento no meu peito me atraindo para o canto superior direito.

Há um volume fino, preto e dourado escondido, vibrando com energia enquanto eu o deslizo. As vozes que enchem minha cabeça com seus aplausos enlouquecedores confirmam que encontrei meu tesouro.

Grimório de Daemonium.

O som do elevador no fim do túnel tira minha atenção do livro em minhas mãos. Eu rapidamente o coloco no cós do meu jeans, fechando o armário para esconder meus rastros. De pé na porta da jaula, concentro-me no som de passos.

Se meu disfarce for descoberto, vou cortar e esfaquear meu caminho para fora daqui. Não importa para mim quantos executores de coven eu tenha que derrubar. Para cada um que eu matar, estarei salvando outra bruxa das trevas da execução.

Não é uma bruxa de coven que emerge da escuridão para me encontrar. Eu localizo ombros largos familiares e uma pilha de cabelo preto bagunçado antes de dois olhos sombrios cinza-

prateados encontrarem os meus. Atticus para, me observando atentamente.

“Que porra você está fazendo aqui?”

Seus lábios permanecem franzidos, em silêncio.

“Atti? O que está acontecendo?”

Incapaz de me conter, corro para ele. Pânico e medo se contorcem em sua íris, e há um grito preso em sua garganta, incapaz de escapar. Alguém colocou um geas [5] nele. Eu reconheço os sinais.

“Quem fez isto para você?”

“Você nunca deveria ter vindo aqui, criança.”

A voz fria e furiosa me faz estremecer.

Eu empurro Atticus atrás de mim, focando em várias figuras se juntando a nós no escuro. A raiva azeda meu estômago quando vejo Imelda, tão régia quanto minhas memórias lembram, com sua juba dourada de cabelos loiros e olhos penetrantes e prateados.

Ao lado dela está Annabelle. A maldita traidora. Vou matá-la por me trair. Ela não se parece com ela mesma, porém, com o rosto vazio e os olhos encarando o espaço. É quando vejo as algemas cortando seus pulsos.

Ela está claramente sob um forte feitiço para mantê-la quieta. Porra, sua mãe é uma verdadeira peça de trabalho. O nariz de Imelda se enruga quando ela olha para os vários cadáveres, depois de volta para mim.

[5] Do folclore irlandês - uma obrigação ou proibição imposta magicamente a uma pessoa;

“Eu ouvi as histórias do que aconteceu com você, Emery Lockwood. É uma decepção ver uma bruxa talentosa sucumbir ao caminho da esquerda.”

“Você se lembra de mim, então.”

“Como eu poderia esquecer? Sua mãe era minha amiga.”

“Não se preocupe, Imelda. Você a verá em breve.”

Seus olhos se movem para Atticus. “Eu entendo muito bem a tentação das artes proibidas.”

Juro que sua mandíbula aperta.

“Nenhum de vocês vai deixar este lugar,” proclama Imelda. “É meu dever defender a ordem natural por todos os meios necessários.”

“Toda magia de luz deve ser equilibrada pelas artes das trevas. Essa *é* a ordem natural,” eu rosno para ela. “Seus preconceitos serão a morte deste mundo. Eu nunca vou me entregar a você.”

O sorriso de Imelda fica gelado. “Você não tem escolha.”

Um golpe repentino e punitivo na têmpora me faz cair de joelhos. Sangue quente encharca meu rosto enquanto os socos e chutes caem sobre mim de cima. A última coisa que vejo é Atticus sendo espancado junto comigo enquanto Imelda observa, focada nele.

Tudo que eu quero é protegê-lo, mas não posso.

O vazio se aproxima.

Então, tudo o que vejo é escuridão.

CAPÍTULO QUINZE

Atticus

Batendo meu ombro nas barras de ferro pela quarta vez, eu gemo de dor dos inúmeros hematomas cobrindo cada centímetro de mim. O sangue está escorrendo do meu nariz quebrado depois que eu o restaurei em forma.

Este não é o meu primeiro rodeio.

A dor é algo com o qual estou intimamente familiarizado.

Na cela ao meu lado, Emery ainda está inconsciente. O executor do coven a atingiu com um forte feitiço atordoante depois de espancá-la. Com base na rigidez do meu corpo quando acordei, estamos aqui há pelo menos várias horas.

Isso é tudo minha culpa.

Eu estraguei tudo, de *novo.*

A porta da prisão range quando se abre, admitindo alguém que eu felizmente nunca mais veria pelo resto da minha vida. Imelda entra com dois guarda-costas ladeando-a, dois impressionantes olhos prateados imediatamente pousando em mim.

Ela para a centímetros das barras que me prendem. “Eu nunca esperei ver você de novo, muito menos rastejando pela minha propriedade com alguma prostituta imunda e demoníaca.”

Eu bato nas barras, amando o jeito que ela se encolhe. “Por que você não vem aqui e diz isso na minha cara, hein?”

“Você é tão decepcionante quanto eu esperava, Lorcan.”

“É Atticus. Deixei esse nome para trás no dia em que você me abandonou para morrer, *Mãe.* Minha vida não é da sua conta para julgar agora.”

Imelda balança a cabeça. “Eu deveria ter matado você quando tive a chance. Tudo em você me deixa doente.”

“Você me abandonou para morrer.”

“Claramente um erro da minha parte.”

“Você é uma puta de verdade, não é?” Emery sibila de dor de sua pilha no chão. “Atti, eu não sabia que esse pedaço de merda era sua mãe. Eu a teria matado há muito tempo.”

“Como você se atreve,” Imelda balbucia. “Eu sou a líder do coven!”

Emery suspira por ar, contando seus vários ferimentos. Ela parece uma merda, coberta de sangue seco, espancada em preto e azul. Minhas mãos se fecham em punhos furiosos.

“Oh, foda-se,” ela rosna. “Você deve ter treinado com minha mãe puta para trabalhar nessa atitude. O coven não significa nada para mim.”

“Você é uma tola, Lockwood.”

“E você é um pedaço de merda assassina!”

“O suficiente! Nenhum de vocês vai sair daqui vivo.”

Eu me preparo para os executores entrarem na minha cela, com a intenção de espancá-los até a morte prematura. Se eu estiver caindo, então será balançando. Não estou preparado para eles se aproximarem da cela de Emery.

“Oi! Estou aqui!” Eu grito com eles.

Os dois bruxos fortes e musculosos me ignoram completamente enquanto deslizam a trava. Emery tenta ficar de pé e falha, se segurando antes de cair de cara.

“Deixe-a fora disso!” Eu chuto as barras. “Sua luta é comigo, mãe. Emery não tem nada a ver com isso.”

Ela me lança um olhar de advertência. “Silêncio, Lorcan.”

Gritando de frustração, lanço todo o meu peso corporal na jaula estúpida. Os dois executores lutam com Emery em uma mesa de metal enferrujada no canto de sua jaula antes de prendê-la.

“Eu ainda posso matar você daqui,” Emery insulta.

Imelda tira um frasco do bolso. “Eu gostaria de tirar seu poder enquanto você implora por misericórdia, mas isso seria muito rápido para o que você merece. Em vez disso, vou gostar de ver você sofrer pelas atrocidades que cometeu.”

“Pode vir,” Emery sibila. “Aceito a tortura invés de ouvir sua porcaria medieval e limitada a qualquer dia. Você me deixa doente pra caralho.”

“Geraldine vai me agradecer por livrar este mundo do seu mal.”

Não importa o quão alto eu grite, Imelda ainda me ignora. Ela abre o frasco em suas mãos, sussurrando um

encantamento enquanto o segura na palma da mão. Eu assisto com horror quando algo se move dentro do vidro fosco, a criatura preta e retorcida rastejando em sua mão.

“Você está familiarizada com o escaravelho, ou besouro escaravelho?”

Eu vejo o rosto de Emery empalidecer ainda mais.

“Criaturas fascinantes. Inofensivas para os humanos, mas possuem uma habilidade única de consumir a magia de seres sobrenaturais. É bastante excruciante, leva horas para completar sua dança mortal.”

“O suficiente!” Eu me enfureço. “Deixe-a fora disso!”

A magia de Imelda me atinge em uma rajada poderosa, me varrendo pela cela. Eu colido com as barras enquanto estrelas explodem atrás dos meus olhos. Apesar de me sentir fraco e tonto, eu encontro meu caminho de volta para meus pés enquanto eles prendem Emery.

Eu nunca a vi olhar com medo antes.

“Não lute com ela, Atti. Ela pode me machucar. Eu não vou quebrar.”

“Não! Foda-se, pare com isso!”

Imelda leva uma faca para o espartilho de Emery, cortando o material e cortando profundamente sua pele no processo. Gritando por trás da mão sobre sua boca, Emery olha para o teto enquanto as lágrimas encharcam suas bochechas.

“Espero que isso seja tão doloroso quanto o que você fez com aquelas bruxas inocentes,” Imelda sussurra com satisfação. “Apodreça no Inferno, bruxa das trevas.”

Emery grita quando as pinças afiadas do besouro encontram a carne de seu estômago. Ele morde e rasga sua pele antes de se enterrar dentro dela. O caroço viaja por alguns segundos, então rói ainda mais fundo em seu corpo, seus gritos ficando mais altos.

Imelda observa com puro prazer, até que o toque de um telefone interrompe o abuso implacável, forçando-a a responder. Ela só está irritada porque sua sessão de tortura está sendo interrompida. Eu vejo sua excitação desaparecer rapidamente.

“O que você quer dizer, humanos?” Ela estala. “Onde está o resto da equipe? Diga-lhes para deixar a cerimônia. Estou subindo.”

Eles receberam minha mensagem.

Hora do show.

Saindo da cela, Imelda me lança um olhar sujo. “Seus amigos vão se arrepender de segui-lo até aqui. Vou matá-los e fazer você assistir, criança traidora.”

Deixando Emery ser comida viva, eles trancam a cela de volta e correm em direção ao elevador. Luther só será capaz de distraí-los por algum tempo. No minuto em que as portas do elevador se fecham, eu me lanço pela minha cela.

“Em? Você pode me ouvir? Não temos muito tempo.”

Seus soluços ecoam ao nosso redor, me mordendo, até que estou tremendo de raiva. Isso é tudo minha culpa. Eu não a protegi.

“Sua vadia fraca e patética,” eu grito, esperando irritá-la. “Levante-se e lute porra. Diga-me que você me odeia. Venha me dar um soco na cara. Faça alguma coisa!”

“Eu o-odeio você pra caralho,” ela chora.

“Essa é minha garota. Continue falando, fique comigo.”

Testando cada uma das barras novamente, nada se move. Respirando para tentar me concentrar, percebo que Emery parou de se contorcer na mesa de tortura. Seus soluços estão gradualmente se acalmando.

“Mantenha seus olhos abertos!” Eu procuro a subida e descida de seu peito. “Você vai morrer em mim? Você vai deixar o coven vencer?”

“Chega,” ela engasga com a boca cheia de sangue. “Pare de fingir que me o-odeia. Estou t-tão cansada.”

“Eu vou te odiar até meu leito de morte se isso te mantiver viva, baby. Nós vamos sair daqui, então você pode me socar quantas vezes quiser.”

“Magia…”

“Huh?”

Lutando para virar a cabeça, dois olhos cheios de lágrimas encontram os meus. “Use sua m-magia. Eu n-não consigo segurar por muito tempo. Eu p-preciso de mais poder.”

“Eu não tenho nenhuma magia. Porra! Você não pode ver isso? Eu sou inútil. Sempre fui!”

“Bobagem, Atti. Eu senti você.”

“Eu não posso fazer isso.”

“Pare de odiar a si mesmo e odeie o sistema que o trouxe aqui. Concentre-se. Canalize-o. Eu acredito em você.”

Quatro palavras, algo tão simples.

No entanto, em toda a minha vida, eu nunca ouvi isso. Nem mesmo dos meus irmãos adotivos, que me aceitaram por necessidade e não por amor. Eu sempre fui o fardo, a reflexão tardia.

“Eu não sou quem você pensa que sou,” eu sussurro entrecortado.

“Você é meu Atti. Você sempre foi.”

Suas palavras me apunhalam bem no meu coração estúpido e arrogante. Passei anos a odiando e tudo o que ela representa, em vez de me olhar no espelho. Emery nunca foi a porra do problema. Eu me odeio. Odeio minha mãe. Eu odeio minha vida e todos os seus fracassos.

Eu tenho que ser mais do que isso.

Eu tenho que *salvá-la.*

“Fale comigo sobre isso,” eu exorto, sacudindo minha mão esquerda.

Enquanto a criatura continua a devorar seu poder, Emery sussurra suas instruções. Afasto meus pés, respirando profundamente. Há caos dentro de mim. Raiva e fúria alimentaram minha autodestruição por uma década longa e solitária, e agora estou pedindo que se dobre à minha vontade. Não me surpreendo quando nada acontece.

“Paciência,” ela instrui. “Abrace-a, deixe-a vir.”

“Eu não sou uma maldita bruxa! Eu sou um desperdício de espaço.”

Emery se debate na mesa, soltando outro grito de dor. Amaldiçoando a mim mesmo, eu fecho meus olhos, alcançando a fera indomável dentro de mim. A magia é uma entidade viva que respira e me odeia pra caralho depois de anos de negligência. Ela murcha, tão acostumada ao ódio e à rejeição. Eu não desisto, porém, persuadindo-a para a frente.

Uma coisa em que concordamos: proteger o que é nosso.

Essa bruxa é toda minha, goste ela ou não.

“Ajude-a,” eu sussurro para a escuridão girando em meu peito. “Você fez isso antes. Alimente-a, deixe-a tomar minha força. Não deixe essa garota morrer, ou eu juro, vou me matar e levar você comigo.”

Em uma fração de segundo, o ar crepita ao nosso redor, carregado de eletricidade estática. Quase posso ver os tentáculos alcançando a cela oposta, procurando a força vital mais próxima para se agarrar.

Emery mexe os dedos, lutando para respirar com a dor. No momento em que minha magia encontra sua pele, parece que fui atingido por um raio. Eu caio contra as barras, a corrente poderosa me amarrando a ela enquanto trocamos almas.

Quando minha magia desliza sob sua pele, quase posso sentir sua mente pressionando a minha, cruzando alguma linha invisível e impossível. É incrível, como puro êxtase correndo em minhas veias.

As restrições que seguram Emery derretem, como se fossem tocadas por ácido. Quando seus olhos encontram os meus, eles estão brilhando como dois caldeirões de titânio líquido, cheios de tanto poder que é ofuscante.

Gavinhas negras e oleosas saem de sua mão esquerda, agarrando as barras que nos separam. Ela as abre com força antes de arrancar a porta da cela completamente de suas dobradiças.

“Em!”

Eu pulo em sua cela, pegando-a em meus braços. Seus dedos se enrolam no material da minha camiseta, seus olhos mal se mantendo abertos.

“Você tem a-alguma magia forte, Atti.”

Eu olho para ela em confusão. “Não fui eu.”

“Foi tudo você. Eu aproveitei sua magia, não a minha.” Mais sangue escorre de sua boca enquanto ela solta uma tosse úmida.

“Merda, o que posso fazer?”

“Você t-tem que tirar essa coisa de mim.”

“Como?”

“Ajude-me... vire-me...”

Rolando Emery de lado, suas costas estão expostas sob o sutiã. O caroço sob sua pele está descansando à direita de sua coluna. Ele ondula enquanto engole a magia restante em suas veias.

“Eu tenho você,” eu sussurro, acariciando seu cabelo sujo e manchado de sangue. “Segure-se em mim, eu vou tirar isso de você.”

Pegando a faca descartada no chão, deixo a magia em minhas veias guiar meus movimentos, passando um dedo sobre o caroço para prender o inseto. Ele para de se mover, congelado no lugar. Pressionando a lâmina contra a pele úmida de Emery, cavo fundo para abrir uma fenda.

Ela mal se encolhe, muito fraca e em péssimo estado. Eu preciso tirar isso dela. Arrastando o inseto atordoado de seu corpo, eu o esmago contra a mesa em um respingo de suco de inseto preto. Emery solta um suspiro, logo antes de desmaiar.

“Em? Em!”

Parece que estou nos libertando, então. Ainda bem que segui sua bunda estúpida até aqui com um plano de fuga. Eu sabia exatamente o que ela ia fazer. Matar Imelda terá que esperar.

Podemos matá-la juntos e então direi a Emery exatamente como me sinto, e o quanto quero foder sua boceta apertada em uma poça do sangue da minha mãe malvada.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Emery

Eu sempre gostei da dor dos outros.

Não de forma sádica, mais por fascínio mórbido pela condição humana. Eu aprecio as coisas quebradas na vida. Muitas vezes, é aí que estão os maiores tesouros, nos espaços desolados onde a bondade viveu.

Quando eu era mais jovem, eu seguia a curandeira do coven. Bruxas especialmente selecionadas com afinidade pela magia de cura são vistas com reverência e respeito. Ela era uma bruxa mais velha que adorava pensar que eu estava seguindo seus passos. Realisticamente, eu estava gostando da miséria e da dor que seu trabalho implicava.

Mesmo assim, a escuridão em mim exigia isso.

Alimentada pelo sofrimento, tornando-me mais forte.

Quando tomei o caminho da esquerda, tornei-me mais do que a garotinha mal-humorada que outras crianças intimidavam implacavelmente. As filhas de Geraldine eram as piores. Elas me tratavam como um animal e me destruíam uma e outra vez por diversão.

Perdedora. Aberração. Falha.

Elas adoravam esfregar na minha cara que eu tinha zero afinidade com a magia da luz. Parecia provável que eu tivesse poderes muito mais fracos quando me manifestasse. Minha mãe me odiava ainda mais por causa disso. É um mundo triste

quando a sociedade divide as pessoas em boas e más, e depois evita a última por não alcançar padrões tão poderosos.

Eu nunca quis ser uma boa bruxa como minha mãe e minhas irmãs, mesmo sabendo que magia negra era uma sentença de morte. Prefiro morrer como a versão mais autêntica de mim mesma do que encolher para me encaixar na ideia de quem eles querem que eu seja.

Meus arredores piscam para dentro e para fora da minha consciência, fragmentos de gritos e o zumbido de um motor, mãos macias e uma luz brilhando em meus olhos. Engolida pelo poço da inconsciência mais uma vez, quando sou liberada de volta à natureza, o barulho do motor cessou.

Lençóis macios embalam meu corpo, que ainda dói constantemente, embora um pouco menos ferozmente. O calor na minha frente e nas costas me encaixota, junto com o cheiro de loção pós-barba apimentada e sabonete cítrico. Eu tento lutar para abrir os olhos e gemo.

“Emery? Em?”

“Dói,” eu choramingo.

“Eu sei, baby. Me diga o que fazer. Como faço para corrigir isso?”

Alcançando a magia dentro de mim, encontro-a esgotada e lenta. Aquela tortura medieval que Imelda tentou foi uma verdadeira foda. Eu li sobre escaravelhos antes, mas nunca esperei que uma líder de coven empertigada e adequada tentasse uma porcaria tão obscura.

“Emmy?”

“Fale conosco, baixinha.”

Empurrando contra a onda de dormência, meus olhos se abrem novamente. Estou enrolada de lado com um par de olhos cinza-prateados olhando para mim. Atticus me bebe como um homem se afogando com falta de ar, seu polegar acariciando minha bochecha.

“Aí está você. Pensei que tínhamos perdido você por um segundo.”

“Nunca,” murmuro. “Você conseguiu, Atti.”

“Dificilmente. Você quase morreu.”

Há um rosnado nas minhas costas e eu sei que é Luther antes que ele se incline para encontrar meus olhos, preocupação e exaustão marcando seu rosto.

“Se você continuar fugindo, eu vou amarrá-la como uma prisioneira. Você está criando o hábito de voltar coberta de sangue.”

Com uma mão trêmula, eu seguro sua mandíbula desalinhada. “Apenas mantendo você na ponta dos pés, Luth. Onde está o garoto?”

“O garoto está aqui e ainda é um adulto, obrigado.”

Olhando para baixo da cama, encontro Kody esticado como um tigre de Bengala, observando nós três com um sorriso cansado. Seu sorriso se ilumina assim que ele me encontra acordada.

“Senti sua falta, Emmy.”

“Também senti sua falta, ninja.”

“Concordo com Luther. Tenho certeza de que podemos encontrar um bom canto para acorrentar você para evitar que isso aconteça novamente.”

Deixo minha cabeça bater nos travesseiros, fraca demais para permanecer erguida. “Já tive correntes e prisões suficientes. Se vocês três não fossem filhos da puta traidores pelas minhas costas, eu não teria que continuar correndo.”

Há uma batida de silêncio, nenhum deles discutindo de volta.

“Além disso, eu não vou sair desta cama por um tempo.”

“Quão ruim é isso?” Luther questiona.

Eu estudo meu corpo nu, lutando contra as lágrimas. Há um longo corte direto no meu torso, onde Imelda cortou minha roupa. Ele foi cuidadosamente costurado, mas ainda parece irritado como o inferno, junto com hematomas roxos violentos de ser espancada.

Mas o verdadeiro golpe é a caverna vazia em meu peito onde minha magia deveria estar. Nunca me senti tão impotente antes. Eu odeio isso. Não consigo nem mexer os dedos dos pés, muito menos lutar contra um demônio ou algumas bruxas psicóticas do coven.

“Tudo bem,” eu forço para fora.

“Emery,” adverte Luther. “Não minta para mim agora.”

“Como você fez?”

“Pare com isso,” Atticus late. “A verdade.”

Eu olho para o teto. “A líder do coven usou alguma magia sombria em mim. Se Atticus não tivesse me tirado, eu estaria morta agora. Parece que nós dois temos inimigos poderosos.”

“Você não pode tirar de mim de novo?” Atticus oferece.

“Preciso recarregar. Pegar emprestado de outra bruxa pode fazer você passar por uma fase difícil, mas sem a fonte, sou completamente impotente.”

Kody limpa a garganta, corando um tom de vermelho ainda mais brilhante do que seu cabelo. “As bruxas não... você sabe... ahem. Recarregam de outras maneiras?”

Eu sufoco outro gemido. “Eu não estou tendo essa conversa. Isso foi uma coisa de uma vez. Eu não sou uma praga sexual. Apenas me traga alguns analgésicos e uma bolsa de gelo para minhas costelas.”

“Mas se funcionar...” Luther começa.

“Devemos tentar,” Kody termina suavemente.

Eu olho entre os dois. “Seriamente?”

A cama de repente se move quando Atticus se levanta. Ele mal pode olhar para mim, sua mandíbula trabalhando duro.

“Eu preciso de um pouco de ar. Descubram essa merda sem mim.”

“Atti...”

“Estarei lá fora.”

Eu tento agarrá-lo, mas sua mão escorrega da minha enquanto ele sai do quarto. A rejeição me apunhala no peito,

enquanto Kody e Luther o observam ir, ambos parecendo muito irritados.

“Temos algumas coisas para descobrir.”

“Eufemismo do século.” Kody zomba. “Ele vai aparecer. Você deveria tê-lo visto arrastando você para fora, coberto de sangue e gritando. Ele nocauteou três bruxas sem dizer uma maldita palavra.”

“Ele fez? Com magia?”

Luther assente. “Nunca o vi fazer algo assim.”

“Imelda está morta?”

“Ela escapou.” Luther parece zangado além das palavras. “Atticus acabou por nos dizer para levar uma distração, então alguns moradores locais destruíram o lugar por uma pequena taxa.”

“Ela vai adorar isso. O coven vai matar todos nós.”

O par troca olhares carregados.

“O que?” Eu gemo.

“Trouxemos outra pessoa conosco,” explica Kody, inquieto. “Esta bruxa soluçante estava implorando por uma carona. Tentamos deixá-la, mas ela estava determinada a fugir.”

Surpresa flui através de mim. “Annabelle deixou o coven?”

“Não podíamos deixá-la para trás. Atticus insistiu.”

Lembro-me do olhar nebuloso e distante no rosto de Annabelle na cripta. Imelda tinha colocado algum tipo de feitiço

nela, bloqueando sua psique para mantê-la complacente. Sem mencionar as algemas enquanto ela a forçava a descer para a cripta.

É uma merda de se fazer com sua filha, e magia mental é uma grande violação. Embora, eu diria que não é inesperado de uma bruxa de coven como Imelda. Ela teria deserdado a filha por ter feito um aborto.

“Isso é porque ela é irmã dele.”

Ambos ficaram boquiabertos, incrédulos.

“Volte novamente?” Luther desabafa.

“Annabelle é a irmã real de Atticus,” repito, estremecendo quando minhas costelas doem. “Foi Imelda quem o abandonou. Duvido que Annabelle soubesse que ela tinha um irmão. Ela deve estar tão confusa agora.”

“A líder do coven é a mãe de Atticus?” Kody suspira.

“Exatamente.”

“Ele com certeza manteve isso quieto.”

“Onde está Annabelle? Eu deveria...”

“Ok, chega,” Luther interrompe. “Podemos descobrir tudo isso mais tarde. Você não vai a lugar nenhum. Deixe-nos ajudá-la, anjo.”

Kody olha para mim com seriedade. “Por favor, Emmy. Dói-nos vê-la com dor. Se pudermos melhorar, faremos.”

Mordendo meu lábio, olho entre suas expressões suplicantes. Porra, eles não são meus malditos amigos. Por que estou lutando contra isso? Luther arrasta um dedo ao longo da

minha mandíbula, seu polegar patinando no meu lábio inferior, mergulhando dentro da minha boca brevemente.

“Ok,” eu cedi.

“Boa menina,” ele ronrona. “Vamos fazer essa magia, certo?”

Lábios encontrando os meus, sua língua empurra direto na minha boca em um ato de puro domínio. Eu sinto as mãos de Kody nas minhas pernas quando ele começa a beijar seu caminho para cima, mergulhando direto. A magia enfraquecida em mim está gritando para ser reabastecida, me prendendo nesta cama com meus dois ex-melhores amigos.

Quando minha vida ficou tão estranha?

Eu adoro isso.

A mão de Luther desliza pelo meu seio nu, evitando a ferida inflamada. Ele rola meu mamilo entre os dedos, beliscando o botão rosado enquanto eu solto um gemido baixo e suplicante. Ele traz a boca para o meu seio esquerdo e faz a festa.

Enquanto Luther chupa meu mamilo endurecido, eu me concentro em Kody se acomodando entre minhas pernas, ainda apimentando beijos na minha coxa. Poupando-me um olhar aquecido, ele arrasta um dedo pela umidade acumulada entre minhas coxas.

“Ela está molhada para nós, irmão?” Luther questiona.

“Encharcada,” Kody responde. “Você quer que eu prove sua doce boceta, Emmy?”

Eu suspiro quando ele esfrega meu clitóris. “Sim.”

“Sim, o que?” Luther rosna. “Use suas palavras, anjo.”

Ele retoma meu mamilo em sua boca, puxando-o entre os dentes até eu gemer novamente. Abrindo mais minhas pernas, chamo Kody para mais perto enquanto ele espera pela confirmação.

“Sim, por favor,” eu repito sem fôlego. “Eu quero que você prove minha boceta.”

Kody sorri. “Tudo o que você disser, linda.”

Com uma mão espalmada em minha barriga machucada, ele traz sua boca para minha boceta encharcada. Seus dentes roçam meu clitóris, fazendo minhas costas arquearem. Eu nunca estive mais grata por acordar nua com dois homens pecadores.

“É isso,” Luther elogia. “Você gosta disso, hein?”

Língua empurrando em minha boca, ele engole meus gemidos de prazer. Ao mesmo tempo, Kody arrasta um dedo pelos lábios da minha boceta, circulando meu buraco apertado. Ele empurra para dentro, curvando o dedo para roçar aquele ponto doce.

“Tão apertada,” ele murmura.

Entre os dois, meu núcleo começa a apertar, o calor fluindo da minha boceta e direto nas minhas veias. Já posso sentir minha magia ganhando vida, quase virando a cabeça para olhar para mim, intrigada.

“Mais. Eu preciso de mais,” eu imploro.

“Nós não queremos te machucar,” Luther sussurra contra meus lábios.

Aparentemente, o grande homem pode ser gentil.

Quem sabia? Chame-me surpresa.

“Mesmo com dor, eu confio em vocês dois,” eu concedo. “Eu só preciso... *sentir.”*

Kody trabalha seu dedo dentro e fora da minha boceta, olhando para mim com olhos curiosos para estudar minha reação. Ficarei feliz em ser seu experimento científico enquanto ele continuar me acariciando assim, parecendo inocente com os dentes perfurando o lábio inferior.

Quando ele dedilha meu clitóris novamente, eu grito, sentindo o início de um orgasmo lamber minhas entranhas. Luther afunda seus dentes profundamente em meu pescoço, sugando minha pele enquanto eu surfo a onda, deixando-a crescer até que meu corpo esteja inundado de sensações.

“Ela não é bonita quando goza, irmão?”

Kody concorda com a cabeça. “Perfeita pra caralho.”

Ofegante, olho para os dois. “Vocês são estranhamente bons nessa merda de compartilhamento. Estou começando a me perguntar o que vocês passaram a última década fazendo.”

“Eu realmente não tenho relacionamentos,” Luther murmura, roçando um polegar sobre a mordida impressa na minha pele. “Eu nunca quis... até agora, eu acho.”

“Eu tive uma namorada por três anos, mas quando ela percebeu que eu estava apaixonado por um fantasma, ela se levantou e saiu da cidade,” acrescenta Kody. “Eu nunca mais a vi.”

“Eu nunca pedi para vocês esperarem por mim.”

Luther varre o cabelo preto emaranhado do meu rosto. “Nenhum de nós esperava que você voltasse, mas o coração sempre vai querer o que não pode ter.”

“Eu odeio essa desculpa,” Kody reclama. “Eu quero você e vou ter você, porra, coração que se dane.” Ele olha para o irmão. “Mesmo que isso signifique compartilhar você com outra pessoa.”

Luther dá de ombros. “Tenho a sensação de que há outra pessoa nessa equação também. Você sempre foi nossa, Em. Não vamos deixar você ir de novo.”

“Mas como? Você quer que eu esteja com todos vocês?”

Agarrando meu queixo, Luther se aproxima para morder meu lábio, deixando gotículas de sangue bem na superfície. A escuridão dentro de mim começa a cantar, absorvendo os fios de magia ficando mais fortes sob o estímulo.

“Você quer escolher?” Ele me cala.

“Acho que não conseguiria se tentasse.”

“Então não.”

Luther me puxa em cima dele até que eu estou montada em seu peito nu. Ignoro a pontada de dor dos meus ferimentos, muito excitada para me importar. Kody toma meu lugar vago, ainda nos observando.

Com a força reabastecido pelo meu primeiro orgasmo, eu me inclino para beijar Luther. Meus dentes colidem contra os dele enquanto ele desliza seu pau grosso de sua calça de moletom. Eu tremo quando a ponta macia de veludo roça minha entrada nua.

Luther sorri. “Se você quiser, você tem que pegar.”

Agarrando seu pulso, eu o prendo no colchão. “Seu funeral, Hulk.”

Reposicionando-me, eu rapidamente afundo em seu comprimento. Ele solta um grunhido baixo uma vez que ele está enterrado profundamente na minha boceta, os olhos brilhando com surpresa e fome. Começo a me mover em movimentos suaves e medidos, trabalhando com meu corpo dolorido.

“Mais,” ele exige.

Eu mantenho um ritmo lento, provocando-o. “Prometa-me algo primeiro.”

“Qualquer coisa.”

Passando meus olhos para Kody para incluí-lo, faço uma pausa enquanto monto Luther, deixando que ambos vejam o quão sério estou falando sobre isso.

“Chega de mentiras.”

Eu juro, a culpa pisca em seus rostos.

Kody engole, evitando meus olhos. “Emmy…”

“Chega de mentiras,” intervém Luther.

Antes que eu possa definir a estranha tensão entre eles, ele de repente empurra os quadris para cima para acelerar o ritmo. Cravo minhas unhas em seus ombros largos, oprimida pela sensação de plenitude. Luther me observa como se eu fosse um anjo caído mergulhando para roubar sua alma.

A recarga de poder rodopiante dentro de mim explode em uma torrente de eletricidade, estalando em minha pele. Eu tenho que agarrar a força selvagem antes que ela faça algo louco como colocar fogo na maldita cama.

“Lá está ela,” anuncia Luther. “Eu posso sentir você.”

Todos nos assustamos quando a lâmpada acima de nós se estilhaça. Ignorando a estática crescente no ar, eu me jogo em cima de Luther até que algo dentro de mim estale. O calor corre por todo o meu corpo, queimando as terminações nervosas e incendiando as células.

“Deixe-me ver o quão fodidamente perfeita você parece enquanto desmorona para mim. Vou encher sua doce boceta rosa com meu gozo.”

Maldita boca suja!

Chegando ao clímax novamente, eu grito pela segunda vez. Luther bate em mim com alguns golpes finais até que seu calor está me enchendo. Graças a Deus pelo controle de natalidade sobrenatural. Eu realmente não quero nenhum pequeno Luther correndo por aí, mesmo que ele provavelmente desse bebês bonitos.

Quase esqueci que Kody está nos observando.

Sempre o estudioso, anotando tudo devidamente.

Eu o encontro extasiado, acariciando sua própria ereção. O calor ainda está queimando em suas bochechas, e quando eu o alcanço, ele entrelaça nossos dedos.

“Ainda não. Quando transarmos pela primeira vez, quero você só para mim.”

A culpa se instala em mim. “Sinto muito, ninja. Eu não estava pensando.”

Ele beija meus dedos. “Não se desculpe. Eu sei que somos um pacote. Além disso, isso foi seriamente quente. Vou deixar você e tomar um banho frio, ok?”

Kody enfia seu pau de volta em suas calças, me dando uma piscadela antes de desaparecer. Eu me acomodo na cratera quente deixada por seu corpo, aconchegando-me a Luther.

“Como isso funciona, Luth?”

“Foda-se se eu sei, baixinha.” Seu sorriso não vacila. “Nós vamos descobrir isso. Nenhum de nós está pronto para chegar tão perto de perdê-la novamente, incluindo Atticus.”

“Isso é suficiente para nos manter todos juntos?”

Seu olhar fica feroz. “Será. Fique aqui. Eu vou pegar uma toalhinha.”

Eu sou deixada sozinha para olhar para o teto esburacado, tantas emoções guerreando dentro de mim. Mais do que tudo, há esse desespero dolorido para pertencer novamente. Passei a última década negando o meu lado humano, contente por estar sozinha.

Eu não quero mais isso. Alguma coisa mudou.

Eu quero uma vida.

Uma família.

Um lar.

Porra, eu os quero.

CAPÍTULO DEZESSETE

Emery

Colocando uma das enormes camisetas de Luther sobre a minha cabeça, saio furtivamente do quarto. Tanto ele quanto Kody estão roncando, nenhum dos dois se mexendo enquanto eu saí de seu sanduíche quente e musculoso.

Eles passaram a noite inteira ao meu lado, eventualmente adormecendo por pura exaustão. Depois de conseguir algumas horas de sono, estou me sentindo um pouco mais eu mesma. Levará tempo para me recuperar totalmente, mas estou viva.

Hora de enfrentar a tempestade de merda deixada em meu rastro.

Temos problemas maiores para nos preocupar.

Rastejando pelo corredor, enfio a cabeça no quarto de Atticus, encontrando uma cabeça cheia de cabelos loiros espalhados em seus travesseiros. Annabelle está desmaiada, murmurando em seu sono. Ainda não tive a chance de falar com ela, mas na verdade estou feliz por ela estar aqui.

Esse coven é tóxico pra caralho.

Ela precisa escolher seu próprio destino.

Fechando suavemente a porta, eu enfrento as escadas. Após os eventos da noite passada, os caras disseram que eu fiquei inconsciente por um dia inteiro. Eles mantiveram o bar fechado por uma segunda noite para nos dar um pouco de privacidade, então quando eu avisto uma luz nas instalações

desertas do andar de baixo, eu sei quem eu vou encontrar ainda acordado.

Atticus está esparramado em uma cabine, olhando para o espaço enquanto segura uma garrafa meio vazia de rum. No momento em que entro no bar vazio, seus olhos colidem com os meus, quase como se ele esperasse que eu viesse. Sua expressão é sombria.

“Quer uma bebida?” Ele murmura.

“Mais do que qualquer coisa.”

Deslizando em frente a ele, eu assobio de dor enquanto minhas costelas se contorcem, pegando a garrafa para me anestesiar. Com o álcool queimando um caminho pela minha garganta, sinto meu corpo relaxar um pouco.

“Você parece um lixo.”

Atticus dá de ombros. “Você também.”

Seu rosto é preto e azul, olhos alinhados com bolsas roxas vibrantes e seu nariz quebrado está preso no lugar. Os executores do coven fizeram um número real em nós dois.

“Você conseguiu dormir um pouco, pelo menos?”

Eu franzo a testa para ele. “Você se importa agora?”

Sua boca abre e fecha, uma emoção sem nome passando por ele. “Eu sempre me importei, Em. A merda é apenas complicada, sabe?”

“Sim, eu sei.”

Ele rouba o rum de volta, bebendo profundamente.

“Talvez possamos concordar com uma trégua?” Eu sugiro suavemente. “Quase morremos juntos. Eu vou voltar a bater na sua bunda na próxima semana, quando eu puder me mexer. Combinado?”

Atticus bufa. “Sim, de acordo. Eu provavelmente mereço.”

“Sem discussão nisso.”

Esticando minhas pernas rígidas debaixo da mesa, eu enterro meus dedos frios nele para roubar seu calor. Atticus revira os olhos antes de agarrar meus pés.

“Você está congelando.”

Pegando a bebida de volta, eu roubo outro gole. “Isso está me aquecendo.”

Nós compartilhamos a garrafa em um silêncio pesado, pontuado apenas pelo carro estranho passando do lado de fora. Nenhum de nós parece saber por onde começar. Quando o álcool acaba, eu esfrego a mão no rosto. Sem evitar esta conversa por mais tempo.

“Por que você não me contou, Atti?”

Seus olhos imediatamente caem. “Eu queria.”

“Você não fez, caso contrário você teria.”

“Quando você foi embora, passei anos me matando lentamente, bebendo e usando tudo o que eu podia colocar em minhas mãos. Eu sempre soube o que eu era. Depois que me manifestei, tentei de tudo para me livrar da loucura dentro de mim.”

“Você é um bruxo. Você não pode simplesmente desligá-lo,” eu digo cansada.

“Esta magia é a razão pela qual minha família me abandonou,” ele retruca. “Se não fosse por esta... esta... *doença,* eu poderia ter levado uma vida normal. Eu não te contei por que sabia que você gostaria que eu abraçasse a magia.”

Estendendo a mão, eu agarro sua mão, trabalhando para abrir seu punho apertado. Atticus tenta se afastar, mas eu me agarro resolutamente, determinada a acabar com isso.

“Fugir disso é a razão pela qual você está com tanta dor. Negar essa parte de você não fará com que ela desapareça. A magia não funciona assim.”

“Eu não me importo. Não é isso que eu quero.”

“O que você quer então?”

“Eu preferiria morrer como humano do que viver como um bruxo,” ele admite em um sussurro áspero. “Você quer saber a verdade? Eu me odeio pra caralho.”

A dor envolve meu coração, seu toque esquelético me fazendo estremecer. Incapaz de me conter, vou para o lado de Atticus da cabine. Ele me dá um olhar de lado quando eu deslizo ao lado dele, mas não revida.

“O coven te ensinou a odiar bruxas das trevas, Atti. Minha família também me odiava. Passei anos tentando ser outra coisa, me punindo quando não funcionava. Vocês foram as primeiras pessoas a me aceitarem como eu sou. Por que isso?”

“Porque você não é uma pessoa ruim.”

“Mas você não pode se perdoar por usar a mesma magia que eu?” Eu pergunto suavemente. “Nós somos bruxas das trevas. É o nosso destino.”

“E se eu não quiser esse destino?”

“É exatamente por isso que você foi escolhido para isso. Pare de se odiar e comece a odiar aqueles que te jogaram de lado e te disseram para ser diferente.”

Atticus considera isso, sombras rastejando sobre seu rosto.

“A primeira vez que usei magia da mão esquerda, corri para minha mãe pedindo ajuda,” ele sussurra, a dor entrelaçando suas palavras. “Ela deu uma olhada em mim e gritou. Tudo o que fiz foi convocar um espírito para ser meu amigo porque eu estava tão sozinho.”

Escovo meus dedos sobre seu rosto machucado e inchado, pegando lágrimas furiosas que se atrevem a escapar de seu controle. Atticus se encolhe, instintivamente tentando se afastar de mim, mas eu não deixo. Subindo em seu colo em vez disso, descanso nossas testas juntas.

“O garoto que conheci há treze anos era um bom menino, por baixo da raiva e da má atitude. Ele me ensinou a rir e me trouxe sorvete e tampões quando tive minha primeira menstruação.”

O menor sorriso curva seus lábios, então eu continuo.

“Ele segurou minha mão quando minha mãe me bateu por usar magia negra proibida. E ele se arrastou na cama para me abraçar quando o mundo parecia tão assustador, que eu não queria mais estar nele. Seu toque me manteve viva.”

Atticus solta um suspiro trêmulo, a luta parecendo escoar-se dele. “Aquele garoto se foi, baby. Ele morreu há muito tempo.”

“Eu me recuso a acreditar nisso. Ele cresceu, passou pelo inferno, e sua melhor amiga não estava aqui para ajudá-lo a passar por isso. Sinto muito por ter decepcionado você.”

“Você não fez.”

“Sim, eu fiz. Estou aqui agora, Atti. Bem aqui.”

“Até você sair de novo.”

Eu balanço minha cabeça. “Não dessa vez. Eu não estou indo a lugar nenhum.”

Sua cabeça se anima. “Você não está?”

“Reaper's Hollow precisa de uma bruxa semi-insana, sarcástica e um pouco homicida, certo? Eu me encaixo totalmente na conta. Este lugar é quase tão louco quanto eu.”

“Eu acho que você pode estar bem aí.” Uma carranca se forma em suas sobrancelhas enquanto Atticus parece refletir sobre algo. “Empurrei minha magia para baixo por tanto tempo que ela me odeia. Sinto que sou duas pessoas diferentes e constantemente em guerra comigo mesmo.”

“Então deixe-me ajudá-lo.”

“Como?”

Aproximando-me, quase posso sentir o gosto da esperança em sua respiração. Nossos lábios estão tão próximos, magnetizados juntos, mas ainda presos por um oceano entre nós.

“Eu posso te ensinar. Nós vamos passar por isso juntos,” murmuro. “Cansei de me esconder. Deixe o coven vir e vamos queimá-los pelo que fizeram conosco.”

“Você realmente vai ficar?”

“Se você quiser.”

Eu posso ver que ele está lutando contra o desejo de correr novamente, um instinto arraigado de se esconder em uma atitude ruim e insultos para manter seu frágil coração seguro.

“O mundo é um lugar solitário quando você não está nele,” ele admite.

“E meu mundo parou de existir no dia em que deixei vocês três para trás. Vou ficar em Reaper's Hollow por nós, Atti. Não há futuro para mim em nenhum outro lugar.”

Seu sorriso torto faz meus dedos do pé enrolarem. “Nesse caso, tenho certeza que esta cidade poderia usar uma bruxa maluca em seu boticário assustador.”

Eu soco o ar. “Eu sabia! Minha hora chegou.”

“Ainda temos um pequeno problema de demônio para cuidar também.”

“Mais uma razão para me mudar. Terei sorte se Imelda não queimar o boticário até o chão, mas tenho certeza de que Luther me ajudará a mover minhas coisas.”

“EMERYYYYYYYY!”

Batendo minhas mãos sobre meus ouvidos, eu pego o estremecimento de Atticus. Nós dois nos viramos para encontrar Maude parada na frente do bar com as mãos nos

quadris. Se olhares pudessem matar, eu já estaria a dois metros de profundidade. Ela dá a Atticus um olhar combinando.

"Na próxima vez que você for em uma missão suicida, eu *NÃO* vou ficar para trás! É exatamente por isso que eu sou sua companheira, sua vadia mal-humorada. Apoio fantasma!"

"Relaxe, Maude." Eu tento um sorriso inocente. "Eu ainda estou aqui para você assombrar e irritar. Não pode se livrar de mim tão facilmente. Sinto muito por assustá-la, no entanto."

"Aparentemente não," Atticus murmura.

Eu atiro-lhe um olhar surpreso. "Você pode ouvi-la?"

"E me ver," declara Maude, embora ela não pareça satisfeita.

"Algo mudou quando nossa magia se conectou," Atticus explica. "Acho que despertou uma parte adormecida dentro de mim. Maude estava aqui quando voltamos, e ela gritou quando perguntei quem diabos ela era."

Alcançando meus sentidos, sinto a magia de Atticus. Parece familiar para mim depois de misturar com a minha, como uma tempestade de inverno cobrindo meu corpo em um manto de neve. Eu deixo sua essência cair sobre mim, conectando com a magia no meu peito.

"Foda-se," ele resmunga. "O que você está fazendo?"

Agitando a força reunida, nossos poderes se misturam em um delicioso furacão. As duas vertentes separadas da magia se reconhecendo como velhos amigos. Solto um suspiro de prazer. É como voltar para casa.

“Sente isso?” Eu pergunto com admiração. “Você é mais forte do que pensa. Eu posso sentir seus poderes. Com um pouco de prática, podemos deixá-lo atualizado.”

A mão de Atticus se esgueira sob a camiseta de Luther para roçar minha pele corada. Percebo o momento em que ele descobre que não estou usando mais nada por baixo. Seus olhos cinza-prateados ficam escuros e diabolicamente perigosos.

“Por que parece que você está me reivindicando?”

“Você era meu para começar,” eu rosno. “Agora minha magia concorda.”

Ignorando Maude nos observando, Atticus suspira. “O que isto significa?”

“Você confia em mim?”

“Claro que eu faço.”

“Eu vou te ensinar a dominá-la. Você vai ficar bem.”

Movendo-me em seu colo, eu guincho quando sinto seu pau endurecer. Eu não me preocupei em colocar a calcinha de volta para me esgueirar até aqui, então seu comprimento está pressionado contra minha boceta nua. Atticus me nivela com um olhar voraz, desenhando círculos lentos e tentadores contra minha pele.

“Hum, eu deveria dar a vocês um pouco de privacidade?” Maude desabafa.

“Sim,” respondemos simultaneamente.

Ela desaparece com uma expressão azeda, fundindo-se de volta na parede. Sua atitude mal-humorada está realmente começando a me irritar. Eu me esfrego contra Atticus involuntariamente, respirando com dificuldade, enquanto sua mão desliza para cima para segurar meu seio.

“Eu te beijei antes daqueles dois,” ele diz em um sussurro gutural. “Isso faz de você minha, Em? Ou eu tenho que compartilhar você com esses filhos da puta?”

“Sinto muito, Atti. Você não é o único com quem me importo.”

“O que posso dizer, eu sou um bastardo egoísta. Valeu a pena tentar, pelo menos.”

“Eu realmente não tenho ideia de como isso funciona.”

“Foda-se se eu sei. E não me importo agora.”

Quando nossos lábios finalmente se encontram, é como se a maré estivesse me levando de volta à praia. Ainda há tanta coisa quebrada e imperfeita entre nós, mas eu não aceitaria de outra maneira. Desde que eu possa chamar Atticus de meu.

Esticando-se na cabine, ele me coloca ao seu lado. Minha perna engancha sobre seu torso e nossas mãos emaranhadas descansam em seu peito, logo acima da batida de seu coração. Deixo meus olhos se fecharem enquanto a respiração de Atticus agita meu cabelo.

“Durma, baby. Eu tenho você. Eu nunca vou deixar ir.”

Sinto como se estivesse esperando minha vida inteira para ouvir essas palavras.

CAPÍTULO DEZOITO

Kody

"Esta é a última caixa?" Eu grito para dentro.

"Sim! Luther trouxe o resto."

Chutando a porta do SUV fechada, eu luto pela calçada. Em frente ao Leila's Bar, a loja e o apartamento recém-adquiridos vibram com a conversa. Todos se reuniram para transferir Emery oficialmente.

Encontrar um terreno baldio em Reaper's Hollow não foi exatamente difícil. A maioria das pessoas está fugindo deste lugar, não se importando em se mudar *e* estabelecer uma base. Acho que todos nós ficamos um pouco surpresos quando ela realmente seguiu adiante, desenraizando e reassentando de volta neste deserto estéril.

Colocando a última caixa para baixo, eu olho ao redor do espaço. Está sufocado em teias de aranha após anos de desuso, mas tem muito potencial. Temos experiência em consertar lugares, e tenho certeza de que Luther está elaborando planos mentais enquanto falamos.

"Este lugar não é tão ruim," eu ofereço.

Emery pula em um balcão. "Já vi piores."

"Vai dar um pouco de trabalho, mas temos tempo."

“Estou feliz que minhas coisas tenham sobrevivido; as alas que montei fizeram um bom trabalho em esconder o boticário. Estou surpresa que o coven não o tenha encontrado.”

No canto, Atticus está franzindo a testa para uma enorme rachadura na parede. Ele está quieto enquanto se recupera de sua pequena viagem de volta para casa. Enquanto íamos arrumar todas as coisas dela, ele optou por ficar com Emery e ajudar a resolver tudo para este lugar.

“Eles vão nos rastrear eventualmente,” argumenta.

Emery encolhe os ombros. “Vamos limpar o chão com eles desta vez.”

Eu flexiono meus bíceps, fazendo-a explodir em gargalhadas. “Eu mesmo vou chutar suas bundas, nenhuma merda de bruxa é necessária. Chame isso de poder do cérebro.”

Atticus franze a testa ainda mais. “Claro. Você pode derrotar os executores do coven até a morte com seu intelecto imponente. Estamos condenados.”

Eu lhe mostro o dedo do meio. “Pelo menos não vou quebrar meu nariz.”

“Não, a menos que eu faça isso por você, idiota.”

Alguém me dá um tapa na cabeça, encerrando nossa discussão. Luther entra com braçadas de comida em sacos de papel manchados de graxa, sorrindo para nós dois.

“Deixe a merda de super-herói para esses dois. Você vai se envergonhar de outra forma.”

“Eu sou perfeitamente capaz de chutar traseiros,” eu defendo.

“Com o que?” Luther ri. “Sua fonte de conhecimento totalmente inútil?”

Eu gesticulo para Atticus. “Como ele disse, com meu intelecto imponente.”

“Sempre poderia jogar livros neles, suponho.”

Emery e Atticus riem juntos, ambos olhando para um lugar vazio na sala. Eu me viro para encarar o par cacarejante com as mãos nos quadris.

“O que diabos o fantasma tagarela está dizendo sobre mim agora?”

“Ela acha que você é fofo,” Emery responde.

“Ou apenas um idiota,” acrescenta Atticus. “Você nunca saberá.”

Com um bufo, eu pego a caixa de volta e a empilho com as outras. Luther me conquista de volta ao me passar um enorme sanduíche cheio de queijo e almôndegas. Ele nem parece arrependido, mas eu aceito mesmo assim. O caminho para o meu coração é obviamente através do meu estômago.

Desembalando o resto da comida, ele grita para os outros se juntarem a nós. Estou comendo meu sanduíche quando o sino enferrujado acima da porta da loja toca. Annabelle olha entre nós timidamente, equilibrando várias xícaras de café de isopor.

“Ei!” Emery chama brilhantemente.

Ela consegue dar um sorriso tenso. “Espaço para mais um?”

Luther acena para ela. “Pare de ser tímida. Apenas entre antes que Kody coma seu maldito sanduíche. Ele é um merdinha ganancioso quando está com fome.”

“Vocês são tão maus para mim,” eu gemo com a boca cheia.

Annabelle esteve conosco na semana passada, mas manteve distância. Atticus mal consegue olhar para ela e eu sei que os dois não conversaram sobre todas as suas complicadas porcarias de família. Ele é o rei da evasão.

“Sua viagem correu bem?” Annabelle pergunta.

Luther toma um gole de café. “Nenhum sinal do coven. Para ser honesto, foi um pouco suave demais para o meu gosto.”

“Você acha que o coven desistiu?”

“Claro que não,” Emery fornece. “Eles estão ganhando tempo.”

Eu engulo meu caramelo, café com leite duplo. “Sim, como se aquele culto psicopata deixasse vocês escaparem impunes. Não acredito nem por um segundo.”

Annabelle derruba abruptamente seu sanduíche. “Minha família não é uma maldita seita.”

“Você tem outra palavra para isso?”

“Chega,” Emery intervém. “Acho que todos podemos concordar que Imelda fez algumas coisas de merda, junto com o resto de nós. Vamos deixar isso assim.”

“Coisas de merda, incluindo quase matar vocês dois?” Luther se desespera.

“Ela ainda é minha mãe,” Annabelle murmura.

“E ela ainda é uma vadia de coração frio,” Atticus retruca.

Parecendo que ela foi esfaqueada no peito, Annabelle empalidece. Ela olha para Atticus por vários segundos antes de sair correndo e desaparecer. Emery poupa a todos nós olhares de advertência enquanto ela a persegue, apesar de Atticus dizer a ela para deixá-la. Ficamos todos boquiabertos atrás das duas.

Luther balança a cabeça. “Você não precisava aborrecê-la.”

“É a verdade,” Atticus defende.

“Ela ainda é sua irmã. Talvez você devesse ser o único a persegui-la e descobrir merdas.”

“Não Emmy,” acrescento.

Atticus olha para a embalagem em sua mão, parecendo querer dar um soco no seu sanduíche de peru meio comido. Estamos pisando em ovos ao redor dele por um tempo agora, e acho que estamos todos muito cansados disso.

“Ela pode ser minha irmã, mas ela ainda é uma bruxa de coven. Eu não confio nela.”

“Você não precisa. Emery faz, e é a decisão dela.”

“E se ela for uma espiã trabalhando para o coven?”

“Nós a levamos para fora,” eu respondo severamente.

Atticus me lança um olhar. “Eu mesmo a mataria.”

“Sua própria irmã?”

“Você realmente acha que eu tenho algum vínculo familiar com os idiotas que me criaram? Minha família está bem aqui nesta sala. Droga, Kody. Você deveria saber disso.”

Atticus sai correndo da loja, passando direto por Emery na rua. Ela fica boquiaberta atrás dele, mas sabiamente não o segue. Ele precisa de tempo para colocar a cabeça no lugar e quanto mais longe estivermos enquanto ele faz isso, melhor.

“Annabelle está se refrescando,” Emery nos informa.

“Ela está bem?” Luther pergunta.

“Deixar o coven para trás foi difícil para ela. É tudo o que ela já conheceu. Levará tempo para ela colocar a cabeça em uma vida diferente.”

“Ela sempre pode voltar,” murmuro sombriamente.

“Pare de ser um idiota, ninja. Annabelle foi enganada a vida inteira e está tentando descobrir como consertar seu relacionamento com Atticus. Precisamos ter paciência com ela.”

“Tudo bem, mas quando isso explodir na nossa cara, serei o primeiro a dizer que avisei.”

“Então eu serei a primeira a chutar sua bunda,” Emery responde docemente, então dá um beijo rápido na minha bochecha. “Você fica quente quando está com raiva.”

Colocando meu sanduíche para baixo, eu a coloco no balcão, empurrando embalagens e guardanapos para o lado.

Ajeitando-me entre suas pernas abertas, eu seguro a bochecha de Emery.

“Eu posso ser tão possessivo quanto Luther, linda. Não me empurre. Tem sido alguns longos meses. Foda-se, anos. Estou pronto para um pouco de vida normal.”

“Está chegando. Assim que eu estiver forte o suficiente, vamos descobrir como restaurar o véu, e então nos livrar dessa nuvem que paira sobre nós. Eu preciso descobrir o que o grimório está realmente dizendo.”

“Precisa de ajuda?”

Emery pisca. “Eu poderia usar um assistente de pesquisa sexy para comandar, com certeza.”

“Até onde posso dizer, o grimório está escrito em uma língua morta.”

“Você deu uma olhada nele?”

“Brevemente. Não é uma linguagem que eu reconheça.”

Ela morde o lábio. “É a língua dos ancestrais. Estou familiarizada com isso. Vou precisar de algum tempo para decifrar as informações e descobrir como salvar nossas peles.”

Luther nos observa com um brilho nos olhos. “Quero começar a reformar este lugar. Vocês dois consertem a merda do demônio. Eu e Atticus vamos consertar a merda do prédio.”

Emery bufa. “Eloquente como sempre.”

“Não me faça ir até aí,” adverte Luther com a boca cheia de café. “Eu vou bater na sua bunda mesmo com as mãos do meu irmão em cima de você.”

“Talvez eu gostasse disso.”

“E talvez eu não me importe,” eu respondo com um sorriso.

O telefone de Luther interrompe a brincadeira, exigindo sua atenção. Ele dá uma olhada na tela e desliga. Emery olha para ele, a tensão esculpindo seu lindo rosto em linhas duras.

“A corrente de e-mail ainda está chegando?” Ela pergunta.

“Não.”

“Você me avisou sobre mentir para você e prometeu ser sincero. Você não precisa me envolver em algodão.”

Ele brinca com seu cabelo castanho desgrenhado, atrasado para um corte. “As coisas ficaram quietas depois do que aconteceu na rua. Você deve ter enfraquecido o demônio. As cartas e mensagens começaram novamente esta semana.”

Emery amaldiçoa. “Azazel sabe que temos o poder de bani-lo de volta ao reino inferior. Claramente, ele não consegue parar de jogar.”

Eu me sirvo de seu almoço descartado. “Podemos começar e traduzir o grimório. Vamos torcer para que o demônio nos deixe em paz até que estejamos prontos.”

“E o Sr. Feliz lá fora?” Luther olha para fora.

“Ele concordou em treinar comigo,” ela responde.

“Você acha que ele pode aprender?”

“Com paciência suficiente, acho que podemos tentar. Eu poderia usar sua ajuda para mantê-lo longe do pó da festa enquanto sua magia é tão volátil.”

Luther assente solenemente. “Há muito tempo que administro a má atitude do Atticus. Ele vai ficar limpo ou ter seu rosto esmurrado pela porra do meu punho.”

“Então temos um plano.”

Faço uma pausa antes de afundar meus dentes no sanduíche de salada de frango descartado de Emery, minha barriga ainda roncando detestavelmente.

“Você terminou com isso, certo? Posso comer?”

Ela ri. “Parece que fiz agora.”

CAPÍTULO DEZENOVE

Emery

"Agora, empurre essa bola de energia para fora."

"Como?!"

"Você precisa usar sua vontade, conectar-se com a magia."

Observo Atticus rosnar, perdendo o controle pela quarta vez em meia hora. Ele está ainda mais enferrujado do que eu pensava, e seu mau humor não está ajudando nossas aulas a correrem bem. Nós dois estamos muito felizes no gatilho para trabalharmos juntos.

"Traga sua mente de volta para a tarefa em mãos," eu instruo, tentando ser paciente. "Pare de pensar em quão sexy e incrível eu sou. Eu sei que sou a melhor."

Seu olhar é gelado. "Hilário."

"Você precisa aprender a lançar com segurança e controle. Jogar magia por aí não vai ajudar ninguém."

"Eu estou fodidamente tentando, ok?"

"Bem, tente mais!"

O círculo de velas negras ao nosso redor brilha mais forte por um segundo antes de voltar a desaparecer. Eu posso sentir a raiva de Atticus daqui enquanto ele luta para controlar seus poderes. Com toda a justiça, sua magia é forte pra caralho,

mas totalmente destreinada. Testaria até a mais paciente das bruxas.

“Respire através dela.”

“Você continua me deixando louco. Eu não posso controlar como ela reage.”

“A magia está entrelaçada com emoções, Atti. Continue parecendo como um vulcão e você vai explodir. Estou tentando minimizar as baixas.”

“Você é uma vadia do caralho às vezes.”

Desta vez, eu o encaro. “Vamos fazer uma pausa antes que eu vá até ai e quebre sua cara com a minha mente. Confie em mim, eu vou fazer isso.”

Com um olhar, todas as velas se apagam, pingando cera quente no piso de madeira polida de Luther. Ele vai me bater até sangrar por isso mais tarde. Arrasto meu corpo dolorido para cima e tropeço em direção ao sofá próximo. Passei a manhã inteira cuidando de cólicas, e agora também estou com dor de cabeça depois de brigar verbalmente com meu *aluno* nas últimas três horas.

“Você está bem?” Atticus pergunta.

“É a semana do tubarão e não estou com disposição para lidar com suas besteiras.”

Ele franze a testa. “Mas você é uma bruxa.”

“E daí? Você acha que porque eu sou uma bruxa, meus ovários não podem tentar me matar uma vez por mês?”

“Eu apenas imaginei que você poderia magicamente fazer ir embora ou alguma merda assim.”

“Jesus, estamos realmente condenados. Você é um sem noção. Olha, ou me traga sorvete ou simplesmente vá se foder.”

Com um bufo, Atticus me lança um olhar ilegível e desaparece. Eu cubro meu rosto com uma almofada e me imagino apunhalando-o com mil facas até que não haja nada além de pedaços de babaca irritante.

Hummm, eu gosto dessa ideia.

De repente, a almofada é arrancada e um pote aberto de Ben & Jerry's é depositado na minha mão com uma colher. Olho para a expressão impassível de Atticus, interrompida apenas pela menor curva de seus lábios.

“Você… realmente me trouxe sorvete?”

“Massa de biscoito. Seu favorito.”

“Como diabos você se lembra disso?”

Ele esfrega a nuca, desconfortável com toda a minha atenção nele. É a primeira vez em toda a manhã que nenhum de nós está gritando com o outro.

“Nós mantivemos um pote de sorvete em nosso freezer desde que você teve sua primeira menstruação.” Atticus evita meus olhos. “Todo mês, alguém compra outro. Nenhum de nós nunca comeu.”

“Alguém? Só você sabia disso.”

Eu sou premiada com outro encolher de ombros.

“Eu nunca contei para os outros,” eu continuo, suspeita se aproximando de mim. “Eu estava muito envergonhada para perguntar a Luther, e Kody era muito jovem para entender.”

E ainda assim, ele se recusa a me responder.

“Você realmente não vai admitir isso?”

“Admitir o quê?”

“Você é o homem mais irritante que eu já conheci.”

Atticus revira os olhos. “Isso é rico, vindo de você.”

Nós nos observamos com desconforto. Ele parece preso entre fugir e se juntar a mim no meu ninho de cobertores. Atordoando-me, Atticus estende a mão e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Eu congelo, com medo de quebrar o feitiço.

“Apenas me diga por quê,” eu imploro baixinho.

Ele suspira em derrota. “Comprei seu maldito sorvete na última década porque não estava preparado para deixar seu fantasma ir. Mesmo que os lembretes machuquem.”

“Mas eu pensei... que você me odiava por ter ido embora.”

“Eu fiz por um longo tempo.”

“E agora?”

“Apenas coma o seu maldito sorvete.” Atticus começa a recuar. “Eu tenho que ajudar Luther com a correria da hora do almoço.”

Claro, ele está fugindo novamente.

Evitação típica, mas ainda dói.

“Sem esfaquear os clientes enquanto você está hormonal,” acrescenta.

“Ha foda-se ha.”

Atticus me lança um último olhar saudoso antes de desaparecer. A batalha travada dentro dele é tão clara de se ver, e ainda assim estou totalmente impotente para ajudar. Não posso fazê-lo querer ser um bruxo ou ficar por aqui nessa vida de merda.

Deixo minha cabeça bater na almofada. Meu cérebro deve estar sobrecarregado porque tudo o que posso pensar é de jogar Atticus de costas em sua cama, independentemente da minha menstruação. A tensão sexual entre nós atingiu um pico histórico.

Inferno, ele pode até gostar disso.

Não sou exatamente contra a ideia.

“Interessante,” comenta Maude do balcão.

“O que é?”

Ela imita comer pipoca invisível. “Estou me afogando aqui. Apenas foda-o já, isso tornará essas aulas muito mais suaves.”

“Minha ameaça de esfaqueamento se estende a você também, fantasma.”

“Não. Você me ama demais.”

“Não empurre,” murmuro.

“Quer me esfaquear também?” Outra voz acrescenta.

Kody descansa na porta, sorrindo para mim. Ele parece tão fofo com seu cabelo ruivo todo despenteado do sono, seus óculos aninhados entre as ondas de fogo. Vestido com moletom e uma camiseta branca lisa, posso ver os músculos esculpidos e as linhas magras e deliciosas que ele brotou na última década.

“Todo mundo está querendo me irritar hoje?” Eu pergunto ao mundo.

“Alguém está se sentindo mal-humorada. As aulas não estão indo bem?”

“Seu irmão é um idiota teimoso e cabeça dura.”

Kody ri. “Diga-me algo que eu não saiba.”

Ele se senta na minha frente, roubando o sorvete das minhas mãos. Dando uma grande mordida, ele pega outra porção e me oferece. Eu como da colher ainda em suas mãos, fazendo um show de lamber meus lábios.

“Esta é a primeira vez que alguém comeu o sorvete de Atticus,” ele comenta, pegando outra porção para si mesmo. “Muito interessante mesmo.”

“Cale a boca, espertinho. Eu não posso acreditar que ele se lembrou.”

“Como ele pôde te esquecer? Você já se conheceu?”

Eu ofereço a ele um sorriso de lobo. “Você não está errado. Eu sou pura grandiosidade.”

A mão de Kody avança sorrateiramente pela minha perna, provocando a calça do pijama que roubei do guarda-roupa dele que é muito grande. Emparelhada com uma camiseta cortada

que mostra minha barriga em processo de cura, ele parece querer me trancar em um canto escuro e fazer o que quiser comigo. Eu não protestaria.

“Você está vestindo minhas roupas agora?”

“Tem algum problema com isso?” Eu respondo docemente.

“Longe disso. Acabei de acordar e estava indo para o chuveiro…” ele para, uma sobrancelha levantada em desafio.

“Isso é uma declaração ou uma oferta?”

“É o que você quiser que seja, Emmy.”

Minha respiração silva entre os dentes quando ele acaricia a parte inferior dos meus seios, explorando suavemente meu corpo. Ainda não fiz nada além de beijar Kody, embora quisesse ir mais longe.

“Eu também achei que você deveria se refrescar antes de voltarmos a bater nossas cabeças contra a parede com o grimório,” ele sugere com uma piscadela.

“Não me lembre.”

Traduzir a língua morta das bruxas das trevas ancestrais provou ser complicado. Nosso demônio é antigo e muito mais poderoso do que qualquer coisa que encontrei antes. Será preciso muito poder para exorcizá-lo.

Depois, há o véu danificado. Não consigo encontrar nenhuma menção de como corrigi-lo em minhas escrituras, porque nosso problema vai além dos limites da magia padrão. O cérebro muito grande de Kody veio a calhar para a pesquisa.

Conseguimos decodificar o grimório roubado em seus componentes básicos, extraindo informações e suprimentos importantes. O feitiço para banir Azazel está se tornando um grande empreendimento.

“Emmy?” Ele fala.

“Sim, estou indo.”

Eu deixo Kody me puxar para cima, mantendo o pote de sorvete na minha mão.

“Eu estou trazendo meu lanche comigo, no entanto. E eu não compartilho.”

“Vamos ver sobre isso, linda.”

Puxando-me pelo apartamento, eu pego o rugido dos clientes no andar de baixo, mantendo meus outros caras ocupados. Kody me deixa entrar em seu quarto, trancando a porta atrás dele. Olho ao redor do espaço desordenado, inúmeros livros abertos com objetos aleatórios, uma extensão do caos faminto em seu cérebro.

Dou outra mordida no sorvete antes de encará-lo.

“Você vai ficar aí parado comendo?”

Eu dou de ombros, ainda sorrindo. “Tem algum problema com isso?”

A fachada suave que encapsula Kody parece se desfazer, revelando o desejo que o consome. Quase me assusto com a escuridão convidativa que se desenrola em seus olhos cor de avelã. Quando ele rouba o sorvete das minhas mãos e me empurra em sua cama, eu solto um guincho de surpresa.

Inclinando-se sobre meu corpo para me prender, o olhar de Kody varre meu rosto. Ele deve estar tranquilo com o que encontra porque sua boca cai na minha barriga exposta. Beijos quentes de boca aberta cobrindo minha pele corada, indo para cima enquanto ele leva minha camiseta com ele.

Naturalmente, eu não me preocupei em colocar um sutiã. Com a camiseta sacrificada ao abismo, meus seios ficam expostos à sua boca exigente. Seus dentes afundam em meu monte, deixando uma trilha de vergões vermelhos brilhantes antes de sua língua circular meu mamilo.

“Aprenda a compartilhar,” ele repreende brincando.

“Por que você não me ensina, todo-poderoso?”

“Fodida espertinha. Talvez eu vá.”

Tomando uma colher de sorvete, Kody a deposita entre meus seios, em seguida, limpa a bagunça molhada e derretida com um movimento de sua língua. Eu suspiro quando mais sorvete cobre meu mamilo esquerdo, a mordida de frio enviando riachos de calor entre minhas coxas.

Kody sorri. “Mmmm, massa de biscoito. Meu favorito.”

“*Meu* favorito.”

“Eu pensei que estávamos compartilhando?”

Eu levanto meus quadris para esfregar minha boceta dolorida contra ele. “Pegue o seu.”

“Por que eu deveria quando eu tenho seu sorvete?”

Desfazendo habilmente meu pijama roubado, Kody me passa o sorvete com um olhar severo. Com as mãos livres, ele

rapidamente arranca minhas roupas. Eu sou deixada na minha calcinha de vovó pouco atraente, reservada apenas para a semana do tubarão.

Kody solta uma risada. “Que diabos são essas?”

“Calcinhas de época!”

“Elas são... aham, muito atraentes.”

“Não seja um cara assim. Se vamos fazer isso, pode ficar bagunçado.”

“O chuveiro será, então.”

Normalmente, eu cortaria a mão de qualquer cara que ousasse me tocar quando estou menstruada. Algo no sorriso despreocupado de Kody me faz querer testar os limites da minha zona de conforto. Estou morrendo de vontade de ter um gostinho real do homem confiante e charmoso que ele se tornou.

No banheiro, Kody começa a trabalhar ligando seu grande chuveiro para aquecer. Eu tomo um momento para estudar seu banheiro, organizado em seu habitual estilo assustadoramente arrumado.

Frascos pós-barba perfeitamente alinhados ficam embaixo de um espelho impecável. Suas toalhas estão cuidadosamente dobradas, os azulejos são polidos com perfeição e não há um pingo de pasta de dente à vista. Ele timidamente esfrega a nuca.

“Eu compartilhei com aqueles dois idiotas bagunçados por muito tempo.”

“Nada de errado com um pouco de limpeza, ninja.”

“Isso parece totalmente estranho,” ele admite.

“Por que?”

“Estou prestes a fazer sexo com minha melhor amiga no chuveiro. Acho que já pensei nisso mil vezes, mas nunca pensei que fosse acontecer.”

Eu ando em direção a ele, arrastando minhas unhas em seu peito. “Eu não quero que você me foda como se eu fosse sua amiga. Você pode fazer melhor do que isso, tenho certeza.”

“Como você quer que eu te foda?”

Segurando seu pau duro através de seu moletom, eu dou um aperto suave. “Eu quero que você me mostre o homem real sob esta imagem cuidadosa que você construiu. Você acha que pode fazer isso, *garoto?”*

Sombras cruzam sua expressão ensolarada.

“Eu não sou mais uma maldita criança, Emmy.”

“Prove, então.”

Kody nos gira para que minhas costas fiquem pressionadas contra a parede de azulejos. Com um rosnado que rivalizaria com a marca predatória de amor de Luther, sua boca esmaga a minha. Sua língua empurra entre meus lábios em perfeita sincronia com a ondulação de seus quadris, moendo contra mim até que eu esteja molhada e ofegante.

Tirando a camisa sobre sua cabeça, seus olhos não se desviam dos meus quando ele sai de seu moletom, a frente de sua boxer mantando sua ereção presa. Eu o forço a se virar enquanto tiro minha calcinha, pulando no chuveiro para lavar rapidamente antes que ele se junte a mim.

Cercados por vapor, Kody imediatamente me aglomera. Ele pega um frasco de sabonete líquido perfumado e frutado, deslizando as mãos antes de me lavar lentamente.

“Vire-se,” ele ordena severamente. “Eu tenho sonhado em foder sua boceta rosa perfeita desde que tive meu primeiro gosto.”

Eu coloco minhas mãos nos azulejos, empurrando minha bunda para ele. Eu posso senti-lo atrás de mim antes de sua palma bater contra minha bunda, acalmando-a com uma carícia reverente. Sua palmada sacode o absorvente dentro de mim e eu entro em pânico, empurrando suas mãos para longe.

“Espere...”

“Pare,” Kody avisa. “Permita-me.”

Sua mão desliza entre minhas pernas para pegar o pedaço de barbante, puxando o absorvente usado de mim. Estou tão envergonhada, meu corpo inteiro está em chamas. Kody dá um beijo no meu cabelo molhado antes de sair do chuveiro para descartá-lo.

Quando ele retorna, ele estuda minhas bochechas vermelhas brilhantes com um sorriso. “Eu nunca vi você parecer envergonhada antes. É meio fofo.”

“Não acredito que concordei com isso.”

“Você não tem nada a esconder de mim. Nem mesmo um pouco de sangue vai me impedir de fazer isso. Agora, eu disse que você poderia se virar?”

Franzindo os lábios, volto à minha posição anterior, a excitação pulsando em minhas veias. A boca de Kody começa

na base da minha coluna, beijando seu caminho para cima, até que seus dentes estão puxando o lóbulo da minha orelha.

Eu posso sentir seu pau esfregando contra meu traseiro, sólido como uma rocha e pronto para me foder em um esquecimento. Eu nunca pensei que estaria aqui com Kody, de todas as pessoas, mas parece tão certo.

“Você vai gritar por mim?” Ele sussurra no meu ouvido. “Eu vou te foder duro e sujo. Farei essa boceta linda e sangrenta implorar por alívio.”

“Por que você não me curva e descobre?”

“Eu quero que você implore por isso.”

“Pare de brincar.”

“Eu não estou brincando.”

Pegando um punhado do meu cabelo molhado, ele puxa bruscamente em advertência. Eu suspiro, redemoinhos de dor e prazer formando um tornado um dentro de mim. Kody não desiste, me segurando de costas até eu me submeter.

“Por favor...” Eu lamento desesperadamente. “Por favor, foda-me.”

Tudo o que posso sentir é seu pau latejante pressionando contra mim, o calor implacável do chuveiro, o sangue escorregadio ainda escorrendo pelas minhas pernas, tudo agravado pelo desejo frenético me corroendo.

“Muito bom,” ele rosna.

Espalhando meus pés ainda mais, Kody pressiona a mão na parte inferior das minhas costas. Eu me inclino como

dirigido, gritando quando ele rapidamente empurra profundamente em mim.

“Meu Deus, Emmy. Você se sente tão bem.”

Ainda segurando meu cabelo, ele começa a se mover. Seus golpes se tornam intensos, transformando-se em uma batida implacável. É quase como se ele estivesse provando um ponto.

Marcando-me. Machucando. Possuindo.

“Eu amo ver seu sangue no meu pau,” ele admite em uma voz áspera, sua palma batendo contra minha bunda novamente. “E ver sua pele leitosa enrubescer quando eu bato em você.”

O que aconteceu com meu doce ninja?

Acho que gosto mais desse filho da puta sádico.

“Mais forte,” eu encorajo, movendo-me para encontrar seus golpes.

“Você quer que o bar inteiro ouça você gritar, linda?”

“Não. O maldito mundo inteiro.”

Abruptamente saindo, Kody se eleva sobre mim. Ele facilmente me gira no chuveiro, então minhas costas batem na parede. Presa no lugar, minhas pernas automaticamente se entrelaçam em torno de sua cintura fina enquanto ele bate de volta dentro da minha boceta.

Eu grito pelo ângulo ainda mais profundo, quase intenso demais para suportar. Há uma selvageria gloriosa transbordando em seus olhos, desobstruída pelos óculos de armação transparentes descartados na pia. Sem eles para

suavizar seu rosto, ele parece mais áspero nas bordas, uma fera enrustida por trás de sua fachada nerd.

Com rigor renovado, ele bate em mim, a água atingindo nós dois. Eu passo minhas unhas em seus ombros largos, precisando marcá-lo de volta de alguma forma, retornando a marca animalesca que ele está marcando em minha carne.

“Você vai gozar para mim, menina bonita?”

Eu não consigo formar palavras coerentes, conseguindo um aceno solto em vez disso. Sinto que fui mergulhada no fogo, da cabeça aos pés, queimada até os ossos por um banho de ácido. Seu toque não é amoroso ou terno como eu esperava. Não é gentil ou suave.

Nossa amizade é explodida em pedaços espetaculares e irreparáveis enquanto ele me fode tão completamente quanto prometido. Estou quase feliz por não haver sinal do garoto doce e inocente que costumava se esconder de seu pai e se enterrar em seus livros.

Eu fiz esse monstro.

Criei-o de fogo e enxofre, sangue e cinzas. Todos eles. Nossa família fodida nasceu das ruínas de nossa infância de merda, e as pessoas que ainda queríamos ser, independentemente da dor que sofremos.

Gritando meu orgasmo, Kody ordenha até a última gota. Apenas quando eu acho que ele vai terminar também, ele me deixa deslizar para baixo de seu corpo. Com a mão no meu ombro, ele me empurra de joelhos.

“Abra bem,” ele murmura, apertando seu pau.

Bolas sagradas do demônio.

Ele vai...?

“Eu vou gozar na sua garganta, linda.”

Alargando minha boca, espero enquanto Kody acaricia seu comprimento. Quando está pronto, ele libera seu pau e o empurra na minha boca com um grunhido baixo. O calor queima minha garganta, enchendo minha boca com um fluido salgado e sangrento.

Eu obedientemente engulo até a última gota suja.

Kody sorri para mim, claramente impressionado.

“Nunca vi uma visão tão bonita.”

Eu amo o jeito que seu elogio me faz sentir por dentro, toda tensa e nervosa. Quando Luther faz isso, sinto que as chamas vão me engolir. Entre os dois, não consigo imaginar como vou sobreviver vivendo em Reaper's Hollow novamente. E isso sem falar no terceiro babaca miserável do nosso grupo.

Oferecendo-me uma mão para levantar, eu envolvo meus braços em volta do pescoço de Kody, nossos lábios procurando um ao outro. Ele praticamente me inala, independentemente de sua semente ainda persistente na minha boca. Depois do sexo alucinante, nosso beijo é mais suave, como o tamborilar suave da chuva em um telhado de zinco. Sob seu olhar, sinto que ganhei vida novamente.

Lavamos lentamente os corpos um do outro, contentes em permanecer em silêncio. Eu aproveito o tempo para explorar cada centímetro do amplo corpo de Kody. Há uma marca de nascença em seu quadril esquerdo, um redemoinho escuro e descolorido de pele. Eu também nunca vi a tatuagem secreta do nome de sua falecida mãe em seu bíceps.

Acaricio as letras que formam *LEILA.*

“Você sente falta dela?”

“Eu nunca a conheci,” ele responde com tristeza. “Emmy?”

Com os olhos fixos nos dele, encontro uma emoção solene esperando por mim. “Sim?”

“Você realmente acha que podemos fazer isso? Salvar a cidade?”

Limpando a espuma de xampu de seu cabelo ruivo chocante, tento encontrar uma mentira reconfortante e fico aquém. Não há como negar a montanha que temos que escalar se quisermos sobreviver. Eu me acomodo na verdade fria e dura. Devo muito a ele.

“Não sei.”

“Bem, estou feliz que você esteja em casa. Se isso é tudo o que vamos conseguir, então finalmente tenho o que sempre quis. Isso é você, linda.”

Meu coração aperta no peito, cheio de tanto amor maldito.

“Eu vou lutar pela vida que queremos juntos,” murmuro, acariciando o cabelo molhado para trás de seu rosto. “Se der errado, vamos cair juntos.”

“Você não tem permissão para morrer sem mim,” ele rebate.

“Idem. Eu vou assombrar suas almas até vocês se matarem e se juntarem a mim na vida após a morte. Só o próprio Diabo poderia tirar você de mim.”

Kody sorri. “Acho que estou bem com isso.”

“Vamos, temos um grimório para traduzir.”

CAPÍTULO VINTE

Emery

Espalhados ao redor da mesa no meu novo apartamento, todo o grupo se reúne depois de uma longa noite. Nós instalamos a nova cozinha na semana passada e eu tenho que dizer, ver os três caras suados e sem camisa enquanto levantavam os armários foi um show infernal.

Tornou-se nossa rotina - servir bebidas, expulsar babacas bêbados, limpar e voltar ao canteiro de obras do outro lado da estrada para tramar. Nem mesmo as provocações e ameaças de Azazel impediram nossa determinação.

Apesar de invocar demônios no passado, exorcizá-los é muito mais difícil. Com base no que traduzimos do grimório, envolve a criação de uma ponte com o submundo, uma feita de magia negra que a maioria das bruxas das trevas não ousaria tentar.

Bem, além de mim.

Eu gosto de um desafio.

Sentada, eu esfrego minha barriga. “Eu comi demais.”

Luther ri. “Nunca vi você comer tanto.”

“É estar perto de vocês idiotas gigantes; Eu tenho que te acompanhar.”

“Alguém quer o último wonton?”

Já está a meio caminho da boca de Kody enquanto ele olha entre todos nós. Só para irritá-lo, eu pego o pedaço crocante de gostosura dele e coloco na minha boca. Ele faz beicinho, mas suaviza quando eu lhe ofereço uma piscadela.

“Não antagonize o garoto.” Atticus suspira, bebendo uma cerveja. “Ele só vai reclamar disso pelo resto da noite e minha cabeça já está doendo por causa do treino.”

Kody o ignora. “Morda-me, irmão.”

“Eu passo, mas obrigado. Você pode me dar piolhos ou algo assim.”

Quando uma caixa vazia bate em sua cabeça, Atticus lança a Kody um olhar azedo. A atmosfera estava tensa enquanto vasculhamos tomos empoeirados e velhos livros de feitiços em busca de fragmentos de informação.

A noite passada só aumentou a urgência de fazer nossa jogada. Houve um suicídio muito público e terrível que foi angustiante de assistir. Desdobrou-se no meio da praça da cidade para o mundo inteiro ver e aprender a lição.

Eu não dormi uma piscadela desde então, com a cena horrível passando pela minha cabeça. O pobre filho da puta saiu para o meio da rua, enfiou uma arma na boca e estourou os miolos. Era isso ou matar sua família inteira, de acordo com a ameaça rasgada que encontramos em seu bolso.

Eu sabia que Azazel estava lá. Eu podia senti-lo observando nossas reações à sua demonstração de poder. A raiva não descreve como estou me sentindo, vendo mais inocentes morrerem a cada dia. Este fenômeno de corrente assassina deve chegar ao fim.

Luther lê meus escritos. “Maiweed?”

“É um gênero da planta popular de camomila.”

Atticus franze o nariz. “Como chá?”

“Se você se arrastasse para fora de uma garrafa de vodka de vez em quando, descobriria que pessoas normais bebem chá.”

Resmungando, ele bebe o resto de sua cerveja.

Idiota!

“É usada com várias outras ervas para fins de proteção. Estamos lidando com magia séria aqui e precisamos estar preparados para o caso de dar errado.” Olho para Annabelle. “Você sabe onde podemos encontrar algumas?”

Ela acena. “Nós usamos um bosque no sul de uma pequena vila. Nossa curandeira costumava viajar até lá para coletar suprimentos. Conheço bem a bruxa, podemos confiar nela.”

Eu passo minha lista para ela. “Mais alguma coisa aí?”

Com um breve sorriso na óbvia demonstração de confiança, ela rouba minha caneta e estuda a lista, marcando vários outros itens.

“Eu posso conseguir tudo isso. Considere isso feito.”

“Você está nos ajudando?” Luther diz com surpresa.

“Por que eu não faria?”

“Você não nos conhece,” Kody argumenta.

“Minha vida desmoronou. Vocês me acolheram e me deram um lugar para me esconder. Eu devo a vocês, e não gosto de dever às pessoas. Considere este o meu reembolso.”

Atticus zomba, ganhando um olhar de aborrecimento de Annabelle. Ela está tentando desesperadamente penetrar em seus escudos grossos e com pouco efeito. Eles estão na mesma sala pela primeira vez, mas o drama familiar não resolvido torna essa uma aliança desconfortável.

“Podemos mesmo fazer isso?” O nariz de Kody está enrugado. “Achei que precisaríamos de um padre para vir e balançar uma cruz, fazer a cabeça do demônio girar ou alguma merda assim.”

“Você assistiu *O Exorcista* muitas vezes.”

“O que? Não é como se nos ensinássemos essas coisas.”

“A maior parte da ficção é baseada na verdade,” Annabelle fornece, embolsando sua lista. “Nem tudo são vassouras e caldeirões, mas há muitos fatos no folclore. As coisas inevitavelmente vazam para o mundo ao nosso redor.”

“Varinhas?” Kody pergunta.

Eu balanço minha cabeça. “Negativo.”

“Chapéus pontudos?”

“Estou vestindo um manto e um corvo no meu ombro, bobão?”

Ele se rende com um sorriso desarmante. “E o exorcismo? Será como nos filmes?”

“A maioria das religiões tem sua própria versão de exorcismo, mas as únicas pessoas capazes de exorcizar um verdadeiro demônio são as bruxas das trevas.”

“Por que?” Luther intervém.

“Porque elas extraem seu poder do submundo,” Annabelle responde nervosamente. “Isso é tudo que eu sei. O coven não gosta de discutir magia negra.”

“Mas eles não se importam de nos caçar como cães de merda,” eu retruco, observando-a se encolher. “Desculpe, assunto dolorido. Eu me escondi com duas bruxas das trevas quando saí de Reaper's Hollow e os executores de Geraldine fizeram de nossas vidas um inferno.”

Os caras me olham com rispidez. Eu não contei a eles sobre Leanna e Warner, um par de bruxas rudes que me ensinaram a dominar minha magia recém-manifestada. Eu as fiz passar por muito como uma garota de quinze anos assustada, fugindo de algo que eu ainda não conseguia compreender. Eu estaria morta se não fosse por elas.

“Eu nunca percebi quanta dor os covens infligiram,” Annabelle resmunga. “Contam-nos essas histórias, somos ensinados a odiar esses chamados monstros. Então eu te conheci naquele bar. Você concordou em me ajudar em dez minutos.”

“Sim, bem. Você parecia desesperada.”

Ela dá uma risada. “Obrigada, Em.”

O apelido aquece meu peito. Limpando a garganta, volto ao assunto em questão. Reunimos algumas informações depois de várias noites.

“O grimório roubado diz que para exorcizar um demônio, você tem que usar magia de sangue para fazer uma conexão com o submundo. O demônio deve ser removido deste plano de existência. É um procedimento perigoso, mesmo para uma bruxa experiente.”

Nenhum dos caras parece feliz comigo. Até Atticus está franzindo a testa como se tivesse comido algo azedo. Se eu dissesse a eles o quão sombrio isso vai ficar, não tenho dúvidas de que eles deixariam a cidade ser destruída se isso significasse me manter a salvo.

Annabelle me observa como se não acreditasse no ato indiferente que estou fingindo. “Você realmente acha que pode fazer isso sozinha? Sem um coven?”

“O coven nunca se envolveria em magia de sangue, muito menos trabalharia com uma bruxa das trevas. Não tenho escolha a não ser fazer isso sozinha.”

“E o coven não é confiável,” Atticus insere.

“Você não sabe disso,” Annabelle discorda.

“A única coisa para que eles servem é cortar suas perdas e abandonar aqueles que não se conformam. Eles não vão nos ajudar. Imelda preferiria ver todos nós morrermos e poupar-lhes um trabalho.”

Descendo para o silêncio, eu arregalo meus olhos para Luther. Ele rapidamente agarra Kody e o arrasta para cima também, deixando-me com o par mal-humorado. *Hora do show.*

“Você está planejando ficar na cidade, Annabelle?”

“Não tenho planos de sair.”

“Você não está voltando para o coven?” Eu cutuco mais.

Seus olhos imediatamente se enchem de lágrimas. Ela observa Atticus se encolher com a menção da família que o abandonou, compartilhando sua dor do lado de fora.

“Eu não concordo com o mundo que eles construíram,” ela explica lentamente. “Enquanto eu ainda amo minha mãe, ela passou dos limites. Não posso ir para casa.”

“Você quer um relacionamento com seu irmão?”

Atticus parece estar planejando se lançar sobre a mesa e arrancar minha cabeça com as próprias mãos por forçar essa conversa a acontecer. Eu não recuo. Aceitarei a dor que ele precisa infligir se isso despertar a centelha de vida dentro dele.

“Eu quero,” responde Annabelle. “Mais do que qualquer coisa.”

“Você nem me conhece,” Atticus gagueja.

“Mas eu gostaria.”

Olhando entre eles, eu luto com um sorriso triunfante.

“Vocês devem pensar em deixar os erros do passado para trás e construírem um futuro que vocês realmente desejam para si mesmo. Com ou sem o outro nele.”

Quando Atticus zomba, eu sei que um insulto está vindo em minha direção. Seus antigos mecanismos de defesa nunca ficam para trás quando eu o empurro um pouco demais.

“Você seria a especialista em deixar o passado para trás, não seria?”

“Atti...”

“Não! O que lhe dá o direito de me dar um sermão?”

“Porque eu sei o quanto dói se arrepender de uma única ação que mudou o curso de sua vida inteira. Não cometa o mesmo erro.”

Levantando-se abruptamente, sua cadeira cai no chão. Duas mãos furiosas batem na mesa e a raiva faz suas narinas dilatarem enquanto Atticus me encara. Se ele acha que vou murchar ou admitir a derrota, ele claramente não me conhece.

“Pare de tentar entrar na minha cabeça,” ele grita.

“Eu estive onde você está, seu idiota! Luther me arrastou de volta aqui chutando e gritando. Eu não tinha nenhuma intenção de ficar.”

“Então o que mudou, hein?!”

“Vocês três!” Perco o controle do meu temperamento. “Puxe sua cabeça teimosa para fora de sua bunda. Você não é inútil ou um fracasso, e eu não dou a mínima para o que sua mãe pensa. E mais importante, você está destinado a ser uma bruxa.”

“É disso que se trata?” Annabelle fica boquiaberta.

“Imelda me quer morto pela vergonha que trouxe para nossa família,” Atticus retorna, o fogo se esvaindo dele. “Eu deveria ter morrido no dia em que ela me abandonou. Viver foi um erro.”

Estou surpresa com a fúria na voz de Annabelle.

“Sua existência não é um erro. Eu não vou ouvir isso. O coven não é o futuro. Você não vê isso? Ela não decide o que nosso mundo se torna.”

“Nós somos o futuro,” eu proclamo.

Annabelle me dá um sorriso. “Podemos ser mais do que nossa história. Eu quero ver o futuro que poderíamos criar para as bruxas, luz e escuridão.” Sua voz falha com a emoção. “E quero ver você nele, Atticus. Eu realmente quero.”

Os dois se encaram intensamente. Sentindo sua necessidade de privacidade, eu reúno os recipientes restantes, recuando para a cozinha nos fundos. Luther e Kody estão escondidos lá dentro, inspecionando seus armários recém-instalados com orgulho.

“Nós também poderíamos colocar um ilha de café da manhã,” Kody reflete.

“Seria mais sociável instalar à noite.”

“Eu sempre quis um em nosso lugar.”

“E uma mesa grande para jantares em família,” Luther concorda, coçando os pelos faciais. “E os quartos? Poderíamos derrubar essa parede para fazer uma suíte grande, mas você perderia os dois quartos vagos.”

“Duvido que Atticus apoie uma solução de cama compartilhada.”

“Ainda temos nosso lugar. Ele pode manter sua bunda miserável lá.” Luther bate no ombro de seu irmão. “Não se acostume com o tempo de carinho na minha cama também.”

“Eu vou aonde a senhora me diz, mano.”

“Eu tenho uma palavra a dizer sobre isso?” Eu sorrio para o par de desordeiros.

Ambos os homens me lançam olhares bem-humorados.

“Este lugar tem o dobro do tamanho do nosso apartamento. Estamos planejando o futuro.” Luther me recolhe em seus braços. “Podemos construí-lo para caber a todos nós.”

Eu me estico para beijar seus lábios. “Você está planejando nosso futuro aqui? Em Reaper's Hollow?

“É nossa casa, não é?”

Outro corpo me aperta por trás, a respiração de Kody agitando meu cabelo. Eu sinto que estou sendo ancorada de volta à terra pelo toque deles, reacendendo aquela centelha de humanidade dentro de mim que está ficando mais brilhante a cada dia.

“Nós a seguiremos para onde você quiser correr, linda,” Kody me tranquiliza. “Não me importo de deixar este lugar para trás, se é isso que você quer.”

“Dois meses atrás, eu estava morta para vocês,” eu digo suavemente, observando a dor no olhar cor de azeitona de Luther. “O que mudou?”

“Nós temos você de volta,” alguém responde.

Nós congelamos quando Atticus para na porta, nos observando com um olhar estranho no rosto. Annabelle escapou para o andar de baixo, o som de seus sapatos de grife saindo da loja.

“Eu disse que não vou a lugar nenhum,” digo a eles. “O coven está vindo para nós de uma forma ou de outra. Se enfrentarmos isso juntos, talvez saiamos vivos.”

“Nesse caso, é melhor eu empunhar essa merda de magia.”

Isso é um sorriso no rosto de Atticus?

Ele está se sentindo bem?

“Não olhe para mim assim,” ele acrescenta rispidamente.

“Só não esperava ouvir seu entusiasmo.”

“Bem, não crie esperanças. Eu sou uma bruxa de merda.”

Soltando-me do abraço de Luther, eu pressiono um beijo rápido nos lábios de Kody antes de passear em direção a Atticus. Ele parece nervoso, seus pés se arrastando. Eu posso sentir as ondas tumultuosas de sua magia batendo na superfície da minha pele, implorando para se enrolar dentro de mim. Não importa quais jogos ele jogue, eu sei que ele quer isso.

“O que você quer?” Eu exijo, precisando da verdade.

Os outros dois não intervêm, deixando o silêncio se estender. Atticus respira fundo e se atreve a olhar para mim novamente, a emoção nublando seu olhar. Eu nunca o vi tão parecido com seu antigo eu.

“Quero a porra da minha família de volta.”

Luther suspira. “Nós nunca fomos embora.”

“Eu fiz,” conclui Atticus. “Eu não existo há muito tempo. Pensei que seria mais fácil esquecer quem eu realmente sou assim.”

“Funcionou?” Eu pergunto.

Sua zombaria é odiosa. “O que você acha?”

Parando a poucos centímetros dele, espero por sua decisão. Não vou mais persegui-lo. Se Atticus me quer, ele precisa lutar por mim. Ele precisa escolher existir.

“Estamos bem aqui, Atti. Sua família nunca foi embora.”

“Você não precisa de mim, Em.”

“Eu não posso enfrentar Azazel sozinha. Quando tudo estiver dito e feito, se você optar por ir embora, eu aceitarei essa decisão. Apenas me ajude a salvar esta cidade.”

Luther começa a protestar, mas eu o silencio com a mão levantada. Atticus olha entre todos nós, indecisão guerreando em sua expressão. Eu posso ver o auto ódio marcado abaixo dele. Suas crenças estão tão arraigadas que o estão sufocando.

“E se eu estiver cansado de fugir de quem eu sou? Dos meus sentimentos? Minha família?”

“Então estamos aqui,” Kody joga.

“Nós somos seus irmãos,” Luther acrescenta.

Eu ofereço a ele um sorriso simples. “E eu sou sua garota.”

A transformação acontece de uma só vez, como peças de quebra-cabeça perdidas voltando ao lugar. Um peso desaparece dos ombros de Atticus. Ele fica mais alto, mais forte; certo em seu futuro pela primeira vez. Fechando a distância final entre nós, ele pega meu rosto em suas grandes mãos em concha.

“Estou cansado de odiar você por algo que não é sua culpa, baby.”

“Então pare. Você está perdoado.”

Seu nariz roça o meu, olhos cravados em mim, independentemente do nosso público cativo. Deixo nossos lábios gravitarem juntos como fizeram uma vez quando éramos crianças. É natural e sem roteiro. Impulsionados pela crença de que, apesar de toda a dor e desgosto, algumas pessoas simplesmente devem ficar juntas. Suas almas se reconhecem, nas trevas e na luz.

Eles me salvaram uma vez.

Estou aqui para fazer a mesma maldita coisa.

“Estou tão feliz que você voltou,” ele sussurra.

Em vez de responder, encontro seus lábios novamente. Ele não se assusta desta vez, me beijando com tanta facilidade, que é mais natural do que respirar. A faísca de eletricidade entre nós começa a ficar fora de controle e eu me obrigo a me afastar, ciente dos outros assistindo a coisa toda.

“Por favor, não pare por nossa causa,” Kody ri.

A testa de Atticus bate na minha. “Você se importa se eu o matar? Você pode se contentar comigo e Luther, certo? Vamos mantê-la ocupada.”

“Sem sorte. Sou gananciosa e não gosto de compartilhar meus melhores amigos com ninguém.”

“Não somos seus fodidos amigos, baby.”

Ignorando os sorrisos satisfeitos dos outros dois idiotas, eu arrasto os lábios de Atticus de volta para os meus. Comemorarei alegremente as cinzas fumegantes de nossa amizade beijando-o.

CAPÍTULO VINTE E UM

Luther

Em mais uma noite de sábado lotada, eu me espremo passando por Hope enquanto ela serve um grupo de frequentadores regulares, evitando suas tentativas de flerte lamentáveis. Enquanto isso, Emery está servindo sua primeira cerveja.

“Nada mal, baixinha.”

“Acho que preciso de uma mudança de carreira. A melhor bruxa bartender de Reaper's Hollow com certeza tem um bom toque.”

Enrolando meus braços ao redor dela, eu deixo cair meu queixo em seu ombro. “Continue falando, estou gostando desse seu lado. Toda doméstica e merda. Você estará lavando nossa roupa em não muito tempo.”

“Dê-me roupas sujas para lavar e eu vou queimá-las,” ela responde sombriamente.

“Aí. Talvez eu precise de outra namorada para lavar minhas roupas.”

“Eu vou queimá-la também, viva. Um humano crocante e torrado, chegando logo.”

“Adoro quando você fica toda homicida e romântica.”

Seus olhos furtivos olham para mim. “Namorada?”

“Por favor, me diga que não é outra palavra com *G*[6] que eu devo evitar.”

Girando em meus braços, Emery arrasta as unhas pelo meu peito. “Acho que essa palavra é permitida, mas apenas com uma condição.”

“O que é isso, anjo?”

Seus lábios tocam meu ouvido. “Eu não quero que você me trate como sua namorada no quarto, Luth. Nada dessa porcaria baunilha para mim. Eu quero que doa.”

Eu abaixo minha voz. “Você gosta quando eu algemo você e bato em sua bunda? Temos mais dessas facas legais que você esconde para testar. Vou cortar minha garota em pedacinhos bonitos se é isso que ela quer.”

“Ela fodidamente quer.”

Eu esmago meus lábios nos dela na frente de todo o bar. Nós nos separamos quando há um dedilhar de abertura de uma guitarra sendo afinada. No canto onde eu tinha uma plataforma construída quando compramos o lugar, Atticus está se preparando para seu primeiro show em mais de um ano. Ele geralmente está muito bêbado ou chapado para se apresentar.

Atticus parece mais consigo mesmo do que há muito tempo. Seu cabelo preto despenteado e muitos piercings prateados estão na frente e no centro, incluindo um novo na sobrancelha esquerda. Vestido com um par de jeans escuros de lavagem rápida e uma camisa preta de botão desabotoada na gola, posso dizer que ele fez um esforço para a ocasião.

---

[6] **Girlfriend/Namorada** – a piada é porque ele não pode falar **Ghost/Fantasma**. Não faz sentido em português;

Emery não o viu se apresentar antes. No momento em que ele toca o microfone, ela solta um assobio.

“Vai, Atti! Uhhuull! Dê-nos uma música!”

Kody abafa uma risada, mas eu não me incomodo em controlar Emery. Ninguém pode domar seu fogo, e eu nem sonharia em tentar.

Atticus limpa a garganta. “Eu uh... só vou tocar algumas músicas.”

Eu posso ver que ele está dolorosamente sóbrio. Algo mudou desde que Emery voltou para nossas vidas. Dia após dia, meu irmão está voltando para nós. Sentando-se em um banquinho, ele abre com um acorde sombrio e agourento. Seus dedos habilmente voando sobre as cordas enquanto se transformam em uma melodia assombrosa.

No momento em que ele solta sua voz grave, Emery para em meus braços. Ela olha para Atticus sem piscar, absorvendo cada movimento magistral da guitarra, cada palavra cheia de dor cantada em tom perfeito. Eu ainda fico arrepiado, apesar de hospedar muitas dessas noites ao longo dos anos.

“Foda-se,” ela comenta sem fôlego. “Ele ficou muito bom.”

Eu beijo o topo de sua cabeça. “Talento, certo?”

Nós balançamos suavemente com o ritmo da música, contando uma história que ressoa em todos nós. Atticus canta sobre sonhos desfeitos e esperança perdida, horizontes sombrios e poços sem fim de desespero. Acho que é isso que o torna tão diferente de qualquer outro músico.

Alguns artistas insistem em enfiar a felicidade goela abaixo, aquele pote de ouro no fim do arco-íris, o forro de prata

sempre procurado. Aprecio a arte que abraça o mundo como ele é. Escuro e confuso, feio e imperfeito.

Nem todas as histórias precisam ser felizes.

A tristeza também merece ser escrita.

Quando Atticus começa sua próxima música, ele se vira para olhar diretamente para Emery. Eu posso senti-la tensa em meus braços, presa por seu olhar intenso e penetrante. O mais leve sorriso curva seus lábios, uma visão chocante para meu irmão problemático.

Isto é o que ela faz.

Emery não quebra as pessoas.

Ela os torna inteiros. Mesmo que ela não perceba por que o mundo lhe disse que ela é a vilã, não a heroína. Como se humanos pudessem ser categorizados tão arbitrariamente. Há um pouco do diabo em todos nós.

Aperto meus braços ao redor de Emery, pressionando-a no bar. Todo mundo se virou para assistir Atticus enquanto ele canta uma de suas peças mais recentes, deixando-nos escondidos no fundo. Eu deslizo minha mão por seu corpo, meus dedos roçando sua barriga exposta onde sua camisa cortada termina. Suas costas imediatamente arqueiam em mim.

“Luth? O que você está fazendo?”

“Silêncio, anjo. Quieta e tranquila agora.”

Desabotoando os botões superiores de sua calça jeans, olho em volta antes de colocar minha mão dentro. Empurrando

a renda fina de sua calcinha encharcada, eu acaricio meu caminho até o calor em seu núcleo.

“Você está molhada para mim?” Eu sussurro em seu ouvido.

Ela empurra sua bunda contra minha virilha. “Descubra por si mesmo.”

Quando meus dedos alcançam sua boceta, fico maravilhado com o calor escorregadio esperando por mim. Emery solta um suspiro enquanto eu escovo seu clitóris, beliscando-o suavemente. Abrindo suas pernas com meu pé, eu a prendo contra o bar, minha ereção empurrando em sua bunda.

“Luth…”

“Nem uma maldita palavra ou eu vou parar de tocar em você.”

Ficando em silêncio, ela atende minha demanda. Circulando seu buraco apertado, eu empurro um dedo dentro dela. Ela começa a ondular contra mim, trabalhando com cada investida, choramingando quando eu adiciono um segundo dedo em sua boceta lisa.

“Uma bruxinha tão excitada, não é? Tão desesperada pelos dedos do Daddy dentro de você. Eu amo como você está molhada e pronta para mim.”

Meu pau pulsa no meu jeans, desesperado para fodê-la em um esquecimento irracional. Usando meus dedos em vez disso, eu os empurro nela, sentindo seus sucos cobrirem minha palma. A voz de Atticus nos envolve, abafando todos os outros no bar.

Eu amo o jeito que Emery me faz sentir.

Poderoso e no controle, mas rastejando em meus joelhos para adorar em seu altar, tudo ao mesmo tempo. Eu quero possui-la. Controla-la. Domina-la. Enquanto também me render ao puro magnetismo que ela exerce sem perceber.

Verificando se ainda estamos escondidos, vejo Kody nos observando com o calor queimando atrás de seus óculos. Eu levanto uma sobrancelha, convidando-o a comentar. Ele apenas apoia o quadril contra o bar, cruza os braços e se prepara para o show.

“Parece que você tem um admirador,” eu rosno baixinho.

Emery procura ao redor. “Assim parece.”

“Você vai mostrar a ele como você goza para o Daddy, anjo?”

Assobiando um suspiro, ela agarra a borda do bar. “Ele viu em primeira mão o quão bem eu posso gozar. Em todo o seu pau, para ser precisa.”

Acelerando o movimento dos meus dedos, eu afundo meus dentes profundamente em seu pescoço. Amo seus pequenos gemidos de dor e não quero nada mais do que amarrá-la e brincar com aquelas malditas facas novamente. Quando Atticus atinge seu crescendo, a boceta de Emery aperta minha mão.

Mais rápido. Mais duro. Mais profundo.

Eu a arrasto direto para a borda e a empurro para o fundo, curvando um dedo para acariciar o ponto sensível dentro dela que a fez desmoronar. Ela pega minha mão sobressalente, mordendo meu punho para silenciar seus gemidos.

“Quieta agora, boa menina. Este é o nosso pequeno segredo, lembra?”

Ela cavalga as ondas de seu orgasmo, virando a cabeça para olhar para Kody. Seu sorriso é cheio de desejo e curiosidade desenfreada. Parece que em breve vou ensinar ao meu irmão mais novo uma lição sobre como cuidar da nossa menina.

Removendo minha mão, eu giro Emery ao redor. Suas costas encontram o bar e eu reajusto seu jeans com minha mão sobressalente. Com ela observando cada movimento meu, coloco meus dois dedos pegajosos na boca, sugando cada gota de sua essência salgada deles.

“Quer provar?” Eu ofereço.

Emery acena com a cabeça, me capturando em um beijo contundente. Eu deixo nossas línguas emaranhadas para que ela possa sentir o seu próprio gozo na minha boca. A vontade de despir seu corpo tatuado e fodê-la sem piedade é quase forte demais para negar, mas eu algemo a besta dentro de mim, mordendo seu lábio inferior antes de nos separarmos.

“Eu possuo cada maldita polegada de você, Emery Lockwood,” eu declaro ferozmente. “Eu vou te levar quando eu quiser, onde eu quiser, independentemente de qualquer um assistindo. Isso é o que significa ser minha propriedade. Lembre-se disso.”

Seus lábios se torcem obedientemente. “Sim, Daddy.”

“Um anjinho tão obediente, não é?

“Só para você,” ela ronrona.

A apresentação de Atticus termina e o bar inteiro explode em aplausos estridentes. Eu libero Emery para que possamos bater palmas. Atticus está soltando a guitarra elétrica verde brilhante de seu pescoço, um sorriso estranhamente tímido no rosto, bochechas coradas.

Quem diria que meu irmão idiota poderia *corar.*

“Vá e dê-lhe um beijo de congratulações,” eu ordeno.

“Nisso.”

Emery caminha até o palco, a curva suave de seus quadris balançando perigosamente. Ela evita os olhares interessados de inúmeros clientes embriagados. Ao invés de sentir ciúmes, eu amo o jeito que todos a encaram.

Nenhum deles pode tê-la.

Eu possuo cada centímetro dela.

Emprestarei peças para meus irmãos quando achar conveniente, mas ela é toda minha. Desde que a encontrei naquele cemitério, soluçando e sozinha, eu sabia que tinha que protegê-la.

Observá-la se aproximar, toda confiante e atrevida, só fortalece minha ereção já dolorosa. Atticus mal largou a guitarra antes que ela o atacasse como um animal selvagem. Há esse magnífico e enorme sorriso de idiota em seu rosto. Kody aparece ao meu lado.

“Ele está sorrindo?”

Eu sufoco um bufo. “Parece que sim.”

“Huh, talvez haja um Deus.”

“Deus não tem nada a ver com milagres. Isso é tudo ela.”

Kody ri. “Se eu soubesse que ela resolveria todos os nossos problemas, eu a teria arrastado de volta aqui uma década atrás. Perdemos muito tempo.”

“Nós tentamos, não é? Veja o que isso nos custou.”

O humor é sacudido de seu rosto, deixando para trás uma palidez doentia de arrependimento purulento. Meu bom humor também despenca com o lembrete. Prometi a Emery não mais segredos. Vai quebrá-la saber que menti de novo enquanto fazia esse voto.

Se mentir através da porra dos meus dentes protege a frágil paz que ela encontrou aqui conosco, vou continuar a esconder a verdade dela. Mesmo que esteja nos matando a cada dia que passa, a verdade pairando sobre nós como uma fumaça tóxica.

“Ela merece saber,” Kody murmura.

“Nós vamos perdê-la para sempre. Não vou arriscar isso.”

“E se ela descobrir sozinha? Ela vai correr de novo, mas desta vez, não estaremos lá para salvá-la.”

“Eu não vou discutir sobre isso com você de novo.”

Kody me dá um olhar suplicante. “Esta é a nossa segunda chance. Temos sorte de ter sido dado a nós. Não podemos estragar tudo de novo.”

Eu aperto seu ombro dolorosamente apertado até que ele estremece. “Eu não vou jogar fora o que encontramos. Ela não precisa saber o que fizemos. O passado está no passado.”

“É isso? Sério?”

“Basta voltar para o trabalho.”

Com uma maldição, Kody empurra minha mão e sai correndo. Observando Emery e Atticus se abraçarem, suas mãos estão hesitantes em volta dela. Ela vai trazê-lo de volta para nós.

É por isso que não posso dizer a ela o que fizemos em seu nome. A verdade não tem lugar neste mundo escuro e perigoso. Todos nós fizemos coisas das quais não nos orgulhamos em nome daqueles que amamos.

Mentimos. Enganamos.

Roubamos. Mutilamos.

Assassinamos. Matamos.

Emery nunca precisará saber de quem é a vida que extinguimos a pedido do demônio. Isso a mataria por dentro. Aquele fragmento final de bondade nela que nós reacendemos se dissiparia, e eu perderia a mulher que amo novamente. Isso não é uma opção.

Quando o demônio se for, nosso passado morrerá com ele.

Teremos nosso final feliz.

Mesmo que não mereçamos isso.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Emery

Não recebi nenhuma mensagem do demônio enquanto ajudava a consertar os destroços em frente ao Leila's Bar. Suponho que esta é agora a minha casa. É uma palavra complicada da qual passei muito tempo fugindo.

Luther desnudou o piso de volta para madeira nua, polindo as tábuas com uma superfície preta brilhante. As paredes foram instaladas com prateleiras para guardar minhas muitas poções e itens essenciais de feitiçaria. Estou montando proteções que me permitirão negociar sem ser perturbada pelos residentes humanos desta cidade.

Vou lançar raízes. Ficar confortável.

Permito-me respirar o ar e saborear sua familiaridade.

No andar de cima, o espaçoso apartamento ainda é um trabalho em andamento. Depois de fixar os pisos com o mesmo tratamento gótico, passaram para os quatro generosos closets. O menor no terceiro andar será meu espaço de armazenamento para grimórios e outros itens preciosos.

A casa foi alugada em meu nome com as economias que acumulei com a venda de magia negra na última década, proporcionando-me o máximo de privacidade. Nós nem discutimos os arranjos de quarto, naturalmente chegando a um acordo. Eu terei meu próprio espaço.

Os homens da minha vida farão o que quiserem.

Inferno, eles fazem de qualquer maneira.

Com as persianas recém-instaladas abaixadas sobre as grandes janelas da loja, as velas que coloquei ao nosso redor iluminam o espaço. Atticus está sentado à minha frente, as pernas cruzadas, as mãos voltadas para cima enquanto descansa sobre os joelhos. Seus olhos estão bem fechados enquanto ele luta para focar sua magia.

“Quase lá,” eu persuado.

“Eu não posso fazer isso, porra.”

“Parece que ele vai se cagar,” Maude acrescenta inutilmente.

“Saia,” nós dois estalamos simultaneamente.

Com um revirar de olhos irritado, ela sai da sala.

“Você executou feitiços muito mais difíceis sem um encantamento.” Eu o vejo lutar. “Concentre-se em empurrar a ala protetora para fora, cercando a loja.”

Suas mãos se contraem enquanto ele luta. Eu poderia montar minhas próprias proteções em um piscar de olhos, mas é importante que ele aprenda. Uma bruxa destreinada com poder suficiente para nivelar um prédio será inútil se essa mesma magia não obedecer a nenhum mestre. Ele fez um grande progresso, no entanto.

O calor se instala sobre minha pele como a luz do sol fresca enquanto a proteção é estabelecida. Ele sela-a ao nosso redor como uma cúpula protetora. Eu envio uma faísca da minha própria magia para dar a Atticus aquele empurrão final, fechando a ala. No minuto em que termina, seus olhos se abrem, cheios de emoção.

“Puta merda,” ele exclama.

“Eu te disse. Bom trabalho.”

Seus olhos se movem com êxtase por finalmente conseguir algo. Quando ele olha para mim, há uma batalha de desejo e arrependimento esperando. Atticus ainda está lutando para aceitar seus sentimentos, não importa suas declarações ousadas.

Eu entendo melhor do que a maioria.

Olhar para mim o lembra de tudo de que ele está fugindo. Levará tempo para desenterrar completamente esse ódio purulento. Ainda estou descobrindo como aceitar o passado e forjar um futuro. Agarrar-se ao conforto da raiva é muito fácil.

“Eu não fiz isso,” diz ele calmamente. “Você fez.”

“Você dúvida demais de si mesmo.”

“Você me fez perceber que este dom é mais do que uma maldição.” Seu pomo de Adão balança enquanto ele escolhe suas próximas palavras. “Pensei que machucar você era a maneira de retomar o controle.”

“Entendo. Machucar as pessoas é bom.”

Atticus balança a cabeça. “Não, amar você é muito, muito melhor.”

Ficando de joelhos, ele se aproxima de mim. Estou congelada por seu olhar suplicante cinza-prateado. As profundezas outrora frias e odiosas estão transbordando de admiração.

“Você mudou tudo, Em.”

Eu coloco uma mão acima de seu batimento cardíaco. “Às vezes é mais fácil aceitar o caminho que o mundo nos deu do que aspirar a algo mais. Eu sei disso.”

“Você acha que eu poderia ser algo... mais?”

Eu abro um sorriso megawatt. “Você já é. O mundo ainda vai cair de joelhos diante de você, meu jovem Jedi.”

“Você tinha que matar o momento, hein?”

Enrolando meus braços ao redor de seu pescoço, eu agito meus cílios. “É a minha especialidade.”

“Se eu te beijar, você vai calar a boca, espertinha?”

Em vez de responder, coloco meus lábios nos dele. Nada dessa porcaria gentil e amorosa. Não com Atticus. Ele é meu inimigo e destino, tudo em um. A chave para o meu coração e o idiota que lidou com isso de forma tão descuidada.

Sua língua sonda minha boca, procurando com desespero. Nossos dentes se chocam e duas mãos serpenteiam pelo meu cabelo, puxando rudemente, exigindo mais. Subo no colo de Atticus, deixando minhas pernas envolverem sua cintura, eliminando a distância restante entre nós.

Sua ereção está pressionada contra minha calcinha sob meu vestido vermelho escuro de skatista. Não tenho ideia de como resisti a pular em seus ossos por tanto tempo, mas tive que esperar que ele viesse até mim. Atticus é um animal completamente diferente de seus dois irmãos.

“Você vai fazer amor comigo agora?” Eu provoco.

“Foda-se fazer amor,” ele estala. “Vou levar este corpo lindo para o meu quarto onde nenhum filho da puta pode nos

interromper. Eu vou rasgar essas roupas estúpidas até que possa ver cada centímetro de sua pele cremosa e sua boceta molhada."

Eu moo contra ele, agarrando-me a cada palavra. "E depois?"

Atticus segura a parte de trás da minha cabeça. "Vou pegar as algemas de couro da minha mesa de cabeceira e prendê-la na cama, expondo cada parte de você para mim. Uma vez que você não consiga correr, vou beijar até sua boceta e provar o que me pertence desde o momento em que nos conhecemos."

"E se eu quiser fugir?"

"Então eu vou bater em sua bunda até sangrar e foder você enquanto você grita meu nome uma e outra vez. O tempo de correr acabou. Acabou pra caralho. Quer vivamos ou morramos, eu não dou a mínima. Enquanto eu morrer com você em meus braços, caminharei alegremente pelos portões do Inferno, de mãos dadas."

Enroscando nossos dedos, coloco um último beijo em seus lábios.

"Vamos então."

Saímos da loja vazia ainda embrulhados um no outro, o formigamento da ala roçando minha pele enquanto saímos para a rua principal. Seu braço aperta em volta da minha cintura, palma amassando minha bunda através do meu vestido.

Eu sou uma idiota por baixar a guarda.

Esses meninos sempre foram perigosos para minha saúde.

Apanhado por um raio de sol, levanto a mão para proteger os olhos. Temporariamente cega, tudo o que posso ouvir é o baque de passos se aproximando. A mão de Atticus acariciando meu corpo me distrai o suficiente para não deixar meus pelos se arrepiarem até que seja tarde demais.

Tudo o que percebo é o golpe de aço serrilhado correndo pelo ar em minha direção. Meu primeiro instinto é proteger Atticus, empurrando-o com tanta força que ele cai direto no chão. Deixando-me exposta, a lâmina corta meu braço esquerdo.

“Emery!” Atticus grita.

Sentindo o respingo quente de sangue jorrando da ferida, desligo tudo. A brisa. O sol brilhante. O suspiro dos espectadores. O grito de guerra gutural de Atticus ao se levantar. Eu caio e atiro uma perna para pegar os pés do meu atacante.

Ele tropeça, a faca escorregando de suas mãos. Eu a pego sem pensar, cortando minha mão na lâmina. Embaixo de mim, uma mulher de olhos mortos rosna com fúria demoníaca. Ela está vazia de qualquer reconhecimento, mas o mal olha para mim.

“Eu sabia que você voltaria. Você não pôde evitar,” eu ataco.

“Faça isso, bruxinha. Outro tomará meu lugar.”

“Eu disse para você deixar esta porra de cidade em paz.”

O demônio levanta uma sobrancelha. “Me obrigue.”

Presa e exposta, minha faca corta sua garganta nua com facilidade. Tirar uma vida deveria ser mais difícil do que isso, mas matar alguém não é a parte mais difícil, mesmo um hospedeiro inocente.

Extinguir essa chama é brincadeira de criança.

O resto é onde a merda se complica.

Sou encharcada com um jato de sangue, observando o corpo sem vida cair. O que aqueles horrorizados com minhas ações não sabem é que, uma vez possuído, não há retorno. A psique está trancada em uma prisão mental, condenada a sofrer enquanto outro desfila em sua pele.

Matá-la é uma misericórdia.

Mesmo se eu perder um pedaço de mim toda vez.

O choque do aço batendo no concreto segue meus joelhos encontrando o chão. Uma multidão se juntou, as mãos entrelaçadas sobre as bocas, mas tudo o que posso ver é a expressão nos olhos de Atticus. Ele está olhando para mim como se eu tivesse acabado de descobrir o fogo pela primeira vez.

“Seu braço…”

Eu suspiro. “Estou bem.”

“Vamos levá-la para dentro. Luther pode lidar com a polícia.”

“Eu não posso deixá-lo levar a culpa por isso,” eu protesto.

Atticus luta comigo com um braço em volta da minha cintura. “Ele não vai. A polícia é ignorante e tem mais corpos do que pode lidar. Apenas mova-se.”

Deixando os espectadores para trás, irrompemos no bar que está se preparando para mais uma noite de bebedeira. Luther está ajudando Lewis a descarregar uma entrega. No momento em que seus olhos pousam em nós, sua boca cai aberta.

“Que porra aconteceu agora?” Ele ruge.

“Apenas um pequeno acidente.”

“Nosso *amigo* a atacou com uma faca,” Atticus diz enfaticamente.

Dispensando seu funcionário para o depósito, Luther vem direto para mim. Ele cautelosamente levanta meu braço, inspecionando o corte que vai do cotovelo ao pulso.

“Isso vai precisar de pontos. No andar de cima, agora.”

Atticus rapidamente intervém. “Eu vou fazer isso. Você precisa lidar com as testemunhas.”

Luther alisa sua camisa branca de botão que se projeta sobre seu corpo generoso. Ele parece extra bonito hoje, todas as linhas limpas e jeans fresco que traz um toque de café em seus olhos verdes.

“Você está lindo,” eu ofereço brincando.

Ele franze a testa para mim. “Quanto sangue você perdeu?”

“Estou bem, Luth. Você se preocupa muito.”

“Deite-se lá em cima. Eu vou resolver. Conheço o chefe de polícia; ele lidou com o cadáver deixado em sua antiga casa.”

Luther desaparece do lado de fora e sou meio arrastada para cima por Atticus. Ele abre a porta do banheiro, gesticulando para que eu me sente na tampa do vaso. Ele desaparece brevemente e retorna com o kit de primeiros socorros do andar de baixo.

“Você deveria tirar o vestido.”

“Se você me quisesse nua, tudo que você tinha que fazer era pedir.”

Atticus não abre um sorriso. “Você está ferida, baby. Isso não é engraçado.”

“Sou mais forte do que pareço. Vamos fazer Azazel pagar por isso.”

“Quando?” Ele se ajoelha no chão de ladrilhos para vasculhar o kit. “Isso vem acontecendo há tanto tempo, não sei se há um caminho de volta. Talvez esta seja a nossa vida agora.”

“Eu me recuso a acreditar nisso. Sua irmã estará de volta em alguns dias com os suprimentos, então faremos nossa jogada. Estamos perto agora. Está quase na hora.”

Preparando o kit de sutura, Atticus tira uma pequena garrafa de vodca do bolso. Ele toma um gole antes de segurar meu braço firme, sem se incomodar com uma contagem regressiva inútil. Eu solto uma maldição enquanto o álcool queima minha ferida, então a agarro para tomar vários goles.

“Fique quieta,” ele sussurra.

A agulha começa a tecer através da minha pele. Eu mal posso sentir isso, meu corpo se fechou em uma dormência familiar. Meus instintos de sobrevivência são bem afiados.

“Onde você aprendeu a costurar?”

“Luther finge que passou a última década salvando minha bunda. A verdade é que depois que você foi embora, ele foi o primeiro a perder a cabeça.”

“Ele fez?”

“Sim. Tivemos que juntar os pedaços. Ele estava começando brigas na escola e se metendo em encrencas, abrindo caminho pela vida. Ele quase foi expulso.”

Um calafrio percorre minha espinha. “Você o consertou?”

Atticus acena com a cabeça enquanto trabalha. “Às vezes Kody também. Luther se recompôs quando me manifestei e sai dos trilhos em seguida. Acho que minha autodestruição deu a ele propósito novamente, sabe? Algo pelo qual viver, se não ele mesmo.”

“Você é um herói,” digo sarcasticamente.

A agulha me apunhala com força, fazendo-me xingar. O olhar que Atticus me lança está cheio de raiva; para mim, seu irmão, o mundo inteiro e todas as suas porcarias.

“Nem todo mundo é um sobrevivente como você, Em.”

“Eu não sou uma sobrevivente.”

“É por isso que você foi embora, não foi? Para sobreviver?”

“Eu saí para proteger vocês três,” eu defendo. “Para lhes dar um novo começo.”

“Eu não queria um novo começo. Eu queria morrer em paz.”

Suas palavras param meu coração martelando, o órgão preso atrás de minhas costelas danificadas. Meu menino machucado e amargo é o que mais me aterroriza. Atticus tem a habilidade única de me separar com meras palavras.

Cortando o ponto final, ele ignora meus olhos inquisitivos. Suas mãos estão cobertas de sangue, junto com nossos corpos. Parecemos tão desamparados quanto nos sentimos. Agarro seu braço antes que ele possa enrolar o curativo em volta do meu ferimento recém-costurado.

“Se eu soubesse, eu teria voltado para você.”

Ele solta um suspiro profundo. “Eu sei. Isso não é culpa sua.”

“Suas vidas e sua casa foram destruídas por causa do que eu fiz.”

“O suficiente. Não vou deixar você se culpar.”

“Então eu deveria deixar você assumir a culpa?”

Percebo o momento em que o controle de Atticus evapora. Com raiva girando em seu olhar, ele me carrega de volta para seu quarto. Eu sou jogada sem cerimônia em sua cama enquanto ele fecha a porta, me trancando em sua prisão. Cada nervo do meu corpo é incendiado como uma banana de dinamite enquanto sua magia se infiltra em mim.

“Estou apaixonado por você há mais de treze anos.”

“E eu nunca me arrependi do nosso beijo,” eu retribuo sem medo.

“E agora?”

“Você me vê fugindo?”

Com os joelhos batendo na cama, Atticus rasteja para mais perto. “Estou tentando, Em. Não quero mais odiar você ou este mundo. É tão difícil. Estou sempre com raiva.”

“Eu nunca disse que você não pode ficar com raiva. Inferno, fique furioso.”

Ele encara enquanto aquele lago purulento de ressentimento continua a consumi-lo. Eu posso praticamente vê-lo corroendo a faísca de luz brilhante deixada dentro dele. Não vou deixá-lo se perder na escuridão como eu estava. Se a raiva dele o mantiver vivo, atiçarei as chamas e assistirei o mundo inteiro queimar.

“Sua família abandonou você para morrer,” continuo duramente. “Então eu também te abandonei, me fiz esquecer. No entanto, toda vez que eu dormia com um homem para quem eu não dava a mínima, eu pensava naquele beijo que compartilhamos.”

“Por favor, pare,” ele resmunga.

“Eu sacrifiquei nosso futuro no dia em que escolhi a ganância ao invés do amor. Eu me convenci de que todos vocês me odiavam, me alimentava com essa mentira horrível, só para ficar mais fácil ficar longe.”

“Por que você está tentando me machucar?”

“Eu quero que você fique com raiva,” eu grito para ele. “Quero que você me odeie como eu me odeio. Este mundo nos separou, Atti. O que você vai fazer sobre isso? Rolar e mostrar a barriga de novo? Faça alguma coisa!”

Mãos envolvem meus tornozelos e me puxam para baixo da cama. Com minhas pernas abertas, Atticus se joga em cima de mim. Ele agarra meus pulsos e os prende acima da minha cabeça, prendendo-me sob linhas de músculos duros e tonificados.

Quando seus lábios encontram os meus, temo pela minha vida.

Seu beijo é venenoso e cheio de desprezo.

Eu não me importo se é dirigido a mim ou não. Eu quero ele louco. Furioso. Vingativo. Qualquer coisa é melhor do que o vazio que o puxou para suas profundezas escuras, o convenceu de que o esquecimento era melhor do que viver. Ele não pode desaparecer se estiver muito ocupado me punindo por tudo que o mundo fez a nós dois.

Pegando meu vestido, Atticus perde a paciência e o rasga nas costuras. Tecido rasgado e botões voam por toda parte, expondo minha calcinha preta combinando. Seus dentes afundam no meu pescoço enquanto ele tira o meu sutiã também.

Lábios envolvendo meu mamilo, saboreio a sucção dolorosa de sua boca. As unhas de Atticus cravam em meus pulsos enquanto ele me mantém de bruços, independentemente do meu ferimento. Quando ele libera meu mamilo, voltando a si por uma fração de segundo, eu rapidamente dou uma joelhada em seu estômago.

“Para que diabos foi isso?”

Eu agarro sua camisa. “Mais. Tire isso de mim.”

A carranca de Atticus endurece. Ele chega em sua mesa de cabeceira e retorna com um par de algemas de couro grossas, balançando-as na minha frente. Eu cedo sem ser dito, oferecendo-lhe meus pulsos.

Ele me vira e passa a corrente ao redor da estrutura da cama, fechando as algemas para que eu fique presa em uma posição de cachorrinho. Com minha bunda no ar, eu suspiro quando ele abre um buraco na minha calcinha de renda como um animal. O som de suas roupas sendo jogadas de lado envia faíscas direto para o sul em minha boceta exposta.

“Maldito seja, Em.”

Uma palmada forte me faz gemer alto. O calor floresce na minha bunda, rapidamente seguido por outro golpe. Eu fico quieta, deixando-o tirar sua raiva. Outra mão encontra meu calor úmido, um dedo habilmente deslizando entre minhas dobras.

Atticus enfia dois dedos dentro de mim. Seus movimentos são rápidos enquanto ele me estica, pronta para tomar toda a força de seu pênis. Quando a dureza tentadora pressiona minha abertura, praticamente imploro por alívio.

“Cale a boca,” ele ordena, me batendo novamente.

Estou imóvel enquanto ele provoca minha fenda encharcada. Um pequeno gemido escapa quando ele finalmente me penetra e se enterra tão fundo que estrelas explodem atrás de minhas pálpebras. Atticus resmunga baixinho, recuando para bater em mim novamente.

Ele não cede.

Nós colidimos em uma explosão de dor e fúria.

Repetidamente, cada impulso é mais punitivo que o anterior. Meus pulsos doem quando as algemas me impedem de escapar da força total de sua ira. Em vez disso, sucumbo ao furacão consumindo nós dois.

Nossa magia é libertada, partículas empoeiradas de escuridão pairando no ar como uma tempestade de areia. Envolvidas em uma dança mortal uma com a outra, estou surpresa que não demolimos o prédio. Está exigindo muito para manter o poder destrutivo sob controle.

Quando eu sou levada ao limite, um orgasmo me supera sem restrições. Eu mal tenho tempo para recuperar o fôlego antes que Atticus destrave as algemas de couro para me virar de volta para encará-lo. Seus olhos queimam minha pele enquanto ele coloca uma das minhas pernas sobre seu ombro.

“Isso que você queria, baby?”

Eu passo minhas unhas em seus ombros. “Sim.”

“Você quer que eu te foda como a vadia gananciosa que você é?”

Sua mão envolve minha garganta, assumindo o controle da minha traqueia. Ele corta meu suprimento de ar, forçando-me a me render. No começo, eu obedeço quando seu pau empurra em mim. Cada golpe adiciona combustível à magia e desejo destruindo tudo.

Quando meus pulmões começam a queimar e minha visão embaça, uma sensação indesejada de pânico se instala. Eu nunca tive medo de Luther quando ele me sufocou. Eu sabia que ele deixaria ir novamente; ele nunca me machucaria.

Com Atticus, essa rede de segurança não existe. Ele tem malícia suficiente em sua alma para dar esse passo final e devastador. Isso me anima e me apavora.

“Você acha que esse sentimento vai me convencer de que viver é melhor?”

Ele está fervendo, cada palavra acompanhada por um impulso duro.

“Não quero mais ficar com raiva ou sentir ódio, mesmo que isso tenha me mantido vivo por tanto tempo. Você quer saber por que, sua puta linda pra caralho?”

Sua mão aperta ainda mais forte. Eu sei que as contusões vão manchar minha pele nos próximos dias, e uma parte doente de mim acha isso emocionante. Atticus dá uma risada angustiada antes de responder por mim.

“Percebi que prefiro amar cada centímetro irritante de você do que estar morto. Mesmo que isso signifique fazer a única coisa que eu odeio. Aprender magia. Ser um bruxo.”

Estou a segundos de desmaiar enquanto ele me leva ao limite absoluto, cruzando essa fronteira para o desconhecido. Isso só torna o prazer que devora ainda mais intenso. Outro clímax toma conta, deixando meu corpo inteiro descontrolado.

Eu tomo minha primeira respiração excruciante enquanto ele ruge seu orgasmo, o calor se espalhando dentro de mim. Sua mão permanece na minha garganta latejante enquanto ele cai sobre mim, nossos membros suados se entrelaçando.

Com a cabeça apoiada no meu peito, levanto a mão trêmula para acariciar seus cabelos pretos. Acho que ele está

lutando para respirar tanto quanto eu, estrangulado pela emoção e não pela mão cruel de um amante.

Recuperamos o fôlego em silêncio, ignorando as sirenes do lado de fora.

“Atti?” Eu sussurro com a voz rouca.

“Sim, baby?”

Eu sinto seu gozo escorrendo pela minha perna, me manchando com sua propriedade.

“Eu quero estar com você. Estou cansada de lutar contra isso.”

Sua respiração instável para. “Mesmo se eu estiver quebrado?”

“Mesmo se você estiver quebrado. Todas as melhores pessoas estão.”

Suas pontas dos dedos dançam entre meus seios arfantes, até meu estômago. Espalhando a palma da mão lá, uma corrente quente e gotejante se infiltra sob minha pele, girando e dançando em uma valsa lenta. Nossa conexão, nascida do sangue e da dor, fundiu nossas almas danificadas em uma.

“Você é minha casa,” murmura Atticus. “Farei o que puder para acabar com essa luta.”

“Nós vamos sobreviver a isso, juntos.”

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Atticus

Nos meus sonhos, estou fugindo do fogo.

Chamas lambem meus calcanhares, pele queimada e cheia de bolhas.

A fumaça faz cócegas em minhas narinas até que sinto as garras do sono me liberarem. Piscando para limpar a escuridão, olho ao redor do quarto escuro.

O luar entra pela janela, as cortinas ainda abertas, pois nenhum de nós tem energia para se mexer. Eu fodi Emery mais três vezes antes de encerrarmos a noite, nenhum de nós era capaz de andar.

São quatro horas da manhã, mas algo está errado.

Eu não estava sonhando com fogo.

A fumaça me atinge novamente; nos meus pulmões, boca, nariz. Finalmente vejo de onde vem, escoando por baixo da porta. Sacudindo Emery aproximadamente, eu jogo as cobertas para expor nossos corpos nus.

“Merda!”

“O que?” Ela geme grogue.

Eu a sacudo novamente. “Acorde! Há um incêndio.”

Quando ela vê a fumaça inundando o quarto, Emery amaldiçoa colorido. Nós saímos da cama, pegando roupas

descartadas. Eu instintivamente passo na frente dela, avançando em direção à porta. Quanto mais me aproximo, mais intenso fica o cheiro de fumaça acre.

“Todo mundo está lá embaixo?” Emery pergunta ansiosamente.

“É terça-feira, então o turno do bar acabou. Os outros deveriam estar na cama.”

Com um braço sobre seu peito, paro para enfiar meus pés em um par de Chucks descartado. Tocando cuidadosamente a maçaneta da porta, está quente, mas não insuportável.

“O fogo não está fora da porta, pelo menos,” eu confirmo.

Antes que eu possa reagir, Emery me empurra de lado e abre a porta. Eu a persigo até o patamar, onde a fumaça é sufocante. Você mal pode ver uma polegada na frente de seu rosto. Subindo as escadas, fica claro que há um inferno na área principal do bar.

“Alguém queimou a porra do bar?” Emery rosna.

“Preocupe-se com isso mais tarde. Precisamos pegar os outros.”

Bem na hora, a porta do quarto de Luther é aberta violentamente. Ele sai com o peito nu, puxando um par de jeans. No momento em que ele vê Emery, ele esvazia visivelmente com alívio.

“Onde? Eu podia sentir o cheiro da fumaça.”

“Lá embaixo,” eu corro para explicar. “Onde está o garoto?”

Luther corre até a porta de Kody, que fica ao lado da dele, entrando. Eu o deixo com isso, procurando através da fumaça inebriante por Emery. Ela se moveu para o topo da escada, tossindo enquanto cobria a boca. A lambida de chamas ilumina seu rosto enquanto devora o tapete que leva ao andar de cima.

“Está bloqueado! Não podemos sair.”

Eu olho para baixo, encontrando o fogo ficando ainda mais selvagem e fora de controle. O chão em que estamos pode ficar instável a qualquer momento.

“Temos que encontrar outra saída,” eu grito, meus olhos lacrimejando.

“Como? Estamos no último andar!”

Luther e um Kody de aparência descontente se juntam a nós para avaliar a situação. A escada de incêndio está lá embaixo e fora de alcance, enquanto pular de uma janela seria uma maneira infalível de acabar no hospital.

“Você pode fazer alguma coisa?” Kody pergunta freneticamente.

Emery balança a cabeça. “Eu não posso conjurar água, não é minha afinidade.”

“Então nós temos que passar por isso,” Luther grita acima da carnificina.

Abrindo o armário da lavanderia, ele pega várias toalhas grossas. Cada um de nós pega uma, seguindo-o até o banheiro. Uma vez que as toalhas foram embebidas em água fria, ele as coloca sobre nós para fornecer alguma proteção escassa.

Luther dá um beijo na bochecha de Emery enquanto a coloca em uma toalha pingando. Há resolução em seu rosto e eu sei que não vamos gostar de suas próximas palavras.

“Eu vou primeiro. Não parem por nada, estão me ouvindo?

“Como o inferno,” Emery rosna. “Eu sou a maldita bruxa.”

“E eu sou o maldito responsável! Vamos lá!”

Passando por todos nós, ele olha para a escada em chamas. Eu prendo Emery entre mim e Kody. O terror me envolve enquanto Luther dá os primeiros passos, mantendo uma toalha molhada presa acima dele.

Antes que o bom senso possa me prender, eu sigo em seu rastro. O calor já está queimando minha pele exposta. Quanto mais viajamos, pior fica. No meio do caminho, sinto que minha carne vai derreter dos meus ossos.

“Está muito forte! Nós vamos queimar!” Luther grita.

Kody tosse atrás de nós. “Temos que encontrar outro caminho.”

“Não há outra maneira,” grita Emery.

Ela tenta me passar, esquivando-se quando tento agarrá-la. Sou atingido pela sensação familiar de sua magia enquanto ela nos envolve, pesada com o pressão do poder. A zona de desastre ao nosso redor de repente parece menos brilhante, abafada por uma barreira invisível.

“É uma barreira,” ela explica, ajustando sua toalha. “Precisamos nos mexer!”

Chegando finalmente ao térreo, saímos no corredor entre o bar e o escritório nos fundos. O fogo lambe avidamente as paredes e o teto, encapsulando-nos em uma bolha feroz de fumaça e brasas.

O bar é um oceano de chamas intransponível, fazendo com que não possamos escapar pela entrada da frente. Vejo o contorno de um pentagrama invertido em chamas marcando a pista de dança, engolindo madeira e fios à medida que cresce. Os outros três parecem igualmente sombrios.

A porra do demônio fez isso!

Temos sido tão estúpidos, idiotas pra caralho.

Engasgando com a fumaça nociva, todos nós tossimos e cuspimos, juntando as mãos para avançar cada vez mais para o Inferno. Ninguém fica para trás nesta família.

“Saída dos fundos!” Luther retoma a liderança.

A barreira que nos envolve estremece como uma casa em um furacão, magia contraindo e lutando para manter o pior do fogo sob controle.

“Não consigo segurar por muito tempo!” Emery grita.

Indo para a saída de incêndio na parte de trás do prédio, o menor vislumbre de esperança em meu peito se extingue. Há um estrondo de mau presságio quando o chão abaixo de nós começa a tremer como as entranhas de um vulcão se preparando para cuspir todos nós. Uma percepção aterrorizante me atinge.

“O tanque de gasolina no porão!” Eu grito.

O rosto de Luther cai. “Corram! Vai explodir!”

Nós rasgamos as chamas, indiferentes às consequências. Queimaduras de terceiro grau são melhores do que ser despedaçados em uma explosão. Com a saída à vista, Luther força os outros dois a passarem por ele. Ele agarra meu braço e me impulsiona para frente enquanto eu grito seu nome.

Uma escova acolhedora de oxigênio me chama para frente enquanto Kody luta com Emery para a segurança. Ela está gritando o nome de Luther como uma mulher possuída enquanto ele os prioriza. Estamos a metros de segurança quando o estrondo se torna um tremor sísmico. A boca do inferno está se abrindo para engolir todos nós.

O tempo fica lento, fragmentos de realidade se formando como cacos de vidro que me cortam. Posso sentir o cheiro da brisa terrena e convidativa. Veja a lua brilhante que paira no céu com os braços abertos.

O cabelo escuro de Emery cai sobre o ombro de Kody enquanto ele a levanta em estilo bombeiro, apesar de ela chutar e gritar. A barreira desmorona no momento em que ela se vai, então sou um astronauta flutuando na gravidade zero.

Não há nada além de fumaça abaixo de mim quando o estrondo de uma enorme explosão me impulsiona. Eu grito e rujo, o terror me comendo. A voz de Luther é abafada pelo rugido de uma fera devorando o bar atrás de nós.

Mais fragmentos.

Sangue quente e acobreado.

Pele crua e pulmões doloridos.

Dormência quando queimaduras dilaceram minhas terminações nervosas.

Um bocado de cascalho quando meu corpo atinge o chão.

Dor.

Dor cegante e sem fim.

Berros. Gritos. Sirenes.

“Em,” eu formo em torno de uma boca cheia de cinzas.

A voz dela não me responde. Eu não posso vê-la. Não consigo ver nada. Nada além da escuridão; uma nuvem de sombras iluminadas por chamas, engolfando minha visão. Luto para manter os olhos abertos, sem vontade de me entregar ao túmulo.

Agora não.

Acabei de recuperá-la.

Eu não quero mais morrer.

Minhas súplicas silenciosas são tão fúteis quanto eram quando eu era criança, sozinho e implorando para alguém me amar. Abandonado pela magia lutando para manter meu coração batendo, o mundo desaparece.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Emery

Eu já fiz coisas ruins. Somos criados para acreditar que coisas ruins acontecem com pessoas ruins. O mundo seria um lugar assustador de outra forma, certo?

É reconfortante pensar que há alguma rima ou razão para tudo isso, e podemos prever nossa sorte com base nos princípios que defendemos. Para alguém como eu, esse conforto da igualdade é muito raso.

Eu menti, enganei e machuquei pessoas.

Portanto, eu mereço ser ferida.

Olhando para o *gotejamento constante* da linha intravenosa alimentando o corpo em coma de Luther, eu reconsidero. Podemos passar nosso destino adiante? Condenar aqueles que amamos a sofrer as consequências de nossas ações? Porque eu posso garantir, porra, Deus e o diabo sejam malditos no céu, Luther não merece estar deitado naquela cama de hospital.

Mas poucos de nós recebem o que merecemos nesta vida.

O conforto superficial é apenas isso; uma ilusão fútil e infantil.

“Emmy?”

Não consigo desviar o olhar da constante ascensão e queda do corpo de Luther. Ele está deitado de bruços porque

as queimaduras nas costas são muito graves. Suas roupas e a toalha ofereciam alguma proteção, mas a explosão o pegou por trás.

"Emmy? Fale comigo, linda."

Alguém está agachado ao meu lado. *Kody.* Há devastação em seus óculos rachados, as lentes quebradas de quando batemos no chão. Tenho certeza que pareço tão áspera quanto. Posso sentir o cheiro nocivo em minha própria roupa.

"O que você quer que eu diga?" Eu respondo, minha voz um assobio cru. "Luther está em coma. Quem sabe se ele vai acordar?"

"Ele vai," Kody me garante.

Tomando a cadeira desconfortável ao meu lado, ele joga para trás o resto de seu café. Nenhum de nós sofreu queimaduras graves, apenas inalação de fumaça e o que parece ser um bronzeado perverso por ter sido exposto à carícia maligna das chamas.

"Isto é minha culpa. Eu fiz isso," eu pronuncio entrecortadamente.

"Eu não vou ouvir isso," Kody retruca, soando muito como seu irmão mais velho teimoso. "O demônio fez isso. Ele causou o incêndio."

"Eu deveria acabar com isso, e estou muito atrasada."

Kody enterra o rosto nas mãos. "Você estava se recuperando e se preparando para o que precisa ser feito. Isso não é uma admissão de culpa, Emmy."

"Pode ser. Eu não sou forte o suficiente."

Dói quando começo a chorar, as lágrimas picando minha pele levemente queimada. Kody estende a mão para limpar as gotas traiçoeiras. Eu me recuso a encontrar seus olhos novamente. Ele não vai gostar do que encontrar olhando para ele.

Sempre odiei ver o abismo corroendo o Atticus.

Está vivendo em mim agora, engolindo o que resta da minha esperança.

Com um clique suave, a porta do quarto de hospital de Luther se fecha. Entrando, cansado e mancando, Atticus nos encontra encasulados no canto. Mais lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto ao vê-lo.

Enquanto Luther foi gravemente queimado, Atticus escapou com uma de segundo grau no braço esquerdo e parte do ombro. O golpe na cabeça foi a pior coisa, nocauteando-o por mais de doze horas. Foi assustador no começo, mas ele é um bastardo forte.

Eu corro pela pequeno quarto para encontrá-lo. Ele envolve seu braço bom em volta de mim, dando um beijo no lado da minha cabeça. Não consigo parar as lágrimas. Um rio intransponível corre pelo meu rosto enquanto soluços grandes e embaraçosos rasgam meu peito.

“Estamos aqui, querida. Vai ficar tudo bem.”

“Tudo minha culpa,” eu soluço histericamente.

“Vamos, chega disso.”

Atticus me levanta facilmente e me coloca no colo de Kody. Reforçando meu aperto em sua camiseta emprestada, eu

enterro meu rosto no pescoço macio de Kody. Seus braços se fecham ao meu redor, os lábios encontram meu cabelo.

“Estamos aqui, Emmy.”

“E não vamos a lugar nenhum,” acrescenta Atticus.

Eu não sei por quanto tempo eu choro. Não é um luxo que normalmente me permito. Eu sou a forte, atirando conhecimento e chutando traseiros. Vem com o território de ser uma bruxa. Não muito nos afeta. Mas isso?

Nada poderia me preparar para como seria.

Nada.

Perder minha família doeu muito menos do que ver Luther sem resposta e muito ferido. Eu voltaria para aquele momento fatídico e mataria minha mãe e minhas irmãs mil vezes se isso o acordasse daquela cama de hospital. Não importa se isso me torna um monstro.

Eu daria o mundo em sacrifício por ele.

E se eu pudesse, eu tomaria o lugar dele naquela cama.

De alguma forma, adormeço, abraçada ao calor de Kody. Quando acordo, ele está roncando levemente embaixo de mim. Esticando meus membros, limpo o nó na garganta e me levanto. Atticus se mudou para a cadeira ao lado de Luther, segurando a mão de seu irmão enquanto cochilava também.

Eu me esgueiro antes que minhas emoções possam me atacar novamente.

O corredor da ala de queimados está desolado.

Não há nada além do zumbido de máquinas e monitores cardíacos. Olhando ao redor, procuro o familiar sorriso contagiante de Maude, mas ela não está em lugar algum mais uma vez. Não a vejo desde que estivemos no boticário ontem. Tudo que eu quero é que minha melhor amiga faça uma piada e me faça sorrir.

“Emery? Você está bem?”

Surpreendente, encontro Annabelle esticada em um conjunto de cadeiras próximo. Ela parece meio acordada, seu cabelo amarrado em um coque desleixado. Eu tento evocar um sorriso, mas só consigo dar de ombros desesperadamente.

“Atticus me ligou,” ela explica. “Vim o mais rápido que pude.”

Não estou preparada para o abraço que ela me dá. Deveiriamos ser inimigas naturais. Mas foda-se, o jeito que ela me aperta forte, me lembrando que ainda estou aqui, me dá a menor migalha de força para me agarrar. Acho que isso é amizade.

“Obrigada por voltar,” eu sufoco.

“É claro. Os outros dois estão aí?”

Seguindo-a para as cadeiras, eu desabo com um suspiro. “Eles estão dormindo. Luther está em coma induzido. Ele tem queimaduras de terceiro grau cobrindo as costas e precisa de cirurgia amanhã de manhã para um enxerto de pele.”

“Jesus Cristo,” Annabelle amaldiçoa.

“É ruim. Ele também tem um inchaço no cérebro por causa da explosão, e sua audição também pode estar

danificada. Nós não saberemos até que ele acorde... se ele acordar."

"Ele vai, aquele homem é forte demais para desistir tão facilmente."

"Eu acho."

"E ele te ama," ela acrescenta suavemente.

"Ele não deveria. É minha culpa ele estar lá." Esfrego a umidade que arde em minhas bochechas novamente. "Eu tenho sido tão ingênua, deixando o demônio correr solto. Eu deveria ter feito alguma coisa, mesmo que isso me matasse no processo."

"De que adiantaria morrer em algum feitiço defeituoso para o qual não estava pronta?"

Ela esfrega círculos reconfortantes nas minhas costas, sua voz baixa e suplicante.

"Não pode terminar assim," eu finalmente respondo.

"O que você vai fazer?"

"Vou terminar o que comecei. Azazel é minha responsabilidade. Vou derrubá-lo, de uma forma ou de outra. Ninguém mais vai morrer por minha causa."

Annabelle tenta um pequeno sorriso esperançoso. "Eu não posso manejar magia negra como vocês, mas farei o que vocês precisarem. Eu devo muito a você."

"Você não me deve nada," eu protesto.

Seus olhos se desviam para o quarto do hospital. "Eu cresci no privilégio; um coven de apoio e o amor da minha mãe

era mais que suficiente. Eu nunca soube que a base da minha vida foi construída sobre a dor e o sofrimento dos outros."

"Isso não é culpa sua. Você não escreveu a história."

"Você não explodiu aquele bar," ela rebate. "Recebemos cartas na vida e esperamos ter força para fazer boas escolhas. Estou escolhendo estar do lado certo disso. Devo minha vida a você por abrir meus olhos para o que estava bem na minha frente."

Liberando minha respiração presa, permito que minha cabeça caia em seu ombro. Annabelle envolve um braço em volta de mim. Descansamos assim, imóveis e silenciosas, até que eu tenha um plano. Não sei se consigo fazer isso sozinha, mas tenho que tentar. Não podemos esperar mais.

"Eu preciso que você fique aqui e mantenha todos eles seguros," eu imploro.

"E você?" Ela pergunta com uma carranca preocupada.

"Eu vou acabar com isso. Se der errado, você protege os caras com sua vida. Então não devemos nada uma a outra."

"Você não precisa da magia do Atticus também?"

Eu balanço minha cabeça desafiadoramente. "Eu me recuso a arriscar qualquer outra pessoa, não depois de tudo o que aconteceu. Eu tenho que fazer isso sozinha, mas não posso a menos que eu saiba que eles estão seguros."

Annabelle assente com relutância. "Eu não vou deixar ninguém tocá-los. Deixe o demônio enviar um exército. Posso não ter magia negra, mas ainda posso lutar bem."

"Obrigada. Acho que te julguei rápido demais."

“Idem. Você está bem, Em.”

Ela coloca a chave do carro na palma da minha mão. Com um aceno de cabeça, eu me levanto e me preparo para sair. Em vez de me concentrar nas dores do meu corpo, deixo o enxame de raiva açoitar minha determinação. Eu não preciso de mais nada. Ela me guiará pelas provações e tribulações que virão.

Meu coração não bate no meu peito.

Está nas mãos daqueles que estou deixando para trás.

Confio em meus três melhores amigos para mantê-lo seguro para mim. Doce e inteligente Kody. Zangado e tão amargo, Atticus. E o feroz e protetor Luther. Eles me deixaram entrar em seus corações e lares há muito tempo. Estou fazendo isso por eles, e darei minha vida se for necessário.

Saio pelo corredor, incapaz de me despedir deles. Minha mão se prepara para abrir a porta de saída quando Annabelle me chama.

“Sim?”

Seu sorriso se alarga. “Dê-lhes o inferno.”

Eu encontro um sorriso combinando. “Você está certa, eu vou.”

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Emery

Fechando a porta do carro de Annabelle, coloco a mochila no ombro. Parar em casa para pegar suprimentos foi difícil. Leila's Bar agora é uma concha enegrecida, eviscerada e destruída pelo fogo.

Enquanto estava escondida no hospital, as chamas foram extintas, mas a fumaça preta ainda se enrola no ar. Não há mais nada além de cinzas. Tranquei minha dor em uma caixa de aço quando saí. Eu não preciso de nada além da minha fúria agora.

A chuva martela o chão como fogo de metralhadora na zona de guerra da rua. Quase consigo me lembrar de como era naquela época, embrulhada como um presente reluzente para o meu eu de quatorze anos. Minha família odiava este lugar, ressentiu-se do fato de que elas tiveram que fugir e deixar suas vidas banhadas a ouro para trás.

Para mim, foi uma bênção bem-vinda.

E a primeira vez que senti que podia respirar.

Esta velha casa representa nada além de um sonho desfeito agora.

Vou vê-la desmoronar, engolida inteira pelo submundo, e fazê-lo com um sorriso no rosto. Mesmo que eu tenha que ir com ele. Será uma vitória caminhar com um demônio acorrentado atrás de mim.

Dando um passo à frente, eu congelo. Eu posso sentir algo dentro, uma força escura sussurrando no ar. O demônio já está esperando por mim. Olho para cima e para baixo na rua, verificando se está deserta. Este não era o plano. Preciso lançar um círculo protetor para realizar o exorcismo com segurança.

Porra! O que eu faço?

Não posso correr de novo.

Mais vidas inocentes serão apanhadas na mira.

Tirando a faca da minha bota de combate, rasgo o curativo do meu braço que foi aplicado por uma enfermeira. Minha ferida ainda está cicatrizando, então é fácil arrancar vários pontos para reabri-la. Eu assisto sem sentir enquanto o sangue escorre pelo meu braço, atingindo o chão abaixo de mim.

Pat. Pat. Pat.

Juntando sangue no meu dedo indicador, começo no topo da minha testa, arrastando-o até o queixo. Depois, de templo em templo, formando uma cruz. É um feitiço de proteção muito básico. A magia zumbe ao longo da minha pele, juntando-se às ondas ondulantes dentro de mim, irritadas e prontas para a vingança.

“Ancestrais, fiquem comigo agora,” sussurro para mim mesma. “Deem-me força para corrigir meus erros. Protejam-me do mal. Eu me honro em seu nome esta noite.”

Entrando nas ruínas da minha primeira casa de verdade, eu sei para onde ir. Posso sentir a presença de Azazel como ozônio depois de uma tempestade de raios. Rastejando pela concha abandonada, paro na cozinha onde toda a minha vida mudou para sempre.

Meus pés se recusam a ceder.

Eu posso cheirar... *sangue.*

E não é meu.

Com o medo apertando meu coração, eu entro. A sala está coberta de escuridão da chuva forte lá fora, lançando sombras no concreto e nos restos queimados. Uma voz arrepiante me chama para mais perto.

“Entre, bruxinha.”

Amaldiçoando silenciosamente, entro na sala.

“Olá, Azazel.”

O demônio espera em sua verdadeira forma. Sem um hospedeiro humano, suas feições duras e afiadas me encaram. Chifres retorcidos e pernas grossas encontram sua pele parecida com couro, olhos me bebendo avidamente. A maioria correria gritando, mas a fera do outro mundo não é o que me aterroriza.

Pingando gotas de morte, um Sigilo de Baphomet pintado ao acaso estraga a parede mais distante. Diretamente abaixo dela, apoiadas como bonecas em exibição, estão três pessoas nuas. Amarrados com cordas, seus corpos foram chicoteados e triturados para salpicar toda a cena com sangue.

Todos os olhos estão abertos.

Poços vazios e doloridos chegam até o submundo.

Eles foram encantados, bem como Annabelle. Não é bem posse, suas vidas ainda estão na balança, mas eles não podem correr ou se defender.

“O que você fez?”

Azazel solta uma risada. “Achei que poderíamos jogar um jogo.”

“Que porra de jogo?”

“Essas pessoas vieram farejando, querendo acabar com meu governo. Eu assumi o controle de suas mentes. Só você pode libertá-los, bruxinha.”

Suas palavras acompanham uma terrível realização. Reconheço duas pessoas encostadas na parede. Leva um momento para a memória ressurgir. Quando criança, sempre fui tratada de forma diferente. Isolada. Ridicularizada. Alguns insistiam em tornar minha vida ainda mais infernal.

Estou olhando para os filhos de Geraldine – Yara e Wesley Blackbriar.

Ele aprisionou os filhos da líder do coven do sul.

“Amigos seus?” Azazel provoca.

“Eu não me oporia à você matá-los por esporte.”

Chamando meu blefe, seu sorriso se alarga. “Vamos ver isso.”

Eu grito quando ele atravessa a sala em um borrão. Ignorando os dois rostos familiares, Azazel arrasta um dedo de navalha pela garganta da terceira pessoa. Eu coloco a mão sobre a minha boca quando um corte aberto é rasgado através de sua carne, músculos brilhantes e osso branco perolado. Ela morre instantaneamente, acusando-me com os olhos.

“Oops,” Azazel canta. “Você estava dizendo?”

Os olhos de Yara estão cheios do terror de inúmeros gritos presos. Wesley me encara, implorando silenciosamente por minha ajuda enquanto as lágrimas escorrem por suas bochechas. Sua amiga sangra rapidamente até a morte, seu corpo caindo no chão com um baque.

“Você não precisava matá-la!”

“Então não diga coisas que você não quer dizer, bruxinha.”

Agarrando meu cabelo, eu reprimo um grito.

“Diga-me, você já aprendeu a verdade?” Azazel pergunta inocentemente. “O que aqueles garotos por quem você está tão ansiosa para morrer esconderam de você?”

Suas palavras me fazem parar, incerta.

“Pare de tentar me enganar.”

Ele solta uma risada sinistra. “Eu estive em sua vida por mais tempo do que você imagina, mantendo um olho em toda aquela deliciosa magia correndo em suas veias. Esperar treze anos humanos só tornou isso ainda mais doce.”

“Que diabos você está falando?”

A excitação ilumina seus olhos não naturais. “Você está pronta?”

Ansiedade revira meu estômago com a pura alegria em sua voz. o que estou perdendo? Os caras estão escondendo outra coisa de mim? Eu me recuso a acreditar. Já passamos pelo inferno juntos. Eles não mentiriam para mim novamente, Luther prometeu.

Eles iriam?

Claramente, eu sou uma idiota.

Sinto sua presença antes de vê-la.

Eu me familiarizei com a impressão fantasmagórica da minha melhor amiga nos últimos três anos. Ela esteve ao meu lado com um ouvido atento, uma piada de merda, ou alguma resposta espertinha para alegrar meu dia. Eu a deixei penetrar minhas defesas.

“Maude?” Eu choramingo.

Minha melhor amiga aparece ao lado do meu arqui-inimigo, agonia escorrendo em seus olhos. O amor que costumo encontrar em sua expressão foi substituído por um cálculo frio.

“Olá, Em. Você está parecendo um pouco pior com o desgaste.”

Eu engulo em seco. “Bem, esse idiota me explodiu ontem.”

“Eu vi. Bastante barulho.”

“O que você está fazendo aqui?” Eu estalo, desesperada para estar errada.

Língua enegrecida serpenteando para molhar seus lábios, Azazel dá a Maude um sorriso satisfeito. “Este espírito tem sido meus olhos e ouvidos há muito tempo, bruxinha.”

“Não,” eu respondo com horror.

“Ela ficou de olho em você e relatou suas descobertas por todos esses anos. Monitorando cuidadosamente cada movimento que você fez.”

“Maude?” Eu digo novamente, lágrimas se soltando. “O que ele está dizendo?”

Por um momento, eu pego um vislumbre de remorso em seu rosto. Minha esperança é extinta novamente quando é substituída por um sorriso cruel e desconhecido. A pessoa que eu achava que conhecia já se foi.

“Você estava tão desesperada para ser amada,” Maude responde com amargura. “Jogar como a ajudante infeliz foi bastante fácil. Ganhando sua confiança e abrindo caminho em seu coraçãozinho estúpido.”

O calor da traição me atravessa. Minhas mãos se fecham em punhos, magia já correndo pela minha pele úmida. Está morrendo de vontade de rasgar o fantasma traidor em pedaços transparentes, mas uma pergunta ainda permanece.

“O que eu fiz com você?”

O sorriso de Maude diminui. “Eles roubaram tudo de mim, Em.”

“Quem fez?”

“Os homens que você está tão desesperada para salvar.”

“Eu não sei do que você está falando!”

“Eu tinha planos, esperanças, sonhos.” Sua voz aumenta, gritando com puro desgosto. “Eles tiraram tudo de mim. A porra da minha vida inteira!”

Chumbo se instala em meu intestino.

O pavor floresce como tinta aquarela.

Um covarde fugiria da verdade. Eu nunca fui isso. Mesmo que eu esteja com medo da resposta para minha próxima pergunta, eu ainda tenho que perguntar.

“Como você morreu, Maude?”

Ela me oferece um sorriso triste. “Eles me mataram. Fui assassinada pelos três homens que você ama mais do que a própria vida.”

Não.

Não.

É mentira.

“Não tente racionalizar isso,” ela continua. “Você não pode fugir ou fingir que isso não é real. Eu vivi aqui uma vez. Muito tempo depois que você partiu. Minha família não tinha muito, mas sempre tivemos um ao outro. Eu estava indo estudar no exterior naquele verão e apenas um mês depois, tudo acabou.”

O demônio se recosta, contente em ver o horror se desenrolar.

“Eles me mataram sem piedade ou remorso.”

“Você está mentindo,” eu cuspo.

“É por isso que você parece querer me matar de novo? Você mesma disse, até as melhores pessoas têm o mal nelas. Eles mentiram para você.”

“Que tipo de jogo doentio é esse?” Eu atiro em Azazel.

“A verdade,” ele confirma presunçosamente.

“Isso é uma merda!”

“Eu sempre estive com você. Assim que consumir seu poder, darei a minha companheira fantasmagórica aqui a vingança que ela tanto deseja.”

Maude cruza os braços. “Eu os quero mortos.”

“Você acha que ele vai te dar isso?” Eu rio na cara dela. “Você é uma idiota, então. Este pedaço de merda só se preocupa com ele mesmo. Você está sendo enganada, Maude.”

“Eu não quero ouvir!” Ela olha para seu cúmplice. “Termine isso. Eu tenho sido paciente, jogando junto com suas ordens. Vamos queimar todos eles.”

Abro minhas mãos, preparando-me para me defender. Não vou cair sem lutar. Se a acusação dela é verdadeira ou não, ninguém toca nos meus homens. Só eu tenho permissão para matar seus traseiros caloteiros por mentirem na minha cara... de novo.

“Você vai ter que passar por mim primeiro,” eu aviso.

O rosto de Maude se contorce de dor. “Afaste-se, Em. Por favor.”

“Nunca. Venha e me mate se é isso que você quer.”

“Eu só quero eles!” Ela grita.

Deixando minha magia explodir para fora, eu libero os grilhões das minhas emoções. “Foda-se você e esta cidade. Eu vou destrui-la se for preciso para acabar com isso.”

Azazel se esquiva da rajada de fogo que eu atiro, deixando-a bater na parede enquanto Maude se protege. Não tenho ideia se posso machucá-la, mas vou tentar. Jogando mais rajadas de poder, estou muito furiosa para parar. Vou despedaçar o

par, átomo por maldito átomo, e dançar em seus restos para comemorar minha vitória.

“Isso é tudo que você tem?!” Azazel grita.

Olhos estreitos, eu seguro minhas mãos. “Você pediu por isso.”

Visualizando uma bola de energia, fogo sobrenatural se acumula em minhas mãos. Contorcendo-se e cuspindo, ele se transforma em um inferno. Maude dá uma olhada e pisca para o canto mais distante da sala, pronta para fugir a qualquer momento.

Eu esculpo as chamas no rosto de um monstro aterrorizante, cheio de presas e raiva violenta. Azazel realmente dá uma olhada dupla. Eu não sabia que os próprios agentes do Diabo podiam experimentar incerteza. É fodidamente doce.

“Barritus!” Eu grito.

O monstro de minha própria criação voa pela cozinha, deixando destruição e fumaça em seu rastro. Azazel desaparece em uma nuvem de sombras negras, reformando-se do outro lado da sala. Eu o sigo, jogando mais energia em minhas chamas.

Pega de surpresa, ele se reforma logo atrás de mim. Chego tarde demais para reagir e punhais mágicos cortam minhas costas. A sensação de garras rasgando carne e músculos é uma distração indesejada. Lançada voando, bato na parede com um estrondo.

“O suficiente! Você vai se curvar diante de mim!”

Limpando o sangue da minha boca, eu rio. “Uma bruxa das trevas não se curva para ninguém.”

Alcançando de volta dentro de mim, eu seguro a escuridão que me espera. Passei uma década brincando com o desconhecido, aprendendo e aumentando o poder que me conquistou em uma idade tão jovem. Eu nunca permiti que atingisse a potência máxima.

Abrindo essa célula mental, permito que ela se desdobre como as poderosas asas de um dragão. Relâmpagos soltam faíscas no sangue que cobre meu corpo enquanto minha magia aumenta cada vez mais, formando um tornado.

“Pare com isso,” Azazel ordena. “Eu vou matar todos eles!”

Concentro minha mente tonta. “Eu gostaria de ver você tentar, idiota.”

Com um grito de guerra, a tempestade destrutiva da minha magia atinge seu pico. Ela penetra a fronteira invisível que encapsula este mundo em uma bolha sem noção e eu posso sentir o véu nas bordas da minha mente.

É preciso cada grama de força em mim para agarrá-lo, usando a força da magia do sangue reunida no ar eletrificado. Como lutar com um pedaço de seda escorregadia, o véu luta comigo, desacostumado a ser atacado por uma mera mortal.

Eu não dou a mínima do caralho.

Neste momento, eu sou Deus.

O demônio e seu mestre se curvarão diante de mim.

Incapaz de manter o feitiço, a magia mental que aprisiona Yara e Wesley se rompe. Ambos caem como bonecos libertados das cordas. Encontro seus olhos quando o véu quase escapa do meu controle novamente.

“Ajude-me,” eu murmuro desesperadamente.

E então, o véu começa a rachar.

O frio penetrante chicoteia ao nosso redor em uma gananciosa tempestade de neve com a intenção de destruição mundial. Uma enorme rachadura se forma no ar, a escuridão além da espera, sugando tudo em suas profundezas negras.

Azazel fica boquiaberto, uma reação aparentemente humana para um demônio sedento de sangue. É quase como se ele não acreditasse que eu cumpri minha palavra. A vingança no rosto de Maude se dissipou, deixando uma criança assustada para trás. Ela olha para mim antes de desaparecer como a vadia covarde e traidora que ela é.

Segurando a ponte aberta com um grito rasgando minha garganta, estou prestes a desmaiar até sentir mais magia correndo em minha direção. É leve e desconhecida, livre de toda escuridão.

Yara e Wesley.

Eles estão me ajudando.

Ambos agarrados um ao outro, eles inundam a sala com suas próprias essências poderosas, oferecendo livremente sua força para mim. Eu a tomo de braços abertos, permitindo que minha magia negra se misture e consuma a eletricidade que vem em minha direção.

O demônio começa a lutar, sendo arrastado para a fenda.

“Não! Você vai morrer por isso!” Ele assobia violentamente.

Pensando no corpo de Luther, engulo um bocado de sangue.

“Eu já fiz. Dê ao Diabo meus cumprimentos, Azazel.”

O mundo estremece e se contrai.

Meu corpo começa a convulsionar, implodindo por dentro.

A eletricidade ameaça assar a todos nós.

A imagem que vai ficar comigo para sempre é Azazel sendo sugado para as mandíbulas acolhedoras do Inferno. Devorado pela barriga da fera, ele é arrancado deste mundo em uma violenta explosão. A fenda engole Azazel sem um pingo de misericórdia.

Presa no olho da tempestade, eu seguro o véu rebelde em minhas mãos. Tudo o que resta a fazer é fechar a ponte para o submundo. Muito consumida pelo poder batendo em mim, meus arredores se tornam um borrão sem visão.

O grito de uma mãe devastada me chama a atenção.

“Yara! Wesley!”

Meu sangue gela tudo de novo. *Geraldine.*

Um exército de bruxas de coven emerge no caos que nos cerca, quebrando janelas e portas. Há tanta magia potente no ar que está sufocando a todos nós. Observo Geraldine correr em direção aos filhos.

Ela não vê o demônio sendo expulso.

A magia mental da qual libertei seus filhos.

Nosso mundo à beira do esquecimento se eu não completar este feitiço.

Seus olhos implacáveis transbordam de ódio. Choque. Indignação. Ela conecta o cheiro enjoativo da magia do sangue à minha presença antes que eu possa me defender. Estou tão perto de selar o véu danificado quando sua mão direita se levanta.

“Mãe! Não!” Yara grita a plenos pulmões.

“Bruxa das trevas! Puta demônio!”

Sua magia poderosa me atinge no peito como um maremoto. É seguida pelos golpes de incontáveis executores, protegendo sua líder de coven. Eu tento lutar contra eles e me defender, mas é tarde demais. Meu aperto no véu delicado se rompe.

“Não! Pare!” Eu imploro ao universo.

Os fios se rompem e desfiam, aquela rachadura no ar começando a se contrair. O rosto pálido de Geraldine é atraído para ela, sua boca aberta. Eu sempre tive um talento especial para realizar o impossível. Só que desta vez, não posso consertar.

A conexão foi cortada.

Esquecimento está correndo em nossa direção.

“Saiam! Corram!”

Ninguém ouve até o som furioso de uma criatura de outro mundo rugir além da fenda. Eu agarro o executor mais próximo que está boquiaberto com os olhos arregalados, uma bruxa não muito mais nova que eu.

“Corra agora ou vamos todos morrer!”

Todos na sala se movem como formigas, procurando a saída mais próxima. Geraldine está espremida entre dois executores imponentes, mesmo enquanto ela grita por seus filhos. As regras ditam que ela seja priorizada acima de tudo.

Amaldiçoando a porra do coven estúpido, eu agarro Yara e Wesley. Não vou deixar os idiotas para trás. Partimos para a janela quebrada mais próxima, nos jogando no abismo. Ninguém olha para trás, correndo com o temor de Deus atrás de si.

Eu permiti uma força maligna em nosso mundo antes.

Algo pior está surgindo agora.

Eu posso sentir isso. Experimentar isso. A essência do mal nadando em direção à luz que quebrou sua prisão negra. Magia devora completamente minha antiga casa e me arrebata. Milhares de vozes e gritos se misturam em um grito apocalíptico de... *celebração.*

“O que é isso?” Grita Yara.

Agarro a mão dela com ainda mais força enquanto fugimos para salvar nossas vidas.

“O Diabo.”

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Kody

Ninguém pensa muito no fim do mundo.

Por que iriamos? É um conceito fora de alcance.

Acho que ninguém esperava isso. Um inverno nuclear? Claro. Aquecimento global e o fim da existência humana? Sim, por que não. Alienígenas invadindo e levando a humanidade cativa? Ainda mais provável do que isso. Todos nós já vimos *Independence Day*. Tenho certeza de que Will Smith está lá fora agora, arrastando um demônio em seu paraquedas.

A violência gera destruição.

E foda-se cara, olá, estamos no fim dos tempos agora.

Colocando outra tábua na janela quebrada, eu a coloco no lugar. Cada martelada ecoa pela rua vazia. Ninguém põe os pés fora, a não ser para procurar comida ou perder a esperança. Não há muito de ambos ao redor.

No céu, uma lua encharcada de sangue paira pesada.

Filtrando o mundo inteiro em terríveis tons de vermelho.

Faz trinta dias desde que o feitiço de Emery falhou, abrindo um abismo entre mundos que ninguém pode consertar. Sua lembrança é um pouco nebulosa em meio à carnificina. A princípio, uma esperança provisória se formou quando os novos habitantes de nossa terra permaneceram

quietos. Não durou. Dentro de vinte e quatro horas, a loucura começou.

Agora, demônios andam pelas ruas.

A vida é extinta com abandono e ódio.

Os rios correm vermelhos de sangue.

A humanidade está sendo corroída pelo submundo.

Já li livros suficientes para saber da mitologia sobre o fim do mundo. A história não existiria sem os contos dos mortos, e acho fascinantes as coisas mórbidas da vida.

Os cristãos acreditavam no Armagedon, uma batalha todo-poderosa entre Deus e Satanás. Os astecas acreditavam que o mundo seria engolido por um eclipse solar sem fim. Eu não me importaria com isso. Que melhor maneira de morrer do que nas chamas de algo tão grande e bonito?

Independentemente dos livros de história, eu sei de uma coisa.

Vamos morrer em Reaper's Hollow.

Seus passos são apressados e firmes. Olhando por cima do ombro, encontro Emery se aproximando. Uma sacola de suprimentos está pendurada em seu braço, enquanto a caixa usual de amuletos e proteções foi distribuída em uma de suas entregas.

“Deu tudo certo?” Eu imediatamente pergunto.

Ela mal me lança um olhar. “Certo.”

Emery passa direto por mim, destravando o porta para entrar no boticário. Tornou-se nosso lar e santuário no caos

deste novo mundo. Quando digo santuário, quero dizer esconderijo úmido e sem esperança. Dificilmente o sonho.

Eu dou mais uma olhada ao redor antes de voltar para dentro. A neve está pairando no ar, implorando para ser liberada das nuvens inchadas. O sol não apareceu por um longo tempo. Liberar toda a força do submundo tirou o mundo de seu eixo.

“Qualquer problema?” Eu encaixo vários parafusos no lugar para nos manter seguros. “Ouvi tiros há pouco, vindos do leste. Mais saqueadores?”

Emery desempacota enlatados e água, seu cabelo escondendo seu rosto.

“Havia quatro corpos deixados na praça da cidade. Dois desmembrados, um sem cabeça, o outro espancado e estuprado. Ninguém se preocupou em enterrá-los.”

“Você fez?”

Seus olhos azuis da meia-noite finalmente levantam para os meus. “Eu os queimei.”

Segurando seu olhar, eu aceno. “Bom. Alguém tem que fazer isso.”

“Claramente limpar após o abate não é uma prioridade para mais ninguém.”

Assim que ela termina de descarregar, Emery liga a televisão acima do balcão. Está definida para o único canal que ainda está transmitindo, uma estação de notícias tentando cobrir a carnificina que tomou conta da Inglaterra no mês passado. Nós dois assistimos com atenção extasiada.

“Enquanto o governo e os especialistas pedem calma, o estado de emergência continua,” relata gravemente o locutor. “Especialistas no campo psicológico estão chamando isso de *fenômeno em massa,* à medida que a sociedade continua a enfrentar desafios diferentes de tudo que já vimos na história moderna.”

“E os investigadores paranormais, convocados pelo próprio primeiro-ministro?” O co-anfitrião pergunta.

“Especialistas estão culpando o recente frenesi de assassinatos pelo que eles chamam de 'corrente mortal de e-mail'. A vítima recebe uma mensagem, obrigando-a a cometer alguma atrocidade, para apaziguar os caprichos de uma fonte desconhecida. Alguns médicos teorizaram que a histeria em massa induziu a violência de indivíduos perturbados.”

“Outros estão dizendo que isso é obra do Diabo,” insere o repórter.

“A contagem de mortes hoje foi registrada em mais de dez mil pessoas. Mais permanecem não relatadas enquanto nosso país luta. Onde quer que você esteja, se você estiver ouvindo, você não está sozinho lá fora. Volte para atualizações ao vivo aqui no Channel Ten News.”

A tela pisca quando Emery bate o controle remoto. Quando tento me aproximar dela, ela dá vários passos largos para longe de mim. Esfaqueia-me nos restos estilhaçados do meu coração vê-la se afastar.

“O mundo está queimando,” ela diz asperamente.

“Em…”

“Eu sempre quis ver tudo cair. Para a sociedade se machucar tanto quanto eu quando parece que tudo está contra você. Então, por que parece tão horrível?”

“Por favor fale comigo. Me deixe entrar.”

“Me deixe em paz. Eu não tenho nada para dizer para você.”

“Se você apenas nos deixar explicar…”

“Explicar o quê?” Sua voz dura ataca de volta. “Tudo o que conhecemos está desmoronando, e eu causei nossa desgraça por ser cega demais para ver o que estava bem na minha frente.”

“Isso não é verdade.”

“Você mentiu, mentiu e mentiu um pouco mais. Sobre Atticus, Maude, tudo. Eu confiei em você e tudo que você fez foi me deixar pular adiante sem uma pista, minha própria melhor amiga assassinada por suas mãos.”

“Não foi assim! Vamos explicar!”

“Eu não quero ouvir outra palavra de nenhum de vocês.”

Dispensando-me, ela se vira e vai para os fundos da loja, para as escadas que levam ao apartamento onde fizemos nosso lar temporário. Solto um suspiro frustrado, lutando contra a vontade de gritar e me enfurecer. Esse é o trabalho de Atticus. Eu sou o calmo. Alguém tem que ser.

Precisamos de Luther de volta.

Ele está acordado e se recuperando, ainda no hospital por enquanto.

Isso é, enquanto ele permanece funcional.

Depois de verificar novamente os bloqueios, sigo Emery escada acima. Colocamos tábuas em todas as enormes janelas salientes que antes iluminavam o apartamento acolhedor, fazendo com que parecesse fechado e opressivo. Não é mais seguro ser exposto.

Uma família inteira foi massacrada na semana passada, os pais torturados e cruelmente assassinados, enquanto as crianças foram... *consumidas.* Não há outra palavra para isso. O exército de demônios vorazes que assombram nosso mundo ama a carne dos jovens.

Eu conhecia a caçula, Olivia.

Eu costumava ver o pai dela ensiná-la a andar de bicicleta fora do bar. Ela só teve suas rodinhas removidas uma semana antes de tudo ir para o inferno. Ainda me lembro da alegria em seu rosto. Agora, ela nunca mais vai andar de bicicleta.

Na cozinha, Emery está franzindo a testa para o conteúdo dos armários. Ela pega uma garrafa de licor, sentando na mesa e cadeiras que consegui encontrar.

“Quer companhia com essa garrafa?” Eu pergunto esperançoso.

“Você não sabe como pegar uma dica, não é?”

Eu desabo na cadeira em frente. “Por favor, Em. Não sabemos se vamos sobreviver de um dia para o outro. Não posso deixar as coisas tão quebradas entre nós.”

Arrancando a tampa com os dentes, Emery toma um gole enorme de licor. Ela mal estremece antes de olhar para mim, acusação em seus olhos.

“Venha, então. Vamos ouvir isso.”

“Ouvir o que, linda?”

“A verdade. Não ouse mentir para mim novamente.”

Um rangido das tábuas desgastadas do piso denuncia a presença de Atticus. Ele tropeça na cozinha, olhos injetados de sangue saltando entre nós dois antes de cair em seus pés. Eu não tenho ideia de onde ele está encontrando drogas no caos lá fora, mas ele mal está sóbrio há um mês.

“Emery quer saber tudo,” eu o informo.

Sua cabeça cai em suas mãos. “Vá em frente.”

Agarrando a garrafa de Emery, tomo um gole de coragem. “A primeira coisa que você precisa saber é que nunca quisemos machucar ninguém.”

Emery imediatamente bufa.

“Estou falando sério,” acrescento com veemência. “Isso não é a porra de uma piada.”

“Sua tentativa de transferir a culpa é uma piada.”

“Diz a mulher que assassinou sua família inteira, desapareceu por treze anos, depois abriu um buraco no tecido da realidade porque ela não me acordou para ajudar.”

A voz de Atticus chicoteia como uma lâmina de barbear na jugular. Tomando outro gole, a expressão de Emery se dissolve em uma derrota máxima, mas ela não discute.

“É justo dizer que todos nós fizemos coisas de merda que justificam punição,” eu admito, quebrando sua luta gritante. “Nenhum de nós é inocente nisso.”

“Quando isso aconteceu?” Emery segue em frente.

“As coisas não ficaram realmente ruins até vários anos depois que você partiu. As provocações e jogos ficaram mais confusos e ainda mais brutais. Não tínhamos ideia do que fazer.”

“E a corrente de e-mail?”

“Não era assim no começo.” Eu roubo a garrafa dela. “Mais como desaparecimentos, pessoas enlouquecendo, explosões violentas. Quando isso ficou chato, um novo jogo começou. Nos colocando uns contra os outros, testando o que faríamos para proteger nossos entes queridos.”

“Mate ou seja morto,” Atticus supõe.

“Toda tarefa que foi definida para nós, nós completamos,” eu interrompo.

“Porquê?”

“Se hesitássemos, outros se machucariam. Faça isso, ou uma criança será estrangulada. Faça isso, ou uma mãe solteira será estuprada. Provocações horríveis, nos deixando sem escolha a não ser machucar outra pessoa para evitar algo pior.”

“Puta merda,” ela amaldiçoa.

“Foi um jogo mental inteligente, colocando a responsabilidade em nós quando outra vida era tirada porque nos recusamos a jogar junto. Isso faz você duvidar de si mesmo, sabendo que está se tornando o vilão.”

“E Maude?”

Eu estremeço. “As coisas foram aumentando. Recebemos uma carta escrita com sangue, junto com várias fotografias dentro. Elas eram todos de você.”

“Eu?” Emery repete.

“Com o rosto arranhado, uma mecha de cabelo preto e um dedo desmembrado. Depois de meses vendo o quão maligna era a força que nos assombrava, não paramos para pensar que não pertencia a você. Estávamos com medo de perdê-la, mesmo assim.”

“Isso não explica por que você assassinou Maude.” Emery enxuga as lágrimas de raiva de lado. “Você não pode culpar mais ninguém, não importa o que Azazel ameaçou fazer comigo.”

“Eu não dou a mínima se foi certo ou não,” Atticus grita.

“Tudo o que nos importava era mantê-la segura,” racionalizo calmamente. “Independentemente do custo para nós mesmos. Estávamos dirigindo pelos arredores da cidade, discutindo sobre o que fazer, quando vimos Maude voltando para casa.”

“Acabou em segundos,” Atticus murmura, o rosto quente de vergonha.

“Quem fez isso?”

“Luther não nos deixou. Ele disse que era sua responsabilidade. Nós nem sabíamos quem ela era ou paramos para verificar. Quando a atingimos, ela voou pela rua antes de atingir a pista. Foi rápido, praticamente indolor.”

Emery zomba. “Isso deveria ser reconfortante?”

“Não. Mas é alguma coisa.”

“Você não tinha que matá-la. Por que você simplesmente não veio me encontrar?”

“Nós tentamos usar as fotografias para rastrear você,” continuo, sentindo-me mal do estômago. “No momento em que alcançamos você, já era tarde demais. Você já havia trocado de identidade novamente. Levou mais três anos de busca antes que Luther tivesse uma direção.”

“E Maude me encontrou primeiro,” Emery termina. “Ela sabia o tempo todo quem eu era, o que vocês fizeram em meu nome. Era tudo uma mentira. Ela nunca foi minha amiga.”

“Sinto muito, Emmy.”

Seu rosto se fecha. “Vocês não me viam há anos, mas vocês realmente se importaram depois que eu fugi e quebrei seus corações? Eu não compro isso.”

“Não seja uma puta do caralho,” Atticus rosna.

“Você ainda não entendeu, não é?”

Emery dá de ombros, evitando minha pergunta.

“Depois de todo esse tempo, você está cega para o que está bem na sua frente.”

“E o que é isso, ninja?”

“Nós três estamos irremediavelmente, perigosamente, irrevogavelmente apaixonados por você.”

Minhas palavras caem como uma bomba atômica, deixando o silêncio em seu rastro destrutivo. A boca de Emery

se abre enquanto ela olha, tentando processar minha declaração.

"E sempre fomos," Atticus concorda.

Eu a vejo engolir em seco, incapaz de falar.

"Por favor, diga alguma coisa, Emmy."

"Vocês são minha família. Nada mudou em todo o tempo que passamos separados. Me matou sair, e me matou de novo ficar longe."

"Porque?"

Nossos olhos colidem, avelã no azul da meia-noite.

"Eu estou apaixonada por você." Ela olha para Atticus, conseguindo um sorriso tênue. "Eu também te amo, mesmo quando você me deixa louca. Assim que Luther voltar aqui, eu lhe direi a mesma coisa. Um de vocês nunca foi suficiente."

Encontro forças para sorrir. "Aceitamos que o único relacionamento que poderíamos ter é um juntos."

"É suficiente para vocês?"

Atticus cai de joelhos diante de Emery, pronto para adorar em seu altar. Ele pega a mão dela, mais emoção do que eu já vi escrita em seu rosto.

"Você é o suficiente para mim, Em."

Eu coloco sua outra mão na minha. "Você é o suficiente para mim também, Emmy. Nenhuma dúvida sobre isso. Você sempre foi."

Sua risada é sem humor. “Eu não posso acreditar que levou o fim do mundo para nós admitirmos essa merda um para o outro.”

“Antes tarde do que nunca, certo?”

Nós nos aconchegamos em um abraço apertado e frenético. Agarrando-se à segurança um do outro, os corações batendo e a respiração prendendo. Com o mundo queimando ao nosso redor, uma coisa permanece inalterada desde que éramos crianças brincando de amar.

Nossa família é a razão de ainda estarmos aqui.

Nós nos salvamos do abismo.

E se o mundo acabar, pelo menos temos um ao outro.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Emery

Fogo. Cinzas.

Gritos. Sangue.

Meu pesadelo soa como uma fita cassete quebrada, fragmentada em pequenas explosões de horror. Aromas, sons, emoções. Cada um me atravessa como uma bala.

Estou de pé na rua, olhando para o casco em chamas do Leila's Bar enquanto ele é lentamente consumido pelas chamas. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, quentes e rápidas, mas isso não faz nada para diminuir a dor.

Parece que nossas vidas estão queimando também.

Tenho medo de perder tudo de novo.

“Anjo?”

Sua voz me chama de volta, suave e melódica. Eu me viro, desesperada para sentir os braços fortes de Luther ao meu redor, mas o homem que eu amo não está lá. Um esqueleto carbonizado espera em seu lugar. Ele nunca conseguiu sair daquele fogo.

Carne derretida e tecido apodrecido aderem à construção de cálcio. Onde seus olhos deveriam estar, órbitas escancaradas me encaram com toda a força do submundo. Um passo, e serei sugada para aquele buraco negro.

“Luther,” eu suspiro de horror.

Ossos secos estalam e se deslocam, avançando em minha direção.

“Sua culpa. Sua culpa. Sua culpa.”

A voz cantando chicoteia ao redor, entrelaçada no ar. Eu grito sem parar, mas oferece pouco conforto. Mesmo sabendo que estou dormindo, estou presa de qualquer maneira. Incapaz de voltar ao mundo real.

“Emmy!”

Concentro-me na voz aterrorizada de Kody, deixando-a me arrastar de volta à margem, chutando e gritando.

“Vem aqui, baby. Acorde.”

A última coisa que vejo é o cadáver derretido de Luther me encarando com inevitabilidade. Meus olhos se abrem, revelando o mundo real, envolto em escuridão. Estou enrolada no centro do colchão nu que montamos na sala, a parte mais quente do apartamento com brasas ainda queimando no fogo.

De cada lado, pedaços de pele nua e músculos me apertam. Kody está ajoelhado e segurando meu queixo, procurando em meu rosto pelo reconhecimento, enquanto Atticus me abraça por trás, me ancorando de volta ao mundo real.

“Foda-se,” eu luto para respirar.

“Respire fundo,” Kody instrui.

Atticus pressiona a mão no meu peito, soltando uma maldição. Sinto que estou tendo um ataque cardíaco. Quando

ele vai me soltar, eu gemo, silenciosamente implorando para ele ficar.

“Eu tenho você,” ele murmura em meu ouvido.

Apertando-me ao ponto de sufocar, sinto o terror me corroendo começar a se estabilizar. Eu não quero ficar sozinha. Prefiro machucar e romper com a ferocidade de seu amor do que me perder nas garras de pesadelos horríveis.

Eu solto um suspiro. “Sinto muito. Eu não queria te assustar tanto.”

“O que aconteceu, linda?” Kody franze a testa com preocupação.

“Apenas um pesadelo. Não era real.”

Atticus me encara. “Você quer falar sobre isso?”

“Quero esquecer tudo. É tudo demais.”

A mão de Kody pousa na minha coxa, onde a camisa enorme de Luther subiu enquanto eu dormia. Eu dormi com as roupas dele todas as noites desde o incêndio, precisando me sentir perto dele fora do horário de visita. Apenas algumas camisetas sobreviveram, deixadas no chão do meu apartamento quando o bar pegou fogo.

“Diga-nos o que você precisa,” Kody ronrona.

Os nós dos dedos de Atticus roçam minha bochecha molhada, seus olhos se iluminam com redemoinhos de desejo. Com os dois me tocando, o calor se acumula em meu núcleo, implorando por liberação.

“Palavras, baby,” Atticus rosna.

“Toque me.” Eu me inclino para ele. “Lembre-me por que ainda estou presa nesta cidade, lutando para consertar um mundo que não dá a mínima.”

A mão de Kody desliza sob o material da minha calcinha, encontrando meu clitóris com uma carícia provocadora. Eu levanto meus quadris enquanto seu dedo empurra dentro da minha boceta encharcada.

“Porque você é uma boa pessoa,” ele oferece.

“E você se importa demais,” acrescenta Atticus.

Cada movimento de seu dedo tem mais calor inundando entre minhas coxas, agora escorregadias com a evidência da minha excitação. Envolvendo minha mão no pescoço de Atticus, eu arrasto seus lábios até os meus.

Nós nos beijamos, ambos lutando para consumir um ao outro, enquanto Kody pressiona um segundo dígito dentro de mim. Atticus engole meus gemidos, seus lábios se tornando mais insistentes. Estou quase queimando de necessidade, com medo de desaparecer sem eles.

Atticus estende a mão entre nós para arrancar as mãos de Kody da minha calcinha. Eu sou rapidamente depositada em seu colo antes que a camisa de Luther seja jogada do outro lado da sala. Ele está vestindo boxers e nada mais, então cada centímetro de seu pau está pressionado contra mim.

“Isso é o que você quer, baby?”

Eu mordo seu lábio inferior. “Isso aí.”

A boca de Kody encontra meu pescoço, deixando marcas profundas de dentes em seu rastro. “Acha que você pode levar

nós dois, linda? Vamos encher sua boceta doce, então você pode esquecer tudo."

O mero pensamento quase embaça minha visão.

Eu quero os dois dentro de mim agora.

"Eu tive um trio antes," eu admito com um sorriso. "Por que você não traz sua bunda sexy aqui e descobre se eu posso levar vocês dois."

Atticus envolve seus lábios ao redor do meu mamilo, puxando com força para sinalizar sua concordância. Kody aceita o desafio recuperando minha calcinha descartada. Ele afasta o cabelo úmido do meu rosto antes de dar um beijo em meus lábios.

"Você confia em nós?"

"Sempre," eu respondo sem pensar.

"Então você não precisa ver, não é?"

Prendo a respiração enquanto ele enrola a renda em volta dos meus olhos, dando um nó na parte de trás da minha cabeça. O mundo cai na escuridão, deixando nada além do toque deles para trás. Cada sensação parece mais intensa, todas as distrações despidas.

Os dentes de Atticus brincam com meus mamilos antes que ele se deite, então eu estou montada em sua cintura. Eu não esperava que ele se rendesse a mim tão facilmente. Quando a mão de Kody desce pela minha coluna por trás, percebo o que eles estão planejando.

"Monte o pau do meu irmão, Emmy," Kody exige.

Incapaz de ver qualquer coisa, procuro o comprimento longo e duro de Atticus pelo toque. Seu eixo de veludo pulsa na minha mão enquanto eu o arrasto pelas minhas dobras, girando em torno da minha fenda apertada. Quando me afundo nele, os dedos de Atticus machucam minha cintura.

O dedo de Kody pressiona meus lábios. “Chupe.”

Montando Atticus por cima, umedeço o dedo de Kody com um redemoinho de minha língua. Ele solta um zumbido de aprovação antes de sua palma bater contra minha nádega esquerda, deixando uma queimadura. Seguido com um golpe, ele me espanca novamente, sacudindo o pau de Atticus enterrado profundamente na minha boceta.

“Puta merda,” ele amaldiçoa debaixo de mim.

Os lábios de Kody roçam minha orelha. “Acho que ele gosta disso, linda.”

Depois de ser espancada, fico ofegante e me contorcendo. A língua de Kody se arrasta pela minha coluna e eu não posso deixar de enrijecer quando ele beija minha carne em carne viva. Seu dedo umedecido circula o músculo tenso do meu cu.

“Quando você tomou banho?” Ele murmura.

Eu empurro meu traseiro para ele. “Algumas horas atrás.”

“Bom. Fique quieta agora.”

Em vez de seu dedo, algo molhado penetra na minha entrada traseira. Eu seguro Atticus enquanto a língua de Kody empurra dentro de mim. Raios de eletricidade correm pela minha espinha com a deliciosa intrusão. Eu nunca tentei

anílingua[7] antes, e não tenho certeza de como me sinto sobre isso.

Quando ele gira a língua, eu reviso minha opinião.

Parece tão errado, mas incrível ao mesmo tempo.

Substituindo por dedo na minha bunda, Kody começa a movê-lo para dentro e para fora no ritmo dos meus movimentos. Ainda não consigo ver os dois demônios me tocando como um instrumento, mas posso sentir a mão de Atticus na minha garganta como um colar antes que ele aperte.

“Como está esse cérebro maluco? Agradável e tranquilo ainda?” Kody provoca.

Incapaz de falar, eu balanço minha bunda em vez disso. Com uma risada baixa, seu dedo desaparece. Eu posso ouvi-lo transferindo saliva para seu pau, preparando-se para entrar em mim. Atticus flexiona seu aperto na minha garganta, apenas me permitindo breves fragmentos de ar.

O pau de Kody roça meu cu.

Eu fico tensa com uma antecipação esmagadora.

“Calma, baby,” Atticus murmura.

Gentilmente empurrando para dentro de mim, Kody dá tempo ao meu corpo para se ajustar. Eu cravo minhas unhas no peito de Atticus enquanto seu irmão me penetra, ambos preenchendo todos os espaços disponíveis em meu corpo. É tão intenso, meu orgasmo me lava sem aviso. Ainda estou ofegante quando Kody começa a se mover.

[7] Anilíngua, também denominada anilingus, significa literalmente a introdução da língua de alguém no ânus de outro.

“Tão apertada pra caralho,” ele rosna.

Atticus retoma o controle enquanto empurra para cima, em sincronia com Kody me fodendo por trás. Tudo o que posso fazer é me render, incendiada pela sensação na escuridão da venda. Eu nunca pensei que a privação sensorial fosse uma torção minha, mas terei certeza de adicioná-la à lista.

A mão brutal segurando minha garganta aperta, tornando-se o aperto de uma cobra. Atticus me mantém à beira de desmaiar, me alimentando com os menores pedaços de ar para me manter consciente. Ele aumenta toda a experiência, intensificando cada movimento.

“Vou gozar,” Atticus avisa.

Eu sinto seu comprimento sacudir dentro de mim e a onda quente de calor me enchendo. Isso me desencadeia novamente, a espiral subindo dentro do meu núcleo. Tudo que eu preciso é Kody para me empurrar da beira do penhasco.

A calcinha que me cega é arrancada com um estalo de elástico, revelando Atticus recuperando o fôlego. Antes que eu possa me mover, sou jogada de costas ao lado dele, com Kody pairando acima de mim. Ele não presta atenção ao irmão, contente em me foder apesar do público cativo.

“Eu prefiro terminar com sua boceta em volta do meu pau,” ele me informa.

Ugh, sua boca suja é tão fodidamente quente.

Prendendo minhas pernas abertas, ele desliza para mim e corre para a linha de chegada. Sinto distantemente Atticus saindo para se limpar, dando-nos um pouco de privacidade.

Kody pega um punhado do meu cabelo, atacando meus lábios enquanto ele me adora com seu pau.

Eu grito através de outro clímax, minha visão escurecendo.

Kody faz o mesmo truque de antes, escorregando no último segundo. Agachando-se sobre o meu corpo de bruços, ele segura seu pau e termina em todo o meu rosto. Fios grossos de porra escorrem pelas minhas bochechas e entram na minha boca.

Surpresa demais para protestar, eu lambo meus lábios completamente.

Ele rola e cai ao meu lado.

“Você realmente tem uma queda por fazer isso, não é?

Kody sufoca uma risada. “Pode ser.”

“Eu não estou reclamando. É bem quente.”

Eu me afundo em seu peito, deixando meus olhos se fecharem. Pela primeira vez em muito tempo, minha mente está quieta. O aperto de horror e ansiedade me libera brevemente, mas sei que voltará. Até eu descobrir como consertar a bagunça que fiz, sei que nunca vou descansar.

“O que acontece agora, ninja?”

Kody segura meu queixo. “Continuamos. Só me prometa uma coisa.”

“O que é isso?”

Sua testa bate contra a minha. “Não se esqueça de quem você é. Não quero que o mundo tire isso de você novamente,

não importa o quão sombrio fique. Você ainda é a minha Emmy. Não posso te perder de novo."

"Você não vai me perder," eu insisto.

"Alguns dias eu sinto como se já tivesse."

"Estou tão brava pra caralho comigo mesma, com o coven, com o mundo. Foda-se, a coisa toda. Nada disso está certo. Eu me sinto tão impotente."

"Você é a pessoa menos indefesa que eu já conheci."

"Eu sou tão destrutiva quanto minha mãe disse. Se ela pudesse me ver agora... ela ficaria enojada. Sabe qual é o pior? Eu ainda me importo. Mesmo que ela esteja morta, eu odeio ter provado todas as crenças odiosas sobre bruxas das trevas."

"Isso não é verdade," ele protesta.

Afastando suas mãos insistentes, forço meu corpo dolorido e saciado a ficar de pé. Agarrando roupas para cobrir, as súplicas de Kody me atingem. Eu não quero que ele entre na minha cabeça agora porque está muito escuro. É preciso muito para me derrubar, mas o último mês foi extremo, para dizer o mínimo.

"Emmy..."

"Eu preciso de um pouco de ar," eu deixo escapar.

"Você está correndo de novo."

Pego alguns cigarros do jeans de Atticus. "Eu não estou correndo. Estarei lá fora se precisar de mim. Não espere acordado, durma mais um pouco."

Ignorando a preocupação em seu rosto, fujo da sala. O fogo que eles atiçaram dentro de mim já está morrendo, e eu não sei como consertar o que está irreparavelmente quebrado.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Emery

Puxando o capuz para esconder meu rosto, eu aperto minha jaqueta de couro em volta de mim contra a neve rodopiante. Está caindo aos montes nos últimos dias, fazendo com que o mundo já sombrio pareça ainda mais miserável.

As crianças não podem sair de trenó.

Não há brigas de bolas de neve ou risadas estridentes.

Em vez disso, os azarados são forçados a ir para o deserto enquanto procuram comida ou outros itens essenciais. Os supermercados há muito foram saqueados e entregues ao desconhecido.

O resto do mundo desistiu de nós rapidamente.

Fomos deixados para morrer.

Eu vejo minhas pegadas se formarem na neve, um forte sentimento de culpa puxando as cordas do meu coração danificado. Eu não me importo com o que os outros dizem, todo esse desastre é minha culpa. Minha responsabilidade. Eu tenho que consertar isso, mesmo que isso signifique perder as pessoas que eu amo.

Fazendo meu caminho para o cemitério, eu me acomodo no meu lugar de sempre. Os moradores não fazem perguntas. Eles são gratos por qualquer proteção que possam obter. Tenho distribuído amuletos e joias de proteção o mais rápido que posso. Eles nem sempre são suficientes para manter os

demônios afastados, mas a maioria vai aproveitar qualquer chance que puder.

Espalhando o comprimento do material que envolve os vários itens, me acomodo no canto mais distante do cemitério e espero. Mal se passaram dez minutos antes dos dois primeiros clientes chegarem, um homem de meia-idade segurando a mão do filho com força.

“Você é Emery Lockwood?”

Faço um gesto para que ele se aproxime. “Claro que sou.”

Alívio toma sua expressão. “Eu sou Ronald. Minha esposa usou seu incenso ontem à noite, foi a primeira boa noite de sono que tivemos em um mês.”

Reunindo um pacote de sálvia, mayweed e endro, eu os embrulho para ele pegar. São todas ervas protetoras destinadas a afastar os maus espíritos. Ele agradecido pega os itens. Olho para o menino, estudando seus olhos exaustos.

“O pequeno não está dormindo?”

“Estamos sendo atormentados à noite.” Ronald puxa a gola de sua camisa para revelar impressões digitais roxas violentas. “Isso aconteceu há três dias. Mostre a boa senhora, Benji.”

O garoto move seu cachecol de tricô multicolorido para o lado. Eu me ajoelho ao lado dele, meus dedos dançando sobre as contusões que mancham sua pele. Ele tem sorte de estar vivo depois de ser estrangulado com tanta força.

“Benji mal consegue falar,” admite Ronald. “Não depois do que aconteceu. Mas ontem à noite, nós realmente dormimos. Não sei como te agradecer.”

Seu elogio não me atinge.

Eu me sinto fisicamente doente em vez disso.

“Espere aqui, eu tenho algo que pode ajudar.”

Procurando no meu esconderijo, recupero a pulseira de couro que Kody me ajudou a fazer buracos na noite passada. O garoto fica hesitante no início quando peço seu braço, seu corpo inteiro tremendo de medo.

“Sabe, não há problema em ter medo do escuro.” Eu circulo a alça grossa em torno de seu pulso. “Mas a manhã sempre chegará. A escuridão não dura para sempre.”

Apertando o fecho para segurar a pulseira encantada no lugar, ofereço-lhe um sorriso. Benji sorri de volta, estudando os intrincados símbolos esculpidos no material.

“Isso fará com que as vozes parem?”

Meu coração se parte ao meio com sua voz frágil.

“Que vozes?” Eu pergunto com cuidado.

“O monstro no escuro sussurra para mim,” ele murmura. “Isso me diz para fazer coisas, para machucar as pessoas. Não quero machucar ninguém.”

Eu aperto sua mão. “Você não tem que machucar ninguém, pequeno. Apenas continue com isso e fique perto de seus pais, ok? Aí está um bom menino.”

Ele se junta ao pai, que procura um punhado de dinheiro no bolso. Eu aceno para longe, recusando-me a aceitar um único centavo.

“Segure aqueles que você ama perto e não solte,” eu o aconselho. “Eu vou conseguir mais incensos para você em breve. Fique seguro.”

Ronald assente com força. “Obrigado, Emery.”

Observando-os partir, um nó na minha garganta se forma. Eu pisco rapidamente, forçando as lágrimas de lado. Eu nunca me considerei uma chorona. Essa loucura está acabando com todos nós. Esse garoto é muito jovem para estar experimentando merda como esta.

O dia sombrio passa em um borrão de agradecimentos sussurrados e histórias de horror até que meu último carregamento se esgote. Eu tranquilizo as famílias desapontadas, pedindo-lhes que voltem amanhã. Eles me agradecem por ajudar sua cidade, sem medo em seus olhos quando discutimos a magia envolvida na criação dos encantos.

Minha mãe ensinou a todas as crianças do coven que não se pode confiar a verdade aos humanos. Ela disse que eles veriam a nos bruxas com nojo, nos caçariam, nos queimariam na fogueira. Magia tinha que permanecer em segredo por esse motivo.

Claro, ela nunca revelou que eram de fato as bruxas do coven queimando as bruxas na fogueira, embora apenas aquelas com magia negra. Isso não se encaixaria na narrativa de lavagem cerebral, então foi convenientemente apagado.

Os humanos são melhores do que lhes damos crédito.

Entre o mal e o desespero, sempre há esperança.

Eu me arrasto para casa através da neve assentada, sentindo um lampejo de satisfação. Aqueles que ajudei

dormirão em segurança esta noite. Por enquanto, é tudo o que posso fazer. Até que possamos consertar o véu, esta é minha penitência.

Assim que me aproximo do centro da cidade, sei que algo está errado. Desconforto escorre pela minha espinha enquanto sinto o cheiro amargo do mal no ar. Incapaz de fechar os olhos, viro a esquina e sinto meu coração implodir no meu peito. A neve pura, parecida com algodão, dá lugar ao lodo embebido em carmesim.

“Deixe ela ir! Monstros!”

Gritos são lançados no ar por uma mãe soluçando, perseguindo duas figuras. Eu sei que estamos vendo apenas a casca humana, escondendo algo muito mais sombrio dentro. Eles foram possuídos e tomados pelo puro mal.

Presa entre eles, gritando tão ferozmente que deve estar rasgando sua garganta em pedaços, está uma criança. Posso ver o sangue manchando seu casaco rosa, um gorro jogado na neve. Meus pés estão se movendo antes que eu perceba o que estou fazendo.

“Por favor, ajude-a! Pare-os!”

Pernas bombeando como máquinas a vapor, me aproximo do par babando. Suas características humanas são deformadas e distorcidas, presas entre duas espécies diferentes. Quase como se a magia tivesse comido sua carne humana para expor a criatura hedionda enrolada dentro.

Garras letalmente afiadas arranharam a jovem, deixando um fluxo de sangue na rua. A raiva queima através de mim quando sinto minha magia atingir um ponto de ebulição.

“Nolite daemonium!” Eu grito.

Há um trovão vindo de cima enquanto eu jogo toda a força da minha magia neles. Os dois demônios congelam como icebergs, rígidos e imóveis. O feitiço não vai mantê-los no lugar por muito tempo.

Correndo pela neve, alcanço a criança soluçando. Ela me encara com olhos arregalados e sem noção. Quando tento libertá-la, ela grita ainda mais alto, e percebo que as garras estão profundamente enterradas sob sua pele.

Um movimento errado, e ela estará morta.

“Você está bem.” Eu seguro sua bochecha ensanguentada. “Eu tenho você, querida. Respirações profundas para mim agora. Vou tirar você daqui.”

Eu não acredito em uma palavra imunda do que estou dizendo. Seus olhos azuis estão cheios de lágrimas, enquanto a cor se esvai de seu rosto. Cada lugar em seu corpo minúsculo que os demônios rasgaram está sangrando. A mãe chorosa se aproximando de nós aumenta meu pânico.

Pense, Emery.

Foda-se pense!

“Meu bebê! Georgie!”

“Fique para atrás.” Eu aceno para ela.

Eu não posso proteger as duas. A mãe não presta atenção, forçando-me a enviar uma forte rajada de vento para empurrá-la para trás. Distraída, estou muito atrasada para impedir que o feitiço que prende os demônios se estilhace. Um forte soco no rosto me faz cair de joelhos, cuspindo sangue na neve.

“Bruxa!”

“Deixe a criança ir. Vocês podem me ter só para vocês.”

O demônio rosna. “Você é a próxima, feiticeira.”

“Georgie.” Eu empurro para meus pés. “Fique comigo, querida.”

Sou forçada a assistir horrorizada enquanto as garras cravadas em seu peito são retiradas, deixando feridas abertas. Se eu não conseguir chegar até ela, ela vai sangrar em minutos. Com uma mão em volta do pentagrama invertido na minha garganta, cavo fundo para obter mais poder, deixando o calor ardente fluir em minhas mãos.

Jogando uma bola de fogo, vejo o primeiro demônio sedento de sangue tropeçar. Chamas roxas enxameiam sobre seu corpo deformado, recusando-se a se extinguir na neve. Isso me dá uma abertura para me jogar no obstáculo restante, uma faca desembainhada da minha bota de combate na minha mão.

Georgie grita enquanto eu enterro a faca direto no olho do demônio. Explode com sangue e fluido que nos encharca. Ele solta um uivo, retraindo suas garras para agarrar seu rosto sangrando.

Eu envio uma parede de fogo através do corpo do demônio, deixando-o desmoronar em uma pilha enfumaçada. Georgie cai quando eu pulo para pegá-la, e ela cai direto em meus braços à espera.

Bingo!

“Peguei você.” Eu seguro seu rosto manchado de lágrimas.

Pressionando a mão nas enormes lacerações em seu corpo, grito por sua mãe. Ela precisa de ajuda médica séria, e rápido. Com o precioso pacote passado adiante, uma pequena multidão corre para ajudar depois de ouvir a carnificina. Fico ofegante na neve manchada de vermelho.

"Bruxa traidora!"

Recompondo-me tarde demais, eu voo pela neve enquanto o outro demônio me ataca. Rolamos por vários metros, arranhando e esfaqueando um ao outro. Eu ainda posso machucá-lo em sua forma humana. O anfitrião está morto há muito tempo.

A agonia pulsa através de mim enquanto recebo o mesmo tratamento brutal que a garota. Suas garras afiadas rasgam em pedaços qualquer pele disponível. Quando eu sinto a dor afiada de um corte na minha bochecha esquerda, eu realmente perco a cabeça.

Não a porra da minha *cara.*

Oh infernos, não.

"Você vai pagar por isso!"

Sangue jorra sobre minha mão enquanto eu apunhalo o estômago do demônio.

"Apenas morra! Maldito seja você para o inferno!"

Punhalada. Punhalada. Punhalada.

Eu perco todo o senso de controle, consumida pelo meu ódio. Cada golpe da faca me dá uma pequena migalha de controle de volta, as chicotadas de sangue apenas alimentando

minha sede de vingança. Distante, eu posso ouvir vozes, mas eu as tranco todas do lado de fora.

Punhalada. Punhalada. Punhalada.

Eu não percebo que estou chorando até que as lágrimas fazem minha bochecha cortada gritar de dor. Isso não me impede de chover mais golpes no corpo flácido e sem vida que o demônio deixou para trás. O torso está praticamente destruído em uma poça de vísceras quando um par de mãos desliza sob meus braços para me arrastar para trás.

“Emery! Pare! Está morto!”

“Não! Não!” Eu bato e luto.

“Anjo, por favor... pare! Você acabou.”

Nós dois caímos a vários metros das carcaças dos demônios. Braços fortes estão em volta de mim por trás, uma voz familiar e rouca murmurando confortos que penetram a poluição que infecta meu cérebro.

“Vamos, baixinha. Volte para mim.”

Ofegante, sinto a luta sair do meu corpo. “Luth?”

Estou rolando de costas, olhando para as nuvens nevadas. A visão é interrompida por uma mandíbula teimosamente forte, maçãs do rosto afiadas o suficiente para cortar e hipnotizantes olhos verde-oliva. Cheios de preocupação, há também uma tonelada de amor torcendo suas profundezas verdejantes.

“Luther,” eu soluço.

Segurando minhas bochechas, ele prende minha cabeça contra a dele, nós dois ofegando por ar que se recusa a encher nossos pulmões. Luther me abraça tão forte que encontro um pouco de calma.

“Estou aqui,” ele geme.

“C-como?”

“Eu não poderia deixar minha boa menina agora, não é? Não sem um beijo.”

Independentemente da carnificina completa e absoluta nos engolfando, os lábios de Luther encontram os meus com uma urgência que nunca senti dele antes. Parece que o mundo está desmoronando ao nosso redor, uma onda de magma correndo para nos ferver vivos, e ele está determinado a roubar um último beijo antes de deixar esta terra.

Eu começo a desaparecer quando seus lábios se separam dos meus.

O calor se espalha ao meu redor.

A dor penetra profundamente em meus ossos.

Chamas crepitantes condenam nossos atacantes ao Inferno.

“Emery! Fique comigo, porra!” Luther grita, mãos procurando meus ferimentos. “Não adormeça. Olhos em mim, anjo.”

Há outros atrás dele, rostos mais familiares, lábios se movendo com palavras que não consigo ouvir. Annabelle. Atrás dela, outras duas pessoas. Pânico, medo e caos reinam sobre

os rostos que passei minha infância odiando. Wesley e Yara. Eles voltaram de ajudar seus covens.

Eu posso descansar agora.

Luther está aqui.

Ele vai manter minha família segura.

A última coisa que vejo são seus rostos desaparecendo, presos sob uma lua carmesim emergindo da tempestade de neve, encharcando todos nós em tons de morte.

Capítulo Vinte e Nove

Luther

A sala está cheia de gente. Muitos para eu me concentrar de uma só vez. Tudo o que posso fazer é olhar para o colchão encharcado segurando a carcaça de nossa garota.

Ela está nesse estado há um tempo, perdendo muito sangue para permanecer consciente. Enquanto Atticus trabalha para costurar os vários cortes e lacerações, a bruxa loira que acompanhava Annabelle está agachada ao lado de Emery.

Ela tem uma magia poderosa, até eu posso sentir. Suas mãos tremem enquanto ela as segura sobre o corpo quebrado de Emery, murmurando em latim rico e complexo.

“Yara é uma curandeira,” Annabelle explica.

Eu grunhi uma resposta incoerente.

“Deixe-os trabalhar em paz. Ninguém vai deixar Em morrer.”

“Eu não vou deixá-la.”

Kody vem ao meu lado, passando a mão trêmula por seus cabelos ruivos. “Vamos ficar aqui mesmo, onde pertencemos.” Ele olha para mim com um breve sorriso. “É bom ter você de volta, mano.”

Eu bato em seu ombro, estremecendo quando puxa a pele esticada nas minhas costas. “Parece que vocês foderam o mundo bem e de forma adequada na minha ausência, hein?”

Outra voz atende. “Isso foi culpa nossa.”

De guarda no canto com os braços cruzados, um bruxo loiro me avalia. Claramente o gêmeo de Yara, seu rosto é esculpido em linhas ferozes. Ele parece determinado a defender todos nós. Não tenho certeza sobre sua história com Emery, mas algo me diz que ele se sente em dívida para compensá-la.

Fiquei surpreso quando Annabelle me pegou no hospital. Depois de ouvir sobre a devastação de enfermeiras e médicos por semanas, ver em primeira mão foi bastante angustiante.

“O que você quer dizer?” Eu exijo.

“Wesley quis dizer que nós somos a razão pela qual o feitiço foi fodido.” Yara ainda está focada na forma inconsciente de Emery. “O demônio nos sequestrou por resgate. Ele queria que nossa mãe destruísse Emery, removendo assim o obstáculo entre ele e o controle completo.”

“Quem é sua mãe?”

“Geraldine, líder do coven do sul.”

Meu coração despenca em meu estômago.

“A mulher que exilou Emery quando criança?”

Wesley assente. “No momento em que ela nos encontrou meio mortos e amarrados no meio de um pentagrama, ela atacou Emery. Foi quando o véu se rompeu.”

Jesus Cristo.

Tudo o que fiz foi quase morrer em um incêndio em casa e queimar minhas costas até os ossos, e veja que besteira acontece quando não estou aqui para assumir o comando.

Jogando o kit de sutura no chão, Atticus diz que o trabalho está feito. Cada corte foi cuidadosamente costurado para Yara tentar curar. Ele olha ao redor, parecendo verificar todas as entradas e saídas, antes de finalmente tomar fôlego.

“O que vocês estão fazendo aqui em primeiro lugar?” Ele pergunta aos gêmeos.

“Deixe isso. Eles estão aqui para ajudar.” Annabelle olha para seu irmão. “Nenhum de nós quer começar outra luta, e acredite ou não, estamos do mesmo lado.”

“Coven ou não, nunca estaremos do mesmo lado que eles,” Atticus sussurra.

Dando um passo ameaçador para frente, Wesley o atinge com um olhar frio. “Que tal você nos ouvir antes de fazer ameaças que você não pode cumprir?”

“Você acha que eu não vou bater na sua bunda, idiota?”

“Eu gostaria de ver você tentar com essa magia de merda sob sua pele.”

Parecendo que levou um soco no estômago, Atticus dá um passo para trás. Eu luto contra o desejo de defendê-lo. Manter a paz nesta frágil aliança é mais importante para nossa sobrevivência coletiva.

O suspiro agonizante que escapa da boca de Emery silencia o argumento em formação. Todos nós olhamos enquanto seus olhos se abrem, lutando para recuperar a consciência.

“Emery, fique quieta,” Yara ordena com uma voz firme. “Você tem um monte de lesões. Eu preciso curá-las antes que possamos fazer qualquer outra coisa.”

Com o peito apertado, Emery levanta a mão. “Luth…”

Eu imediatamente a agarro, segurando sua mão no meu peito. “Estou aqui, baixinha. Todos nós estamos. Apenas deite-se e respire fundo. Vai acabar em breve.”

Todos nós lotamos o colchão para tranquilizá-la, e Emery logo cai de volta à inconsciência. Leva mais uma hora para Yara terminar, com a testa molhada de suor. Os cortes outrora violentos que marcaram o corpo de Emery foram semi curados, o suficiente para libertá-la da dor.

“E a garota que se machucou?” Kody pergunta suavemente.

Um olhar de derrota cruza o rosto de Yara. “Ela estava morta antes que eu pudesse chegar até ela. Os demônios a rasgaram. Ela teve apenas alguns segundos nos braços de sua mãe.”

O clima é sombrio depois de ouvir isso.

Movendo-se para a cozinha para deixar Emery descansar, Kody começa a distribuir bebidas enquanto Atticus começa a preparar alguns sanduíches. Eu assisto os dois, um pouco surpreso. As duas crianças cresceram enquanto eu estive fora.

Apoio meu ombro contra a parede, enfiando a mão no meu bolso para pegar meu frasco de comprimidos. Os três enxertos de pele que cobrem a extensão das minhas costas queimadas estão curados, mas a dor permanece. Eu pego Kody me

observando enquanto eu engulo um punhado, roubando a cerveja da mão de Atticus.

“Como estão as coisas com os covens?” Eu eventualmente pergunto.

Os gêmeos permanecem em silêncio no canto, deixando Annabelle encontrar meus olhos. “Os executores foram despachados para as cidades para lutar, e poucos vivem para contar a história. Estamos ajudando os civis sempre que possível, protegendo-os de danos.”

Yara limpa a garganta. “Nossa mãe adotou uma abordagem diferente. Ela fechou as escotilhas e espera enfrentar a tempestade. Wesley e eu saímos quando ela se recusou a intervir quando um hotel de quatrocentos leitos na cidade foi incendiado, ainda cheio de humanos adormecidos.”

“Maldito inferno,” Kody amaldiçoa.

Todos trocam olhares sombrios.

“Estamos viajando e fazendo o que podemos.” Wesley olha para Annabelle. “Encontramos o coven oriental na semana passada para discutir um plano, e Imelda nos enviou aqui.”

Eu vejo Atticus se encolher com a menção de sua mãe.

“Ela quer acabar com isso tanto quanto você,” explica Annabelle, percebendo sua reação. “Foi ela quem sugeriu que nos ajudássemos. Todos sabemos que esta guerra não pode ser vencida sozinha.”

“Imelda quer trabalhar junto?” Eu pergunto em descrença.

“Besteira,” Atticus retruca. “É uma armadilha.”

Annabelle balança a cabeça. “Sem jogos. Ela está propondo que unamos forças para fechar o véu e exorcizar as forças das trevas que estão dominando o país. Vai exigir muita magia.”

“E é aí que entramos,” Yara fala. “Precisamos convencer nossa mãe a concordar com essa coalizão. Se unirmos os covens com as bruxas das trevas, podemos acabar com isso.”

“Isso nunca vai acontecer,” responde uma voz ofegante.

Emery se inclina pesadamente contra a parede. Apesar de sua pele tatuada estar encharcada de sangue, ficando só de sutiã e jeans, ela entra mancando na sala para se juntar à conversa. Eu corro para pegá-la em meus braços, segurando a parte de trás de sua cabeça enquanto ela inspira profundamente.

“Boa hora para voltar para casa, Luth.”

“Confie em você para entrar em uma luta enquanto eu estiver fora. Pensei que tínhamos perdido você por um momento, anjo. Não puxe essa merda de novo.”

Ela encontra meus olhos. “Vamos deixar isso assim mesmo, humm?”

“Combinado. Chega de quase morrer por nenhum de nós.”

Eu pressiono meus lábios em sua têmpora, colocando-a ao meu lado. Os outros dois enviam olhares intensos e penetrantes, precisando de suas próprias garantias, mas ainda não estou pronto para deixá-la ir. Eu preciso sentir minha garota em meus braços.

“Você estava dizendo?” Kody pede.

“O coven nunca funcionará com bruxas das trevas,” declara Emery. “Eles são governados por seu medo de magia negra. Isso cega tudo o que eles fazem.”

“Eles eram,” Wesley corrige.

“Mas nossa geração sabe algo diferente,” finaliza Yara.

Emery endurece, e a tensão percorre a sala enquanto ela olha para os gêmeos com suspeita. Ela parece querer queimar Wesley vivo, mas seu sorriso hesitante é de rendição.

“Não estou aqui para lutar, Lockwood.”

“Por que eu deveria confiar em uma palavra que você diz?”

“Estamos aqui para corrigir nossos erros,” diz Yara. “Nós éramos crianças, Emery. Com lavagem cerebral para odiar algo que não entendemos. Nós sabemos melhor agora.”

“Desculpas ruins se você me perguntar,” Atticus fala. “Vocês estão cheios de merda.”

“Você quer vir dizer isso na minha cara?” Wesley oferece sombriamente.

Eu passo entre eles, segurando Emery para que ela não desmorone. “Pare com isso. Temos coisas mais importantes para fazer do que brigar como crianças.”

Eu sinto Emery me dar um aperto suave. “Cara, é bom ter você de volta.”

Levantando Kody pela gola de sua camisa, eu o empurro pelo quarto e sento em seu lugar. Emery se instala no meu colo, tremendo com o esforço. Não estamos em condições de

enfrentar o mal que está destruindo a Inglaterra, com ou sem o coven.

Ela se serve da cerveja de Kody. “Você vai me dizer qual é o seu plano para salvar o mundo, e eu vou te dizer que todos nós temos a garantia de morrer se o coven estiver envolvido. Então, por que não pulamos as gentilezas e nos separamos?”

“Ouça-nos, Em,” Annabelle implora.

Emery aponta um dedo para ela em vez disso. “Sua mãe usou métodos medievais de tortura para drenar minha magia da última vez que a vi.” Ela lança aos gêmeos um olhar feroz. “E sua mãe me exilou, me caçou e tentou me matar antes de rasgar o véu com sua estupidez. Será que estou esquecendo de alguma coisa?”

“Como se sua própria mãe fosse uma maldita santa. Ela não matou o próprio marido?” Wesley zomba.

Emery endurece. “Deixe meu pai fora disso.”

“Por que eu deveria? Você fala sobre estar cego, mas você tem tanto ódio pelo coven quanto eles têm pelas bruxas das trevas. Quantas pessoas mais terão que morrer antes de deixarmos os livros de história para trás e forjarmos nossos próprios caminhos?”

Eu odeio admitir isso, mas ele faz um bom ponto.

Emery parece parar e considerar suas palavras, tomando o tempo para encontrar cada um de nossos olhos. Kody dá de ombros enquanto Atticus balança a cabeça; nenhum deles foi convencido pela ideia de unir forças. Eu traço um dedo pela inclinação do nariz de Emery, ignorando a sala inteira nos observando.

“Sua decisão.” Eu a vejo prender a respiração. “Nós a seguiremos até o fim, custe o que custar. Não podemos apenas sentar e ver este mundo se desintegrar.”

“E não podemos fechar o véu sozinhos,” ela admite.

“Então estamos de acordo,” conclui Yara. “Não preciso da permissão de minha mãe para saber o que é certo para nosso povo. A única maneira de passar por isso é juntos.”

Emery abafa um revirar de olhos. “Chega de discursos de guerra. Eu não gosto disso, mas talvez seja assim que deve ser. Bruxas da luz e das trevas, enfrentando o Diabo como um só.”

“Vai dar uma história incrível,” Annabelle fornece.

“Se algum de nós viver para contar a história.”

Movendo-se ao lado de seu irmão, seus braços se tocam. “Prefiro lutar por um mundo onde minha família possa viver em paz do que morrer em um tão quebrado quanto este.”

Atticus relutantemente cruza um braço em volta dos ombros de sua irmã. “Então parece que estamos do mesmo lado. Vamos torcer para que não mate a todos nós.”

Kody abafa um bufo. “Sempre o otimista.”

“Apenas mantendo-o real, garoto.”

“É o fim da porra do mundo, então podemos largar o apelido de criança?”

Apertando meus braços ao redor de Emery, eu enterro meu nariz em seu cabelo, inalando o cheiro de fogo e sangue. De alguma forma, isso me lembra de casa. Não no sentido

físico, mas na corda invisível que une nossas vidas, desde que nos conhecemos.

Mesmo em sua escuridão, Emery é minha casa.

Vou morrer defendendo-a até meu último suspiro.

Mas por uma vez, seria bom ser os mocinhos.

CAPÍTULO TRINTA

Emery

Finalizando a carta manuscrita com minha assinatura, enrolo o pergaminho, segurando a vela preta acima dele para que a cera possa criar um selo.

Algumas palavras, e a carta pega fogo em minhas mãos, as chamas roxas profundas queimando com magia. Ele desaparece em segundos, nem mesmo uma partícula de cinzas deixada para trás. Marcando o nome da minha lista, estalo meu pescoço dolorido.

Minha lista de bruxas das trevas é curta, para dizer o mínimo. A confiança é rara em nosso mundo. Duvido que alguém venha em nosso auxílio. Se elas estão sentadas e assistindo a destruição, espero que pelo menos uma queira fazer algo a respeito. Não somos todas vadias sem coração.

Annabelle saiu com pressa ontem à noite, voltando para se apresentar ao coven oriental. Podemos esperar a chegada deles no dia seguinte, assim que os executores e bruxas restantes forem reunidos. Todos aqueles fortes o suficiente para lutar.

Pai ou filho, amante ou guerreiro.

Precisamos de todos eles.

Foi necessária toda a força da minha magia, reforçada pela dos gêmeos, para rasgar o véu. Curar uma ferida tão cruelmente infligida levará muito, muito mais. Se for possível.

Exorcizar os incontáveis demônios que assombram nosso mundo é a parte mais fácil. À medida que o véu se fechar, eles serão chamados de volta ao submundo.

Fechar essa ponte é o nosso desafio.

Folheando meus grimórios, encontrei um fragmento de conhecimento.

Toda magia negra está ligada ao potente poder do sangue. É a fonte de vida de todas as coisas, o denominador comum entre todas as espécies, sobrenaturais ou não. Sangue deve ser derramado para realizar um feitiço tão poderoso. Eu não estou falando de algumas gotículas do golpe de uma lâmina.

Vai exigir um sacrifício.

O submundo exige tal violência.

Uma batida forte na porta me liberta dos meus pensamentos. Ela se fecha atrás de Luther enquanto ele desliza para dentro da pequena sala. Estamos no terceiro andar no meu espaço privado, as vigas decoradas com encantos e cristais pendurados. Ele absorve a confusão de grimórios e velas, frascos e pergaminhos. Eu não sou muito arrumada.

“Você entrou em contato com todos eles?”

Amassando a lista, eu a jogo de lado. “Tudo feito. As mensagens devem chegar instantaneamente e eles sabem onde nos encontrar.”

“Você acha que alguém virá?”

“Coisas estranhas aconteceram.”

O sorriso de Luther provoca borboletas no meu estômago. Ele se senta ao meu lado, grunhindo levemente de dor. Suas feridas cicatrizaram, mas as cicatrizes sempre permanecerão. Muito como todos nós temos. Estou feliz por ter sua presença inabalável de volta. Só trabalhamos como uma unidade quando estamos juntos.

“Olha, Em. Eu queria falar com você sobre Maude.”

“Nós não precisamos discutir isso,” eu interrompo.

“Nós não?”

“Todos nós cometemos erros e machucamos os outros por nossas próprias razões egoístas. Se alguém ameaçasse algum de vocês, tenho certeza de que estaria inclinada a fazer o mesmo.”

“Isso não torna tudo bem,” ele argumenta.

“Por que tudo tem que estar bem? Algumas coisas são uma merda. Elas não precisam de racionalização. Este mundo não é preto e branco, não para pessoas como nós.”

Luther me oferece sua mão e eu entrelaço nossos dedos. Ele olha profundamente em meus olhos, procurando por algo. Não tenho mais nada para oferecer a ele, apenas a mim mesma. Se vamos morrer amanhã, quero que minha última lembrança seja de seus lábios nos meus.

Perdi tantos anos fugindo deles. Se eu soubesse que esse seria o nosso destino, duvido que tivesse ficado longe por tanto tempo. Agora, tenho que aceitar que isso é tudo que teremos. Um breve interlúdio. Um vislumbre.

O flash de um futuro para sempre fora de alcance.

“Se as coisas não derem certo lá fora...”

“Não. Não estamos discutindo *isso,*” ele repete.

Segurando sua bochecha barbada, eu escovo um polegar sobre seus lábios entreabertos. “Se esta é a minha morte, lutando por um mundo que eu nunca teria apreciado se não fosse por você, então estou bem com isso. Você me fez humana novamente.”

Luther me oferece um sorriso torto. “Você nunca deixou de ser humana.”

“Por um segundo, acho que sim. Eu estava perdida sem vocês três. Esqueci como é amar e ser amada.”

“E agora?”

Eu retribuo seu sorriso. “Eu sei agora. Parece exatamente assim.”

Nossos lábios se encontram em uma terna exploração de almas perdidas. Sem urgência. Sem luxúria animal. Apenas duas pessoas à beira do esquecimento, preparando-se para cair no desconhecido e agarrando-se a tudo o que podem para permanecer à tona. Não sei o que está além, mas sei que não tenho medo de enfrentá-lo.

Dedos deslizando em meu cabelo, Luther inclina minha cabeça para me beijar ainda mais forte. Sua língua desliza pela costura da minha boca, encontrando a minha em uma valsa lenta e saborosa. Começo a desabotoar os botões de sua camisa azul larga, tomando cuidado para arrastar o tecido sobre suas costas.

“Em,” ele geme. “Eu não posso fazer isso...”

“Shhh.” Eu coloco um dedo sobre seus lábios. “Confie em mim?”

Ele acena implicitamente. “Você tem o que resta do meu coração.”

Puxando minha camisa de caveira e ossos cruzados, eu balanço minha cabeça. “Seu coração está inteiro, e eu amo cada centímetro dele. Acho que sempre fiz.”

“Melhores amigos até o fim, hein?”

Repito as palavras que começaram toda essa confusão.

“Não sou sua fodida amiga, Luth.”

“Bom, porque eu te amei por quatro mil, setecentos e quarenta e oito dias... e contando. Levarei mais uma vida, neste mundo ou no próximo.”

“Você acabou de descobrir quantos dias são em treze anos?”

“Perto o suficiente,” ele murmura. “Venha aqui, anjo.”

Então estamos nos beijando novamente, desesperados para levar um pedacinho um do outro para a vida após a morte. Tirando minhas calças de ioga, levo meu tempo deslizando minha calcinha pelas minhas pernas. Luther observa com atenção extasiada, me devorando com os olhos. Subo em seu colo e suas mãos traçam o caminho de runas tatuadas em minha pele.

“Você não está acostumada a ser o sub, está?” Eu provoco.

O desafio queima em seu olhar. “Vou abrir uma exceção para você.”

Tomando meu seio na mão, sua boca toma meu mamilo duro. Eu moo contra ele, saboreando a sensação de seus dentes na minha pele sensível. Seu pau está inchando debaixo de mim, e eu alcanço dentro de sua calça de moletom para empunhá-lo.

Levamos tempo nos tocando.

Memorizando cada centímetro para manter a segurança.

Ele beija um caminho pelo meu esterno, ouvindo a batida do meu coração. Enquanto acaricio sua ereção, entrelaço meus dedos pelos cabelos castanhos espessos de Luther, brincando com seu comprimento que cresceu em sua hospitalização.

Quando ele encontra a fornalha entre minhas pernas, escorregadia de desespero, Luther ri. Reviro os olhos como uma pirralha até que ele está enterrando dois dedos dentro de mim, acariciando meu clitóris com o polegar.

“Minha garota perfeita, sempre tão molhada para mim.”

Acariciando uma harmonia perfeita dentro de mim, eu moo contra sua palma. Quando ele gira um terceiro dedo em meus sucos antes de pressionar contra a borda do meu cu, eu solto um gemido embaraçoso.

“Eu ainda posso controlar estando por baixo, você sabe.”

“Por favor…” eu imploro.

“Você quer jogar?”

Eu mordo o lóbulo de sua orelha. “Sim, Daddy.”

“Deixe-me sentir esses lindos lábios ao redor do meu pau, baby.”

Ajoelhando-se entre suas pernas poderosas, eu removo sua calça de moletom, minhas mãos deslizando sobre centímetros de músculo esculpido. Luther segura meu cabelo enquanto eu engulo seu comprimento, deixando-o bater no fundo da minha garganta. O puxão de suas mãos guia meus movimentos, seu pau fodendo minha boca.

“É isso,” ele elogia.

Virando minha cabeça para provocar seu eixo aveludado, eu gentilmente seguro suas bolas, esperando que ele resmungue. Assim que seu pau começa a engrossar na minha boca, ele me empurra.

“Eu quero terminar dentro de você. Não em sua boca.”

“Isso pode ser arranjado. Fique quieto, não deite de costas.”

“Sim, senhora. Você é o chefe,” ele admite.

“Malditamente certo que eu sou.”

Circulando minhas pernas ao redor de sua cintura, as mãos de Luther encontram minhas costas. Ele me prende contra seu peito enquanto eu afundo em seu pau, levando-o profundamente. A sensação de plenitude me faz gemer. Eu seguro seu bíceps para me equilibrar para evitar tocar suas costas, subindo e descendo sobre ele em um ritmo de provocação.

Parece diferente desta vez, o sexo.

Não quero apressar ou esquecer este momento.

Nossos lábios se encontram sem uma palavra, tornando-se enredados em um beijo apaixonado que queima sua

propriedade através do tecido da minha alma. Eu me trabalho em seu colo, cada golpe enviando fogo pelo meu sistema nervoso. Quando ele provoca aquele ponto lá no fundo, ondas de felicidade rolam sobre mim.

Luther levanta seus quadris para bater em mim, e eu sinto meu controle estalar quando meu primeiro orgasmo toma conta. Ele não cede, empurrando em mim ainda mais, até que parece que estou me afogando em um redemoinho de prazer que tudo consome.

“Eu amo ver você gozar para mim. Tão bonita.”

Eu combino com seu sorriso atrevido. “Pensei que eu estava no comando aqui, senhor? Você não podia nem me deixar ter minha diversão, podia?”

“Não peço desculpas. Desça, baixinha. Estou farto desta porcaria gentil. Em suas mãos e joelhos. Seja rápida com isso, aí está minha boa menina.”

Eu atendo imediatamente.

Fico arrepiada quando ele me chama de sua *boa menina.*

Minhas mãos encontram o material macio do tapete que coloquei para cobrir as tábuas gastas do piso. Eu posso sentir Luther se acomodar atrás de mim, segurando meus quadris. Quando ele empurra minhas costas com a mão, me forçando a ficar na posição perfeita, sinto seu pau roçar minha entrada.

“Diga-me uma coisa,” ele ordena, à beira de me encher.

“Sim,” eu suspiro desesperadamente.

“Por que você ainda me ama? Você sabe o que eu fiz. As pessoas que eu machuquei. As mentiras que contei, muitas delas para você. Então por quê?”

Enlouquecida pela provocação implacável de seu pau avançando dentro de mim enquanto ainda me seguro, eu empurro para trás com meus joelhos até que estou espetada em seu comprimento. Luther solta um grunhido baixo e surpreso que me emociona. Ninguém me provoca, porra.

“Este não é o tipo de amor que as pessoas normais querem.” Eu me movo com seus golpes arrastados. “Eu nunca quis que você me amasse como qualquer outra garota. Não quero sua esperança, nem mesmo sua felicidade.”

“Você não?” Ele insiste,

Seu polegar viola minha bunda, me fazendo gritar.

“Foda-se... não, claro que não.”

“Então o que você quer?” Luther insiste.

Com o polegar aumentando a tempestade de sensações me deixando em excesso, sinto meu clímax começar a crescer novamente. Suas estocadas ficam mais rápidas, perseguindo a onda que chega.

“Eu quero alguém para segurar minha mão enquanto eu derrubo este mundo no chão,” eu respondo em um guincho estridente, desmoronando ao redor dele.

Luther ruge, seu gozo quente derramando em mim. Eu deixo minha testa tocar o chão, ofegante e tonta pelo intenso clímax que ele me deu. Mãos macias me guiam em seu abraço de espera, nosso suor e gozo se misturando para se tornar um.

“E se nós simplesmente formos embora?” Luther murmura. “Nós não temos que morrer por este mundo, Em. Deixe outra pessoa ser o salvador. Prefiro viver com você neste inferno do que experimentar um novo mundo sem você.”

“Quem disse que seria sem mim?”

Seu olhar queima em mim, me fazendo olhar para cima.

“Você fez,” ele responde suavemente. “Com o olhar em seus olhos. Não vou deixar você ser o mártir, não desta vez. Você deu o suficiente para esta cidade e para nós.”

Eu pressiono meus lábios em sua bochecha. “Estou cansada de correr e me esconder.”

“E daí? Existe um plano?”

“Nós lutamos. Quando a poeira baixar, o coven verá que as bruxas das trevas não podem mais ser deixadas de lado. Eles precisam de nós, o mundo inteiro precisa. Se eu puder impedir que mais uma criança seja deixada sozinha para sofrer, valerá a pena. Para mim, para Atticus... e para as bruxas que virão.”

“Não sei se essa é a coisa mais corajosa ou estúpida que já ouvi.”

“Que tal isso em vez disso, eu te amo. Agora e sempre.”

Luther enfia uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. “Eu te amo, Em.”

“Então nada mais importa. Quando amanhecer, nós nos despedimos. E se sobrevivermos à luta que está por vir, diremos olá novamente. Isso é uma promessa.”

“Eu vou te segurar nisso.” Luther suspira, sua cabeça caindo no meu peito.

Eu o embalo, ouvindo o zumbido de sua respiração. Meus dedos deslizam sobre a pele descolorida e inchada cobrindo partes de suas costas, substituindo o que foi perdido nas chamas. Nós dois fomos reconstruídos, colados novamente, as rachaduras preenchidas com qualquer esperança que possamos encontrar.

Por enquanto, Luther está seguro em meus braços.

E eu darei minha vida para mantê-lo assim.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Emery

“Braço para fora, fique parado.”

A mão de Kody se enrola em uma bola quando eu enfio a ponta da faca em sua pele esperando. Gravei runas protetoras em todos os três caras, combinando com as minhas. Eu não sei quanta ajuda eles vão fornecer, mas vou tentar qualquer coisa.

“Isso dói?”

Ele balança a cabeça. “Você nunca poderia me machucar, Emmy.”

“Eu te machuquei muito, ninja. Só que desta vez, é por uma razão.”

Levo dez minutos para cortá-lo do pulso ao cotovelo, um rastro de símbolos intrincadamente esculpidos vazando sangue que atinge o chão. Kody estuda as marcas com interesse, pedindo-me para explicar o que cada uma significa.

Estou surpresa que ele não pegue um bloco de notas para escrever tudo o que estou dizendo para ser decifrado mais tarde. Eu nunca vou me cansar de ver as engrenagens em seu cérebro magnífico girarem e computarem.

“Acho que vou escrever um livro sobre feitiçaria,” diz ele, decidido. “Não a história que todo mundo já conhece, aquela que eles não conhecem. Bruxas das trevas, magia negra, a perseguição dos covens. Definir o registro em linha reta.”

“Por que?” Eu franzo a testa, embolsando minha lâmina.

“Porque o mundo merece saber a verdade.”

“Você acha que eles podem lidar com a verdade?”

Ele acaricia meu cabelo bem trançado. “As pessoas precisam de algo em que acreditar. Depois de tudo o que aconteceu, a esperança será escassa. Podemos mostrar a eles um novo mundo, onde as bruxas vivem em harmonia com aqueles que protegem.”

Eu inalo o cheiro de seu sangue escorrendo ao nosso redor. “Você tem o cérebro de um pioneiro e a alma de um poeta, Kody. Nunca perca isso.”

Antes que ele possa questionar a ponta de pânico em minha voz, eu esmago meus lábios contra os dele. Levamos um momento para nos conectar, rápido e frenético, até que a batida pesada dos pés nos força a nos separar. Eu encontro seus olhos cor de avelã e aceno uma vez. Ele acena de volta, sem necessidade de palavras. Nós veremos novamente quando isso acabar.

É importante que ele acredite nisso.

Vai levá-lo através do horror à frente.

Avalio a multidão de lutadores enchendo o chão de fábrica do boticário. Luther e Atticus vestiram roupas pretas e jaquetas de couro combinando, escondendo as runas que cortei em sua pele uma hora antes. Atrás deles, Yara e Wesley estão vestidos com trajes cerimoniais tradicionais.

Ela está usando um vestido iridescente bordado com os ciclos da lua, seu pescoço carregado de amuletos e cristais. Wesley usa vestes combinando sobre uma camisa preta em

camadas com mais pingentes de prata. Qualquer um pensaria que eles estavam indo para uma celebração de coven, não para suas mortes.

“Decidiu fazer um esforço pelo fim do mundo?” Eu pergunto inocentemente.

Yara consegue revirar os olhos. “Que melhor ocasião para isso?”

Apoiando o pé em uma cadeira, deslizo Doc Martens vermelho brilhante por baixo do meu próprio vestido de veludo de corpo inteiro. Minhas facas estão presas nas meias ao redor das minhas coxas, exceto uma na mão de Atticus que ele usou para cortar os gêmeos com seus próprios feitiços de proteção. Sua magia finalmente floresceu e eu estou tão orgulhosa.

Ele cruza a sala sem quebrar o contato visual, sua mão brincando com o comprimento da minha perna antes de deslizar a faca de volta no lugar. Ajustando meu vestido na posição, ele endireita o pentagrama invertido na minha garganta, combinando perfeitamente com o que agora está pendurado em seu pescoço também. Chame isso de presente de despedida.

“Agora você está perfeita,” ele murmura.

“Você parece bom demais para ir para a guerra, Atti.”

Seu sorriso é cheio de arrogância. “Tenho que parecer bem para a minha morte.”

“Sobre o meu cadáver. Se o Diabo quiser sua alma para o abate, ele terá que vir buscá-la primeiro. Eu a tenho desde os quinze anos de idade, e não tenho nenhuma intenção de me separar dela.”

Os outros passam por nós, começando a se infiltrar na chuva forte. Atticus estica o dedo mindinho e eu espero a sala esvaziar antes de ligar o meu, apertando com força para selar a promessa silenciosa.

“Você está pronto para enfrentá-la?”

Ele parece estranhamente certo. “Eu tenho minha garota, irmã e irmãos ao meu lado. Foda-se Imelda e foda-se seu coven. Podemos vencer esta guerra sem ela. Se ela aparecer, tudo bem. Mas não tenho mais nada a dizer a ela.”

Soltando seu dedo, eu pego sua mão em vez disso. Com um último olhar ao redor do boticário que se tornou minha casa em Reaper's Hollow, deixo Atticus me guiar pela noite que me aguarda. É hora de dançar com o diabo.

A aterrorizante lua de sangue ilumina nossos passos, pairando alta no céu com uma proclamação maligna. A chuva atinge a neve derretida em massa, manchando-a de vermelho carmesim. Gotas atingem minha mão estendida e eu lambo uma, sentindo o gosto de cobre do sangue. Isso é uma foda bíblica.

Os outros se amontoaram dentro do SUV de Luther, que de alguma forma ainda não foi saqueado ou queimado. Corremos pela chuva para escapar, já encharcados pelo calor pegajoso. Luther bate nos limpadores, manchando o para-brisa de sangue.

“Isso é novo,” ele murmura.

“Há muitos demônios se alimentando deste mundo. Está apodrecendo de dentro para fora. Este é o começo do fim.”

“A menos que paremos com isso,” Wesley sugere.

Apesar do meu instinto de bater nele, encontro seus olhos em vez disso. A expressão em seu rosto é pensativa, ansiosa. Quando nossos olhares colidem, há resolução ali. Eu posso viver com isso. Se você não pode perdoar no apocalipse, quando poderá? Afinal, o inimigo do meu inimigo é meu amigo.

"Vocês fizeram, bem, voltando para nos ajudar," eu ofereço a ambos. "Quando isso acabar, o coven do sul estará seguro em suas mãos. Espero que uma nova geração de bruxas das trevas conheça a paz."

"Elas vão, lideradas por você," Yara retorna com um sorriso.

Eu não me preocupo em corrigi-la.

A tensão no carro atinge um ponto de ruptura quando nos dirigimos para o centro da cidade, a cena da janela se deteriorando ainda mais. A maioria dos edifícios desmoronou em escombros. Vidros quebrados e detritos escorrendo sangue, grandes rios de vermelho nos guiando para o coração do mal.

Quando os corpos começam a aparecer, engulo o vômito ameaçando escapar do meu estômago. A maioria está se decompondo, outros sendo mastigados por animais famintos. Alguns foram despedaçados, assim como aquela jovem que tentei salvar, enquanto inúmeros outros estão desmembrados ou cortados em pedaços.

"É assim em todo lugar?" Kody pergunta baixinho.

Os gêmeos acenam com a cabeça, nenhum dos dois ousando falar.

Atticus inala bruscamente. "Temos que consertar isso."

Luther pisa no acelerador, então a carnificina desaparece em um borrão. Ele não precisa de direção. A tempestade acima de nós flui de um ponto, um tornado furioso de sangue e relâmpagos atravessando o ar. Ele estaciona a um quarteirão do nosso destino, desligando o motor.

“Podemos esperar que os demônios lutem.” Eu quebro o silêncio. “A maioria terá hospedeiros possuídos. Outros virão em sua forma natural. Usem qualquer magia que vocês tenham, mantenham distância e cuidem um do outro.”

“Como saberemos quando for a hora?” Pergunta Wesley.

“Uma vez que eu tenha me reconectado com o véu, vou sugar a magia de todos e usá-la para reparar o dano. O véu começará a se contrair e fechar. Mantenha os demônios ocupados até que sejam sugados.”

“Será que vai dar certo?” Luther exige.

Eu solto meu cinto de segurança. “Vai funcionar. Independentemente de quem se juntar a nós, veremos isso.”

“Há outros por perto,” Atticus murmura. “Eu posso sentir as bruxas.”

“Então é hora do show. Boa sorte pessoal.”

Saímos do carro e verificamos nossas várias armas e suprimentos, iniciando a curta caminhada pelo caos. A chuva diminuiu para um tamborilar, ainda manchando o lodo sob nossos sapatos. Os cabelos da minha nuca se arrepiam enquanto sinto a carícia da magia esperando por nós.

Quando viramos a esquina, dou uma olhada duas vezes.

Há tantos deles, chegando de todos os lados.

Onde os restos enegrecidos da minha casa ficavam, um buraco cavernoso na terra se abre. As mandíbulas do Inferno são protegidas por relâmpagos, expelindo magia como uma gosma tóxica. Nuvens de fumaça preta sobem, escurecendo os céus contra um sol que não é visto há muito tempo.

Sinto Atticus pegar minha mão esquerda e Kody a outra. Luther descansa o dele no meu ombro, até que todos os três estão me segurando no momento, incapazes de fugir da morte e da destruição. Ladeados pelos gêmeos, nos aproximamos da multidão.

Annabelle espera na frente, sua expressão assustadora. Para meu choque e um pouco de horror, Imelda está com os braços cruzados ao lado da filha. Incontáveis bruxas da luz, executores e curandeiros as cercam em grande número, até parecer que a rua deserta é um centro de cidade lotado.

Todo o coven oriental compareceu.

Corro para Annabelle, puxando-a para um abraço.

“Você conseguiu.”

“Eu trouxe alguns amigos,” ela ri.

“Eu posso ver isso. Droga, garota.”

Orgulho transborda em seus olhos prateados. “Renata do coven ocidental manda lembranças, e Felicity do norte. Temos vinte de seus melhores executores aqui.”

Eu procuro o exército esperando atrás dela, pegando as diferentes inscrições de seus covens costuradas em seus uniformes. É verdade. Nossos inimigos apareceram para ficar atrás de nós. Isso por si só fortalece minha espinha e firma minha determinação.

“Não Geraldine?” Ela olha para os gêmeos.

“Nem todos concordam com essa coalizão.”

Duas figuras se separam o mar de pessoas, ganhando olhares curiosos, e alguns de medo também. Excitação bate através de mim quando reconheço seus rostos familiares e enrugados. Leanna e Warner, a dupla mais temível conhecida no mundo da magia negra.

Eu os conheci enquanto fugia de Geraldine. Eu estava perdida e assustada, vivendo nas ruas e oprimida pela minha magia recém-manifestada. Eles sentiram meus poderes a uma milha de distância e me deram abrigo por três meses, me ensinando tudo o que sabiam.

“Emery Lockwood,” Leanna fala com um sotaque pesado. “Já faz um tempo, coisa quente. Pensei que tivéssemos visto o último de você até que demônios começaram a cair do céu. Eu sabia que você chamaria.”

Eu aperto seu braço em um aperto de mão, combinando com seu sorriso. “Obrigada por vir brincar com a gente. Você sabe o que estamos aprontando?”

Seu marido, um baixista de cabelos desgrenhados em seu tempo livre, me dá um soco no ombro. “Você nos convida para os melhores encontros para brincar, pequena Em. Viemos preparados para uma festa infernal.”

Eu estreito meus olhos para ele. “Já não sou tão pequena.”

“Não está mais fugindo de problemas também, não é?”

Um trovão atrás de nós interrompe abruptamente nossa reunião junto ao túmulo. As vozes não naturais começam como um zumbido, aumentando de volume, chegando a um

crescendo. Nossa presença foi notada. Os demônios estão retornando ao seu navio afundando.

“Ouçam!” Eu grito.

Inúmeros olhos aterrorizados se fixam em mim, em busca de esperança.

“Desde o início dos tempos, as bruxas da luz e das trevas estão em guerra umas com as outras. Caçamos e matamos uns aos outros desde que o homem andou nesta terra. Nenhum de nós escolheu esse caminho; nós herdamos.”

Sou distraída com Imelda vindo ao meu lado. Eu luto contra a vontade de socar suas nozes. Podemos discutir nossas diferenças mais tarde, vivas ou mortas.

“A única maneira de sobrevivermos a isso é se lutarmos lado a lado. Bruxas da luz e das trevas juntas, coven ou não. Podemos ter herdado um mundo quebrado, mas temos o poder de consertá-lo. Darei minha vida pelo futuro em que acredito.”

Kody me dá um grande polegar para cima, sorrindo de orelha a orelha.

“Vocês poderiam?” Termino, também sorrindo.

Annabelle se aproxima. “Eu vou.”

Os gêmeos seguem. “Em nome do coven do sul, nós o faremos.”

Cada um dos meus rapazes grita sua aprovação enquanto sorri. Leanna e Warner em seguida, ambos me observando com alegria de pais. Eu era apenas uma criança assustada e de coração partido quando eles me acolheram. Estou feliz por eles estarem aqui para ver o fim da minha jornada.

Quando Imelda me nivela com um olhar sério, eu vacilo. Todo o seu coven está olhando para ela em busca de orientação. Ela poderia acabar com isso em um instante e deixar todos nós para morrer. Em vez disso, ela me oferece uma mão.

“Eu vou. Você tem meu respeito.”

“Obrigada, líder do coven.”

Damos as mãos e apertamos com firmeza. A multidão aplaude e grita, explodindo com barulho. Todo esse tempo, pensei que as bruxas do coven me odiavam. Talvez fosse tudo uma fachada. Às vezes, não sabemos nada melhor até que o mundo esteja inclinado em seu eixo, e o único caminho a seguir é retornar ao começo.

Podemos começar de novo.

Eu acredito no nosso povo.

Outro relâmpago atinge um carro que prontamente explode em chamas. Cuspindo metal e bolas de fogo, o veículo deformado se rende a uma figura subindo dos destroços. Chifres retorcidos e um rosnado desumano encontram um sorriso faminto e pinças brilhantes e reluzentes.

Um após o outro, a horda demoníaca enxameia.

As árvores explodem em lascas mortais. As casas restantes são mastigadas e cuspidas de volta, tijolos e argamassa chovendo ao nosso redor. O céu está iluminado com flashes tempestuosos, e um grupo começa a se formar do outro lado da rua encharcada de sangue. Suas roupas rasgadas e esfarrapadas, olhos nos observando de suas profundezas negras e ocas.

“Lembre-se, o hospedeiro humano já está morto!” Eu grito.

Quando o primeiro demônio corre em nossa direção, Atticus avança com a mão esquerda levantada. Eu vejo a boca de Imelda se abrir enquanto ele levanta um demônio grosso, parecido com um tronco, com a palma da mão. O demônio é lançado no ar, e Atticus enterra uma faca direto em suas entranhas.

Ele me dá um sorriso. “Acho que minhas aulas valeram a pena.”

Só para irritá-la, eu gentilmente fecho o queixo caído de Imelda para ela.

“Pare de ficar de boca aberta e comece a trabalhar. Você pode compensar sua paternidade de merda mais tarde, e fique à vontade para me dizer que trabalho incrível eu fiz com seu filho.”

Ela balbucia, sem palavras.

Afastada pela onda de executores correndo para a batalha, eu lhe ofereço a mão. Imelda assente agradecida antes de nos lançarmos na briga. Nuvens de escuridão se reúnem e ejetam sombras contorcidas, os demônios procurando consumir qualquer alma desavisada.

Por mais que eu queira zerar a conta deles por matar a porra do meu país, tenho outro trabalho. O véu é o fim do jogo.

“Luther!” Procuro na multidão.

Eu o vejo tirar uma faca ensanguentada de um corpo sem vida, limpando-a em seu jeans. Ele balança a cabeça, indicando para eu correr. Temos que chegar ao poço.

“Onde estão os outros dois?”

“Eu não sei,” ele grita de volta.

Sou forçada a pegar sua mão e correr, desviando de facas e balas, magias da luz e das trevas empunhadas com sutileza perversa. Quando uma rajada de fogo roxo me atinge na lateral, a mão de Luther é arrancada da minha.

Deslizo pela estrada e bato em um par de pernas. Alguém me arrasta para os meus pés. Eu olho para os olhos cinza-prata e avelã, dois sorrisos combinando da segunda e terceira partes do meu coração.

“Levante sua bunda,” Atticus repreende. “Temos um véu para fechar.”

Eu pego a mão de Kody. “Vamos nos mexer.”

Com sua proteção, atravessamos o mar de corpos caindo e encantamentos guturais. Ambos os lados estão tendo grandes perdas. Atticus faz uma pausa para cortar uma garganta, borrifando sangue no rosto de sua irmã, que foi presa por um demônio voraz.

“Não precisava de sua ajuda!” Ela grita.

“É o que os irmãos mais velhos fazem,” ele retorna.

Quanto mais nos aproximamos da ferida na terra, cuspindo grandes marés de lava escaldante, mais intenso se torna o som dos gritos. Demônios voam ao redor da entrada, borrando sombras e escuridão. Kody é atingido no peito, batendo em uma parede com um baque. O demônio o segue, os dentes estalando, pronto para rasgá-lo em pedaços.

“Vai! Faça isso!” Luther persegue seu irmão.

Atticus se recusa a soltar minha mão. “Ele o tem. Vamos!”

Outro demônio vem em nossa direção, este em forma humana. Eu assisto Atticus conjurar uma corda de fogo mágico para estrangular o demônio, sabendo que ele pode se controlar. Ele grita para eu correr, então eu continuo.

Comecei essa jornada sozinha.

É justo terminá-la sozinha também.

Com um *pop* familiar, um flash de cabelo ruivo e dois grandes olhos de cachorrinho, a caminhada solitária até a minha morte é interrompida. Observando a batalha com uma expressão devastada, Maude consegue erguer seus olhos tristes até os meus.

“Você voltou.”

Ela morde o lábio. “Eu tenho observado você por um tempo. Não achava que eu era mais bem-vinda. Se preferir, posso ir embora.”

Eu não tenho que evocar um sorriso, ele vem naturalmente.

“Não seria o fim do mundo sem minha ajudante, seria?”

A esperança apaga a dor no rosto de Maude. Ela parece querer me puxar para um abraço, apesar de sua forma ainda transparente.

“Você não me odeia?” Ela sussurra.

“Se três idiotas estúpidos me atropelassem com seu carro e mentissem sobre isso por treze anos... eu faria um acordo com o diabo para matá-los também.”

Ela dá uma risada amarga. “Eu quero que você saiba que este não era o plano. Eu não queria machucar mais ninguém, só eles.”

Disparando uma rajada de fogo para cobrir um demônio em chamas, eu envio minha faca voando pelo ar para cortar a garganta de outro. Estamos nos aproximando do olho da tempestade, deixando para trás toda a semelhança de sanidade.

“Eu sei, Maude. Ainda doeu, no entanto.”

“Nada disso era falso.”

Eu realmente paro à beira do esquecimento. “Não foi?”

“Você tornou minha vida após a morte suportável,” ela insiste com um sorriso transparente. “Eu quis dizer cada palavra. Cada risada. Cada memória. Tudo isso.”

Aproximando-me da barriga da fera, tenho uma ideia maluca. Eu quero que minha melhor amiga tenha uma vida de merda. Ela é imperfeita e cheia de falhas, mas essa garota ficou ao meu lado durante tudo isso. Ela merece mais do que isso.

Ao nosso redor, corpos humanos estão sendo abandonados às garras da morte enquanto os demônios retomam suas formas naturais. O plano se forma antes que eu tenha a chance de considerar a loucura disso.

“Maude?”

Seus olhos brilhantes encontram os meus. “Sim, Em?”

Reunindo uma mola enrolada de magia em meu núcleo, atiço as chamas cada vez mais alto. No bolsão mais próximo da luta, um humano de olhos mortos estuda a cena,

começando a convulsionar enquanto o demônio se livra de sua concha emprestada.

“Viva uma vida muito boa por mim, sim?”

“Huh? Espere, não...”

O poder explode da minha mão esquerda com tanta força que quase me derruba. Observo os fios de magia envolverem o corpo de Maude como um laço, arrastando-a contra sua vontade. Calor escorre do meu nariz e orelhas enquanto ela se amontoa no próximo recipiente vazio que minha magia localiza.

Eu vejo a garota humana cair, enrolando-se para dentro.

A subida e descida de seu peito me deixa virar.

Maude vai viver.

No limite do meu destino final, alguém espera pela minha chegada. Em vez de surpresa, sinto resignação. O sorriso de Azazel está muito satisfeito quando nos encontramos no portão do inferno. Somos dois lados da mesma moeda, um se divertindo com o mal deste mundo e outro determinado a consertá-lo.

“Vem morrer pela minha mão, bruxinha?”

Eu levanto uma sobrancelha. “Quem disse alguma coisa sobre morrer?”

Sob a superfície, o poço do meu poder está se esgotando. Ligando batimentos cardíacos e assinaturas, formando uma teia pulsante de magia. Encarando os olhos sem alma do demônio que libertei há treze anos, agarro os fios da teia, despejando cada vez mais energia nela.

Cada alma.

Cada bruxa.

Nossas essências se conectando e se tornando uma.

Azazel se lança para mim quando percebe o que está acontecendo. Tudo o que tenho que fazer é inclinar minha cabeça e ele está enraizado no local, preso pelas mãos da magia. Mais sangue jorra dos meus ouvidos enquanto a dor lancinante na minha cabeça se intensifica, rompendo sob o peso de tanto poder.

“Fique aí,” repreendo o demônio.

Enfrentando a bola de fogo e morte na beira do poço cavernoso, eu alcanço cada gota de poder do exército atrás de mim. O mundo começa a rachar nas bordas enquanto minha mente frágil implode. Incapaz de segurar a magia sem se desintegrar, eu a empurro para fora.

Onda após onda, eu alcanço as profundezas do magma do Inferno.

É quando a conexão ruge para a vida.

Vejo o véu balançando como tecido esfarrapado ao vento. É uma força viva que respira, não do bem ou do mal, mas dos blocos de construção da natureza. O grande volume de magia sendo canalizado através de mim força o véu a se sentar e prestar atenção, cacos quebrados sendo colados com luz ofuscante.

Meu corpo começa a falhar, desmoronando sob a pressão, até que sinto uma mão deslizar na minha. Está desgastada e enrugada, presa a um corpo esbelto vestido com as mesmas vestes cerimoniais que os gêmeos estão vestindo. Dois olhos

ferozes me prendem, emoldurados por cabelos grisalhos prateados e lábios franzidos em uma linha apertada.

“Eu geralmente não sou a retardatária, peço desculpas,” Geraldine oferece.

Sua voz é formal, como se não estivéssemos à beira do submundo, e ela não estivesse tentando me matar por uma década inteira.

“Fui informada de que minha presença é necessária para um feitiço.”

Eu pisco, sem palavras.

“Não pense que isso significa que eu aprovo seu estilo de vida,” ela acrescenta esnobe. “Embora, dadas as nossas circunstâncias, eu ache aceitável dizer que sua mãe estaria orgulhosa de você neste momento. Talvez ainda façamos de você uma curandeira.”

“Talvez quando o inferno congelar,” eu finalmente respondo.

Ela solta uma risada seca. “A noite é uma criança. Vamos fazer isso?”

Aumentando seu aperto na minha mão, sinto a líder do coven liberar toda a força de sua magia. Em oposição a minha, os dois poderes se misturam com apreensão. Ela consegue ancorar os fios da teia, e com cada bruxa canalizando para o véu, eu vejo as bordas começarem a se fechar.

Começamos a cantar, chamando o universo.

“Ancestrais, irmãs. Eliminem este mal, curem o que vocês criaram. Que haja harmonia nesta terra mais uma vez.”

Quando a primeira sombra é sugada para o poço, eu canto mais alto, observando enquanto mais demônios são arrastados de volta para o Inferno. Faixas de escuridão são arrancadas do ar, finalmente forçadas a sair deste mundo. À medida que o véu se costura, os uivos dos depravados acompanham nossos esforços.

O sangue jorra do nariz e das orelhas de Geraldine, seu corpo frágil balançando. Antes que ela possa entrar em colapso, um segundo rosto determinado se junta a nós. Outro par de mãos se liga as nossas, alimentando o poço de poder e empurrando-o ainda mais.

“Ancestrais, irmãs!” Canta Imelda.

Luz e Trevas.

Sul e Leste.

Estamos unidos juntos.

Demônios se debatem e se contorcem, lutando até o fim, mas a força de nosso único coven coletivo não deixa espaço para misericórdia. Eu não vou deixar ir até que todas as sombras tenham sido expurgadas. Quando Azazel é arrastado para trás pela segunda vez, a raiva incandescente em seu rosto me dá muito prazer.

Eu ofereço a ele um sorriso. “Aproveite o Inferno, Azazel.”

Uma luz ofuscante varre sobre nós quando a peça final se encaixa no lugar, o véu aparecendo como um motor zumbindo. Geraldine cai de joelhos, exausta e pálida, enquanto Imelda luta para permanecer consciente. Eu corto a conexão entre nós, permitindo que sua magia retorne para rejuvenescer seus corpos.

Tudo o que resta a fazer é fechar a ponte.

Eu causei esta guerra, e serei a única a acabar com ela.

Não há tempo para procurar as três almas amarradas à minha, embora eu possa sentir seus corações batendo com o resto do meu poder. Eu sempre fui péssima em despedidas. Desaparecimentos limpos e sem bagunça são muito mais meu estilo.

Eles sobreviveram a mim os deixando uma vez antes.

Espero que eles possam fazer isso de novo.

“Eu não poderia ter pedido por três melhores amigos,” murmuro, esperando que eles me sintam. “Cuidem de Maude para mim. Vocês podem se perdoar agora.”

Com meus pés oscilando no limite, uma fração de segundo de me jogar nos braços do Diabo, uma explosão de magia negra me atinge. Batendo de bunda no chão, pego punhados de terra, procurando freneticamente através do fogo e da fumaça.

“ATTICUS!” Eu grito.

Ele está correndo em direção ao poço, determinação revestindo suas feições.

“Não se atreva! Este é o meu trabalho!”

Eu alcanço uma explosão para acertá-lo e encontro minhas reservas esgotadas.

“Não! Pare! EU DISSE PARE!”

Seus olhos se conectam com os meus no último momento.

Eu leio as palavras em seus lábios e sinto-me morrer por dentro.

“Obrigado por voltar.”

Então ele se foi. Caindo sobre a borda, o homem que eu amo é engolido pelo fogo e pela escuridão. Caindo, caindo, caindo. O Diabo abre as mandíbulas para devorar o sacrifício que fechará mais uma vez a ponte para o submundo.

Apenas uma bruxa das trevas pode bater o portão do outro lado. Ele se recusou a me deixar morrer, assim como eu o forcei a viver novamente. Poético, certo? Eu deveria saber o tempo todo, esses prazeres violentos têm fins violentos.

Foda-se Shakespeare.

Isso não é besteira de Romeu e Julieta.

Vou arrancar a alma de Atticus do próprio Lúcifer.

Dou um último suspiro de ar doce e humano, enviando um apelo ao universo para deixar isso funcionar. Luther e Kody estão correndo em minha direção com horror, mas é tarde demais. Não vou deixar que me parem desta vez. Nem Imelda ou Geraldine se atrevem a intervir.

Me jogar nas garras do submundo nem dói. Tudo o que sinto é a determinação de proteger Atticus. O mundo como eu o conheço desaparece em um flash de fumaça e nos meus últimos segundos, agradeço aos ancestrais por sua força.

Espero ter provado algo.

Nem todas as bruxas das trevas são más.

EPÍLOGO

Luther

Treze anos depois

Eu lembro do dia em que percebi que amava Emery Lockwood. Estava quente, sufocante, interrompido apenas pela queda da chuva de verão. Eu passei a noite com Kody enquanto nosso pai bebia, garantindo que ele ficasse longe de seu saco de pancadas favorito. Quando ele saiu para o trabalho, saí para tomar um ar fresco.

Então eu corri.

Corri, corri e corri.

Meus pés me levaram para o cemitério. Era como se minha alma soubesse que Emery estaria lá, esperando para consertar meus pedaços quebrados. Eu a encontrei de mau humor ao lado de seu túmulo favorito, chorando sobre o corpo em decomposição de um animal morto. Ela sempre foi uma criança mórbida.

Perguntei por que ela estava chorando.

Ela disse que a morte era tão linda.

Eu não concordo. Algo não é bonito porque acaba. Claro, há uma certa poesia nisso. Mas a verdadeira beleza? É viver.

Respirando. Piscando.

Sofrendo. Amando.

Odiando. Soluçando.

Se beijando. Dançando.

Sobrevivendo, porra.

De pé no fundo do auditório lotado no Reaper's Hollow Prep, bato palmas quando pequenas bailarinas entram no palco. Pais e famílias irrompem em aplausos, alguns segurando câmeras, outros já chorando de orgulho de seus bebês.

Ao meu lado, Emery funga em seu lenço.

Ela já é um belo desastre, soluçando.

“Você está chorando, sério?”

Ela me dá uma cotovelada. “Não seja um bastardo. Essa é a nossa garotinha lá em cima, Luth. Dez malditos dedos nas mãos e dez malditos dedos no pé. Nosso bebê! É meu trabalho chorar em seu primeiro recital de dança.”

Eu pressiono meus lábios em sua têmpora. “Chore, anjo. Eu tenho você. Só não deixe Leila ver você chorando como um fodido bebê. Isso vai desencorajá-la.”

“Não a minha garota,” ela sussurra com orgulho. “Ela vai arrasar.”

Abraçando um ao outro, assistimos com admiração enquanto a música suave e doce enche o auditório. Uma a uma, as bailarinas começam a girar, ficando nos dedos dos pés. Todas vestidas de penas e brilhos enquanto dançam ao som do Lago dos Cisnes.

Liderando todo o grupo está Leila Lockwood Alexander.

Nossa pequena.

No final, não há um olho seco na sala. Eu bato palmas com tanta força que minhas palmas queimam. Emery mergulha direto em sua rotina habitual de mamãe louca, gritando e torcendo com todo o coração. Deixamos a sala esvaziar antes de passar por cadeiras vazias para chegar ao palco.

Leila se senta na beirada, balançando os pés.

Oh garoto. Há um lábio inferior saliente.

“O que é isso, bebê?” Emery a abraça perto.

“Papai não estava aqui para me ver dançar.” Leila faz beicinho, puxando a coroa de penas de seu cabelo preto trançado. “Ele não vai saber se eu fiz um bom trabalho ou não, e ele me prometeu sorvete para o jantar.”

Antes que eu possa falar, há uma salva de palmas atrás de nós. A carranca de Leila desaparece, transformando-se em um sorriso brilhante e feliz quando ela se lança dos braços de Emery. Atravessando a sala em um piscar de olhos, ela é pega por Kody, e ele a gira em um grande círculo.

“Olhe para você, minha linda bailarina.”

“Papai! Papai!”

Kody coloca Leila em seu quadril. “Desculpe, fiquei preso marcando papéis para minha aula de história da bruxaria.” Ele olha para nós. “Existe um vídeo?”

Emery caminha para o lado dele, seus lábios se encontrando. “Claro que sim, professor. Preciso ter uma

palavrinha com aquelas bruxas por mantê-lo para trás? Dizer a elas que o cachorro comeu sua lição de casa?"

"Culpe o grandalhão ali." Ele aponta o polegar para mim. "Luther me manteve acordado ontem à noite com planos para o desenvolvimento na periferia da cidade. Eu mal consegui terminar meu horário de aula sem adormecer."

"Não deveria ter se tronado um professor, garoto," eu forneço.

Ele revira os olhos. "Ainda não sou uma criança, Senhor Grande Desenvolvedor Imobiliário."

Bagunçando o cabelo do meu irmão, pego a mão de Emery antes que ele possa me socar por fazê-lo corar. Saímos da escola como uma família. Levou muito tempo para reconstruir nossa casa, todas as últimas casas destruídas, negócios e vizinhanças. Eu fiz do trabalho da minha vida dar vida a esta cidade novamente, assim como o resto da Inglaterra que renasceu das cinzas.

Agora, bruxas de todo o mundo vêm aqui.

Todo mundo quer um vislumbre da infame Reaper's Hollow.

Após o que, para muitos, deve permanecer sem nome, os covens fizeram uma escolha. Norte, Leste, Sul e Oeste foram unânimes em sua decisão de revelar a verdade ao mundo. Emery estava certa, as pessoas precisavam de algo para se agarrar.

A dor e o sofrimento suportados por todos abriram suas mentes para uma nova maneira de fazer as coisas. Os humanos abraçaram a magia com reverência e respeito, gratos

por terem a ordem restaurada. Não demorou muito para que os covens do mundo seguissem seu exemplo, fascinados pela promessa de igualdade.

Agora, as bruxas andam livremente. Escuridão e luz.

Nenhuma delas é forçada a ser outra pessoa.

Leila conta a Kody sobre seu recital enquanto todos nós dirigimos para casa. Ela está de encolhida em seu colo, enquanto Emery o repreende por mimá-la. Não podemos evitar. A pequena bola de fogo é uma réplica exata de sua mãe, e ainda tentamos mimá-la, mesmo que ela nos ameace de morte por fazer isso.

Avançando à nossa frente até a nossa enorme casa de arenito, Leila entra com um guincho. Seguimos muito mais devagar, cada um segurando uma das mãos de Emery. Lá dentro, o cheiro de comida imediatamente me dá água na boca. Há conversas na cozinha onde Leila está enfiando biscoitos frescos na boca.

“Eu não tropecei! Nem uma vez!” Ela se vangloria.

Do outro lado do balcão de café da manhã, o rosto coberto de farinha de assar, Maude imita um high-five aéreo. “Eu te disse. Basta imaginar a multidão nua. É muito menos assustador assim.”

Leila parece um pouco verde com o pensamento. “Eu não fiz isso. Mamãe me disse para não ouvir você, tia Maude. Ela diz que você é uma encrenqueira.”

Maude lança a Emery um olhar de morte. “Ah, então é assim.”

“Eu disse para você não a incitar.” Emery dá de ombros, seu sorriso cheio de merda. “Você não me vê corrompendo seu goblin de virilha.”

Kody engasga com seu primeiro gole de cerveja, e eu tenho que bater em suas costas, tentando não rir. Maude e Emery trocam olhares antes de se abraçarem. Elas são quase inseparáveis. É tão bom ver Emery finalmente ter o tipo de irmã que ela merece.

“Tudo bem!” Maude bate palmas. “Mesa de jantar agora, bumbum nas cadeiras. Esta torta não vai se comer sozinha. Tenho uma hora antes de pegar Tara na aula de natação.”

Todos se reúnem em volta da mesa, pratos e talheres batendo. É pequeno hospício aqui. Maude coloca a comida na mesa antes de franzir a testa para o lugar vazio no final, ao lado de onde Leila está louca para mergulhar em seu prato cheio.

“Onde diabos está Atticus?”

Todos nós congelamos, olhando para a cadeira vazia.

“Estou aqui!”

Descendo a escada do porão onde fica seu estúdio de gravação, Atticus balança uma guitarra nas costas, colocando-a no chão com a reverência de um amante gentil. Ele se aproxima para beijar Emery firmemente na boca, então dá um beijo grande e desleixado na bochecha de Leila.

“Papai! Você tem que assistir o vídeo da minha dança!”

Atticus toma um gole de seu copo de água, ignorando as bebidas alcoólicas oferecidas. Desde que ele basicamente sacrificou sua alma ao Diabo, ele tem sido um homem mudado.

Suponho que tenha algo a ver com a magia dele, ou agora com a falta dela. Ele nunca quis ser uma bruxa, e ele conseguiu seu desejo.

Foi preciso um sacrifício enorme para trazê-los de volta para nós.

Você não sai das profundezas do inferno sem pagar um preço.

Emery diz que não sente falta de sua magia, mas todos sabemos que isso não é verdade. Ela ensina na ala sobrenatural da escola, junto com Kody. Sua vida foi dedicada a ajudar jovens bruxas a dominar seus dons, tanto a luz quanto a escuridão. Perdi a conta das crianças que ela salvou de destinos amargos, não mais amaldiçoadas por terem magia negra.

Este é um novo mundo agora.

Ninguém morre por causa de quem eles são.

“Trabalhando em sua nova música?” Emery pergunta a Atticus.

Ele entrelaça seus dedos. “Eu estava fazendo uma chamada de vídeo para Annabelle. Ela voltou dos Estados Unidos e quer visitá-la na próxima semana antes de partir para a Europa.”

“O conselho de bruxas está mantendo-a ocupada, não é?”

“Ainda é uma coisa nova. Ela está cobrindo muito terreno. Nunca houve um conselho internacional para bruxas antes. Alguém precisa garantir que as regras sejam cumpridas em todo o mundo.”

Emery sorri com satisfação palpável. Ela foi fundamental na criação do conselho que defende a igualdade entre as bruxas da luz e das trevas. A primeira regra que ela ajudou a escrever? Abortos de bruxas agora são permitidos. Annabelle riu enquanto assinava aquela.

“E Imelda? Ela está vindo?” Kody pergunta com a boca cheia de comida.

“Eu não sei,” Atticus responde um pouco menos entusiasmado. “Ela esteve fora da cidade para o funeral de Geraldine e a ascensão de Yara a líder do coven. Eu poderia ligar para ela mais tarde.”

Emery o cutuca. “Ligue para ela, Atti. Ela é bem-vinda aqui.”

O relacionamento deles ainda é tenso, embora melhor do que já foi. Acho que o tempo cura todas as feridas. Atticus ainda se recusa a chamar a líder do coven de sua mãe, mas ele deu um abraço breve e desajeitado na última vez que ela a visitou.

Terminado o jantar, Maude manda um grande beijo para todos nós e sai para cuidar de sua própria família. Com muitos gritos excitados, Leila arrasta Kody e Atticus para a sala para assistir o vídeo de seu recital.

Deixando-os para isso, encontro Emery na cozinha. Ela está cantarolando baixinho e lavando pratos sujos, parecendo totalmente satisfeita com o mundo. Eu me pressiono contra ela, prendendo-a entre o balcão e meu pau endurecido.

“Eles estão ocupados na outra sala por um tempo.”

Ela envolve seus braços em volta do meu pescoço. “O que você tem em mente, Daddy?”

Eu me inclino para morder seu lábio inferior carnudo. “Não me chame assim se você não vai vir jogar, anjo. Não posso prometer que ficaremos quietos.”

“Eles sempre poderiam colocar fones de ouvido,” ela sugere com um sorriso sensual.

Apontando o cotovelo nas minhas costelas, Emery aproveita a oportunidade para fugir da cozinha com uma risada. Eu ajusto meu jeans agora apertado e a sigo, pegando as roupas que ela deixa para trás como migalhas de biscoito. Eu sempre poderia amordaçá-la. Tornou-se um truque surpreendentemente útil com a garota por perto.

No quarto, Emery espera ao pé da cama. As algemas, a venda e as facas já foram colocadas lá, prontas para eu brincar. Eu prendo seu corpo trêmulo entre minhas pernas, levantando seu queixo com um dedo.

“Você, Emery Lockwood Alexander, é uma provocação.”

“Apenas mantendo você na ponta dos pés, velho.”

“Velho?” Eu balanço minha cabeça. “Eu vou fazer você pagar por isso.”

“Eu te amei por vinte e seis anos. Acho que já paguei o suficiente.”

“Ou nove mil, quatrocentos e noventa dias. Você sabe como eu gosto de ser preciso.”

Estendendo a mão para abrir o zíper da minha calça jeans, Emery morde o lábio daquele jeito sexy que eu amo tanto.

Escovo seu cabelo escuro sobre seu ombro, meus lábios batendo contra os dela, encontrando nosso ritmo natural com a facilidade de um velho casal.

“Você vai me foder agora, melhor amigo?” Ela sussurra com voz rouca.

Levando sua mão aos meus lábios, beijo sua aliança de bodas de prata.

“Eu não sou a porra de seu amigo, baixinha. Sou seu marido.”

FIM

CENA BÔNUS

Emery

Sentada entre os mortos e enterrados, sinto-me em casa.

A mãe não entende. Ela diz que estou doente.

Má. Torcida. Antinatural.

Agarrando uma flor que brota de um túmulo próximo, arranco raízes e caules da terra luxuriante. Quero ver a flor murchar e morrer. Encolhe-se no nada. Apenas como eu.

Eu pensei que estava sozinha com o coven, mas desde que cheguei em Reaper's Hollow alguns dias atrás, descobri o que realmente significa estar sozinha no mundo. O único lugar que me sinto em casa é aqui, no silêncio do cemitério. As almas dos falecidos me fazem companhia.

“Você não pode tirá-lo do dia da foto da escola.”

“Você viu o que papai fez com Kody. Você realmente quer serviços sociais farejando? Eles vão nos separar sem um aviso.”

“Você não deixaria isso acontecer.”

“Talvez eu não consiga detê-los, Atticus. Não até eu completar dezoito anos, pelo menos. Se ficarmos quietos por tempo suficiente, podemos evitar que isso aconteça.”

“E deixar Kody se machucar nesse meio tempo?” A voz mais irritada exclama.

“Pelo menos assim, temos um ao outro.”

Dois adolescentes esguios emergem das lápides. Deixo a flor amassada cair da minha mão, limpando o excesso de pólen. O mais novo, seus longos cabelos negros e olhos cinza-prateados duros e inflexíveis, me vê primeiro. Ele cutuca seu amigo que também se vira para olhar para mim.

“Ei,” eu digo com um aceno coxo.

Ambos oferecem acenos desajeitados.

“Por que você está sentada sozinha em um cemitério?” O mais alto exige.

Seu cabelo castanho é grosso e ondulado, emoldurando ferozes olhos verdes escuros. Ele é enorme também, seus ombros largos esticando seu uniforme escolar.

“Eu não gosto de pessoas ou barulho.”

O outro bufa. “Apoiado. Qual o seu nome?”

“Emery Lockwood.”

“Eu sou Atticus. Este é meu irmão, Luther.”

Eu tento um sorriso. “Prazer em conhecer vocês dois.”

“Eu não vi você por aí ou na escola.”

“Sou nova na área, minha mãe está me ensinando em casa,” minto rapidamente.

Ambos se aproximando, eles se juntam a mim na grama carregada de orvalho. Atticus imediatamente tira um maço de cigarros do blazer e acende. Ele me pega olhando e me oferece o cigarro.

“Atticus,” Luther repreende.

“Ela não precisa aceitar.”

Com um sorriso desafiador, eu aceito o cigarro e dou uma tragada exagerada, só para irritar o irmão mais velho. Um pequeno sorriso enfeita os lábios de Luther enquanto eu deliberadamente sopro fumaça em seu rosto.

“Você parece um problema.”

“Problema é meu nome do meio,” eu respondo docemente.

“Então, o que você está fazendo em Reaper's Hollow?” Atticus pergunta.

Dando outra tragada, meu primeiro instinto é ficar com a besteira que minha mãe gravou em meu cérebro. Minha necessidade de desafiá-la é mais forte, porém, e eu não dou a mínima para as consequências.

“Sou uma bruxa das trevas e minha família está fugindo.”

Atticus parece engasgar com a boca cheia de fumaça, seus olhos parecidos com pires me encarando com descrença. Ele claramente pensa que estou brincando. As sobrancelhas de seu irmão se ergueram, esse sorriso bem-humorado puxando seus lábios.

“Você está chapada ou algo assim?”

Eu sorrio, amando a confusão deles. “Não. É a verdade.”

“Prove, então.”

“Você não está com medo de mim?”

“Ela está cheia de merda,” Atticus insiste.

Luther acena para ele. “Por que teríamos medo?”

Uma parte distorcida de mim quer assustá-los apenas para provar um ponto. Eu poderia facilmente levantar um animal morto e fazê-lo desfilar nas sepulturas que nos cercam. Isso os faria gritar em um instante. Eu gosto de assustar as pessoas.

No entanto, eles são as primeiras pessoas a se aproximarem de mim.

Até minhas irmãs se recusam a fazer contato visual comigo hoje em dia. Como se tivessem medo de que eu as mandasse chutando e gritando para as profundezas do Inferno com um mero olhar. Mas não esses dois. Não há medo em seus olhos.

Com uma emoção estranha puxando meu peito, eu envolvo minha mão esquerda em um punho apertado. Eu tenho que me forçar a me concentrar. Magia ainda é difícil para mim, mas à medida que minha manifestação se aproxima, está ficando mais fácil.

Estico a palma da mão para eles examinarem. Florescendo do centro, um pequeno talo verde começa a crescer. Mais e mais, o início de uma flor rosa brilhante começa a se formar até que há uma enorme e linda flor na minha mão.

“Puta merda,” Atticus exclama.

Luther observa, aquele sorriso estranho nunca deixando seu rosto. Como se de alguma forma, mesmo que ele não me conheça, ele soubesse que eu tinha a força para provar que ele estava errado. Bastaria um empurrão.

Eu lhe ofereço minha mão. Luther mal hesita, colhendo a flor e segurando-a entre os dedos para estudá-la. Eu não

quebro o contato visual quando ele estende a mão para colocá-la atrás da minha orelha.

“Nós vamos pegar pizza, se você quiser se juntar a nós.”

“Sério?” Eu pergunto animadamente.

“Nosso irmãozinho está esperando por nós. Papai não estará em casa por um tempo.”

O calor se derrama em meu coração morto há muito tempo, derretendo as paredes de gelo que construí para impedir que as farpas da minha família atinjam sua marca. Parece que fui vista pela primeira vez em muito tempo. Eu não sou invisível.

“Claro. Quem não gosta de pizza?”

Aceitando a mão oferecida para me ajudar, eu fico de pé. Espremida entre os dois irmãos, deixando-os me guiar da minha solidão no cemitério. Não demora muito para que eles comecem a brigar sobre recheio, preenchendo o silêncio.

“E você, baixinha? Abacaxi, sim ou não?

Eu olho para o sorriso maligno de Luther. “Baixinha?”

“Você mal alcança meu peito.”

“Eu ainda estou crescendo, idiota.”

Atticus carcareja. “Acho que devemos ficar com você.”

“Não ao abacaxi. Eu não sou uma aberração.” Franzindo o cenho, eu emendo minha declaração. “Bem, eu provavelmente sou. Mas vou me contentar com esquisita.”

Eu sinto o braço de Luther em volta dos meus ombros quando emergimos na rua escura, seu calor se instalando sobre mim como uma nuvem de chuva tropical.

“Nós não nos importamos com esquisitos aqui em Reaper's Hollow. Bem-vinda à cidade, Emery Lockwood. Você nunca vai sair agora.”

“Veremos isso,” murmura Atticus.

“Eu gosto daqui,” eu declaro, seguindo-os de volta para a cidade. “Vou ficar por aqui. Este lugar parece como casa.”